

# A SUSPEITA DA SUSPEITA

---

---

UMA INTRODUÇÃO À  
FILOSOFIA METAMODERNA

**A SUSPEITA DA SUSPEITA:  
UMA INTRODUÇÃO À FILOSOFIA METAMODERNA**

**Diego Andres Mora**

**Publicação independente**

**19 de agosto de 2023**

## Aviso ao leitor

Este livro está licenciado sob a licença Creative Commons CC BY-ND 4.0. Você pode conferi-lo em mais detalhes clicando nos links a seguir.

The Suspicion of Suspicion: An Introduction to Metamodern Philosophy © 2023 by Diego Andres Mora is licensed under Creative Commons Attribution-NoDerivatives 4.0 International



Ou você também pode verificar inserindo o seguinte QR, para a versão física do livro.



Quanto ao autor, você pode saber mais acessando sua conta oficial do ORCID, no seguinte link, <https://orcid.org/0009-0004-2787-6261>. Ou digitando o QR abaixo.



<b>Nota sobre a edição</b>	<b>5</b>
<b>Prefácio</b>	<b>7</b>
<b>Introdução</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1: Teoria metamoderna do conhecimento</b>	<b>24</b>
A base dessa nova filosofia	28
Os pontos de inflexão, a base da base.	39
Revisão literária da metamodernidade	50
<b>Capítulo 2: Encontrando o contexto pós-moderno [contexto].</b>	<b>59</b>
O ponto de partida da pós-modernidade [subcontexto].	64
O que esse ponto histórico significa [subcontexto]?	67
<b>Capítulo 3: A reação pós-moderna, a proteção da vida [contexto].</b>	<b>71</b>
O primeiro conhecimento pós-moderno [subcontexto] [subcontexto] O desenvolvimento do conhecimento pós-moderno [subcontexto] [subcontexto] [subcontexto]	74
O desenvolvimento do conhecimento pós-moderno [subcontexto].	82
Pós-modernidade estruturalista [subcontexto].	85
Pós-modernidade pós-estruturalista [subcontexto] Pós-modernidade [subcontexto] Pós-modernidade como pós-estruturalista [subcontexto]	87
Pós-modernidade desconstrutivista [subcontexto].	89
O início do declínio pós-moderno [subcontexto].	93
Atualidade pós-moderna [subcontexto].	97
<b>Capítulo 4: Sentimento pós-moderno, gozo [contexto].</b>	<b>100</b>
O gozo na arte pós-moderna [subcontexto].	108
O gozo na sociedade pós-moderna [subcontexto].	110
A base do gozo [subcontexto].	114
O gozo na economia [subcontexto].	116
<b>Capítulo 5: A origem metamoderna [contexto]</b>	<b>119</b>
Pré-conhecimento metamoderno [subcontexto]	135
A guerra moderna [subcontexto]	142
O declínio do fragmentário em nível social [subcontexto].	160
O desafio ambiental [subcontexto]	171
O problema econômico [subcontexto]	176
<b>Capítulo 6: Encontrando o ponto de contexto metamoderno [contexto].</b>	<b>203</b>
A grande redefinição [subcontexto] O contexto metamoderno [subcontexto] O contexto metamoderno [subcontexto]	209
O que significa o contexto metamoderno? [subcontexto] [subcontexto] Capítulo 7: Previsão futura sobre o contexto metamoderno [subcontexto]	216
<b>Capítulo 7: Previsão do futuro na metamodernidade [contexto]</b>	<b>227</b>
O futuro no nível conceitual [subcontexto].	229
O futuro em um nível mais "material" [subcontexto].	233
O quadro da possível extinção [subcontexto].	238
<b>Conclusões [contexto]</b>	<b>244</b>
Metaxe entre a vida e a morte [subcontexto].	248
Metaxe entre fragmentação e totalidade [subcontexto].	250
Metaxe entre o Ocidente e o Islã [subcontexto] Metaxe entre o Ocidente e o Islã [subcontexto] Metaxe entre a inteligência artificial (IA) e a inteligência orgânica (humanos).	251
Metaxe entre a inteligência artificial (IA) e a inteligência orgânica (humanos). [Metaxe entre "direita" e "esquerda" [subcontexto]	255
Metaxe entre "direita" e "esquerda". [subcontexto]	258
Resumo final [subcontexto]	259
<b>Bibliografia</b>	<b>260</b>

## **Nota sobre a edição**

Este livro é uma obra sem fins lucrativos, projetada para ser compartilhada, em sua maior parte, gratuitamente, o que é possível graças aos novos formatos digitais.

A obra está registrada sob uma licença de domínio público parcial (CC BY-ND 4.0), que permite a qualquer pessoa no mundo consumir ou comercializar esta obra, desde que o conteúdo e a autoria da obra não sejam modificados.

Além disso, o leitor pode se sentir à vontade para consumir esta obra em qualquer um de seus formatos, gratuitamente e sem nenhuma restrição. Se desejar, o formato digital pode até ser impresso e convertido em formato físico para sua conveniência.

Para isso, é recomendável levar o PDF a qualquer papelaria local e imprimir o documento inteiro em folhas A4 de ambos os lados. As folhas são então enfaixadas na forma de um livro. O mesmo processo pode ser feito em folhas A5, para maior portabilidade. O custo desse processo geralmente não é maior do que o custo de comprar um livro novo em uma livraria.

Como já foi dito, além de ser consumido, esse livro também pode ser compartilhado ou comercializado livremente por qualquer pessoa, pelo preço que desejar. Desde que o conteúdo da obra e sua autoria permaneçam intactos.

Quanto a esta edição, trata-se da primeira tradução para o português brasileiro do texto original em espanhol latino-americano. Essa primeira tradução foi realizada principalmente com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial para tradução, especificamente com o uso do software deepL translate. Apesar do resultado avançado proporcionado por essa ferramenta, e apesar da intervenção manual feita pelo próprio autor, a fim de proporcionar uma boa tradução, esta edição em inglês definitivamente não está livre de erros de tradução. Portanto, pede-se alguma compreensão do leitor, pelo menos nesta primeira edição, que provavelmente será melhorada em uma segunda edição. Mas, por enquanto, considere essa desvantagem como algo a se prestar atenção, caso algumas partes do livro sejam incompreensíveis. A solução definitiva para esse problema sempre será consultar o livro original em espanhol "La sospecha de la sospecha: Una introducción a la filosofía metamoderna". Mas esperamos que isso não seja necessário para a maioria das seções do livro. E, finalmente, quanto ao formato do livro, ele está de acordo com os padrões do Chicago Style, 17ª edição.

## Prefácio

Por que escrever sobre metamodernidade? Qual é o interesse do autor por essa nova tendência? Pode ser útil para o leitor e para sua compreensão deste livro expor as razões pelas quais este estudo está sendo realizado e as intenções pessoais do autor. Além do mero impulso de curiosidade e do desejo de conhecer a verdade, a razão pessoal para este estudo se deve principalmente a necessidades históricas. A verdade é que o estado atual da filosofia e da história é extremamente entediante para o autor. Os tempos atuais não são apenas decadentes e estão tendendo à extinção, eles são decadentemente entediantes. A mudança, em qualquer direção, é desejável; mesmo que essa mudança signifique acabar com algo pior. Qualquer coisa é válida, desde que rompa essa inércia avassaladora.

Este livro foi publicado em 19 de agosto de 2023, originalmente em espanhol, às margens do Pacífico, em uma pequena cidade do Equador chamada Ayampe. Um pequeno paraíso litorâneo que, apesar de ter se tornado um refúgio para a burguesia local, ainda mantém um pouco de seu espírito agradável.

Na atual situação caótica das ideias e da sociedade em geral, esse era o único lugar onde ele encontrava tranquilidade suficiente para escrever.

O Equador não tem reconhecimento em nível filosófico, e provavelmente nunca terá. Entretanto, o conhecimento do universal é claramente capaz de ser independente da unilateralidade do terreno e de ir além das fronteiras físicas.

A consciência pode ir além das linhas em um mapa. Entretanto, há duas fronteiras específicas que, embora não sejam físicas, representam uma barreira muito mais difícil para a consciência atravessar do que alfândegas, passaportes ou postos de controle de fronteira.

O idioma e o sangue representam duas fronteiras que as ideias não conseguem atravessar facilmente. Não porque a consciência não possa, mas porque ela não quer. Quando uma ideia vem de uma origem linguística diferente, ou de uma origem sanguínea diferente, isso faz com que a consciência, na maioria dos casos, reconheça esse objeto como uma "intrusão" ou algo externo que não é imanente a ela mesma. Portanto, ela acaba descartando-o, sem análise adicional ou qualquer benefício.

Portanto, a situação atual das ideias é algo que simplesmente não pode ser resolvido por meios externos ao que a própria filosofia representa. O problema filosófico não é algo que possa ser resolvido pelo Islã ou por alguma ideologia imposta inadvertidamente pela mídia. Tampouco por uma academia que já mostrou que defende apenas os interesses do capital, e não a verdade. Pois em qualquer uma dessas propostas, independentemente de essas verdades serem benéficas ou prejudiciais para seus ouvintes, elas geralmente são percebidas por eles como uma intrusão. Pois ela é percebida como algo externo à própria consciência e é automaticamente rejeitada. Essas ideias são bloqueadas pelas barreiras que suas origens representam.

Dessas duas barreiras, o idioma não representa uma grande discórdia, especialmente quando se trata de idiomas de origem comum. Por exemplo, as línguas românicas de origem latina (espanhol, português, italiano, francês etc.) ou suas primas, as línguas germânicas (inglês, alemão, sueco, holandês etc.). No entanto, quando se tenta traduzir uma ideia do

inglês para o árabe, por exemplo, ou para idiomas africanos, essas tentativas não têm o mesmo significado para os ouvintes que teriam em um idioma mais familiar. E vice-versa, é a mesma coisa. Mas, mesmo assim, não há um arrebatamento tão grande a ponto de chamar toda tradução de "inválida", como é a mania de muitos pós-modernistas.

Em termos da resistência que essas barreiras significam, o sangue representa um objeto muito mais sólido do que a linguagem. Uma ideia que tem uma origem sanguínea muito diferente dificilmente pode penetrar com força. A menos que seja uma ideia extremamente simples, que não exija muita compreensão, ou que seja uma verdade antiga já bem conhecida por todos.

Entretanto, a filosofia não é mais o que costumava ser, não é mais uma ideia simples, mas agora é uma ideia problemática. Ela foi destruída e reconstruída centenas de vezes, quase sempre com intenções diferentes. No entanto, essas mudanças na filosofia sempre foram feitas pela própria filosofia e nunca por um agente que é percebido como externo. Portanto, essas mudanças são imanentes a ela e, portanto, aceitas pela consciência como válidas. Além disso, também vale a pena mencionar que toda tentativa de filosofia verdadeira é sempre carregada de uma intencionalidade negadora, que sempre busca o movimento, e nunca a estagnação. Essa intencionalidade é certamente contrária à estagnação representada hoje pelo pós-moderno, cujas ideias já representam o obsoleto, e não o revolucionário.

Por essas razões, foi conveniente para este estudo evolutivo recorrer à continuação da filosofia, levando em conta essas duas barreiras da consciência. Portanto, é necessário começar com os ensinamentos da escola de Madri. Essa é a fronteira mais recente da filosofia latina no tempo, o que significa que ela não tem barreiras significativas nem em termos de

idioma nem de sangue. Isso se deve à ascendência latina do autor, especificamente a ascendência latino-ibérica. Mas também devido à ascendência latina do ouvinte, a quem esta obra é dirigida. Origens tanto em termos de sangue quanto de idioma. Embora deva ser dito que o leitor que tem uma origem diferente também é bem-vindo para lê-lo, especialmente se ele ou ela vier de um ramo próximo, como latino-italico, latino-romeno, latino-francês, germânico, eslavo, helênico ou até mesmo do Oriente Médio. No entanto, deve-se observar que este estudo está voltado especificamente para o elemento latino-ibérico.

Quanto às diferenças que podem surgir nessas origens, devido às novas terras americanas nas quais o sangue e a língua se espalharam, elas não trazem grandes problemas. Pois, embora existam diferenças claras de contexto histórico e do espírito da terra, essas diferenças se tornaram quase irrelevantes no mundo interconectado e globalizado de hoje, onde o sistema de produção é o mesmo, e os problemas são problemas comuns.

Por outro lado, também deve ser mencionada a estreita relação que essa nova tentativa de filosofia tem com a filosofia hegeliana. É dela que provêm, em grande parte, os ensinamentos da escola de Madri, mas também os ensinamentos de Heidegger, Nietzsche, Marx e dos pós-modernistas em geral. O impacto de Hegel é de importância radical para toda a filosofia que vem depois dele, portanto, é loucura ignorá-lo, como os pós-modernistas acreditam ter conseguido fazer. Neste livro, será mostrado como o pós-modernismo não só não conseguiu se livrar de Hegel, mas se tornou a filosofia mais condicionada por ele. Esse mesmo condicionamento é algo que não pode ser ignorado pela nova metamodernidade, caso contrário, ela perecerá antes dele. Mais adiante nos capítulos, o leitor se dará conta da importância dessa filosofia hegeliana para a renovação das ideias.

Finalmente, vale a pena mencionar que a intenção deste livro não é definir uma nova tendência, mas sim ser uma proposta para a filosofia especulativa. Ou seja, acrescentar um comentário à cada vez mais interessante conversa metamoderna, na qual vários autores já estão engajados. Ao mesmo tempo, ele servirá como uma introdução útil ao tema metamoderno para o leitor que deseja se aprofundar nele.

Este prefácio termina aqui, mas não sem antes agradecer a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para este trabalho.

## Introdução



Figura 1<sup>1</sup>

"Tudo o que é grande está no meio da tempestade."<sup>2</sup>

Nesse oceano interminável de incertezas, onde as certezas desaparecem e as estruturas desmoronam, nos encontramos em uma encruzilhada no tempo. A pós-modernidade, o enigma que antes dominava nossos pensamentos e moldava nossa realidade, está chegando ao

---

<sup>1</sup> Figura 1. Aves do paraíso (2016) de Carl Dobsky. Pintura narrativa.

<sup>2</sup> Heidegger, Martin. "Der Satz vom Grund". Gesamtausgabe, vol. 9, Vittorio Klostermann, 1957, pp. 193-247.

fim. Suas ideias fragmentadas e seu ceticismo incisivo finalmente cederam lugar às fortes ondas da história, uma época de mudanças se aproxima intimidadoramente do homem, perguntando-lhe em sussurros desafiadores: "E agora?".

A pós-modernidade agita sua última xícara de alegria e intoxicação antes de ver a cortina se fechar em seu trabalho. Deixando o sangue novo à sua sorte, que agora deve assimilar a dívida de suas conclusões. A crise não é apenas de ideias, mas também da própria história. O que antes representava o bem e a justiça agora não representa nada além de opressão. E o que se autodenominava "liberdade" agora é a cadeia. Os filhos de Chronos estão sendo lentamente devorados pela besta.

É preciso ser realista quanto a isso. É realmente difícil acreditar que há uma luz no fim do túnel. Afinal de contas, você realmente quer que essa luz exista? O sangue novo percebe sua realidade e descobre que os tempos estão ficando difíceis. Mas, afinal, o que é "vida"? Quanto ela vale hoje? Quanto vale a dos outros? Quanto vale a minha? Foi por isso que os ancestrais lutaram incansavelmente? Para simplesmente... permanecer vivo? A confusão é grande e a vontade de lutar parece pequena.

Mas não é apenas a vontade que parece pequena. A consciência também se sente pequena. A filosofia pós-moderna, que antes representava o eixo do pensamento bom e justo, agora se desfaz em um mar de contradições, onde a única coisa que prevalece são as acusações mútuas. Aquela corrente que antes defendia o questionamento, o questionamento de tudo, a desconfiança de tudo. Cujas intenções, a princípio, pareciam boas, cheias de cautela, agora não passam de um obstáculo à consciência.

O objetivo final do pós-moderno era supostamente se libertar do que é chamado de "estrutura". Um tipo de condicionamento sistemático que impede a consciência de alcançar a verdade certa. Pois ela sempre foi vítima de preconceito, condicionamento, parcialidade e, portanto, de erro.

Essa "estrutura" é descrita pelos pós-modernistas com uma ampla gama de fauna categórica. No entanto, talvez a linguagem seja a mais predominante, no que diz respeito ao condicionamento pós-moderno. Qualquer que seja essa estrutura, ela é percebida pela pós-modernidade como a grande opressora e cheia de todos os tipos de conotações malignas. A ponto de se assemelhar à própria matriz<sup>3</sup>. Todos estão em erro, todos estão na matriz", exclamam os pós-modernistas. -Os pensadores gregos estão na matriz, os pensadores medievais estão na matriz, os pensadores modernos estão na matriz, os existencialistas estão na matriz, todos estão na matriz, todos menos eu.

O legado do pós-moderno diminuiu tudo ao seu redor, tudo que ele toca, ele diminui.<sup>4</sup> . Não é verdade, nós apenas expomos a verdade", afirma a pós-modernidade. Alegando que suas intenções sempre foram as da justiça. As de um relato correto da verdade, colocando-a à prova, por meio da suspeita. Suspeite de tudo", afirma a pós-modernidade. Suspeitem das intenções daqueles que falam, suspeitem das intenções daqueles que permanecem em silêncio, suspeitem deste livro e de seu autor, suspeitem daqueles que lutam, mas nunca, nunca suspeitem daqueles que abaixam a cabeça. Eles não precisam de suspeita.

---

<sup>3</sup> Conceito semelhante à estrutura pós-moderna, que aparece no famoso filme de ação de ficção científica de 1999, escrito e dirigido pelas irmãs Wachowski.

<sup>4</sup> O último homem, o homem totalmente anão, é um conceito da filosofia nietzschiana. Ele simboliza o antagonista do super-homem e, portanto, encontra sua essência na decadência.

A pós-modernidade, em sua ânsia de sair da estrutura maligna, tornou-se a própria estrutura. O ramo que defendia a fuga da parcialidade acabou tomando o lugar da própria parcialidade. A filosofia da "não dominação" e da "não intervenção", a liberdade supostamente fragmentária e fragmentária, tornou-se o que antes rejeitava. Agora, na pós-modernidade, ela é a matriz. Essa problemática não é nova; de fato, em toda a história do pensamento, isso acontece com frequência. Uma pessoa acredita ter alcançado a liberdade ao escapar de alguma estrutura opressiva, mas acaba caindo em outra estrutura, que ainda a mantém prisioneira.

Isso torna impossível a liberdade que supostamente foi alcançada pela fuga, pela eliminação da matriz, pela eliminação do preconceito. Pois quando deixamos um viés, o elemento que permite essa saída automaticamente se torna o novo viés dominante, condicionando a realidade, até que seja substituído por algum outro "libertador de consciências". Diante de toda essa problemática, que agora é evidente, surge inevitavelmente uma pergunta: a "fuga" é realmente o que trará a liberdade?

A matriz opera de uma maneira estranha. O desejo de escapar parece apenas fortalecer as correntes dos oprimidos, em vez de derrotá-las. Quando um indivíduo tenta escapar da sociedade e foge para o campo, por exemplo, para encontrar a "liberdade anárquica da natureza", o que ele acaba descobrindo é que a natureza geralmente é ainda menos livre do que a sociedade da qual ele está tentando escapar. A lei da natureza, de fato, traz consigo um conjunto de regras extremamente rígidas e muito mais difíceis de serem quebradas do que as leis "artificiais" da sociedade. A implacável lei da seleção natural da natureza só consegue trazer de volta as lembranças do passado, reconhecendo como a vida era difícil naquele

ambiente, e ainda mais difícil quando se tenta escapar da matriz por meio da fragmentação, como indivíduos separados, enfrentando a natureza sozinhos.

A fuga da matriz não é mais vista como uma ideia válida na consciência atual. Especialmente quando se trata de sangue novo. A ideia de "liberdade" pós-moderna, a ideia de liberdade da fuga, não é mais uma ideia obsoleta. O mesmo vale para a ridícula ideia de liberdade de escolha que a pós-modernidade também propôs. Onde se é livre, mas apenas livre para escolher entre duas opções impostas pela mesma estrutura. Pois já é evidente que uma mensagem de liberdade é sempre distorcida quando vem de uma posição de poder, e ainda mais quando essa posição de poder rejeita mudanças fundamentais e promove a estagnação das mesmas. "Você pode ser livre, mas somente dentro desses parâmetros". Como o prisioneiro, que é livre para andar dentro de sua cela.

O pós-moderno, ao ouvir esse discurso, inevitavelmente sentirá o desejo de desconfiar dele. Esse livro não é também tendencioso? Qual é a intenção desse discurso? Essa acusação não será necessária, pois logo, à medida que os capítulos avançam, as intenções dessa nova filosofia e todos os seus preconceitos anteriores se tornarão claros. Embora seja possível prever que as intenções desse discurso possam ser consideradas obscenas pelo pós-moderno e nobres pelo metamoderno.

Entretanto, antes de chegarmos a esse assunto. Primeiro, é necessário lidar com o problema mais imediato, mais urgente. Uma questão que é muito mais relevante do que qualquer outro problema filosófico atual. Certamente há outros temas, como o "ser" incompleto de Heidegger, ou as filosofias da linguagem, que são muito atraentes. Entretanto,

há uma coisa à qual a filosofia atual deve necessariamente aderir antes de dar qualquer passo em qualquer outra direção.

A questão da gnoseologia (teoria do conhecimento) é urgente. Pois é impossível propor até mesmo a mais banal das ideias até que a questão do conhecimento seja resolvida. Isso se deve ao desafio imposto à filosofia pela pós-modernidade, que deve ser abordado de maneira obrigatória. A teoria pós-moderna do conhecimento é, na verdade, uma antiteoria do conhecimento. Ela se dedica basicamente a invalidar todos os outros conhecimentos a torto e a direito. Ao marcá-lo como tendencioso e "suspeito".

Em vista desse problema, que torna a criação impossível, é necessário propor uma negação dessas teorias. Parece... que finalmente chegou a hora de realizar a tão necessária "suspeita da suspeita". A negação da negação. A exposição da "grande mentira pós-moderna" é algo que deve ser feito antes de qualquer outra coisa que a filosofia se proponha a fazer. Enquanto o problema do conhecimento proposto pela pós-modernidade não for resolvido, não se pode sequer falar em filosofia metamoderna, como algumas pessoas tentaram fazer. Aqueles que, ao tentar ignorar essa ideia, nada mais fazem do que continuar a propor questões que não são realmente diferentes, mas permanecem da mesma natureza que as propostas pós-modernas com as quais todos já estão familiarizados. Pois, ao não abordar o fundamento, essa teoria pós-moderna do anticonhecimento não permite o progresso. Ela é, portanto, uma âncora no passado.

A história chegou a tal ponto de caos que o pensamento está se tornando novamente necessário. Como Hegel declarou certa vez, - "os tempos em que a filosofia é necessária geralmente não são tempos de ordem" -. Esses tempos geralmente exigem uma reestruturação

total da maneira como o homem percebe seu mundo. Ou pelo menos é assim, no que diz respeito à filosofia ocidental. De fato, uma das principais intenções deste estudo é propor uma continuidade para a situação das ideias, porque, para dizer a verdade, a situação atual se tornou realmente entediante. Decadentemente enfadonha...

Entretanto, essa não é uma tarefa tão simples. A filosofia, assim como a história, não é mais inocente. Ela sofreu mutações centenas de vezes, destruindo os alicerces das verdades anteriores para construir novas verdades sobre elas, e esse processo é quase sempre doloroso. Como se pode querer construir, quando tantos já pereceram na destruição? Como se pode falar de bem-estar, quando se testemunhou o nível brutal de violência de que o homem é capaz? Como se pode falar de conhecimento e liberdade, quando toda vez que uma verdade é declarada, ela se transforma em uma nova tirania do pensamento? E como se pode amar o conhecimento, quando ele dura tanto quanto um piscar de olhos...?

A consciência está deprimida. Ela foi posta à prova novamente pela contradição e pelo erro. O erro, o fantasma do erro, está mais uma vez aparecendo e causando estragos. Minando a confiança na verdade. Já houve muitas tentativas, e os erros foram ainda maiores do que o número de tentativas. Além disso, parece que, de agora em diante, a única coisa que pode acontecer é outro erro, que será seguido por outro erro.

Entretanto, apesar da depressão da consciência, ela não parece deter a vontade. Se o erro é a única opção, então é o erro que é desejado. Outro erro, seja qual for... parece que o erro é simplesmente inevitável e faz parte do processo de conhecimento. Mesmo quando não se sabe.

Esse é o sentimento metamoderno, pelo menos em suas manifestações iniciais. A de caminhar no vazio, em direção a um horizonte que está perpetuamente recuando. Caminhar em um mar congelado, sem nada a que se agarrar, sem nada a que se apegar, no vazio... apenas caminhar... para evitar o congelamento.



Figura 2<sup>5</sup>

Será que alguém caminhando sem rumo em direção a um horizonte vazio conseguiria chegar a algum lugar? Provavelmente não... É difícil meditar então no horizonte, também é difícil meditar no vazio do deserto. É no horizonte que a filosofia metamoderna deve meditar? O horizonte é muito distante... é muito vazio... gera muita desconfiança... Deveria então meditar sobre o deserto em que caminha? Lá também não há muito o que pensar...

---

<sup>5</sup> Figura 2. Nummer acht - everything is going to be alright (2007) Guido van der Werve. <https://youtu.be/OUq2nN6V6xU>

Em um horizonte vazio, onde tudo o que se faz é caminhar em direção a ele, sem rumo, para não congelar, para não ser atropelado; o que há para refletir? Outra resposta errada seria dizer que, na realidade, não há tempo para refletir, que é preciso andar rápido ou então congelar. A resposta está errada, porque, afinal, para onde você está indo? Se você anda sem rumo, sem objetivo, então, na realidade, você tem todo o tempo do mundo. Que melhor momento para meditar? De fato, esse é exatamente o momento de meditar, quando você está perdido. Meditação em movimento. O momento da ação só vem depois, após a meditação.

Mas meditar sobre o quê? Não pode ser sobre o horizonte, nem sobre o deserto em que ando, então sobre o que meditar? Há algo interessante em que meditar. E isso é meditar sobre o assunto em si. O sujeito pode meditar sobre si mesmo, especialmente sobre por que está fazendo o que está fazendo, sobre por que ainda está andando sem rumo. Em um deserto vazio, onde se caminha em direção a um horizonte ainda mais vazio, a única coisa sobre a qual se pode meditar é sobre o caminhar. É apenas para evitar o congelamento, a razão pela qual o sujeito caminha? Ou há algo mais?

A meditação metamoderna deve ser direcionada precisamente para o que está disponível, para o que está à sua frente. Não se deve sonhar com o horizonte distante, mas antes de resolver o problema mais próximo. Isso significa reconhecer como ele avança e, acima de tudo, por que avança. Pois, embora o método seja relevante, muitas vezes ele está subjugado à vontade.

Uma vez que o problema do método e da intencionalidade tenha sido resolvido. Somente dessa forma a metamodernidade poderá emergir desse mar de contradições e incertezas. Essa solução é apenas uma meia-solução. Essa solução é apenas uma pequena

tocha que a metamodernidade acende, com medo e tateando, a fim de gerar alguma clareza. Uma pequena lanterna, cujo objetivo é apenas ajudar a acender uma luz maior mais tarde. Primeiro o pequeno, o simples e o imediato; depois o complexo e o distante. E essas coisas devem ser feitas em ordem, sem pressa. Pois, como o leitor perceberá mais tarde, foi em grande parte a pressa que gerou todos esses problemas que agora estão martelando a realidade.

Esse é exatamente o objetivo deste livro. Acender uma lanterna, uma pequena lanterna, que depois serve para acender uma luz maior. Como convém, devido à época histórica em que foi escrito, ao idioma e ao sangue de que provém. Este livro pode ser considerado especificamente como uma introdução ao metamoderno. Pois, ao mesmo tempo em que nega o pós-moderno, ele dá vida ao metamoderno. Em negação.

Entretanto, o metamoderno não deve ser visto como um movimento puramente destrutivo. De fato, é exatamente o oposto. O desejo metamoderno de construir é tão grande que ele é forçado a destruir o destruidor. E, para isso, ele precisa confrontar o cerne do que define a pós-modernidade, a própria estrutura.

A estrutura de códigos, que mantém a consciência aprisionada em Alcatraz. A matriz impenetrável que mantém o mundo hipnotizado. O maligno chronos que mastiga seus filhos minutos depois de nascerem. Ou a cruel Kali, que exhibe seu colar de cabeças decapitadas antes de seu ato de destruição do universo. Essa estrutura é certamente impossível de ser ignorada.

A pós-modernidade, que por muito tempo se acreditou ter escapado dessa estrutura, foi a primeira filosofia verdadeiramente "imparcial". No entanto, a partir de agora, ficará claro ao longo deste estudo que a pós-modernidade não apenas nunca escapou da estrutura, mas, na verdade, é provavelmente a corrente de pensamento mais tendenciosa de todos os tempos. E essa afirmação se torna evidente no momento em que se identifica o que realmente é a estrutura.

A história é, e sempre foi, uma estrutura. Esse movimento substancial, cheio de erros e contradições, que não representa nada por si só. Mas, se tivermos, como a águia, uma visão privilegiada deles, esses pontos podem ser percebidos como um todo, e podemos finalmente entender o vale e a montanha como parte do mesmo elemento. Mudar essa história da natureza e tornar-se uma estrutura sempre escravizante, mas ao mesmo tempo sempre renovada. História que condiciona o sujeito, mas que também é condicionada pelo mesmo sujeito que a cria.

Essa história é sempre escravizante, porque o verdadeiro coração da história parece pertencer a algo muito mais fundamental do que "relações de poder". É algo que vai além da própria espécie humana, e é algo do qual não se pode escapar, enquanto se viver nesta realidade. Por mais que nossas queridas autoridades estatais tenham investido enormes somas de dinheiro para fazer com que essa ideia seja esquecida, os instintos simplesmente não se esquecem do significado do sangue. O sangue é o recipiente histórico de todos os momentos anteriores e de todas as verdades desses momentos anteriores. Sangue que, embora tenha liberdade no presente, não a tem no passado. Ele pode criar no presente, mas nunca pode escapar das verdades dos ancestrais, cujo sangue ainda vive e coagula no agora.

Portanto, é preciso analisar profundamente os instintos e o sangue, se quisermos saber a verdade. Essa análise não deve permanecer superficial; o leitor não deve se limitar ao escopo deste estudo. Tampouco deve se limitar aos ensinamentos de seus ancestrais mais recentes, que em muitos casos não representam nada além de mediocridade. Ele deve olhar muito mais profundamente, muito mais profundamente. Naquele fogo que um dia teve pena dos antigos e permitiu que eles formassem seu mito.

## Capítulo 1: Teoria metamoderna do conhecimento

Foi o bigodudo que uma vez identificou a vulgaridade e a utilidade como o mesmo elemento. O nobre sendo o inútil em um certo sentido<sup>6</sup>. Uma afirmação que é imediatamente errônea, se vista de uma perspectiva não filosófica. Mas no momento em que se entra no campo filosófico, as coisas que antes pareciam simples tendem a se tornar complicadas.

Certamente, a verdadeira filosofia tem muito menos utilidade prática do que, por exemplo, suas filhas, que limitam seu objeto de estudo a algo fora de si mesmas. Como a lógica formal, a ética, a estética e a filosofia da natureza (física grega). E a filosofia é de uso ainda menos prático se a compararmos com suas netas, as ciências, como a matemática, a física e a química. Entretanto, por trás dessa aparente inutilidade da filosofia, sua relevância em termos da formação do "mais útil" aparece em evidência.

Será que algo que molda o útil é inútil? Talvez aquilo que parecia inútil seja, de fato, a coisa mais útil de todas. É útil com tanta força, com tanta energia, que seu brilho pode muito bem cegar aqueles que tentam ver a utilidade através dele. E assim os transforma em céticos, mandando-os de volta para as ciências menores, que brilham menos e permitem que eles vejam melhor. Mas esse brilho menor não confere necessariamente vulgaridade. Pois, embora um brilho menor simbolize um maior afastamento do céu, ele simboliza, ao mesmo tempo, uma maior proximidade com a terra. E entre o céu e a terra, não há mais nenhuma questão de vulgaridade ou nobreza. Pois já foi demonstrado historicamente como ambos os elementos necessitam um do outro, a ponto de se submeterem humilhantemente um ao outro. Os

---

<sup>6</sup> No Aforismo 225 de A Ciência Gay, intitulado "Utilidade", Nietzsche identifica a nobreza com o menos útil.

verdadeiros vulgares são aqueles que só querem ver o céu, ou aqueles que só querem ver a terra. É a unilateralidade que é o verdadeiro inimigo da filosofia atual, não sua utilidade.

Além disso, se olharmos atentamente para a história da filosofia, veremos que, desde sua gênese, ela sempre teve uma orientação para o serviço. Iluminar o caminho para a vontade parece ser sua missão. Para que a vontade se mova. Não se pode ignorar o fato de que foi a necessidade histórica de uma ética mais elevada que impulsionou os gregos. Assim como foi para Descartes o chamado histórico para a independência do cristianismo. Ou para as mesmas ideias volitivas do homem de bigode saltitante, que nasceram de uma Alemanha fraca. Não é a intenção aqui definir a vontade filosófica necessariamente como um buscador de utilidade. Mas muitos de seus ouvintes, por outro lado, de fato a buscam. Pois eles estão mais próximos do chão. E, por mais que seja doloroso para alguns admitir isso, o ouvinte é importante. Ele é tão importante quanto o orador.

Parece, então, que aquilo a que o homem de bigode estava realmente se referindo não era à filosofia em si, mas à sua vontade. Pois, nesse sentido, as peças se encaixam melhor. A vontade deseja o desejo, e o faz de forma irracional, não parece precisar de um motivo. Ela parece ser automotivada. Entretanto, quanto à direção para a qual seu desejo deve apontar, isso se torna um tanto complicado para a vontade. É aí que entra o trabalho da consciência. Que parece ser a aliada inseparável da vontade.

Entretanto, esses dois elementos, vontade e consciência, embora pareçam estar intimamente relacionados, podem parecer distintos. Isso quer dizer que, pelo menos para os fins deste livro, eles devem ser vistos como dois elementos distintos. Pois parece... que

sempre há duas bestas nessa realidade. A primeira besta vem do mar, mas a segunda besta vem da terra. Essa segunda besta parece um cordeiro, mas fala como um dragão.<sup>7</sup>

A consciência, ao contrário da vontade e da religião, precisa de um motivo. Ou, no mínimo, precisa de um ponto de partida ao qual se ater. Ela não pode pretender começar em uma estranha nebulosa e mirar em lugar nenhum. A filosofia precisa se justificar, não pode ter a mesma atitude que a vontade tem. Ela precisa saber para onde está indo e de onde vem. Ela não pode simplesmente jogar palavras no vazio, a torto e a direito, como se fosse um passatempo barato. O pensamento deve dar uma razão para si mesmo, caso contrário, será apenas conversa sem sentido. Da mesma forma que acontece atualmente com os pós-modernistas, que acabaram sucumbindo a essa falta de base.

Além disso, é exatamente essa falta de base que separa a filosofia da religião. A filosofia é capaz de se justificar e, portanto, é capaz de se chamar de ciência. Ela possui uma gnoseologia, um método, que é capaz de explicar a razão de seu objeto de conclusão. Ao contrário, a religião apenas joga seu objeto de conhecimento no ar, sem dar uma explicação. E, ironicamente, o que, no final, dá à religião sua validade é justamente a própria filosofia. Pois é somente por meio de sua experiência da realidade do mundo (empíria) que a consciência é capaz de aceitar a religião como verdadeira. Pois ela é capaz de ver uma congruência entre o que vê e o que a religião lhe revelou. Essa é a única maneira, de fato, pela qual o homem pode vir a considerar uma religião como verdadeira. Pois, obviamente, o crente nunca está completamente certo de tais revelações. Além disso, nem todo crente estava presente quando essas mensagens divinas foram reveladas. Tampouco estava presente quando os milagres foram realizados. No entanto, eles assimilam o que é revelado como verdadeiro,

---

<sup>7</sup> Apocalipse 13:1-18.

graças a essa congruência da mensagem com a realidade que lhes aparece. O mesmo acontece com qualquer outro tipo de religião, como a new age, por exemplo. Mas, mesmo assim, essa vitória da religião é, na realidade, muito limitada. Pois, além da imprecisão de seus conceitos e da extrema generalidade de seu conhecimento, ela também se torna um elemento de resistência. Além disso, ela também se torna limitada. Pois para cada mensagem consistente, há milhares de outras que não o são e que nunca avançam em popularidade.

Não é a intenção aqui jogar a religião no buraco do obscuro. Pois nessa realidade complicada e cheia de perguntas, nunca se tem certeza se o que se está fazendo é a coisa certa. Não se sabe realmente se a religião é certa ou errada, mas de uma coisa se tem certeza. A religião não tem uma gnoseologia; a filosofia, sim. Nesse sentido, a filosofia é diferente da religião. Ela é mais parecida com o dragão do que com o cordeiro. Ela é capaz de se desenvolver de forma complexa, mas clara. Usando não apenas a ontologia, mas também a gnoseologia em sua exposição. Um elemento gnoseológico, que parece ser a peça que falta na filosofia dos últimos tempos. Que pretende ser mais parecida com a religião do que com a ciência. A filosofia precisa começar com um método. Ou, no mínimo, precisa de um ponto de partida claro.

Mas, então, qual é essa base? Ao longo dos tempos, essa base teve diferentes interpretações. Nos primórdios da filosofia, essa base nem sequer foi levada em consideração. Uma filosofia sem uma base clara é melhor do que uma filosofia que não a tem. Mas, ainda assim, é melhor com uma base. Descartes viu pela primeira vez esse erro nos gregos e se propôs a dar um princípio a partir do qual iniciar seu conhecimento, o sujeito cartesiano.<sup>8</sup> Essa correção foi levada ao seu ponto mais alto em Hegel, que tomou o conceito como a

---

<sup>8</sup> Descartes inventou "o método". O sistema filosófico que propõe o "eu" pensante como a base a partir da qual todo conhecimento deve começar. Esse método seria mais tarde chamado de idealismo.

própria base. A partir daí, essa base tomou outras direções e vagou para frente e para trás, até chegar ao ponto em que estamos agora. Em outras palavras, confusão total.<sup>9</sup>

É perfeitamente possível reciclar uma teoria do passado para desenvolver o conhecimento do presente. Mas isso não parece certo. Parece vazio, sem espírito. De fato, isso não pertence à filosofia, pois a filosofia sempre teve uma atitude diferente. Sempre em movimento", afirma a consciência. Nesse sentido, talvez a coisa mais apropriada a fazer não seja necessariamente copiar as teorias do passado distante. Mas levá-las em conta, mas também levar em conta as do passado mais próximo e, é claro, também as do presente; pois é neste último... que a criação acontece... A intenção de seguir em frente leva a considerar a importância do contexto histórico na filosofia. Contexto que está intimamente relacionado com os ensinamentos da escola de Madri. Que é, entre os proto-pós-modernistas, de longe a opção mais decente disponível. Uma opção que se torna importante devido à estreita relação entre o contexto histórico e a estrutura que Ortega chamou de "circunstancialismo".

#### *A base dessa nova filosofia*

Os pós-modernistas enfatizam o fato de que essa estrutura basicamente aprisionou a todos. Incapazes de alcançar até mesmo o conhecimento. Pois todas as verdades estão manchadas pela estrutura. Essa estrutura maligna é exaltada, a ponto de se assemelhar à própria matriz<sup>10</sup>. Não importa quanto esforço seja feito para buscar a verdade, ela sempre

---

<sup>9</sup> Atualmente, não só essa base não está presente no conhecimento filosófico, mas, de fato, considera-se que o próprio conhecimento filosófico não é possível. Essa é a premissa da filosofia pós-moderna.

<sup>10</sup> Semelhante ao conceito de estrutura pós-moderna, que aparece no famoso filme de ação de ficção científica de 1999, escrito e dirigido pelas irmãs Wachowski.

permanece aprisionada em uma matriz impenetrável - toda filosofia é inválida, dizem os pós-modernistas. -Todos estão na matriz.

Os pós-modernistas estavam certos. O preconceito existe, mas essa estrutura feliz pode ser entendida muito melhor quando vista sob a perspectiva de Ortega. O circunstancialismo está muito próximo do contexto histórico. Ele reflete não apenas uma situação, mas também uma missão. E a vontade adora missões, porque elas lhe permitem desejar melhor. Mas antes de entrar nesse circunstancialismo renovado, vale a pena observar, em primeiro lugar, que esse circunstancialismo, esse viés, não era, obviamente, estranho aos pós-modernistas. Eles também estavam na mesma matriz da qual tanto se queixavam, é claro! O fato de eles não saberem disso, ou não quererem admitir, é diferente.

Nisso, é possível ver claramente o grande verme da maçã pós-moderna. Ao querer invalidar todo o conhecimento subsequente, eles acabam invalidando a si mesmos no processo. Pois a verdade que afirma que não existe verdade, graças ao princípio lógico da não-contradição, tem que se afirmar como mentira também - dando um tiro no próprio pé! Mas... essa consequência, que parece ser tão definitiva, não é aceita pela pós-modernidade. A pós-modernidade pensa que está fora da matriz, querendo até mesmo se colocar acima da lógica! Mas adivinhe só? Eles conseguiram... Apesar desse enorme buraco contraditório, a pós-modernidade viveu, e viveu forte. Por quê?

Essa não é a primeira vez que esse tipo de crítica à pós-modernidade é feita. Ela já foi feita muitas vezes antes, mas sempre sem um resultado convincente. Por quê? A resposta está no contexto histórico pós-moderno. Seu circunstancialismo, sua vontade, foi o que lhe permitiu viver. Essa vontade parece ser a verdadeira força predominante da história. Ela não

obedece à lógica, nem ao sangue, nem à estrutura, nem mesmo a Deus. Ela só obedece à consciência, e a consciência só ama a vontade.

Essa afirmação sobre a pós-modernidade é algo que será explorado com mais profundidade mais adiante, à medida que os capítulos avançarem. Pois ela é um tanto complexa, mas se encaixa perfeitamente nela porque a pós-modernidade poderia viver. Como é possível que um conhecimento tão autocontraditório prevaleça dessa forma? Essa é a pergunta realmente interessante, muito mais interessante do que as próprias teorias pós-modernas.

A matriz pós-moderna existe, é verdade, mas o que poderia fazer a pós-modernidade acreditar que estava fora dela? O próximo paradigma filosófico, que vem depois do pós-modernismo, deve entender que também não conseguirá escapar dessa matriz feliz. Os pós-modernistas acreditavam que, pelo simples fato de se tornarem conscientes dela, seriam automaticamente libertados. Mas as correntes ainda estão lá... E essas correntes parecem se apertar quanto mais você as força. Essa obsessão em escapar da matriz, mais cedo ou mais tarde, acaba levando a uma pergunta fundamental: O que há de errado com a matriz, em primeiro lugar? Qual é a necessidade de escapar dela?

Essa matriz, em vez de ser um inimigo, parece ser uma oportunidade. As consequências ruins do pensamento sem base foram discutidas ao longo desta introdução. Já foi dito ad nauseam que a filosofia não é algo que possa vagar no ar, sem apoio de nada. Uma base sólida é indispensável para o desenvolvimento da filosofia posterior. E que melhor base, que melhor ponto de partida, do que a própria matriz? É exatamente a essa tendência que a filosofia deve aderir. Querer escapar dele é uma ilusão. Uma vez que, no nível criativo, é

impossível não ter uma intencionalidade prévia em termos do que é criado. A criação é um ato de intencionalidade em si. Portanto, é viável partir de um viés para ser capaz de criar. Pois essa parece ser a posição que a tendência naturalmente busca.

A famosa matriz é, então, o ponto de partida ideal para começar a criar um novo conhecimento racional. Um conhecimento com base, pois isso é dado precisamente pelo circunstancialismo do qual ele parte. Levando totalmente em conta, então, a intencionalidade emocional que precede esse viés. Dessa forma, a bem-aventurada matriz deixa de ser um inimigo e se torna a plataforma perfeita a partir da qual nos posicionamos. Não importa o tamanho, a crueldade ou a inteligência dessa matriz maléfica. De fato, é melhor que ela seja grande, impiedosa e inteligente. Pois sua força é usada contra ela.

O motivo pelo qual essa nova teoria é conveniente está na natureza do viés e de sua implantação. A parcialidade e a intencionalidade são anteriores uma à outra. O viés representa a fria matriz circunstancial. E a intencionalidade representa o sentimento terreno que vem dessa matriz circunstancial. Ou seja, é o sentimento que se tem sobre a matriz. Portanto, esse sentimento que continua com o desdobramento não é algo independente ou alheio à matriz, mas é a evolução que é gerada a partir da matriz. Ou seja, é um sentimento sobre a matriz circunstancial. Não é algo indiferente ao viés, mas é sua continuação renovada. Evolução que o anula, marcando o fim de seu ser, mas ao mesmo tempo o contém, pois mantém sua verdade emocional ainda presente. Assim como o filho mantém o sangue do pai ainda presente, mesmo depois que o pai morre. Portanto, o viés e a intenção não são elementos independentes; eles são determinados um pelo outro em seu desenvolvimento.

E é por causa dessa intenção emocional que a criação de algo novo pode ocorrer. Pois após a matriz circunstancial e após o sentimento terreno que é feito sobre ela, há um terceiro elemento, que é algo bastante interessante em um nível filosófico. Esse terceiro elemento é o que realmente possibilita a filosofia em primeira instância. Estamos falando de conhecimento. O terceiro elemento é o conhecimento. E esse conhecimento não pode ser dado a menos que esses dois elementos anteriores já estejam presentes. Pois o conhecimento, em sua definição mais simples, nada mais é do que a relação entre um sujeito cognoscente e um objeto conhecido.

Mas essa definição de conhecimento, que parece tão simples, na verdade requer algo anterior a ela, não é mesmo? Ela requer um "sujeito" e um "objeto". E é aí que entra a dualidade entre a matriz circunstancial e a intenção emocional. Ambas são necessárias para que o conhecimento ocorra. O que seria um terceiro elemento de superação, que contém os dois em si mesmo. Esse conhecimento, por sua vez, é capaz de explicar tanto seu pai, a matriz, quanto sua mãe, o sentimento. Mas ele também propõe coisas novas, porque esse terceiro elemento é a criação. Não se trata apenas de repetição, mas de criação.

Mas, como já foi dito, essa criação não pode encontrar seu ser (existência) sem uma intencionalidade prévia. E essa intencionalidade prévia não pode encontrar seu ser sem uma matriz circunstancial. Portanto, em ordem lógica, a matriz torna-se necessária para a criação do conhecimento. Esses três elementos, além disso, são minuciosamente expostos por São Tomás de Aquino. Isso é mencionado caso você queira se aprofundar no assunto, o que não faremos nesta introdução. Embora valha a pena esclarecer que São Tomás não chama a matriz de matriz, mas de "sujeito". E intencionalidade, não como intencionalidade, mas como

"o sujeito dentro do objeto". E a criação, não como criação, mas como "o sujeito dentro do objeto, que está dentro do sujeito".<sup>11</sup>

Mas, diante de tudo isso, surge naturalmente uma pergunta: e quanto à matriz circunstancial, ela também vem de algo ou é algo que sempre esteve lá? Essa matriz, é claro, não veio do nada. Ela também é o efeito de alguma causa. E seu criador, em termos mais fundamentais, é a matriz anterior. Que a cria, mas que também seria posteriormente anulada pela nova e renovada matriz. Essa sucessão evolutiva ocorre da mesma forma que o sentimento evolui a partir da matriz. Ou seja, anulando os elementos anteriores, mas também os contendo.

Portanto, esse processo é uma espécie de ciclo. Primeiro há uma matriz, que depois evolui para uma intenção de sentimento. E esse sentimento evolui para um conhecimento, que contém os dois. Mas, por sua vez, esse conhecimento agora representa uma matriz renovada. Que, por sua vez, gera outro sentimento; e assim por diante, dando forma a esse ciclo que é chamado de história. Um ciclo que, à primeira vista, pode parecer dialético. Mas antes de chamá-lo de dialético, no sentido hegeliano, devemos levar em conta que ele teria de ter uma ordem específica em termos de afirmação, negação e sublação<sup>12</sup>. Essa ordem é duvidosa hoje em dia em nível histórico, mas a possibilidade não está totalmente descartada.

Portanto, foi dito que a matriz não é algo que existe por si só. Não é uma razão pura<sup>13</sup> que está flutuando em algum lugar sagrado. Ou algo que permanece imóvel no paraíso. Mas é o resultado histórico da matriz anterior. Portanto, elas se sucedem, de matriz em matriz, de

---

<sup>11</sup> Aquino, Thomas. *Summa Theologica*. Ed. Thomas Gilby. 6 vols. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1964-1975.

<sup>12</sup> Hegel usa a palavra alemã *Aufheben*, que simboliza uma espécie de negação da negação, mas também acabaria sendo um terceiro momento reconciliador e, ao mesmo tempo, superador. Essa definição é bastante difícil de entender em Hegel.

<sup>13</sup> Conceito principalmente kantiano, que fala de uma estrutura transcendental à realidade, que possui todas as verdades, como regras criadas anteriormente.

circunstância em circunstância, sucessivamente. Mas e a primeira matriz, a original? Essa pergunta é tão válida quanto complexa. O conhecimento sobre a primeira matriz não é algo que pertença à filosofia que está sendo feita neste livro. Pois o conhecimento da matriz em si é algo que já poderia ser chamado de metafísica. Isso está muito além do escopo deste livro. Além disso, sempre pode haver a possibilidade de que nem mesmo exista algo como a matriz original, mas que ela seja um ciclo na forma de um círculo eterno, que não tem começo nem fim. Essa é uma questão muito mais complexa.

Mas seja qual for o caso, este livro não quer fazer metafísica, mas limitar-se a apontar para a matriz do agora, a fim de usá-la como base. Ou seja, ele não quer partir de uma matriz em si, mas de uma matriz para si. De uma matriz que já foi transformada pela história e que está muito mais próxima do presente. Pois é somente no presente que a criação acontece. E essa criação se torna estritamente necessária para os propósitos deste livro. Porque, infelizmente, ainda não há ninguém falando sobre esse assunto, nesses termos.

É justamente por causa dessa necessidade de nos atermos ao presente que procuramos nos limitar, acima de tudo, à circunstância mais próxima. E essa circunstância, que é o presente, não é mais uma matriz original; é uma matriz transformada. Portanto, o conhecimento que será obtido a partir dela não é mais um conceito, mas um contexto.

É aí que entra essa palavra que já foi usada antes e que será usada muito mais de agora em diante. Mas antes de usá-la, é preciso uma breve definição. A palavra contexto vem do latim *contexere*. Que encontra suas raízes mais profundas de significado em "entrelaçamento". Portanto, quando falamos de contexto, estamos falando do próprio entrelaçamento da história. Por presumir que tudo surge da primeira matriz. Essa história

começa a se entrelaçar a partir dessa primeira matriz (o conceito), até chegar à segunda matriz (o contexto); esse contexto entrelaça a primeira tecelagem com a segunda tecelagem. Mas há um problema com esse contexto. Ele não é algo totalmente independente da matriz anterior. Para que esse novo contexto seja criado, ele precisa se "encaixar" nos últimos resquícios do primeiro tecido. Portanto, esse separador de tempo, que o contexto representa, é efetivamente condicionado pelo tecido anterior; e ele tem de se "condicionar" ou "encaixar" na realidade passada. Ele então se torna parte da experiência transformada. O contexto, portanto, é um determinante. Mas não é só isso, ele não é apenas determinado, ele também é um determinante. Pois ele, por sua vez, também representa a transformação que determina o tecido seguinte. Pois esse novo contexto dá lugar ao tecido da emoção e do conhecimento. Elementos que são criativos e, portanto, transformadores da realidade dos tecidos históricos. Graças a isso, o contexto não é apenas repetitivo, mas também criativo, graças à intencionalidade e ao conhecimento. Portanto, esse contexto se torna o separador determinado e determinante, que tece os tecidos da história .<sup>14</sup>

Como já mencionado, o circunstancialismo de Ortega está bastante próximo dessa questão. Especialmente quando é visto a partir da necessidade de um contexto histórico prévio, para uma filosofia que se quer criar. "Eu sou eu e minha circunstância, e se eu não a salvo, não me salvo".<sup>15</sup> Essa concepção de circunstancialismo em Ortega reflete claramente a importância do contexto histórico em que o filósofo se encontra. Contexto que é sempre fundamental para a compreensão de sua filosofia. Entretanto, a história nunca foi facilmente compreendida, especialmente quando se está simplesmente estudando seu imediatismo. A escola de Madri, com Julián Marias, também é bastante contundente nesse aspecto. Marias dá

---

<sup>14</sup> Contexto. O ambiente no qual uma declaração ou ação ocorre e que influencia seu significado (Ferrater Mora, Diccionario filosófico, 2001, p. 190).

<sup>15</sup> Ortega y Gasset, José. "Meditaciones del Quijote". Madri: Espasa-Calpe, 1914.

uma breve explicação em seu livro, "The History of Philosophy", de como a história deve ser estudada.

FILOSOFIA E SUA HISTÓRIA - A relação da filosofia com sua história não coincide com a da ciência, por exemplo, com sua história. Nesse último caso, são duas coisas distintas: a ciência, por um lado; e, por outro, o que a ciência foi, ou seja, sua história. Elas são independentes, e a ciência pode ser conhecida, cultivada e existir à parte da história do que ela foi. A ciência é construída com base em um objeto e no conhecimento que se possui sobre ele em um determinado momento. Na filosofia, o problema é ele mesmo; além disso, esse problema é colocado em cada caso de acordo com a situação histórica e pessoal em que o filósofo se encontra, e essa situação é, por sua vez, determinada em grande parte pela tradição filosófica em que ele se encontra: Em terceiro lugar, o filósofo tem que questionar todo o problema filosófico e, portanto, a própria filosofia, a partir de sua raiz original: ele não pode partir de um estado de fato existente e aceitá-lo, mas tem que partir do início e, ao mesmo tempo, da situação histórica em que se encontra. Ou seja, a filosofia tem de ser colocada e realizada em sua totalidade em cada filósofo, mas não de qualquer maneira, mas em cada filósofo de uma forma insubstituível: como lhe é imposta por toda a filosofia anterior. Portanto, toda a história da filosofia está embutida em todo filosofar, e sem ela não é inteligível nem, acima de tudo, poderia existir. E, ao mesmo tempo, a filosofia não tem outra realidade senão aquela que ela alcança historicamente em cada filósofo.

Há, portanto, uma conexão inseparável entre a filosofia e a história da filosofia. A filosofia é histórica, e sua história pertence essencialmente a ela. E, por outro lado, a história da filosofia não é mera informação erudita sobre as opiniões dos filósofos, mas é a verdadeira exposição do conteúdo real da filosofia. É, portanto, estritamente falando, filosofia. A filosofia não se esgota em nenhum de seus sistemas, mas consiste na história efetiva de todos eles. E, por sua vez, nenhum deles pode existir sozinho, mas precisa e envolve todos os anteriores; e ainda mais: cada sistema só alcança a plenitude de sua realidade, de sua verdade, fora de si mesmo, naqueles que o sucederão. Todo filosofar parte da totalidade do passado e se projeta para o futuro, colocando em movimento a história da filosofia. Isso é, em poucas palavras, o que se quer dizer quando se afirma que a filosofia é histórica.<sup>16</sup>

Na perspectiva da escola de Madri, a filosofia se torna inseparável de sua história.

Essa teoria, de fato, está bastante próxima de Hegel. No entanto, em Hegel, o problema histórico atinge maiores profundidades. Pois a história da filosofia é vista pela escola de Madri como uma simples convergência da história das ideias; mas em Hegel, a filosofia é vista como uma convergência da totalidade da história. Ou seja, ela também leva em conta os

---

<sup>16</sup> Marías, Julián. "La Filosofía y su Historia (A Filosofia e sua História)". Madri: Espasa-Calpe, 1970. 11-12.

aspectos mais "materiais" da história, como o sistema de produção, a ordem política e outros eventos significativos. Além disso, ela recebe um sentido de desdobramento dinâmico em um nível muito mais elevado. A ideia que pensa a si mesma, que se desdobra e se torna autoconsciente ao longo do tempo. À medida que se move de negação em negação, de ruptura em ruptura, e lentamente avança para o conhecimento absoluto.

As teorias convergentes de Mariás podem ser orientadoras em termos de contexto histórico. Entretanto, em sua maior parte, ele se limita à história da filosofia apenas como a história das ideias. Em quase todo o seu trabalho, o contexto histórico é esquecido em sua plenitude. A necessária integração das mudanças econômicas, políticas, tecnológicas e sociais que a história traz consigo está totalmente ausente. Esses aspectos também devem ser considerados, sem dúvida, para que se possa entender o desdobramento histórico em sua plenitude. Nesse aspecto, a escola de Madri parece querer olhar apenas para o céu. Mas ela se esquece da terra.

As teorias hegelianas da substância podem ser muito esclarecedoras. Especialmente na presença desse dualismo complexo entre o céu e a terra, no qual nos encontramos agora. Pois, depois de tudo o que a consciência viu, é uma total insensatez querer ignorar completamente a importância das circunstâncias materiais no desenvolvimento da história da filosofia. Não se tem a pretensão de falar de um materialismo absoluto, mas, no mínimo, esses elementos devem ser levados em conta. Hegel acerta em cheio nesse aspecto. Ele dá à substância um significado muito mais completo.

Essa história em Hegel de fato tem uma influência sobre o homem, como Ortega afirmou no circunstancialismo; mas, por sua vez, o homem também tem uma influência sobre

a história, graças à sua vontade transformadora. E, por sua vez, a vontade do homem também é afetada pela história, que ele mesmo está transformando. Portanto, tanto o homem quanto a história são elementos que são feitos ao mesmo tempo. Ambos fazem parte da mesma substância, que Hegel chama de espírito.

Essa simbiose é semelhante à dos dois animais. Pois, da mesma forma que a consciência guia a vontade, ela também é guiada por ela. Pois a consciência é capaz de refletir sobre si mesma em vista dos resultados da vontade. E quando a vontade vence, a consciência se sente vencedora. Quando perde, sente que também é perdedora. Tanto é assim que é capaz de dividir um homem ao meio, como aconteceu com Heidegger.<sup>17</sup>

Esse fenômeno não apenas parece se repetir, mas parece ser o próprio motor da história. E não é a intenção deste livro criar um sistema gnoseológico definitivo a partir dessa mistura de teorias. Mas simplesmente iniciar um debate. E para destacar nesse debate o fato de que a história não pode, de forma alguma, ser tão brutalmente separada da filosofia, como alguns expoentes pós-modernos fizeram em sua ânsia de permanecerem vivos....

O contexto histórico da filosofia deve, pelo menos, ser levado em conta antes de se refletir sobre as ideias. Pois é somente a partir do conhecimento desse contexto que a natureza do comportamento da vontade filosófica pode ser vista claramente. Esse mesmo princípio pode ser usado não apenas para entender a filosofia anterior, mas também a posterior. Esta última, ao seguir de perto a experiência de seus predecessores, é capaz de entender aquilo a que deve aderir. Mas, ao contrário de seus predecessores, esta agora está

---

<sup>17</sup> Referindo-se ao fenômeno das duas fases diferentes do filósofo Martin Heidegger. Na qual se fala de um primeiro Heidegger, antes da derrota do Terceiro Reich; e de um segundo Heidegger, após a derrota.

plenamente consciente dessa permanência e a usa como uma oportunidade, e não como a rejeição simplista do ressentido. Assim, nega e supera seus antecessores.

*Os pontos de virada, a base da base.*

O contexto histórico, além disso, também anda de mãos dadas com a teoria hegeliana do conceito. O conceito que evolui com o tempo. Aquilo que é formado no curso de todo um movimento anterior, culmina em uma unidade e se desenvolve novamente em um movimento subsequente. E esse ponto culminante é "sua verdade", que não é destruída, mas apenas transformada. Essas "ruínas" do movimento anterior são, por assim dizer, precisamente o material com o qual a próxima construção é erguida, que um dia também será uma ruína. Mas essas ruínas, essas verdades, ainda estão presentes em sua substância. Suas mentiras já foram destruídas, mas suas verdades ainda permanecem. Portanto, é apenas o conceito que prevalece no tempo. Mas, como já foi dito, mesmo que essa verdade duradoura seja conceitual, ela não é mais um conceito, mas um contexto. Pois ela gera uma determinação com relação ao seu movimento subsequente. É o entrelaçamento que separa os tecidos históricos.

Mas se nos aprofundarmos ainda mais em Hegel, descobriremos que esse movimento da história não é simplesmente algo aleatório. Ele traz uma ordem lógico-dialética implícita em seu movimento. Ordem que hoje é vista com um alto grau de ceticismo. E talvez haja boas razões para isso. Pois a filosofia da vontade às vezes parece se impor a essa suposta ordem dialética. Esse desejo que sempre carece de algo, essa ciência da escassez, parece ser mais válida no nível do movimento histórico do que a ordem. Embora a possibilidade

dialética também não possa ser completamente negada. Mas, quer a história tenha uma ordem ou não, há uma coisa nela que definitivamente não pode ser negada.

A história se desenvolve em estágios, fases que podem ser facilmente diferenciadas umas das outras. E o que separa esses estágios são eventos suficientemente precisos e relevantes para serem chamados de "pontos". Esses separadores são algo que pode ser chamado de pontos de virada por enquanto. E é exatamente nesses pontos de inflexão que ocorre o que há de interessante na verdade histórica. Esses pontos são interessantes, não apenas no nível total da história, mas também no nível de uma história fragmentada de um único indivíduo. Quando você se encontra nesses pontos, sente uma emoção estranha. É como se o tempo tivesse parado por um instante e depois retomado seu curso. Como se a própria gravidade do evento fizesse com que o tempo relativo parasse.

Para dar alguns exemplos que se referem a esses pontos de virada, podemos acrescentar o seguinte. Na história antiga, as guerras medievais foram de importância crucial para o desenvolvimento independente da Grécia. Pontos de virada, como a Batalha de Maratona e, mais tarde, a Batalha das Termópilas, marcaram um ponto de virada na Grécia. Eles demonstraram a necessidade de uma vontade grega unida, que acabou superando o atrito entre dois mundos considerados opostos, Atenas e Esparta. Essa união é essencial para uma vontade forte. E é somente uma vontade forte que pode dar origem à civilização.

Outro exemplo, mais próximo de nós, é o nascimento de Jesus, que mais tarde separaria a medição do tempo e daria início ao cristianismo. Isso, por sua vez, daria início ao fim do regime nocivo do Império Romano e iniciaria o reinado do cristianismo na próspera Idade Média.

Também se pode falar da grande fome de 1315 como o ponto de virada que iniciou o declínio do cristianismo e abriu caminho para o renascimento. Algum tempo depois, outro momento decisivo, a invenção da prensa tipográfica, deu início ao que viria a ser o Renascimento. A isso também podemos acrescentar a descoberta da América. Isso viria a desenvolver o renascimento e a mudar o equilíbrio em favor da burguesia, que se apropriaria das riquezas americanas, dando início à era moderna. Nesse momento, o capital começa a assumir grande importância, e já podemos começar a falar do início do capitalismo. Mas esse capitalismo, por sua vez, tem seus próprios pontos de inflexão, que separam suas próprias revoluções. A revolução comercial começa com a descoberta da América e se estende até sua conquista posterior. Esse domínio ainda crescente da burguesia atingiu seu pico final com a Revolução Francesa, especificamente com a decapitação de Luís XVI. Isso representa outro ponto de inflexão, que marca o início do que poderíamos chamar de início dos estados e o domínio total da burguesia. Por sua vez, outros pontos de virada se seguiriam, com a revolução industrial, começando com a criação da máquina a vapor de Watson, que, por sua vez, teria suas próprias revoluções e pontos de virada.

E esses pontos não se limitam apenas às mudanças no sistema de produção. Eles também aparecem em eventos sociais, como a alfabetização da Europa, possibilitada pela invenção da prensa tipográfica. A primeira revelação do Profeta Muhammad, que deu início ao Islã. Ou a primeira conquista espacial, iniciada pela Rússia, com Yuri Gagarin.

Considerando todos esses pontos de virada, é claro que todos esses eventos históricos levaram tempo para se materializar e se desenvolver. No entanto, se olharmos atentamente, eles claramente têm eventos ou pontos de virada, nos quais algo é dado como concreto e nos

quais esse algo dá lugar a algo novo. Assim como um desejo da vontade, que é concretamente satisfeito e que imediatamente dá lugar a outro novo desejo. Independentemente do fato de esse desejo ser uma negação ou uma afirmação.

E talvez seja possível pensar em todos esses pontos de virada como uma fragmentação inevitável. Que eles não são mais do que uma série de eventos infinitos. Que não aparecem como separadores definitivos de grandes estágios históricos, mas que também aparecem como subdivisores dentro desses mesmos estágios. E esses subestágios, por sua vez, também têm seus próprios pontos de inflexão. E, além disso, dentro desses subestágios, há indivíduos vivendo. Indivíduos que têm seus próprios pontos de virada em suas vidas. Isso leva a uma fragmentação infinita dos pontos. Removendo-os, assim, da relevância histórica.

Essa infinidade de pontos é absolutamente verdadeira. Há, de fato, inúmeros pontos de virada na história. Entretanto, há um fator que os diferencia uns dos outros. É claro que você não pensaria que o ponto de virada da sua sesta diária é tão importante quanto o ponto de virada da descoberta da América. Esses pontos, todos eles são, mas não são todos, o que significa que eles não têm uma hierarquia entre si. De todos esses pontos, há um que tem precedência sobre todos os outros e os condiciona. Esse ponto é precisamente aquele em que foi depositada a maior quantidade de vontade genuína. E esse mesmo ponto que se elevou acima de todos os outros só pode ser removido de seu trono por algo da mesma magnitude de vontade. Caso contrário, a negação desse ponto sempre se tornará incompleta.

Esses pontos de virada são exatamente o que o contexto histórico viria a representar. Os pontos não são apenas uma conclusão do passado, mas também um determinante do futuro. Eles são o entrelaçamento que separa o ser do devir. Portanto, é precisamente a partir

desse contexto que podemos entender essas mudanças agitadas na época em que estamos vivendo. Com relação a esses pontos do contexto histórico, então, vários elementos podem ser investigados. Em primeiro lugar, pode-se investigar o caminho do movimento anterior que levou a esse ponto de contexto. Em segundo lugar, o próprio ponto de contexto pode ser investigado. E, em terceiro lugar, a reação que o movimento subsequente faz a partir desse ponto de contexto pode ser investigada. Esse desdobramento, que pode parecer simples. Na realidade, ele traz consigo uma grande complexidade, que não pode ser resolvida neste livro.

A compreensão completa desse desdobramento é uma tarefa complexa demais. No entanto, há algo que pode ser feito a respeito. Apontar seus elementos constituintes é uma tarefa muito mais simples do que explicar sua natureza. Não se trata de uma tentativa de justificar a razão fundamental para o desdobramento das épocas, mas simplesmente de dizer: "Aí está". Apontá-los, destacar a existência desses elementos. Mas também saber como diferenciar um elemento do outro. Essa não é uma tarefa extremamente complicada, mas é uma tarefa que deve ser feita. E deve ser feita no início, acima de tudo, como uma base de conhecimento. Essa indicação do ser dos elementos é a forma mais básica de conhecimento. A consciência senciente, que identifica e depois separa os elementos na percepção.

Mas há uma contradição aqui? Já foi dito antes que o contexto histórico (os pontos de virada) é a base à qual a filosofia deve aderir. E agora foi dito que o "ser" é a base do conhecimento. A resposta está no fato de que essas duas questões, pelo menos para os propósitos deste livro, devem ser vistas como distintas. O contexto histórico é apenas uma base estrutural, pode-se até dizer "substancial". Que posteriormente evolui para uma intenção emocional. Entretanto, o sentimento por si só não é algo que possa ser chamado de

"conhecimento". O conhecimento só começa quando há essa relação dual entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido, o que já ficou claro acima.

Portanto, embora não seja mais o contexto, ele ainda está presente na intencionalidade que surge dele. Pois essa intencionalidade é um sentimento sobre o contexto, ou seja, ela o contém. Assim, por meio da reflexão de si mesma, a intencionalidade cria conhecimento. E é somente após essa "criação" que ocorre o início do conhecimento, mas não antes. Talvez a analogia de um feto no útero seja adequada para explicar isso. A carga emocional, que simboliza a mãe nutrindo progressivamente o feto à medida que ele retarda sua formação, é anterior ao nascimento da criança em si. Mas no momento em que a criança nasce, ela é nutrida, não é mais. E o que ela é agora é precisamente o nascimento, como uma nova verdade. Isso não significa que essa nutrição anterior não seja importante, mas ela não pode ser chamada de início do nascimento, mas apenas de sua nutrição anterior. Pois quando um é, o outro não é mais.

O conhecimento só começa quando essa relação entre intencionalidade e contexto é dada. Quando isso acontece, dá origem a um terceiro elemento, que é o próprio conhecimento. Mas esse conhecimento também tem seu processo em si mesmo. Ele começa a partir de um elemento específico, que é o ser. Portanto, o contexto da matriz não seria o início do conhecimento, mas simplesmente o passo que dá início à sua nutrição anterior. E o que inicia o conhecimento real é, na verdade, o ser.

É fundamental entender o ser como a base do conhecimento, pois como um cão, que só enxerga em preto e branco, pode afirmar que conhece a cor vermelha, sem nunca saber de sua existência? Ou como o homem poderia conhecer mais tipos de luz, além da luz visível, se

ele nem sequer sabe de sua existência? Agora, novos tipos de luz são conhecidos pelo homem (raios gama, raios X, ultravioleta, etc.), mas somente porque foram identificados pela primeira vez, por meio da ciência e de artefatos especializados. Ou seja, esses novos tipos de luz só são conhecidos depois que sua existência (ser) foi descoberta primeiro. Portanto, o ser de algo deve ser conhecido primeiro, e então qualquer outra coisa sobre esse algo pode ser conhecida. E esse ser pode talvez ser um ser manchado pela experiência, mas isso não diminui o fato de que ele ainda é um ser.

Esse reconhecimento do ser de algo é a forma mais básica de consciência. Ela é chamada de "consciência senciente". O uso primordial da consciência sensível que identifica o ser é amplamente derivado das teorias hegelianas. Portanto, cabe aqui um pequeno parêntese para esclarecer isso. A razão pela qual Hegel é usado tanto como base aqui é a natureza do contexto histórico atual. Em um ambiente tão caótico e confuso, onde dificilmente se pode prever alguns anos à frente, onde todas as verdades anteriores parecem desmoronar, a recomendação em tais casos é sempre voltar à base. Parar de tentar experimentar cegamente e se estabelecer em um terreno conhecido. O que já é reconhecido o suficiente para ser chamado de, pelo menos, válido<sup>18</sup>. Além disso, parece já ser evidente que a identificação do ser como o principal método de conhecimento não é apenas a de Hegel, mas também a de muitas outras filosofias.

Portanto, devido à necessidade de partir de uma base substancial, que nesse caso seria o contexto histórico, e com a intenção subsequente de alcançar apenas um conhecimento sensível, o mais adequado é, então, fazer uma identificação do ser desses contextos entre as

---

<sup>18</sup> Junto com Platão e Descartes, Hegel é um dos filósofos mais influentes de todos os tempos. Depois dele, nenhum outro filósofo foi capaz de ignorá-lo, mesmo quando se busca criticá-lo. Mas, de uma forma ou de outra, suas teorias serviram de base para muitas outras filosofias. Além disso, devido à sua proximidade com a filosofia da história, parece apropriado tomar Hegel como um dos principais fundamentos para este estudo.

épocas históricas. Em outras palavras, o que se buscará ao longo deste estudo é a identificação dos elementos que compõem o desenvolvimento histórico mais recente.

A identificação desses pontos de contextos históricos nos permite entender a base do ponto em si. Mas também nos permite entender a base da reação subsequente que emana desses contextos. Isso se aplica não apenas aos elementos históricos do passado, mas também aos do futuro. E tanto o passado quanto o presente e o futuro são necessários para que se possa falar de um conhecimento histórico válido. Pois, embora o presente seja urgente, a compreensão do passado é ainda mais urgente, pois sem ela o presente não pode ser compreendido. Se, por algum motivo, alguém quisesse evitar isso, essa verdade passada não permitiria que a nova verdade se desenvolvesse. O contexto antigo ainda teria a maior quantidade de vontade, impedindo a passagem da nova vontade. Ele a manteria como uma âncora no passado, tornando-a sua escrava perpétua. Arrastando correntes...

Além da identificação dos pontos do contexto histórico, também é necessário identificar corretamente as reações que são feitas a partir dele. Essas reações, tanto em nível de sentimento quanto de conhecimento, são precisamente onde ocorre a criação transformadora da história. Portanto, pelo menos no que diz respeito a este estudo, essas reações serão estudadas da mesma forma que se estuda o desenvolvimento da vontade da consciência.

E, com relação a isso, a vontade, em todas as suas formas, é algo que também não poderia ser ignorado nesta pesquisa. Hoje, parece desnecessário dizer que a presença dessa vontade é mais do que evidente na história. Onde tudo ainda parece ser influenciado pela vontade inautêntica de alguns poucos que acreditam erroneamente que a representam. Isso é

tão claro para nós que negar a vontade na história hoje é tolice. Pois chegamos ao ponto em que a própria filosofia parece estar nas garras de uma academia que é incapaz de governar a si mesma. Ela acaba sendo dominada por interesses políticos externos ao desenvolvimento acadêmico. Sem dúvida, há muitos acadêmicos hoje que, em vez de apoiar essa questão, simplesmente sentem que estão de mãos atadas. Mas, independentemente de suas boas ou más intenções, a vontade autêntica da filosofia não pode ser interrompida só porque a academia não quer se mexer. A filosofia nasceu sem ela; e certamente também pode morrer sem ela. A vontade genuína sempre se afirma.

Quando se fala de vontade e de vontade autêntica, obviamente se está compreendendo a realidade. Obviamente, estamos entendendo a realidade principalmente do ponto de vista da filosofia nietzschiana e hegeliana. Embora Hegel geralmente se refira a essa vontade como "desejo". Mas, de qualquer forma, tanto a vontade nietzschiana quanto o desejo hegeliano tentam representar a mesma força instintiva que leva qualquer ser a agir como algo. Esse instinto está sempre pendente do desejo de algo. E é precisamente esse "querer algo" que o leva a agir. Essa ação parece estar diretamente relacionada ao movimento histórico. Provavelmente mais intimamente relacionada do que a ordem dialética. Portanto, devido à perspectiva que o contexto histórico atual oferece, é necessário, para os fins deste estudo, tentar entender a história do ponto de vista da vontade desejante.

Portanto, para concluir, o objetivo deste livro é esclarecer os ares. Esclarecer um pouco dessa confusão nebulosa e ser capaz de identificar claramente os desafios que essas mudanças exigem. E as ferramentas que serão usadas para isso são imanentes à consciência do sangue novo. Em primeiro lugar, haverá uma forte ênfase no contexto histórico do sangue novo como ponto de partida para a filosofia renovada. E isso, levando-se em conta apenas a

aspiração a um conhecimento básico, que consiste simplesmente em apontar os pontos de inflexão históricos e suas reações subsequentes a eles. Além disso, essas reações serão estudadas da mesma forma que a vontade da consciência é estudada. Entretanto, a possibilidade de uma ordem dialética não é totalmente negligenciada.

Quanto aos pontos do contexto histórico. Este estudo se concentrará em dois pontos em particular, que são de grande relevância para os propósitos deste livro. É um tanto ineficaz limitar-se a esses dois pontos históricos, mas, dada a urgência do problema, é mais apropriado concentrar-se mais no último.

O primeiro ponto de contexto é o que dá início à pós-modernidade. Apesar de ter uma cortina de fumaça sobre ela, que às vezes até parece ser uma cortina de fumaça intencional, ela acaba se revelando nos últimos suspiros da pós-modernidade moribunda. Sua vida inteira passa diante de seus olhos, revelando sua verdade.

O segundo ponto de contexto é aquele que encerra a pós-modernidade, mas também inicia a nova era. Ela já está sendo chamada por alguns de "Metamodernidade". Embora existam algumas críticas a esse nome, para fins de explicação, limitar-nos-emos a chamá-lo assim a partir de agora.

Além da identificação precisa dos dois contextos históricos, também procuraremos identificar as respectivas reações que se desenvolvem a partir de cada ponto. Isso nos ajudará a esclarecer o comportamento da vontade de cada paradigma e também a explorar o comportamento da própria vontade.

Para concluir esta introdução, há um último aspecto a ser esclarecido. Como você já pode imaginar, a análise da segunda reação, a reação da metamodernidade, traz consigo algumas questões problemáticas. Pois não estamos mais falando de uma simples análise do passado, mas de uma previsão do futuro. Por esse motivo, este estudo será realizado com muita cautela, levando em conta apenas os pontos mais gerais. Não é possível prever o futuro com certeza, mas é possível ter uma ideia mais ou menos clara dos desafios que o futuro reserva. Tanto pelos padrões de reações passadas quanto pelos próprios sentimentos que a metamodernidade já está expressando hoje. Ainda não é possível dar respostas aos problemas da metamodernidade, mas é possível começar a fazer as perguntas certas.

### *Revisão literária da metamodernidade*

Só começamos a falar de "metamodernidade", propriamente dita, há pouco mais de uma década. E ela ainda é tão difusa que grande parte da filosofia atual nem sequer a tem no radar. Esse novo paradigma começa apenas como um mero movimento cultural. Ou seja, começa como uma intenção puramente emocional. Que de forma tímida, mas perseverante, tem feito sua presença ser sentida nas manifestações artísticas. E, devido a essa perseverança em termos de cultura, começa a ser considerado não apenas como um sentimento passageiro, mas como uma mudança mais ou menos autêntica na maneira como o mundo é percebido.

Apenas no nível do sentimento, não se pode falar de conhecimento real. Entretanto, a constância desse sentimento metamoderno acaba fazendo com que ele comece a se manifestar mais claramente, o que, por sua vez, cria as primeiras tentativas de conhecimento metamoderno. Entretanto, tanto o conhecimento quanto os sentimentos que serão discutidos nesta revisão da literatura não fazem parte da metamodernidade propriamente dita. Eles são, de fato, parte de uma realidade anterior à verdadeira metamodernidade.

Em outras palavras, esse sentimento que será discutido aqui é, de fato, próprio da pós-modernidade ainda. Essa opinião não é compartilhada pelos autores que analisaremos agora, por isso vale a pena esclarecer isso antes de analisá-los. Eles consideram que a metamodernidade "já é", mas, como veremos a seguir, essa metamodernidade ainda não é, mas quer se tornar. Como a mãe que começa a nutrir o feto antecipadamente, para seu posterior nascimento. Esse sentimento do qual estamos prestes a falar é de fato pós-moderno; mas como a pós-modernidade já se sente tão moribunda, esse sentimento tende a ser orientado mais para o devir do que para o agora. Essa atitude está presente nas tentativas de alguns autores, principalmente de língua inglesa, que serão discutidas em breve. Por enquanto, é apropriado começar analisando o mero sentimento. Em outras palavras, agora nos proporemos a explorar brevemente a proto-metamodernidade apenas como um movimento cultural.

Em *notas sobre a metamodernidade*, Vermeulen e Van den Akker nos contam como essa nova tendência proto-metamoderna em todas as dimensões da arte surgiu gradualmente. Eles fornecem uma citação de um crítico conhecido que, após ter sido traduzida do original em inglês, é um tanto orientadora:

O proeminente crítico de arte americano Jerry Saltz também observou o surgimento de outro tipo de sensibilidade que oscila entre crenças, suposições e atitudes: Estou percebendo uma nova abordagem para a criação de arte em exposições recentes em museus e galerias. Ela se destacou na exposição "Younger Than Jesus" (Mais jovem que Jesus) do New Museum no ano passado, e também estou fazendo um tour pela Whitney Biennial, e estou vendo-a florescer e dar frutos na "Greater New York", a extravagância duas vezes por década de talentos locais emergentes. É uma atitude que diz: "Sei que a arte que estou criando pode parecer boba, até mesmo estúpida, ou que poderia ter sido feita antes, mas isso não significa que não seja séria". Ao saber o que é arte para si mesmos, sem medo e sem vergonha, esses jovens artistas podem não apenas ver a distinção entre seriedade e desapego como artificial; eles entendem que podem ser irônicos e sinceros ao mesmo tempo, e estão fazendo arte a partir desse estado mental composto-complexo; o que Emerson chamou de "majestade alienada".<sup>19</sup>

Em vista dessa atitude, o sentimento proto-metamoderno reflete, antes de tudo, uma certa experimentação, que ainda não parece ter uma estrutura totalmente definida. No entanto, a proposta está presente.

Mas há uma parte desse sentimento que já pode ser percebida de forma mais conceitual. É que esse sentimento traz consigo a proposta de uma tentativa implícita de negação, mas é uma negação que, por sua vez, também deseja ir além do que foi proposto anteriormente. As novas expressões acabam tomando rumos que não podem mais ser explicados do ponto de vista da pós-modernidade. Pois enquanto a arte pós-moderna se caracterizava pela ausência de grandes narrativas, ou pela ausência total de narrativa, a arte proto-metamoderna busca uma espécie de mistura de opostos, na qual ainda há um desejo primitivo de integrar tanto o fragmentário quanto a totalidade. Vermeulen e Van den Akker tentam esclarecer essa ideia com as seguintes conclusões em sua pesquisa:

A sensibilidade pela qual as artes buscam se expressar nos levou exatamente a essas três proposições: um ser deliberado fora do tempo, um ser intencional fora do lugar e a afirmação de que essa atemporalidade e esse deslocamento desejados são realmente possíveis, mesmo que não o sejam. Se o moderno, portanto, se expressa por meio de

---

<sup>19</sup> Saltz, Jerry. "Notes on Metamodernity" [Notas sobre a Metamodernidade]. The New York Times, 25 de março de 2012. Web. 25 de março de 2012.

uma sintaxe utópica, e o pós-moderno se expressa por meio de uma parataxe distópica, o metamoderno, ao que parece, se expõe por meio de uma metaxis tópica.<sup>20</sup>

Assim, se o moderno sugere ordenação temporal e o pós-moderno implica desordem espacial, então o metamoderno deve ser entendido como um espaço-tempo que não é nem ordenado nem desordenado. O metamodernismo desloca os parâmetros do presente com os de uma presença futura, que não tem futuro; e desloca os limites de nosso lugar com os de um lugar surreal que não tem lugar. De fato, esse é o "destino" da mulher e do homem metamodernos: buscar um horizonte que está sempre recuando.<sup>21</sup>

Levando isso em conta, pode-se determinar, em primeiro lugar, que nesse sentimento, além de buscar uma experimentação, ele também deseja expressar uma clara intenção de confusão com relação a essa experimentação. Refletindo explicitamente a grande nebulosa de contrariedade que envolve a realidade atual. Além disso, essa expressão sentimental também reflete um fenômeno estranho. Ela reflete o desejo de se libertar das correntes que o aprisionam, mas ele sente que, mesmo que queira se libertar, isso não é possível. Pois as correntes não cedem, e ele ainda está preso ao passado. Esse sentimento ainda é aprisionado pelo desejo de "tentar escapar da matriz", o que é típico da pós-modernidade. Essa questão ainda está viva, nesse sentimento. Mesmo que agora ele esteja muito mais descontente.

Em continuação, a segunda coisa que esse sentimento quer expressar é ainda mais interessante. Ele quer dar a entender que aspira a algum tipo de reconciliação de opostos. Uma reconciliação entre o totalizante e o fragmentário. O que, em muitos casos, tenta ser alcançado por meio de um tipo de ironia. Um termo que não é usado apenas pelos proto-metamodernistas como algo puramente estético, mas que às vezes até tenta ser usado como um fundamento conceitual. O que é questionável, mas é algo que acontece.

---

<sup>20</sup> Timotheus Vermeulen e Robin van den Akker. "Notes on metamodernity", *Journal of Aesthetics & Culture*, 2:1, 5677 (2010), pp. 12

<sup>21</sup> Vermeulen e Van Den Akker. "Notes on metamodernidade", 5677.

Além disso, há outro ponto importante a ser observado sobre esse sentimento proto-metamoderno. Em muitas de suas manifestações, não todas, mas muitas, essa assimilação de opostos tenta se manifestar como uma espécie de reconciliação de opostos, mas que tenta satisfazer a ambos. Assim, tentando reconciliar inimigos de longa data e tentando encontrar um meio-termo. Uma atitude que reflete mais a tibieza do que qualquer outra coisa.

Esse meio-termo não é a verdadeira natureza de uma dialética de superação. Tampouco é uma atitude verdadeiramente criativa em seus fundamentos. É antes uma tentativa de assimilação que busca outras alternativas à superação. Mas que termina, ao que parece, em uma certa estagnação que não consegue avançar. Não porque não queira avançar, mas porque o próprio sentimento não encontra as ferramentas necessárias para isso.

Isso se deve, em grande parte, à ausência de um "outro" necessário, que represente aquele forte ponto de virada histórico que está faltando. Isso ainda nos impede de falar de um novo paradigma. Pois, como já dissemos, um estágio histórico não é nem deixa de ser, mas somente quando o novo contexto tira o trono do contexto anterior. E esse trono só pode ser retirado se houver o mesmo escopo de vontade por trás dele. Portanto, estamos falando de um ponto muito forte do contexto, que ainda não foi dado.

O que foi dado, no entanto, é um ponto menor. Incapaz de tomar o trono do grande, mas que começou a gerar dúvidas sobre ele. Esse ponto menor é representado pela crise econômica de 2008, que, juntamente com o sentimento que essa crise causou anteriormente, deu origem a essas primeiras manifestações proto-metamodernas que agora estão sendo

analisadas. Entretanto, a crise de 2008 não demorou muito para se recuperar e continuar no mesmo caminho de sempre. Essa continuação da tendência é o motivo pelo qual não é considerada o ponto definitivo que conclui uma época. Portanto, essas teorias proto-metamodernas, na realidade, ainda estão incompletas. Isso se reflete na timidez de suas propostas. No entanto, elas são úteis para entender os desafios da verdadeira metamodernidade. Mesmo que estejam incompletas.

Tendo deixado claro, então, que a metamodernidade "ainda não é". E o que "é" é a proto-metamodernidade. Podemos agora explorar as tentativas filosóficas que já foram feitas com relação a essa proto-metamodernidade. A origem da proto-metamodernidade no nível da literatura filosófica parece ter suas raízes mais profundas nas filosofias sociológicas mais recentes. Essas, embora criticadas por alguns, são capazes de ver uma realidade simples, o que é suficiente como inspiração para desenvolver uma filosofia complexa a partir delas. Exemplos de filosofias sociológicas, como as de Gilles Lipovetsky, Byung-Chul Han e Alan Kirby, demonstram um conhecimento que, embora não seja totalmente estranho ao pós-moderno, seu tom tem conotações negativas para a pós-modernidade.

Termos como "hipermoderno" de Gilles, "digimodernidade" de Kirby e os conceitos de Chul-Han, que não têm nome definido, mas que se aproximam da "modernidade líquida" de Bauman, são tentativas de representar essa nuance diferente que está começando a aparecer na realidade. E essas representações são frequentemente feitas por esses filósofos com uma clara intenção de pessimismo e rejeição. Não se pode dizer que sejam tentativas genuínas de negação, mas a intenção emocional está presente. Ainda não no nível de um conceito desenvolvido, mas há o emocional.

Depois dos filósofos analíticos. As primeiras tentativas de negação propriamente dita começam a ser feitas. Eles queriam dar um conceito a essa proto-metamodernidade. E antes de entrar nesse assunto, é preciso deixar claro que essas primeiras tentativas foram feitas exclusivamente na língua inglesa. Devido à proximidade do inglês com o coração da filosofia acadêmica atual. Que hoje parece estar na academia americana e que, por sua vez, se baseia na academia francesa de algumas décadas atrás. Os mais influentes parecem ser Hanzi Freinacht, Robin van den Akker, Timotheus Vermeulen e Jason Ananda. Entretanto, essas tentativas mais recentes de desenvolvimento filosófico, embora aparentemente bem-intencionadas, podem ser enganosas devido à sua falta de embasamento.

Essas novas tentativas tentam desenvolver a proto-metamodernidade. Mas elas o fazem com base em um conceito tão vago que, em muitos casos, o que elas acabam fazendo é partir de um mero sentimento em vez de uma teoria do conhecimento em si. Nesse sentido, os livros de Hanzi, por exemplo, pretendem propor um novo paradigma político, sem sequer ter definido o que significa metamodernidade em primeiro lugar, ou onde ela começa. Querer propor uma perspectiva política totalmente nova parece bastante precipitado para a situação em que essa proto-metamodernidade incompleta se encontra. Especialmente levando-se em conta que a política está sempre ligada à ideologia. Ideologia que, por sua vez, deriva da filosofia. Essas teorias, portanto, não parecem estar bem fundamentadas. Portanto, elas deveriam ser chamadas de "especulação política" em vez de teoria política. Além disso, também vale a pena mencionar como os livros de Hanzi são, às vezes, arrogantes. Eles acabam quase beirando o narcisismo. Mas bem... o que se pode esperar de um filósofo que foi financiado pela burguesia para se refugiar nos Alpes, longe de qualquer outra coisa...

Mas voltando ao problema da proto-metamodernidade. Toda a nebulosa de obscuridade que existe em torno de seus conceitos é precisamente criada por essa falta de um ponto forte de contexto, que ainda não foi dado. Sem dúvida, 2008 foi um evento catastrófico que, a princípio, parecia ser o ponto de virada definitivo. Mas não demorou muito para se recuperar e voltar à mesma situação anterior. Portanto, pode-se afirmar que todas essas manifestações proto-metamodernas, em vez de uma mudança definitiva, são mais uma espécie de "fuga" ou "fratura". Isso não pode dar origem à metamodernidade em toda a sua plenitude, mas pode oferecer uma orientação válida com relação a ela.

E a orientação que ela oferece, pelo menos à primeira vista, é a de uma tentativa tímida de reconciliação. Mas essa timidez só aparece depois que a crise foi resolvida. Mas quanto ao sentimento sobre a própria crise, no auge do desespero, ele pode muito bem ser bem diferente dessa tímida indiferença. Esses lampejos de ódio que ocorrem durante os momentos de "fuga" podem muito bem indicar que a metamodernidade não é necessariamente um abraço carinhoso que busca reconciliar inimigos de longa data. Às vezes, ela aparece mais como uma espécie de "vá se foder" ou um gesto obsceno de abanar os dedos. Expressões culturais em filmes e videogames, como *Breaking Bad*, *Fight Club* e *Grand Theft Auto V*, são representantes que, apesar de sua aparente vulgaridade, acabam sendo manifestações precisas da parte mais convulsiva do sentimento metamoderno. Há também manifestações culturais menos convulsivas, e talvez até mais profundas, como os filmes *HER* e *Interstellar*.

Essas manifestações podem indicar que, por trás dessa aparente timidez, há um sentimento ainda mais forte do que pode ser visto a olho nu. Há um sentimento ainda mais forte do que o que pode ser visto a olho nu. Pois ele só foi apaziguado pela fugacidade da

crise de 2008. Esse sentimento, então, de fato tem tanta persistência e potencial que certamente pode ser considerado como um proto-sentimento de algo maior do que ele mesmo. E esse algo maior que viria a seguir poderia muito bem ser uma nova era. Esses são os primeiros vislumbres do que se tornaria a metamodernidade autêntica.

## Capítulo 2: Encontrando o contexto pós-moderno [contexto].

A história sempre foi um elemento complexo de se analisar, quanto mais de prever. Pois ela está inevitavelmente ligada a um problema ainda maior, que é o tempo. E o tempo, além de ser complicado de entender, é algo que também instiga um terror indescritível. Essa realidade sombria, que às vezes quer se assemelhar à de um temível buraco negro, no qual se pode entrar, mas do qual não se pode sair. Ou talvez se assemelhe a uma nova dimensão, no centro da qual há um relógio colossal, que faz a contagem regressiva dos segundos antes da destruição do universo. Ou talvez possa se manifestar como Kali, a primeira besta, a divindade hindu, que orgulhosamente acena com as cabeças decapitadas de seu colar, antes de seu ato de destruição total.

Por mais obscuro que o tempo possa parecer, ele está indivisivelmente ligado à realidade do homem. Portanto, querer se posicionar como seu inimigo apenas acentuará o domínio que ele tem sobre a filosofia. Nesse sentido, as teorias pós-modernas de "fuga da matriz", de "fuga do tempo", são um erro fatal, que só piorará a situação. Ao contrário, a nova filosofia metamoderna não quer escapar do tempo; ela quer se tornar uma com ele. Ela aceita plenamente a circunstância histórica na qual está imersa e responde da melhor forma possível aos desafios que o destino lhe deu.

Portanto, é apropriado que o estudo faça uma análise histórica. E essa análise, como já mencionado, deve começar pela identificação do primeiro ponto de inflexão. O primeiro ponto que marca o início da pós-modernidade e o fim da era anterior (a era contemporânea). Entretanto, para identificar corretamente esse ponto de contexto, também é necessário identificar o desenvolvimento histórico anterior que levou a esse ponto de contexto. Somente

conhecendo seu passado, é possível entender o próprio ponto de contexto com muito mais clareza.

Quanto a esse desenvolvimento histórico, como já mencionado na introdução, parece que a consciência e a vontade, ambas juntas, são os verdadeiros determinantes dele. Pois esse desenvolvimento não é apenas repetição, mas também criação. Portanto, seu estudo requer uma integração necessária da história. Mas da história sob a perspectiva da vontade-consciência, e não de uma ordem metódica. Integração que não precisa necessariamente ser alheia à razão.

Quando falamos de vontade, o início de sua jornada geralmente não é tão importante quanto o seu fim. Afinal, a vontade deve dar o primeiro passo conforme suas possibilidades permitirem. E na grande maioria dos casos, de fato, a vontade não tem preparação suficiente para isso. E, geralmente, esse primeiro passo é dado com muita falta de jeito. Em muitos casos, a vontade tem até medo de dar esse primeiro passo; mas, por ser vontade, ela dá o primeiro passo com medo. Seu desejo é maior que seu medo e ela se atreve a agir sem ter certeza. Isso naturalmente provoca erros, mas é um erro necessário do qual a habilidade geralmente procede. E quanto ao ponto de partida, ele não é tão importante para a vontade quanto é para a consciência.

Para a consciência, ao contrário do primeiro animal, a realidade aparece para ela de maneira oposta. Os começos tornam-se muito importantes para o seu desenvolvimento posterior e, ao contrário, os fins aparecem para ela como um fenômeno conclusivo, que não poderia ser de outra forma e que ela já havia previsto há muito tempo. O fim é simplesmente a convergência de todos os desenvolvimentos anteriores. Em contraste com a vontade, o

início não é visto como um salto de fé, mas como um determinante importante. Ou, pelo menos, é percebido pela consciência dessa forma.

E em tudo isso, vale a pena esclarecer que quando dizemos "consciência" ou quando dizemos "vontade", não estamos nos referindo a uma pessoa específica ou a um grupo específico. Por "consciência", não se refere especificamente aos filósofos, nem por "vontade" ao povo. Em vez disso, esses dois elementos são vistos mais como forças independentes de qualquer ser individual. Ou seja, a consciência não é a consciência de um ou de outro; é a consciência em sua totalidade. O mesmo acontece com a vontade. Esses dois elementos, em seus sentidos mais universais e autênticos, parecem ser os candidatos mais promissores para explicar o movimento da história. Pelo menos no nível que este estudo exige.

Embora, como já foi dito na introdução, essa visão não seja compartilhada pela pós-modernidade. Ela nega tanto a consciência quanto a vontade. Assumindo que apenas a estrutura é relevante para o desenvolvimento histórico. Isso, para fazer um comentário, é semelhante aos charlatães que defendem a astrologia como um absoluto. Assumindo que é a ordem imposta pelas estrelas que molda a realidade e negando todo o resto. E esse ridículo é, de fato, também algo semelhante à razão pura de Kant. Que estabelece um conjunto de regras imutáveis, que negam o mundo e tiram todo o significado da realidade em que vivemos no agora.

Levando em conta as posições muito diferentes do pós-moderno que serão apresentadas aqui, é necessário, antes de iniciar a exposição dos capítulos deste livro, fazer uma declaração importante. Devido ao contexto histórico em que esta exposição foi escrita, ela pode ser considerada como parte da nova consciência metamoderna. Portanto, devido ao

desejo de se diferenciar da filosofia anterior não transparente, optou-se por deixar bem claras as posições dessa nova filosofia. Essa nova filosofia, que está sendo escrita aqui, é completamente tendenciosa, desde a parte mais profunda de si mesma. Portanto, ela tem a intenção de negar a pós-modernidade em seu fundamento. Portanto, ela buscará medir a pós-modernidade com o mesmo critério com o qual ela tem sido medida.

Quanto ao motivo pelo qual o contexto metamoderno exige essa postura negacionista, isso é algo que se tornará mais claro com o decorrer dos capítulos. Entretanto, pelo menos em termos de intencionalidade, vale a pena mencionar a tendência que essa postura seguirá. Tendo esclarecido as intenções do contexto metamoderno, pode-se agora começar com a iniciação e o desenvolvimento do que pode ser chamado propriamente de conhecimento.

Para iniciar a busca por esse primeiro ponto de contexto, é necessário analisar o desenvolvimento histórico anterior que levou a esse ponto. Além disso, também é necessário mencionar que a identificação desse ponto de contexto não é algo consensual na filosofia. Ou seja, os pós-modernistas ainda estão indecisos sobre qual foi o ponto histórico que os iniciou. A pós-modernidade é totalmente desprovida de consciência histórica. Portanto, é tarefa da metamodernidade refletir sobre isso do zero.

Portanto, antes de mais nada, é apropriado refletir brevemente sobre as alternativas. Vários candidatos foram propostos no decorrer do desenvolvimento da pós-modernidade. Alguns afirmam que ela começa com a queda do Muro de Berlim, que termina com a derrota do marxismo em sua totalidade. Outros afirmam que ela começa com as revoltas estudantis de 1968, que é uma manifestação da consciência estruturalista. Outros ainda afirmam que começa com o início da Guerra Fria na década de 1950 e outros ainda afirmam que começa

no início do século XX, por volta de 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, que encerra a era anterior como era conhecida.

Toda essa disparidade acaba gerando mais confusão do que certeza. A pós-modernidade, durante a maior parte de sua história, teve esse ponto de partida em uma nebulosa de ambiguidade. Uma nebulosa que, em algumas ocasiões, parece até ser auto-imposta pela própria pós-modernidade, que não se atreve a revelar sua verdade. Mas, de uma forma ou de outra, o esclarecimento final desse ponto de partida é de extrema importância para a compreensão da pós-modernidade. Sem a identificação correta desse ponto, não só é impossível compreendê-lo, mas também é impossível perceber a negação subsequente que a metamodernidade deseja fazer dele. Pelo menos não em termos fundamentais.

Apesar de toda a ambiguidade envolvida, esse ponto inicial do contexto finalmente se revela no mero fim da pós-modernidade. Como se a vontade já estivesse se preparando para mudar de lado. Ou como se toda a vida da pós-modernidade estivesse passando diante de seus olhos, em seu leito de morte, revelando sua verdade autêntica no final de sua vida.

Esse ponto específico é, de fato, uma conversa que tem sido evitada de várias maneiras. Da mesma forma que a conversa sobre a Segunda Guerra Mundial é frequentemente evitada. Pois essa guerra, que teve extrema relevância para o desenvolvimento histórico subsequente, foi esquecida em nível filosófico. Tomando apenas a filosofia, para o assunto de Auschwitz. Auschwitz aqui, Auschwitz ali, Auschwitz em toda parte. Essa guerra merece ser analisada em sua totalidade, e não apenas no fragmento que o pós-moderno deseja.

*O ponto de partida do [subcontexto] pós-moderno.*

Essa guerra é a chave para encontrar esse ponto de virada nebuloso. Por mais que se tente deixar o início pós-moderno em fragmentação, ele se torna unitário, evidente e cristalino quando nos aproximamos do fim pós-moderno. A pós-modernidade tem seu início concreto em 2 de setembro de 1945. No momento em que o Japão assina formalmente a rendição incondicional, diante da ameaça iminente de sua extinção, proporcionada pela maior força destrutiva conhecida pela humanidade até então. É a bomba nuclear, o contexto a partir do qual se inicia a pós-modernidade.

E talvez se possa pensar... "mas não foi a bomba, foi a rendição". Ou não foi a rendição, mas a bomba. E mais, não foi apenas uma bomba, mas duas bombas! Como se pode falar de um ponto! Esse ponto de contexto, que pode parecer três pontos separados, é na verdade o recipiente de todos os três em um único elemento.

Pois esse ponto, que parece começar com a primeira bomba de Hiroshima, na verdade tem sua origem na Segunda Guerra Mundial. Pois é toda a violência da guerra, que acaba convergindo toda a sua energia, na primeira bomba. Bomba que só acaba se reafirmando com a segunda bomba em Nagasaki. Entretanto, tanto a primeira quanto a segunda bomba provêm do mesmo tipo de poder para o qual converge toda a violência da guerra. E esse poder nuclear, que contém as duas bombas dentro de si, por sua vez, leva ao sentimento de terror diante da extinção nuclear. Mas esse terror não é algo independente das bombas, mas é a evolução delas; essas bombas também não são independentes da guerra, mas a evolução

conclusiva dela. Esses dois pontos anteriores, tanto a primeira bomba quanto a segunda, acabam moldando a conclusão final. Que é o terror da extinção nuclear, que se manifesta na rendição formal japonesa, que possui em si todos os outros elementos juntos.

Embora, à primeira vista, esses elementos possam parecer três pontos separados, em uma inspeção mais detalhada, eles aparecem claramente como uma ideia central que contém todos os pontos. O mais fundamental desses pontos é "o terror da extinção nuclear resultante da violência da guerra". Isso representa a unidade conceitual, que poderia ser chamada de ponto de contexto final. Esse terror não mantém apenas os japoneses prisioneiros, mas até mesmo os lados vencedores aprisionados. Como veremos mais adiante.

Você pode imaginar como deve ser a sensação de estar acostumado a uma guerra de bombas convencionais e acordar uma manhã em Hiroshima e vivenciar essa situação. Imagine que você é essa pessoa e, de sua cama no porão de sua casa, você acorda um dia e olha o relógio para ver se está atrasado para o trabalho e começa a notar algo estranho. O ponteiro dos segundos começa a desacelerar e, quanto mais avança, mais lento parece ficar... até que finalmente para. Ele se assusta com um clarão vindo da escada, seguido de um forte solavanco, que o faz sair do porão e se deparar com uma cena indescritível. Seu vizinho de toda a vida está agora completamente incinerado, na mesma posição em que ele estava regando as plantas na varanda. Isso faz com que você reaja e rapidamente comece a procurar seus filhos, que costumavam brincar na calçada todas as manhãs; você os encontra, mas não entende que agora eles não passam de um pontinho na rua. Desorientado, você tenta entrar em sua casa para se certificar de que ainda está em sua cama e que isso é apenas um pesadelo, mas percebe que metade da sua casa desapareceu e metade do seu cachorro também, devido à onda de choque. Ainda mais desorientado, ele decide subir a um lugar alto para entender o que

estava acontecendo e acaba encontrando a cena apocalíptica de sua cidade natal reduzida a uma pilha irreconhecível de escombros fumegantes. Toda essa destruição acontece em menos de 30 segundos. Depois de se beliscar e perceber que não está em um sonho, começa o verdadeiro terror de tudo isso.

O mundo, mesmo com tudo o que a guerra significava, não estava preparado para tal nível de destruição em um período tão curto. O terror tomou conta não só dos japoneses, mas também dos próprios americanos, que, mesmo do lado vencedor, viram a iminente extinção total que esse novo tipo de poder era capaz de provocar. Pois eles sabem que essa arma logo será copiada e, mesmo que não seja copiada, é sempre possível que seja usada de forma irresponsável pelo mesmo país. De fato, não foram poucos os americanos que consideraram irresponsável e desnecessário um ataque nuclear ao Japão.

Esse terror só aumentou quando, imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, começou um novo tipo de guerra. As duas potências restantes esqueceram seu falso pacto, que só foi mantido por medo de um inimigo comum, e se lembraram imediatamente de seu próprio conflito. As duas potências rapidamente se nuclearizam e começam a competir pelo domínio do mundo. Embora não mais em uma guerra quente, mas em uma guerra fria.

Todo esse terror da energia nuclear, esse medo da extinção total, é precisamente o contexto histórico do qual parte a pós-modernidade. E isso naturalmente determina seu apego à vida, que será mais bem esclarecido em sua reação subsequente. Mas isso é algo que será explicado mais tarde.

*O que significa esse ponto histórico [subcontexto]?*

Por enquanto, uma pré-conclusão pode ser tirada de tudo isso. Ao afirmar que o terror da extinção nuclear resultante da violência da guerra é precisamente o contexto histórico pós-moderno, em toda a sua precisão. Pois, além da singularidade do evento, ele é obviamente historicamente relevante. E não apenas no nível histórico dos países envolvidos, mas no nível da história universal que envolve todo o globo. Essa mudança não se limita apenas à área militar, mas acaba afetando também todas as outras esferas, incluindo mudanças tecnológicas, políticas, legais, sociais e até filosóficas. Dessa forma, conclui-se drasticamente todo o movimento da história anterior, dando base para a história posterior. E isso, com tanta relevância, que pode ser chamado com segurança de "um separador de épocas".

Essa tese, que pode parecer um tanto precipitada, deve ser sustentada com cautela. Somente assim será possível identificar corretamente esse ponto de inflexão sem cair no erro da pressa. Para entender esse ponto de contexto, que dá início ao pós-moderno, é necessário analisar também o movimento anterior que levou a esse ponto de contexto. Dessa forma, será muito mais claro analisar tanto o ponto de contexto em si quanto a reação subsequente que o pós-moderno virá a fazer dele. Somente conhecendo o passado é que o presente pode ser esclarecido.

O que o fim da guerra simboliza em seus aspectos mais filosóficos? A guerra começou como um confronto de vontades. Todas essas vontades claramente encontraram suas respectivas raízes conceituais na modernidade e na era contemporânea. Não é preciso dizer que existe uma relação estreita entre Hegel e o marxismo, e uma relação ainda mais estreita

entre o marxismo e o comunismo. Da mesma forma, o mercantilismo capitalista da burguesia vem, por sua vez, do pragmatismo, do empirismo e alguns até afirmam que suas raízes mais profundas estão no absolutismo do "eu", que Descartes gera, dando origem à burguesia. Esses dois elementos, capitalismo e marxismo, colidem no coração da Europa, dando origem a um terceiro elemento. O facismo, que, por sua vez, também se origina em grande parte das filosofias existencialistas, que também encontram sua origem na totalidade hegeliana. As variantes do facismo na Itália, no Japão e na Alemanha se baseariam na totalidade nietszchiana da vida e da vontade. Com um toque heideggeriano na versão alemã.<sup>22</sup>

Dessa forma, a Segunda Guerra Mundial pode ser entendida como um choque entre as grandes narrativas da modernidade. De um lado, no capitalismo; com o conservadorismo cristão, a ideia de prosperidade que o mercantilismo capitalista traria e de uma suposta liberdade individual como caminho. E, por outro lado, a supremacia da massa sobre o indivíduo, a absolutez da matéria, o valor da nação e o triunfo da vontade e da vida. Todas essas grandes narrativas colidem umas com as outras como três grandes massas. Como se fossem três brontossauros adultos<sup>23</sup>, que estão empenhados em eliminar um ao outro. E cujo confronto, no final, parece não ter outro sentido a não ser o da própria violência.

Esse choque de grandes narrativas deixa em seu rastro um enorme rio de sangue e destruição capaz de aterrorizar até mesmo o combativo homem europeu. E chega ao ponto de intoxicar todo o continente com tamanha violência que todos imploram pela paz, de todos os lados; de todos, menos de um... Mas, independentemente disso, a guerra é terrível para todos e só termina com a bomba nuclear. A força mais destrutiva já conhecida. Essa é a gota d'água

---

<sup>22</sup> As posições políticas, por sua vez, geralmente se baseiam em posições filosóficas. Esses filósofos são, então, em certo sentido, precursores teóricos da práxis posterior que seria feita deles na política.

<sup>23</sup> Um dos maiores e mais pesados dinossauros terrestres de que se tem registro. Facilmente identificado por seu pescoço longo, semelhante ao da girafa.

para a guerra e que acaba sucedendo o apocalíptico. Não estamos mais diante da vitória ou da derrota, mas diante do extermínio total. A guerra superou a si mesma, e isso levou à sua conclusão final.

A consciência pós-moderna se lembra bem disso, mesmo que não goste de admitir. O terror da aniquilação iminente de todo o planeta foi exatamente o que moldou a reação de sua vontade instintiva. Esse testemunho de como as grandes narrativas são capazes não apenas de destruir umas às outras, mas de tentar destruir o planeta inteiro no processo, é indelével na memória pós-moderna. Tudo isso acontece, sob a perspectiva da pós-modernidade, por causa do desejo pelo absoluto que as ideias modernas possuíam dentro de si. Isso, por sua vez, reflete suas origens absolutistas em Hegel.

### Capítulo 3: A reação pós-moderna, a proteção da vida [contexto].

O terror é uma coisa estranha,  
Uma coisa que não pode ser vista ou tocada.  
É uma sensação no estômago,  
Um sentimento de medo e apreensão.

O terror pode vir de muitas coisas,  
De um barulho na noite,  
De uma figura nas sombras,  
Ou de uma ideia que não conseguimos entender.

Quando o terror nos visita,  
Ele pode nos paralisar,  
Pode nos fazer correr,  
Ou pode nos transformar em pedra.

Mas o terror não é todo-poderoso,  
Não é invencível.  
Podemos enfrentar o terror,  
Podemos superá-lo,  
E podemos sair vitoriosos.<sup>24</sup>

A Segunda Guerra Mundial termina, a cortina se fecha em seu trabalho, e agora a vontade pós-moderna precisa lidar com a dívida de sua conclusão. No início, há apenas um sentimento, um sentimento de profundo terror. Que é muito maior do que o sentimento de paz. O contexto histórico, que inaugura a nova época, é grande demais para ser esquecido. Esse sentimento visceral é tal que não se perde tempo algum, e é rapidamente proposto passar do sentimento ao conceito. O desejo de deixar essa sensação horrível para trás.

Depois vieram os julgamentos de Nuremberg e de Tóquio, para assimilar toda a questão. Eles tentam digerir tudo o que foi a guerra e, sabiamente, tentam não encontrar os culpados novamente, como foi feito na primeira guerra mundial. A culpa certamente é de todos. Todo o sangue ariano é o culpado, essa é a conclusão final desses julgamentos.

---

<sup>24</sup> Poe, Edgar Allan. "O Terror". Em *Tales of the Weird and Wonderful*, editado por James Southall Wilson, 13-18. Nova York: Dover Publications, 1996.

Nesses testes, porém, surge algo interessante. Como se saísse da manga de um mágico, o assunto de Auswitch vem à tona. Apesar do fato de que praticamente ninguém sabia nada sobre o Holocausto durante toda a guerra, ou mesmo um ano após seu término. Essa história aparece de repente na história. É verdade que os campos de concentração de prisioneiros eram um fato bem conhecido. Campos do Eixo, dos Aliados e soviéticos<sup>25</sup>. Entretanto, esses campos sempre foram considerados campos de prisioneiros, nunca campos de extermínio. Auswitch surge como uma surpresa. E também como algo que acaba sendo uma reafirmação extremamente forte do terror da extinção que a bomba nuclear já havia causado. A esse "evento" histórico, que convenientemente mais tarde levou à fundação do Estado de Israel, também se acrescenta uma espécie de âncora de segurança. O evento histórico do Holocausto é protegido por um escudo legal. É criada uma série de leis que praticamente proíbem o revisionismo histórico sobre esse evento em todos os países europeus envolvidos nele. É o único evento histórico até hoje em que o revisionismo não é possível devido a impedimentos legais. Curioso...

Mas essa pergunta sobre Auswitch é algo que exige uma resposta muito longa e traz suas próprias dificuldades. Além disso, ela acaba sendo uma pergunta que não é realmente muito relevante para a tarefa filosófica a ser proposta neste livro. Pois o evento de Auswitch nada mais é do que a reafirmação de um conceito que já estava presente na bomba nuclear e que, na verdade, nada mais representa do que a mesma coisa. É o mesmo terror da extinção como produto da guerra. Às vezes, as pessoas querem posicionar esse evento como extremamente relevante, porque, embora os japoneses tenham se rendido, o caso dos italianos

---

<sup>25</sup> Os Aliados tinham campos de concentração em várias áreas de seus respectivos territórios, talvez mais notavelmente em Manzanar, na Califórnia, e em Commonwealth, na Irlanda. Os soviéticos também teriam sua própria versão de campos de concentração chamados Gulags na Sibéria, que são bem conhecidos e geralmente considerados piores do que os campos de concentração do Terceiro Reich.

e, principalmente, dos alemães, foi diferente. Entretanto, no final das contas, é praticamente o mesmo terror da extinção, que simplesmente se reafirma. Portanto, é inútil para este estudo querer se concentrar demais em tal assunto.

Portanto, por enquanto, pode-se presumir que Auswitch aconteceu como os historiadores pós-modernos sempre contaram. A vontade pós-moderna, então, começa a transformar seu sentimento em conceito. Os julgamentos são concluídos em Nuremberg em 1946, seguidos pelos julgamentos de Tóquio em 1948. Com sua própria versão de Auswitch, no massacre de Nanjing. Que a China usaria mais tarde como uma arma diplomática. Embora essa narrativa tenha tido, de fato, muito mais relevância no Oriente do que no Ocidente.

Todo esse sentimento, a partir do qual a pós-modernidade começa, finalmente conclui no que seria o conceito da própria pós-modernidade. Aqui há finalmente uma criação de conhecimento, que mais tarde se tornaria um novo subponto do contexto. Esse conhecimento vem da intencionalidade sentimental que o contexto já havia produzido e que, por meio da dualidade de ambos, acaba gerando um conhecimento sobre ele. Esse subponto de contexto não deve ser visto como uma mudança de era, mas como uma mudança de estágio dentro dessa era. E, no início, ele não aparece como um ponto, mas como três pontos. A criação da ONU, a criação dos direitos humanos e as Convenções de Genebra. Essa tríade lembra alguma coisa?

*O primeiro conhecimento pós-moderno [subcontexto].*

A mesma tríade de brutalidade que inicia a pós-modernidade parece evoluir para uma nova tríade. E, assim como na primeira tríade, o que aparece como um conceito é, na realidade, uma coisa só. Da mesma forma, nessa segunda tríade, esses três momentos realmente convergem em uma única unidade conceitual. Que é "a proteção da vida a todo custo", esse é o conceito primordial do qual a consciência pós-moderna procede.

Aqui não falamos mais de um sentimento, mas de um sentimento que evoluiu rapidamente para fora de seu limbo e se tornou um conceito por meio do conhecimento. Essa é a primeira emanção do conhecimento pós-moderno, que encontra sua gênese nesses três eventos, que serão analisados a seguir.

A primeira coisa que é criada imediatamente é a ONU. Que hoje se tornou a gloriosa salvadora da humanidade. Tudo o que se pode dizer sobre ela é que é uma das primeiras manifestações do que talvez possa ser chamado de fragmentário, embora acabe sendo um tanto contraditório nesse sentido. Pois, embora contenha a fragmentação de diferentes vontades dentro de si mesma, ela busca encontrar uma vontade comum e absoluta. Ela tem como objetivo encontrar um acordo comum e absoluto, que contenha todas as outras vontades em seu interior, embora essas vontades sejam frequentemente opostas umas às outras. Outra coisa que pode ser dita sobre a ONU é algo mais fundamental do que a fragmentação de fato, e diz respeito aos objetivos de sua criação. A ONU veio ao mundo com o único propósito de evitar uma terceira guerra mundial. O que, em vista da iminente nuclearização dos Estados, seria apocalíptico. Portanto, a verdadeira lógica da ONU não é realmente a fragmentação, mas a proteção da vida a qualquer custo.

Imediatamente após a ONU, a vontade pós-moderna está ocupada criando uma série de "regras" a partir dela. Os direitos humanos foram criados pela primeira vez em 1948, três anos após o fim da guerra. Eles têm vários objetivos...

Antes de tentar penetrar nesse conjunto de regras, é necessário levar algo importante em consideração. Como ficou evidente, o fundamento mais primordial da consciência pós-moderna, no nível do conhecimento contextual, é a proteção da vida a todo custo. Entretanto, como também foi explicado em várias ocasiões, esse conhecimento não é estático. É algo que evolui com o desenrolar da história. E poderia ser chamado de cumulativo em muitos aspectos, pois não se esquece de sua verdade inicial, mas apenas a transforma. E, no caso da pós-modernidade, essa transformação é reafirmada em quase todos os seus desdobramentos. Especialmente nesse estágio muito jovem de seu desenvolvimento.

Assim, a pós-modernidade encontra seu contexto inicial na proteção da vida a todo custo. Mas esse contexto é imediatamente seguido por sua evolução posterior. A vida como fundamento é então transformada em fragmentação como fundamento. Ela anula a vida e, ao mesmo tempo, a mantém presente. Vamos continuar a explicar essa questão, que pode parecer confusa.

A consciência pós-moderna, depois de ver como todas essas grandes narrativas colidem umas com as outras como três grandes brontossauros durante a guerra, identifica a totalidade que tanto caracterizou a modernidade como uma ameaça fundamental à preservação da vida. Então, o que a vontade pós-moderna faz diante desse problema? Não é óbvio o que ela vai fazer? Ele nega o absoluto por meio de uma exaltação do fragmentário. Fragmentação, que parece ser mais gentil com a vida, porque parece ser a única coisa que

pode evitar uma terceira guerra mundial e a subsequente extinção nuclear. Pois o confronto fragmentário pode acontecer, é verdade; uma pessoa pode brigar com seu vizinho de vez em quando, e talvez esse confronto leve até mesmo a uma forte violência. Entretanto, o fato de dois vizinhos brigarem não levará a uma guerra nuclear. Pelo contrário, o fato de dois Estados inteiros estarem brigando entre si pode, sim, levar a uma guerra nuclear. Portanto, as grandes narrativas, que são capazes de unir toda a vontade de um país em disputa, são rejeitadas. E essas grandes narrativas são substituídas por pequenas narrativas, que geralmente não terminam em uma grande bola de luz incineradora.

Essa reação da pós-modernidade, de fato, começa como um desejo mais ou menos decente de preservar a vida. No decorrer de sua história, esse desejo começaria a mudar sua tonalidade para algo muito mais vulgar. Entretanto, em seus primórdios, começou como uma reação impulsiva, mas também decentemente racional. Entretanto, mesmo assim, é uma reação um tanto medíocre. Não se pretende aqui associar a vida, ou o desejo de viver, à vulgaridade, é claro que não. Mas o que mais a pós-modernidade desejava além de permanecer viva? Embora esse desejo não fosse um desejo totalmente vulgar, era apenas isso... um desejo de viver....

Esse desejo é visto hoje pela metamodernidade como um ato completamente instintivo, mais do que qualquer outra coisa. Talvez mais instintivo do que qualquer outra coisa dentro dos parâmetros de Schopenhauer, que define o instinto não tanto como puro desejo, mas simplesmente como o desejo de viver. Além disso, essa reação também é vista como uma reação feita sem qualquer tipo de meditação, o que fica evidente na velocidade de suas conclusões. Deve-se lembrar que ainda estamos em 1948, apenas três anos após o bombardeio.

A consciência pós-moderna precisa agir rapidamente. É impossível esperar pelo desenvolvimento de uma ciência do conhecimento adequada para digerir esses eventos. O tempo é um fator, portanto, recorreremos ao que já é conhecido. Nesse caso, os fundamentos pós-modernos se baseiam em grande parte em Schopenhauer, mas também em Nietzsche. Embora de Nietzsche, os conceitos de vontade sejam frequentemente eliminados, e apenas os de vida e relativismo sejam mantidos.

Tendo esclarecido essa evolução da pós-modernidade da premissa da vida para a premissa da fragmentação, agora é possível entender melhor a formação dessa série de "regras" após a guerra. Os direitos humanos da ONU foram declarados em 10 de dezembro de 1948 na França. E foram criados sob as duas principais premissas que a pós-modernidade já havia deixado claras: vida e fragmentação, nessa ordem. Esses direitos humanos, que parecem se basear em conceitos questionáveis de "igualdade" e "liberdade", têm, na verdade, seu verdadeiro fundamento na vida. A reação é até mesmo explicitada pelo fato de haver um direito específico para si mesmo, o direito à vida. Tomando esse direito à vida, o terceiro lugar da lista, como se fosse a convergência da tríade inicial da lista de direitos humanos. Esse terceiro direito é, de fato, o fundamento principal de todo o tratado, a preservação da vida por meio da prevenção de outra guerra. Todos os direitos incluídos na lista não fazem mais do que reafirmar essa lógica principal que é a proteção da vida a todo custo.

O pacifismo também é um termo explícito nesse tratado, pois parece ser uma das chaves essenciais para a preservação da vida na época. Isso é claramente evidente no primeiro direito, mas também no segundo. Esse segundo direito, que defende a "igualdade", é uma manifestação explícita de um desejo de rejeitar hierarquias competitivas e as imposições

que elas inevitavelmente trazem consigo. Nesse primeiro sentido, o segundo direito, assim como o primeiro, é uma rejeição da violência.

Mas, além disso, se nos aprofundarmos nesse conceito de "igualdade", que então começa a ser qualificado como "liberdade", descobriremos claramente que eles não são iguais ao primeiro direito. Descobrimos claramente que eles nada mais são do que um meio para atingir um fim. Fim, que é a defesa da vida. Isso é visto nos direitos de igualdade em geral. Em que cada pessoa é agora igual a qualquer outra pessoa. Pois não se pode falar de distinção entre vida e vida, não é mesmo? A distinção entre indivíduos só existe quando se leva em conta elementos além do mero "estar vivo". Mas para os direitos humanos, a vida é um absoluto. Portanto, nada além de estar vivo importa para ser considerado exatamente igual a outra pessoa viva. Em outras palavras, os indivíduos não se distinguem em qualidade, mas apenas em quantidade.

Além disso, é nesses conceitos de "igualdade" e "liberdade" que começam a surgir as primeiras nuances fragmentárias. Não há mais grandes narrativas definidas, mas a opinião de cada indivíduo agora é válida e importante. E essa importância não é concedida pela genialidade dessa opinião, mas apenas pelo fato de que ela vem de um ser vivo. Assim, a vida é considerada absoluta. Mas isso também exalta a importância da vida como uma unidade, em vez da vida como um todo. Portanto, a mesma exaltação é feita à opinião individual, em vez de à opinião comunitária. E essa opinião individual é crucial para a pós-modernidade, assim como as pequenas narrativas são cruciais para evitar uma guerra nuclear.

A fragmentação está, portanto, contida em todos esses direitos de liberdade supostamente pós-moderna. A liberdade desses direitos é, na verdade, bastante questionável.

Em muitos aspectos, ela é imobilizadora. Fala-se de um direito à liberdade de expressão. Mas isso é contraditório, porque quando se dá importância à voz de todos, isso resulta na mesma coisa que não dar importância a ninguém. Pois quando todos falam ao mesmo tempo, não há mais uma narrativa definida, mas apenas um ruído fragmentado. Esse conceito se cancela por si só. Isso é um tanto irônico.

Essa liberdade pós-moderna nos direitos humanos é simplesmente uma manifestação do fragmentário. Pois, em vez de liberdade, trata-se de libertarianismo. Ao dar importância a todas as opiniões, acaba-se dando importância a nenhuma opinião. Aqui já vemos uma total ausência de hierarquias, o que acaba tirando o verdadeiro significado da palavra liberdade. Pois o que ela acaba produzindo é, na realidade, imobilidade. E essa imobilidade do fragmentário, essa incapacidade de criar coisas novas, é precisamente o que convém à vontade-consciência pós-moderna, em sua ânsia de proteger a vida. Pois qualquer passo em falso poderia desencadear uma terceira guerra mundial. A ausência de movimento, portanto, também é percebida como algo prejudicial à vida. Qualquer tipo de movimento, qualquer passo em falso, pode acabar com a vida.

A pós-modernidade se lembra muito bem de como era a guerra. Não se tratava de um combate fragmentado, em que pequenos agentes tomavam a iniciativa. Não! A guerra era um combate entre Estados, Estados totalmente centralizados, que, por sua vez, eram portadores de grandes narrativas que sempre defendiam uma mudança fundamental no sistema. E a terceira guerra mundial, se houvesse uma, seguiria esse mesmo curso. Provocando a extinção em massa, graças ao poder nuclear já em posse dos Estados centralizados. A fragmentação, portanto, é indispensável para a preservação da paz. Mesmo que essa fragmentação represente imobilidade ou incompetência social.

Depois dessas duas premissas dos direitos humanos, a da vida e a da fragmentação. Não se vê mais do que uma mera repetição do mesmo. Além disso, elas também são acompanhadas por certas combinações com os antigos decretos tradicionais provenientes do direito romano e de outros lugares.

### Convenções de Genebra

Mas a tríade ainda não está completa, pois ainda falta mais um elemento. Imediatamente após os direitos humanos, as quatro primeiras Convenções de Genebra foram estabelecidas em 1949. Elas têm validade internacional e são fundadas pela própria ONU. Mas estão armazenadas, como último recurso, na única nação que não foi atacada durante a guerra e que parece ser o bunker mundial por excelência, a Suíça.

Esses acordos não têm mais como objetivo a influência diplomática, mas a influência político-militar. O objetivo é garantir que essa batalha nunca mais seja travada, pelo menos em nível estadual. Nesses primeiros tratados de Genebra, o foco não está mais tanto na fragmentação, mas na proteção da própria vida. Em vez de um bloqueio inicial, essas convenções parecem ser um bloqueio secundário. Como se houvesse a possibilidade óbvia de que o primeiro bloqueio fracassasse e apenas o último permanecesse como uma barreira à aniquilação total. Esse tratado implica, então, que a guerra, se houver, deve terminar imediatamente com a destruição exclusiva do elemento de guerra oponente. A população civil deve ser deixada de lado e ter permissão para se proteger dela. Aqui fica claro que essa convenção rejeita explicitamente o uso de armas de destruição em massa contra a população em geral; e, de fato, isso é algo que mais tarde será reforçado pelas outras convenções. Em

caso de guerra, não é possível atingir níveis maciços. A fim de evitar a extinção pela guerra, que anda de mãos dadas com o uso de armas nucleares e seus possíveis gatilhos, que são as armas químicas.

Esses dois tratados se tornariam praticamente a bíblia do mundo a partir de então. Esses dois tratados, juntamente com seu criador, a ONU, acabaram se tornando a tríade que molda o contexto pós-moderno mais fundamental. Que é a proteção da vida a qualquer custo. É a partir daí que já se pode falar do nascimento do conhecimento pós-moderno. Essas premissas fundamentais, a da vida e a da fragmentação, nessa ordem, tornam-se as tábuas dos mandamentos sagrados que toda a implantação pós-moderna subsequente toma como base. Como ficará evidente, esse conhecimento fundamental acaba influenciando toda a implantação histórica que a pós-modernidade viria a fazer mais tarde.

Mas antes de encerrar esta seção, vale a pena fazer uma declaração final. Em muitas ocasiões, os Estados marxistas-comunistas e os Estados muçulmanos são frequentemente retratados como elementos totalmente estranhos à vontade pós-moderna. Vale a pena observar que tanto a União Soviética quanto a China comunista eram parceiras diretas dos Aliados. Tanto na criação da ONU quanto nos tratados subsequentes que surgiram a partir dela. Da mesma forma, o Islã, em nível estatal, também foi um parceiro nesse processo. E essa premissa fundamental da vida tornou-se presente em praticamente todos os estados do mundo. A fragmentação é algo que, mais tarde, demoraria a penetrar até mesmo nos regimes totalitários do Oriente. Mas a premissa fundamental da vida se tornou presente nesses estados orientais imediatamente.

*O desenvolvimento do conhecimento pós-moderno [subcontexto].*

O terror está diminuindo... Parece que todos os países se uniram em prol de um mundo melhor. Afinal de contas, o século XX pode não terminar como se pensava que terminaria. O céu parece claro e brilhante. Ainda há ameaças no Oriente, mas elas parecem ter sido subjugadas por enquanto, em face da vontade pós-moderna.

A pós-modernidade, portanto, não é mais apenas um sentimento, mas um conhecimento. Esse conhecimento, devido à influência que seu contexto histórico exerce sobre ele, resulta na confluência da premissa primordial da proteção da vida a todo custo; e também do desenvolvimento subsequente dessa premissa, que evolui para o fragmentário. A partir dessas duas premissas fundamentais. O conhecimento pós-moderno começa a avançar, em busca de seu desenvolvimento posterior. É claro que esse desenvolvimento ainda é muito reafirmativo da premissa inicial da vida.

Agora podemos entrar no que seria o desenvolvimento da filosofia pós-moderna propriamente dita. Que, como já ficou claro, nunca deve ser separada de seu contexto histórico. No que diz respeito ao desenvolvimento de sua filosofia, pode-se dizer que ele começa de duas maneiras. Primeiro, começa com o silêncio de Heidegger. E, segundo, com a publicação de "O existencialismo é um humanismo", de Sartre, que não é necessariamente uma obra pós-moderna, mas traz em si uma certa semente.

Além disso, há também as novas tendências pós-modernas na arte. O novo paradigma que o cinema francês introduz na conversa com "la Nouvelle Vague" parece ser a evolução

reafirmativa do sentimento pós-moderno. Dando, a esse sentimento renovado, um embelezamento estético ao fragmentário.

Depois disso, surge um fato bastante interessante no nível das ideias. Heidegger finalmente rompe com seu silêncio e começa o que hoje é conhecido como o segundo Heidegger. O Heidegger que deixa de ser existencialista e se torna propriamente pós-moderno. É interessante como os pontos do contexto histórico têm uma força tão grande que são capazes de dividir um filósofo ao meio. Como se o sujeito fosse ao mesmo tempo sujeito e substância histórica. Pois a divisão de Heidegger é refletida logo após o muro ter dividido Berlim Ocidental de Berlim Oriental.

Depois disso, surgiram novas manifestações pós-modernas na academia. Os primeiros movimentos estudantis começaram nas décadas de 1950 e 1960. Em seguida, veio o movimento hippie nas décadas de 1960 e 1970. E os tumultos de maio de 68 na França. Todos esses movimentos estudantis questionavam a totalidade ainda latente na academia do período anterior. Estes, ao contrário, promovem a "liberdade" fragmentária. E, acima de tudo, promovem o pacifismo que se preocupa com a preservação da vida. Isso é especialmente evidente no pacifismo hippie. Tudo isso dá início ao que mais tarde se tornaria uma forte apropriação pós-moderna da academia.

O pacifismo pós-moderno também se manifesta em várias ocasiões durante esse período. Qualquer tentativa de guerra em nível estatal é rejeitada, especialmente quando se trata da já anunciada guerra fria. Isso é visto com mais clareza no retorno dos soldados americanos do Vietnã, que tinham ido se sacrificar pelo suposto bem de sua nação. Mas, em seguida, eles são recebidos com arremesso de tomates, insultos e outras humilhações,

incentivados por uma vontade pós-moderna, que não está realmente chateada com a ausência de vitória, mas com a ameaça à vida que a guerra representou.

Isso também pode ser testemunhado em nível soviético, com a invasão do Afeganistão. Mas em um volume muito menor, porque o pós-modernismo, por razões óbvias, não penetrou na academia ainda totalitária da União Soviética. Essas manifestações pacifistas tornam-se uma constante em toda a pós-modernidade. Os americanos, ao retornarem do Iraque, mais tarde também não seriam bem-vindos e seriam chamados de "assassinos de bebês", especialmente depois que foi revelado que não havia armas de destruição em massa no Iraque. A vitória não parece mais ser importante para a vontade pós-moderna.

Enquanto isso, as ideias pós-modernas também estão começando a penetrar no Oriente. As revoluções pós-modernas em alguns países predominantemente islâmicos são prova disso. A penetração mais relevante, entretanto, está na China comunista. Essa última, vítima dos minúsculos descuidos que seu sistema gerou em sua população, acaba mudando sua economia após a morte de Mao. Isso é mencionado por causa da relação íntima entre a fragmentação pós-moderna e a economia de livre mercado. Na União Soviética, as ideias marxistas de totalidade também começaram a ser questionadas.

*Pós-modernidade estruturalista [subcontexto].*

Mas voltando ao tema das ideias. Após o triunfo do pós-modernismo na academia ocidental. O estruturalismo nasceu em seu auge, com Foucault. A publicação de "Words and Things", em 1966, representa o desenvolvimento de um estruturalismo já muito mais vigoroso do que aquele que Lévi-Strauss havia iniciado algum tempo antes. O estruturalismo,

por enquanto, está preocupado apenas com a tarefa de apontar a estrutura. Partindo da forma mais básica de conhecimento que existe, a identificação de seu ser. O estruturalismo então identifica a estrutura e lhe dá conotações malignas, que acabam distorcendo todo o conhecimento possível. Mas especialmente todo conhecimento totalizante. É curioso que, para a pós-modernidade, somente as grandes narrativas podem ser tendenciosas. As pequenas narrativas, convenientemente, são algo muito distante da parcialidade. Isso é afirmado apesar do fato de que o indivíduo está sempre vivendo dentro dessa estrutura, e que o indivíduo é sempre menos capaz de se defender contra ela do que uma comunidade poderia. Mas, aos olhos da vontade pós-moderna, a identificação dessa matriz é o início da negação filosófica das ideias totalitárias.

A essas novas manifestações estruturalistas, também são acrescentados comentários interessantes na parte inferior. Como em "A estrutura das revoluções científicas", de Thomas Kuhn, que afirma que a ciência também está à mercê da estrutura. Ele acrescenta ainda que essa conclusão é muito mais válida do que a de um acúmulo linear de conhecimento, que a ciência tradicional sempre enunciou sobre si mesma.

Mais tarde, o capitalismo já começa a representar uma superioridade em termos de criação de riqueza em relação à União Soviética. Isso se torna público no triunfo da corrida espacial pelos Estados Unidos. Essa corrida começa com o triunfo da União Soviética, com Yuri Gagarin, mas termina com a superioridade dos Estados Unidos. Esse fato enfraquece ainda mais as ideias do marxismo soviético. Esse fato enfraquece as ideias do marxismo soviético, que ainda carregam muito da totalidade hegeliana, e fortalece uma pós-modernidade que parece ter tomado o lado vencedor.

E aqui vale a pena fazer um comentário necessário sobre a pós-modernidade e o capitalismo. Embora o capitalismo seja um sistema muito mais antigo e historicamente mais complexo do que o pós-modernismo, não se pode deixar de encontrar semelhanças entre os dois. Pois a fragmentação que a pós-modernidade viria a promover mais tarde anda de mãos dadas com a pluralidade do mercado livre que o capitalismo propõe. Assim como a pluralidade da democracia, que parece ser a esposa inseparável do capital. Pois essa democracia parece sempre terminar em plutocracia, o que reafirma ainda mais o capital. Nesse sentido, o interesse do capital em defender a pós-modernidade torna-se quase óbvio.

Mas o pós-modernismo, por sua vez, também tem um grande interesse no capitalismo. Pois ele é o único sistema do século XX que não parece ter matado em massa a população que vive dentro de suas fronteiras. Além do fato de ser um sistema antigo e confiável, que já provou ser mais ou menos competente em manter o estômago mais ou menos cheio e oferecer uma vida mais ou menos digna. Portanto, a pós-modernidade vê, em tudo o que o capitalismo representa, também seu companheiro perfeito.

Embora, para dizer a verdade, a relação entre a pós-modernidade e o capitalismo seja algo que requer mais explicações, que não podem ser dadas aqui. Então, será apenas limitado dizer que ambas as correntes têm um certo interesse uma na outra. Isso significa que, por enquanto, elas podem ser definidas como aliadas.

Essa pós-modernidade é, portanto, fortalecida pelo triunfo dos EUA na corrida espacial. Além disso, há a crise dos mísseis cubanos. Isso fortalece ainda mais a pós-modernidade, que está determinada a proteger a vida a todo custo. Essa

pós-modernidade, vendo a validade de suas ideias na experiência, reafirma suas ideias, evoluindo de uma filosofia estruturalista para uma pós-estruturalista.

*Pós-modernidade pós-estruturalista [subcontexto].*

As ideias pós-estruturalistas se baseiam na reafirmação dos estruturalistas. Mas elas vão um pouco além. Elas não apenas reafirmam a ideia da matriz maligna, mas implicam que essa matriz vai muito além de meros governos, sendo então tão fundamental quanto a própria linguagem. E a isso se soma, novamente, a impossibilidade do conhecimento. Especialmente de um conhecimento totalizante, que é impossível em face dessa matriz maligna. A única coisa que pode derrotar essa matriz, surpreendentemente, é novamente o fragmentário. É curiosa a conexão estranha e questionavelmente lógica que a pós-modernidade faz ao ligar uma coisa a outra. A fragmentação e a matriz não parecem ter nenhum tipo de relação, mas, magicamente, essa relação acaba sendo proposta em toda a pós-modernidade.

Quanto à pós-estrutura, Derrida se tornaria a ponta da espada dessa nova camada fragmentária. Uma camada, a propósito, que não acrescenta muito às teorias estruturalistas já existentes. De fato, é simplesmente uma reafirmação feita de outro ângulo. É como se outra camada intencional de suposta lógica estivesse sendo colocada sobre um desejo instintivo da vontade de se manter viva, a fim de encobri-la. É curioso refletir sobre isso, especialmente à luz das recentes descobertas científicas sobre como o cérebro humano toma decisões. A parte central da decisão corresponde à parte mais central e principalmente instintiva do cérebro; e as partes secundárias da decisão correspondem à parte externa do cérebro, que é a parte mais nova e principalmente intelectual do cérebro.

Como comentário adicional sobre isso, talvez seja instrutivo apontar a maneira estranha com que os pós-estruturalistas e desconstrucionistas escrevem. Ser obscuro na escrita talvez possa ser justificado quando o que se está tentando dizer é algo altamente complexo, abstrato ou simplesmente além da linguagem em que se está tentando colocar. Mas esse não é o caso pós-moderno. Essa intenção de escrever de forma extremamente obscura torna-se obscena em muitas ocasiões. O que, em vez de refletir uma complexidade necessária, parece refletir uma intencionalidade ruim. Complicar as coisas a ponto de tornar ininteligível o que se está tentando dizer. E isso, com a intenção suspeita de encobrir que o que eles estão realmente dizendo é banalidade. E não apenas banalidade, mas uma banalidade contraditória na maioria dos casos. Essa é precisamente uma das principais razões pelas quais este livro foi escrito com uma forte ênfase na clareza, com o objetivo de diferenciação.

Esse pós-estruturalismo, por sua vez, é acompanhado por movimentos artísticos pós-modernos, mas agora muito mais desenvolvidos. Em 1980, a música pop triunfou, especificamente o rock and roll; ela também viu o início do que mais tarde se tornaria o domínio absoluto do pós-modernismo em Hollywood; isso foi seguido pelas novas tendências do desconstrutivismo arquitetônico.

*Pós-modernidade desconstrutivista [subcontexto].*

A fragmentação absoluta para a qual a pós-modernidade está se dirigindo, por mais contraditório que possa parecer, só foi interrompida pela União Soviética. Em 1991, a União Soviética finalmente cedeu às fortes ondas da história. O Muro de Berlim cai, e a pós-modernidade finalmente alcança seu domínio absoluto. Domínio que é bastante

contraditório com as ideias de fragmentação, mas o que há que não seja contraditório na pós-modernidade? A única coisa que parece não ter contradição em si mesma é a obsessão pela vida. Que parece ser a constante que sobrevive a todo esse mar de contradições.

Desde a queda da União Soviética, a pós-modernidade atingiu seu pico mais alto, que é a globalização da fragmentação. O triunfo absoluto do capitalismo reafirma as ideias pós-modernas na experiência. Isso faz com que os pós-estruturalistas passem a tocha para os desconstrucionistas. Eles já existiam há algum tempo, mas se tornariam muito mais relevantes após a queda do Muro de Berlim. Esse novo subparadigma filosófico não acrescenta muito ao que os estruturalistas já haviam dito, mas simplesmente leva a intencionalidade de suas conclusões a um novo patamar. Nessa nova corrente desconstrucionista, o que predomina já é o relativismo total do fragmentário. Fragmentação totalizante, irônico?

A desconstrução, pelo desdobramento natural de seus predecessores, acaba no que poderia ser chamado de nível máximo do fragmentário. Pois, nesse ponto, não é mais possível dizer o que é o desconstrucionismo em primeiro lugar, pois isso dependeria da interpretação que cada indivíduo dá a ele. E, a esse respeito, é necessário aqui fazer outro pequeno parêntese explicativo, pois o tema do indivíduo é algo que certamente estava pendente na exposição do pós-moderno.

Já foi dito que a segunda premissa principal do pós-modernismo é a fragmentação. Isso, por sua vez, decorre da primeira premissa da vida. Mas quanto a essa segunda premissa, ela naturalmente acaba concluindo em algo. A fragmentação defende as pequenas narrativas, em oposição às grandes narrativas que representavam a modernidade, e das quais a última

que restou foi a de um marxismo que já havia sucumbido. Essa exaltação das pequenas narrativas está presente em toda a pós-modernidade, sob as premissas de "liberdade" e "igualdade", já discutidas nos direitos humanos. Assim, o início da pós-modernidade começaria pela exaltação de narrativas pequenas o suficiente para não gerar uma terceira guerra, mas grandes o suficiente para dar algum sentido à vida e um senso de pertencimento ao indivíduo. Pode-se dizer que os estruturalistas começam com uma fragmentação moderada. Isso pode ser bem exemplificado pelas representações de Gianni Vattimo durante esses anos.

Ele representa a exaltação de pequenas narrativas, começando, por exemplo, com os idiomas. Cada idioma em particular, por sua vez, criou uma maneira diferente de ver a realidade por parte da população que o falava. Isso causou uma fragmentação em termos de percepção dessa realidade e tornou impossível entendê-la como um todo. Em seguida, ele comenta que, mesmo dentro desses idiomas, havia ainda mais fragmentação. Pois, dentro de cada idioma, havia também dialetos do mesmo idioma, que também exerciam uma fragmentação sobre a totalidade desse idioma. O mesmo ocorre com os diferentes grupos sociais em termos de preferência sexual, poder econômico, idade etc. Essa fragmentação da realidade é algo que vem sendo feito progressivamente, impulsionado pelo sucesso das ideias pós-modernas na práxis da história, com o triunfo do livre mercado e da democracia. Essa fragmentação que começa com os estruturalistas, em sua exaltação de pequenas narrativas, seria continuada pela exaltação de narrativas ainda menores nos pós-estruturalistas; e isso, por sua vez, culminaria na exaltação de narrativas ainda mais microscópicas, nos desconstrucionistas. Sem alterar a essência das conclusões, mas simplesmente reafirmando a intencionalidade da vontade-consciência anterior.

Tendo já dado a primeira dose de fragmentação aos pós-estruturalistas, os desconstrucionistas defendem narrativas ainda menores. E é aí que entra o papel do indivíduo. Qual é a menor narrativa a que a fragmentação pode aspirar? Qual é a forma de consciência mais desconstruída que existe? O indivíduo. E esse eu, então, é a conclusão absoluta da fragmentação pós-moderna. O indivíduo puro, no qual não há mais nenhuma influência da alteridade, no qual não há mais nenhum objeto estrutural que o condicione. Não há mais sujeito e objeto, há apenas sujeito. Um sujeito puro, vazio e totalmente solitário. O triunfo final da fragmentação termina precisamente no narcisismo.

Esse tema do narcisismo não é novo e, de fato, tem sido muito relacionado ao sistema de produção atual. Ele propõe a liberdade individual e a busca do lucro individual como ferramentas fundamentais de seu mercado livre. Isso certamente é algo a se considerar, pois não é uma teoria tão rebuscada, devido à relação íntima entre o pós-modernismo e o capitalismo. Entretanto, também é necessário considerar algo sobre isso. Esse capitalismo, juntamente com seu sistema de livre mercado, é algo que existe há muito tempo. O mercado livre, de fato, está presente até mesmo na história antiga. Você percebeu o narcisismo na sociedade grega? O capitalismo é a única razão para o narcisismo de hoje? A fragmentação absoluta da pós-modernidade, que termina na exaltação do indivíduo puro, muitas vezes aparece como um candidato mais forte para a questão do narciso de hoje.

Pois é precisamente com base nesse desconstrucionismo que começam as manifestações mais narcisistas e atuais da pós-modernidade. O "eu" então se separa da alteridade. Mas não se trata de uma imposição do "eu", nem de uma disputa do "eu" contra outros "eus". Pelo contrário, é uma separação. Como se o "eu" decidisse zarpar para uma ilha deserta, onde nenhum dos outros "eus" pudesse tocá-lo. Essa, de fato, é a própria natureza da

fragmentação pós-moderna. A separação de fragmentos, mas sempre tomando cuidado para não se tocarem. Pois, ao se tocarem, os Eus poderiam gerar violência, o que vai contra a primeira premissa da vida. Além disso, ao se tocarem, eles também poderiam gerar uma hierarquia, que totalizaria os Eus!

Mas esse "eu", depois de se refugiar em sua ilha deserta anti-hierárquica, começa a se sentir mal. É aí que algo interessante acontece. É aí que algo interessante acontece. O que, na realidade, viria a representar o início das muitas fraturas que a pós-modernidade viria a ter em seus últimos dias.

*O início do declínio pós-moderno [subcontexto].*

Esse "eu", depois de se isolar em sua ilha deserta, começa a se sentir solitário, começa a se sentir vazio. Pois o instinto natural que esse indivíduo traz dentro de si o leva irremediavelmente a querer se reconhecer por meio da alteridade. Então, esse "eu" vê a necessidade de ser preenchido por algo externo a si mesmo. Mas ele precisa se preencher sem quebrar os dois primeiros mandamentos da pós-modernidade. Que representam quase sua bíblia do conhecimento. Assim, o "eu" decide se afiliar a pequenos objetos, que podem preenchê-lo, mesmo que apenas um pouco.

É aí que começa o culto ao corpo, o culto à personalidade e, acima de tudo, a afiliação a "comunidades". Mas essas comunidades não podem ser qualquer coisa que o "eu" queira que elas sejam. Essas comunidades não devem, por nenhum motivo, representar força militar ou totalidade, ou querer ser hierárquicas em relação a outras comunidades. Portanto, elas

sempre acabam sendo orientadas para as minorias e, acima de tudo, para as minorias inofensivas. Pois é justamente pelo fato de serem minoria que elas já têm um aspecto de inofensividade. Mas, além disso, essas comunidades são feitas da forma mais vazia possível. Em outras palavras, os laços que as unem devem ser sempre os de valores fracos. Valores como medo, culpa, impotência ou qualquer outra forma de ressentimento.<sup>26</sup>

O ego pode então satisfazer o mínimo de suas necessidades de afiliação. Desde que a vida não seja ameaçada. Essa afiliação não pode, por nenhuma razão, manifestar uma orientação expansiva de qualquer tipo. E não deve constituir uma população muito grande, pois, nesse caso, poderíamos falar de uma fragmentação que está mais próxima da totalidade do que da fragmentação. O que é uma ameaça à vida.

Esse desconstrucionismo é completamente assumido pela mídia. Ela incentiva o ME a atingir seus níveis máximos, o que, por sua vez, resulta em sua primeira fratura. É daí que vem essa tímida afiliação do "eu" à alteridade. Fratura que representa o movimento neomarxista que hoje alguns chamam de "a nova esquerda"<sup>27</sup>. Correspondente a tudo o que viria a ser chamado de "marxismo cultural", "wokismo" e outros nomes que foram dados a essa pequena bandeira multicolorida. Entretanto, essa nova esquerda não é de fato muito esquerdista. Pois ela não se opõe de forma alguma aos elementos fundamentais do capitalismo. E menos ainda se opõe a questionar as duas premissas fundamentais da consciência pós-moderna. É simplesmente uma falsa revolução, ou uma revolução estética. Que brinca de revolução, mas que, no fundo, só quer pegar as migalhas que lhe permitam satisfazer, mesmo que um pouco, sua fome de totalidade.

---

<sup>26</sup> Uma revisão do que Nietzsche representou como os valores fracos do ressentimento pode ser esclarecedora para entender isso.

<sup>27</sup> Esse termo é usado por vários autores, às vezes com conotações depreciativas, para se referir aos novos movimentos de esquerda. Movimentos que geralmente estão ligados ao que é popularmente conhecido como marxismo cultural, cultura woke e todas as políticas progressistas das últimas décadas em geral.

Esse último estágio desconstrucionista às vezes quer ser identificado como o verdadeiro início da própria pós-modernidade. Mas, em vista de todas as conexões que já foram feitas até este ponto, já é evidente que ele encontra suas origens nos pós-estruturalistas. Que, por sua vez, vêm dos estruturalistas. Que, por sua vez, derivam da necessidade do fragmentário para evitar outra grande guerra em escala estatal. Que, por sua vez, deriva da proteção da vida a todo custo. E que, por sua vez, decorre do contexto histórico que a bomba nuclear gerou.

Essa presença da vida nos desconstrucionistas é claramente vista no apreço dado aos oprimidos, aos fracos, àquilo que é incapaz de matar. Esse apego ao oprimido é precisamente o que geralmente o identifica com o marxismo. Embora existam diferenças claras nesse aspecto. Enquanto o marxismo inculcou o oprimido às armas, o neomarxismo o inculca a chorar, a reclamar, a se sentir culpado, a ficar imóvel. Como bem disse Byung-Chul Han, quando o capitalismo acaba vendendo a revolução, é nesse momento que termina a possibilidade de uma revolução. O pacifismo, a fragmentação e a obsessão com a vida atingem suas maiores proporções nesse momento.

Isso é claramente evidente no feminismo, de fato. No feminismo em todas as suas ondas. Esse feminismo não é necessariamente uma revolução de um "proletariado" oprimido. Mas a questão é muito mais profunda do que isso. A posição das mulheres na história é bastante reconhecível. Ela não é necessariamente um elemento oprimido, mas é detentora de algo fundamental. Esse algo é, de fato, precisamente o que a diferencia dos homens ao longo da história. As mulheres são as portadoras da vida. Consequentemente, também é menos provável que ela seja capaz de praticar violência que ameace essa vida. Essas qualidades são

o que a coloca na posição que o pós-modernismo apóia com tanta veemência. Pois as mulheres, apesar de não serem um grupo pequeno, acabam se tornando uma comunidade válida para a vontade pós-moderna. Pois a verdadeira intenção dessa vontade nunca foi realmente evitar a totalidade, mas proteger a vida. Em sua obsessão pela vida, a pós-modernidade busca, portanto, fazer da mulher, a portadora da vida, a centralidade da narrativa.

Além disso, isso é claramente visto na ênfase do feminismo no aborto. Alguém já se perguntou por que o feminismo toma o aborto como uma arma de ameaça? O feto agora é visto como um refém, que é usado para negociar e obter mais poder. As feministas sabem, pelo menos instintivamente, que o homem pós-moderno é obcecado pela vida. As mulheres, em geral, são boas em perceber onde a pata do gato está mancando. Elas sabem que o homem desconstrucionista se submete à vida; e em sua tentativa feminista de uma suposta revolução, o aborto representa, portanto, um objeto subjugador. Embora, para dizer a verdade, a ameaça do aborto reflita apenas pouca massa cinzenta por parte das mulheres feministas ou pouco estômago por parte dos homens pós-modernos. Mas em termos de pesquisa realizada, esses fenômenos são esclarecedores.

Essa obsessão com a vida, por sua vez, também é visível diante da obsessão da pós-modernidade em tornar o adolescente o centro da narrativa. Antes da bomba nuclear, o adulto era o centro da história. Mas essa posição se inverteu na pós-modernidade. Os pós-estruturalistas veem o adolescente como o centro, mas não com uma intenção revolucionária em relação a ele, mas pelo simples fato de que sua consciência está mais próxima da vida do que da morte. Graças à sua juventude. Isso fica ainda mais evidente com as novas tendências desconstrucionistas, que não querem mais ver o adolescente como o

centro, mas se dirigem às crianças. Agora elas querem colocar as crianças no centro da história, que estão ainda mais próximas da vida do que os adolescentes. Adolescentes que já têm idade suficiente para discernir essas bobagens. Não vai demorar muito para que os novos protagonistas da história sejam os bebês e, mais tarde, o maldito zigoto na barriga da mãe.

Além disso, como cereja do bolo, a digitalização será adicionada a partir do ano 2000. A informatização, é claro, é simplesmente uma ferramenta imparcial. A vontade pós-moderna, no entanto, também acaba transformando-a em outra arma em seu arsenal. No repulsivo mundo das redes sociais, essa fragmentação é acentuada em níveis cósmicos. Os algoritmos acabam fragmentando ainda mais essas comunidades estéticas. Pois o viés de confirmação presente neles entra nas mentes pós-modernas como uma faca na manteiga. Isso, somado a todos os desenvolvimentos que a pós-modernidade vem fazendo há muito tempo. Isso acaba transformando o desejo outrora decente da pós-modernidade de proteger a vida em uma obsessão totalmente repugnante pela vida. As últimas manifestações pós-modernas na história não podem mais ser representadas como nada além de uma enorme massa de narcisistas obcecados pela vida. Gilles Lipovestki, em "The Age of Emptiness", relataria isso de forma mais ou menos precisa.

*Atualidade pós-moderna [subcontexto].*

Toda essa jornada, que começa como um desejo mais ou menos nobre de preservar a vida na Terra, acaba se tornando, em seu crepúsculo, uma obsessão doentia pela vida. A rejeição da totalidade pós-moderna, que é feita em defesa da vida, acaba se invalidando. Tanto no aspecto da contradição lógica, quanto no aspecto prático. A fragmentação não se

sustenta mais e busca instintivamente o reconhecimento externo; algo que acaba convergindo para a "nova esquerda". Esse fenômeno nada mais é do que um sintoma de uma pós-modernidade já enfraquecida, que está em franco declínio.

Somado a isso, há também o declínio da produção que o capitalismo vem apresentando desde a década de 1970, e que se tornou mais pronunciado após a queda da União Soviética. Isso começa a enfraquecer as ideias de fragmentação pós-moderna. A crise de 2008 e outros eventos históricos começam a questionar a validade de suas teorias. Entretanto, isso é algo que será explicado mais tarde, no próximo capítulo.

Por enquanto, vamos encerrar a análise da reação pós-moderna ao seu ponto de inflexão. Podemos concluir que o conceito pós-moderno fundamental ainda está presente nela, mas já em uma forma muito mais vulgar do que no início.

A vida hoje está, como o bolívar venezuelano, hiperinflacionada. Devido aos direitos humanos, agora até mesmo o mais inútil e incompetente dos homens tem direito à vida. Aqueles que mais se reproduzem hoje tendem a estar entre os preguiçosos e os viciados em drogas, que geralmente não trabalham, porque o Estado, em sua proteção incondicional à vida, dá dinheiro a eles e a seus filhos, não importa quantos filhos tenham. O caso argentino é um claro reflexo disso. A intenção aqui também não é jogar a assistência social na lata de lixo. É claro que não. Mas também é necessário destacar o fato de que a principal razão pela qual o homem conseguiu se posicionar no topo da cadeia alimentar foi justamente a seleção natural.

O sangue novo, cada vez mais, está rejeitando esse absolutismo da vida, independentemente de sua situação material ser boa ou ruim. Mas essa é uma voz que até agora tem sido ignorada. Vida, vida, vida; isso é tudo em que os últimos pós-modernistas pensam. Vida nos direitos humanos, vida na ONU, vida na rejeição da totalidade, vida na fragmentação, vida na superpopulação, vida nos estruturalistas, vida nos pós-estruturalistas, vida nos desconstrucionistas, vida na nova esquerda, vida na nova direita; vida, vida, vida!

Onde está a morte!

#### Capítulo 4: Sentimento pós-moderno, jouissance [contexto].

"O que é relevante na mentira nunca é seu conteúdo, mas a intencionalidade do mentiroso".<sup>28</sup>

Por mais que alguém possa sentir um desejo de independência do mundo, a realidade sempre acaba tornando-o dependente da alteridade. Um desejo moderado de independência nem sempre resulta em algo prejudicial; no entanto, no final das contas, sempre há algo que mantém o homem preso à terra. Esse "algo" pode muito bem ser o alimento, o ar que se respira, a água que se bebe ou o apoio de uma comunidade, mas é algo que está sempre presente. Essa dependência também está presente em outros animais. Eles também, assim como os humanos, dependem de um outro ser para seu sustento. Entretanto, a dependência do homem talvez seja ainda maior, pois ele tem necessidades muito mais complexas do que o animal comum.

A filosofia não se comporta de forma diferente. A filosofia, em seu desenvolvimento, requer nutrição emocional para que possa se desenvolver. Assim como a árvore precisa ser nutrida pelo solo. E é somente graças a essa nutrição que ela consegue crescer até o céu. Ou, quanto ao próprio homem, ele precisa dos frutos da terra para nutrir seu corpo. Mas ele também precisa do reconhecimento da alteridade para poder nutrir seu espírito. A filosofia não é nada sem seus ouvintes. Assim que há uma mudança na vontade da consciência, ocorre a criação. E a criação sempre simboliza uma mudança no sentimento. O alimento que o sentimento representa é então direcionado para outra árvore, inevitavelmente definindo a anterior.

---

<sup>28</sup> Derrida, Jacques. "La vérité en peinture" (A verdade na pintura). Em *La vérité en peinture*, 117-205. Paris: Éditions Galilée, 1978.

Como diria Derrida, antes do conhecimento, há sempre uma intencionalidade. Esse sentimento é o cômjuge do contexto e começa a nutrir progressivamente o feto, até o momento de seu nascimento final, no conhecimento. O recém-nascido não é alheio a essa nutrição, mas é seu resultado imediato. Mas até que esse dia chegue, ele não é mais do que uma extensão da nutrição. Mas essa nutrição é apenas anterior? Não, ela também é posterior. Mesmo após o nascimento, esse recém-nascido ainda precisa de nutrição. Ele não é mais totalmente dependente da mãe, pois qualquer outra mulher poderia alimentá-lo. Mas ele ainda precisa ser nutrido. Mas ele ainda precisa ser nutrido. Ele ainda precisa receber alimento da terra durante toda a sua vida. O sentimento é fundamental para a vida de qualquer elemento. A pós-modernidade, para manter sua vida, precisa ser nutrida. E seu alimento é o sentimento que emana de seu conhecimento.

A preservação da vida a todo custo é definitivamente o fundamento mais profundo do conhecimento pós-moderno. Entretanto, a história não para por causa desse conhecimento fundamental que a pós-modernidade criou. A história continua, e o faz por meio de seu ciclo. Contexto, intenção emocional, conhecimento-contexto, intenção emocional, conhecimento-contexto, intenção emocional... e assim por diante. Se esse ciclo for afirmativo, ou seja, se ele apenas afirmar a premissa fundamental do contexto histórico mais amplo. Então, o primeiro contexto, que começa com a era pós-moderna, continua sendo o que domina todos os contextos subsequentes. Pois é nesse contexto que a maior quantidade de vontade é investida. E o mesmo acontece com o sentimento desse primeiro contexto, que continua sendo o dominante em relação aos outros sentimentos subsequentes. Embora mesmo na reafirmação de algo, sempre há pequenos toques que são adicionados às suas premissas principais. Talvez não as negando completamente, mas transformando-as até certo ponto.

O emocional, então, é o alimento que vem da terra. Ele se torna tão necessário quanto o conhecimento que sempre permanece no céu. Um não pode ser mantido sem o outro. Uma mudança no sentimento, portanto, é tão relevante para o desenvolvimento histórico quanto uma mudança nas filosofias. Afinal de contas, a tâmara não cai longe da palmeira. Essas duas partes da pós-modernidade são igualmente necessárias para entendê-la.

Por esse motivo, um capítulo inteiro foi dedicado à identificação do sentimento pós-moderno. À primeira vista, pode parecer inútil falar sobre sentimentos em uma exposição que pretende ser conceitual. No entanto, o desejo de se afastar da vulgaridade, que não consiste em utilidade, mas em unilateralidade, permite que esse desejo abrace uma concepção muito mais ampla da realidade. A integração dessas emoções terrenas é, portanto, necessária para este estudo. Especialmente em face de uma pós-modernidade tardia, em que as mulheres emocionais parecem ter vantagem sobre os homens. Mas, acima de tudo, por causa do contraste que tentaremos fazer entre o sentimento pós-moderno e o metamoderno.

Mas antes de iniciar a exposição desse sentimento, vale a pena identificar sua unidade. Pois os inúmeros sentimentos encontrados na pós-modernidade podem parecer fragmentários se forem observados rapidamente. Mas um olhar mais penetrante pode identificar que também há hierarquias nesses sentimentos. Assim como existe uma hierarquia de pontos contextuais, também existe uma hierarquia de sentimentos. E acima de todo esse mar fragmentado de sentimentos pós-modernos, há um que se impõe sobre todos os outros e os engloba. Ele tem uma relação íntima com a premissa fundamental que é feita sobre o contexto pós-moderno, ou seja, a da vida como absoluta.

Jouissance é o sentimento da pós-modernidade. Mais especificamente, a alegria de viver. Afinal de contas, a racionalidade não é tudo. Pois mesmo depois das tentativas conceituais maciças feitas pela vontade pós-moderna para proteger a vida, ela às vezes se torna difícil de defender. O que há, afinal, na "vida" que vale tanto a pena ser vivida? A vida, não importa o quanto se apegue a ela, às vezes pode ser entediante, vazia, sem sentido ou simplesmente irritante... E é precisamente em vista dessa problemática que o gozo tem sua gênese. Pois a vida por si só não parece ser um fundamento suficiente, mas essa falta pode ser preenchida, de certa forma, espremendo a vida por meio do gozo dela. Panem et circenses. "Dê-lhes pão e circo, e eles nunca se revelarão".<sup>29</sup>

Essa relação será expressa nos próximos parágrafos. Por enquanto, e antes de qualquer coisa, é necessário explicar o que significa "prazer". O termo é usado aqui como o prazer do negativo. Como algo que sabemos que é errado, mas, por não quisermos desejar outra coisa, tentamos desfrutá-lo quase que à força. Talvez essa definição possa ser melhor compreendida por meio da psicologia. Essa ciência parece estar mais próxima da realidade do que a filosofia e pode nos proporcionar alguma clareza com relação a esse sentimento. Para isso, a concepção de gozo de Jacques Lacan parece ser a mais próxima do que estamos tentando expor aqui.

O conceito de "gozo" na psicologia de Lacan refere-se a uma experiência de intensa satisfação além do prazer comum. É um estado de excesso que pode gerar angústia e desconforto no indivíduo. O gozo está intimamente relacionado à estrutura do sujeito e à sua relação com o Outro. O Outro, seja uma figura real ou uma representação simbólica, desempenha um papel na configuração do desejo e na busca de satisfação. O gozo vai além da castração simbólica, que implica a renúncia a certos desejos em conformidade com as normas culturais. O gozo está associado a uma dimensão além

---

<sup>29</sup> Essa expressão é comumente atribuída ao poeta e satirista romano Juvenal, que viveu no século I e é conhecido por suas sátiras sobre a sociedade e a política da Roma antiga. Em sua obra *Satires* (Sátiras), Juvenal criticou a apatia e a complacência do público romano em relação a questões importantes, observando que as pessoas estavam mais interessadas em obter comida e entretenimento do que em participar ativamente de questões políticas ou sociais.

dessas restrições e pode se manifestar como uma força perturbadora na psique. Além disso, Lacan introduz o conceito de "a-objeto", que representa uma falta primordial e se torna um ponto de atração para o desejo. O sujeito procura preencher esse vazio por meio de diferentes formas de gozo, mas nunca consegue alcançar a satisfação plena. Em resumo, o gozo na psicologia de Lacan é uma experiência de satisfação excessiva que ultrapassa os limites do prazer comum, está relacionado à estrutura do sujeito, ao relacionamento com o Outro, à castração simbólica e à busca perpétua de satisfação por meio do objeto a.<sup>30</sup>

Levando isso em conta, o gozo pós-moderno pode ser definido como o gozo do que não é desejado, em face da necessidade instintiva de se ligar a um objeto. Um objeto que acaba sendo, no final, algo diferente do que a vontade realmente deseja, mas, em vista do terror de perdê-lo, a vontade se força a desfrutar desse objeto. A propósito, esse é provavelmente um sentimento semelhante ao que os alcoólatras e viciados em drogas usam ao consumir suas substâncias.

Talvez o uso dessa ferramenta na pós-modernidade possa ser um pouco mais facilmente compreendido à luz conceitual da retórica aristotélica. Que já é filosofia, mas sendo filosofia estética, torna-se mais próxima do sentimento do que a metafísica, por exemplo. A estética retórica é vista por Aristóteles como um meio para um fim, e não como o fim em si. Um fenômeno que tem sua contraparte quase idêntica na pós-modernidade. Tomando a vida como seu fim absoluto, mas o gozo como seu meio para apoiar esse fim. A esse respeito, o gozo seria então representado na retórica aristotélica como *pathos*, mais do que qualquer outra coisa.

Esse *pathos* é uma das três ferramentas retóricas, juntamente com o *ethos* e o *logos*, capaz de gerar a influência a que a retórica tanto aspira. *Pathos* se refere precisamente às emoções presentes no público que são usadas para inclinar a balança a favor do orador. Nesse

---

<sup>30</sup> Lacan, Jacques. "O Seminário, Livro 20: Ainda". Editado por Jacques-Alain Miller. Verso, 2008.

sentido, o pathos se torna a motivação do paradigma pós-moderno. Aristóteles afirmava que pathos, juntamente com os outros elementos da retórica, poderia ser usado de forma significativa pela vontade para determinar o desenvolvimento de um julgamento.

Essa pressão que o pathos exerce está presente em toda a pós-modernidade. De fato, nos últimos estágios pós-modernos, essa pressão emocional parece ser a única coisa que ainda sustenta a pós-modernidade no final. Como sua parte racional já está tão fraca, ela parece ter cedido totalmente seu espaço à parte mais irracional do gozo. Esse fenômeno é interessante, é como se os ciclos estivessem se repetindo. E da mesma forma que o conhecimento é criado a partir da pura intencionalidade emocional, ele também acaba se destruindo ao se tornar novamente pura intencionalidade emocional. Intenção que, novamente, já está flutuando no ar, sem racionalidade, como o feto descansando passivamente no útero.

Os últimos estágios pós-modernos são a prova dessa irracionalidade. Pois é precisamente o prazer excessivo da vida, que supostamente a protege, que está ironicamente destruindo a própria vida. O consumismo, que em seu prazer acaba destruindo a vida por meio de sua quantidade bíblica de lixo, é uma ironia pós-moderna. A liberação sexual, que buscava o prazer da vida, também acaba destruindo a fidelidade necessária para a maternidade da vida. Mas a ironia absoluta... é que o gozo acaba destruindo o próprio gozo. Isso fica evidente nas crises econômicas. Que são criadas por um desejo desmedido de se endividar para aproveitar ao máximo esta vida curta, mesmo sem ter dinheiro para isso. Isso acaba no dia... em que todas essas dívidas se acumulam tanto que acabam implodindo. Destruindo assim aquilo que alimenta o gozo e, portanto, destruindo o próprio gozo. A ironia abunda... Entretanto, mesmo diante dessa clara tendência à autodestruição, o gozo não para.

Como disse Lacan, o gozo é algo que já vai muito além da racionalidade. A pós-modernidade, em seus últimos suspiros, já deixou de ser racional; ela está totalmente entregue ao gozo.

E já que o assunto da crise econômica foi levantado, vale a pena fazer uma pequena reflexão sobre ele. O gozo pós-moderno está intimamente ligado aos benefícios que o sistema de produção oferece. Embora não sejam necessariamente a mesma coisa, como já foi mencionado, eles representam uma pedra angular da pós-modernidade. Pois como se pode falar de prazer na vida? Se tudo o que vemos nessa vida é pobreza, miséria, falta de sentido, humilhação, doença, peso, etc., então, como podemos falar de prazer na vida? Mas, por outro lado, se acrescentarmos a essa aparente falta de sentido da vida belas vestimentas econômicas, ela se torna mais digerível. Não é mesmo? No ponto em que o prazer capitalista termina, o mesmo acontece com o prazer pós-moderno da vida.

Não é coincidência que a proto-metamodernidade encontre seus primeiros sinais de sentimento logo após a crise econômica de 2008. O gozo capitalista acaba, e o gozo pós-moderno também acaba; suas ideias frágeis não têm escolha a não ser cair no precipício. Entretanto, a crise de 2008, apesar de ter tudo para ser um colapso total, acabou sendo um colapso parcial. O Federal Reserve dos Estados Unidos, nem muito rápido nem muito preguiçoso, foi ao resgate. E socorreu a economia, imprimindo dinheiro....

Acho que todos nós, em algum momento de nossa infância, chegamos à inocente conclusão de que a solução para a pobreza mundial era simplesmente imprimir dinheiro e distribuí-lo aos pobres. Dessa forma, "não haveria mais pessoas pobres". É interessante notar que esse erro inocente em que uma criança cai é exatamente o que o governo dos EUA faz

para manter sua economia de pé. Depois de 2008, foi impressa uma quantidade bestial de dinheiro, o que efetivamente restaurou a confiança do empregador e do consumidor, mas que, por sua vez, começou a aumentar a inflação, que só começaria a se manifestar com o passar dos anos seguintes. Atingindo especialmente a classe média, mais do que qualquer outra. Esse fenômeno, na crise econômica da covid-19, simplesmente se repetiria.

Em sua obsessão já doentia pela vida, a pós-modernidade apenas adia sua morte. Vida, vida, vida! não pode ser nada além de vida. Somente o mercado em alta pode ser outra coisa que não isso. Todas essas supostas salvagens, que são realizadas por meio da impressão de dinheiro, tinham como objetivo real a simples continuação do prazer. Naturalmente, esses resgates foram seguidos por crises inflacionárias progressivas. Essas crises são mais sentidas fora dos Estados Unidos do que dentro. Como muitos economistas já sabem, os Estados Unidos são um dos maiores exportadores de inflação do mundo. Tudo isso aumentaria progressiva e silenciosamente a desigualdade global. Além disso, criaria um problema de dívida ainda latente. Uma dívida bestialmente maciça, que representaria todas as dívidas acumuladas ao longo dessa compulsão de prazer ao longo do tempo. Hoje, essa dívida se assemelha ao vulcão Yellowstone. Nas profundezas de seus caldeirões, ele sussurra delirantemente: "Não aguento mais...".

*Jouissance na arte pós-moderna [subcontexto].*

Mas chega de desvios... é necessário retornar ao pathos do gozo. Esse gozo sempre foi o pathos da pós-modernidade. Ele se torna presente imediatamente após a primeira premissa conceitual pós-moderna, que é estabelecida nos direitos humanos, e começa a se desenvolver

a partir de então. E esse prazer acaba sendo um elemento nutricional bastante necessário. De fato, é possível que a pós-modernidade exija esse alimento emocional com ainda mais urgência do que outros paradigmas filosóficos. Isso se deve à enorme contradição que o conhecimento pós-moderno sempre trouxe desde seus primórdios. Todas as contradições em suas filosofias devem, até certo ponto, ser "neutralizadas" por meio do gozo. É aí que entra o importante papel da arte pós-moderna.

Esse fenômeno do gozo, desde o início pós-moderno, torna-se um elemento inseparável da premissa da vida. Essa vida como absoluta não é possível sem o gozo. E o gozo da vida, por sua vez, não é possível sem a vida. Os dois estão diretamente relacionados, e esse fenômeno talvez seja mais bem expresso na arte pós-moderna.

Essa arte pós-moderna traz uma contradição em si mesma, quase tão grande quanto a contradição de sua filosofia. Entretanto, dentro dessa contradição, é possível perceber claramente a vida como absoluta e o prazer que mantém essa premissa em seu trono. A melhor maneira de explicar esse fenômeno é começar com o problema da filosofia pós-moderna. Para a filosofia pós-moderna, o conhecimento não é realmente possível. Mas você pode refletir sobre essa afirmação por um segundo. Se todo conhecimento é inválido, então por que falar? Se a filosofia pós-moderna realmente acreditasse em suas próprias palavras, ela teria ficado quieta, não é mesmo? Se todo conhecimento é fútil, por que eles não recorrem ao silêncio? Não recorrem! A pós-modernidade continua a se manifestar, em todos os sentidos. Não apenas no sentido filosófico, mas também em toda a manifestação do sentimento artístico. A intencionalidade que os motivou a se manifestar é a chave para entender o sentimento pós-moderno.

Essas manifestações artísticas, especificamente, que afirmam não ter narrativa, na verdade têm uma narrativa - sua narrativa é a alegria de viver! A fragmentação presente na arte pós-moderna não é algo que a pós-modernidade realmente ame. Como se pode amar algo que nem mesmo é definido, como se pode amar o infinitamente múltiplo, o que se pretendia, que o amor pós-moderno fosse um tipo de "Metta" budista ou que fosse um amor como o de Jesus pelos pecadores? É ridículo! O amor supostamente fragmentado do sentimento pós-moderno é, na realidade, um sentimento unitário. Não é um amor fragmentário, a fragmentação é apenas uma desculpa. O verdadeiro sentimento da arte pós-moderna é voltado para o prazer da vida.

Portanto, as peças de fato se encaixam. A vida pós-moderna não chega ao fim, mas graças ao prazer que ela proporciona. Os filósofos pós-modernos não permaneceram em silêncio por causa de sua necessidade de aproveitar a vida da filosofia e de poder mantê-la viva, embora não acreditem nela. Os artistas pós-modernos não se calaram por causa de sua necessidade de aproveitar a vida da arte e de mantê-la viva. Não mais para dizer algo por meio da arte, mas simplesmente para mantê-la viva. A arte abstrata na pintura é um exemplo claro disso. Por que fazer arte se você não deseja expressar nada? É o prazer da vida que é a única coisa que sustenta a arte pós-moderna.

*O gozo na sociedade pós-moderna [subcontexto].*

Esse gozo se manifesta em toda a expressão social pós-moderna. Alguns exemplos disso são o que Bauman chamou de "comunidades estéticas". O movimento hippie, ou mesmo o mais recente new age, são elementos-chave nesse sentido. Essas comunidades

estéticas não se formaram com o objetivo de atingir um propósito definido. Se você observar essas comunidades, elas não têm "regras", por assim dizer. Elas não têm um objetivo definido ao qual todos os membros aderem, não têm requisitos de entrada, nem mesmo têm um programa de atividades definido. Elas são simplesmente "comunidade". O desejo de afiliação, que o ego inevitavelmente sente, é expresso por um desejo de comunidade. E esse desejo de comunidade, mesmo que envolva a alteridade, não é realmente uma oposição à pós-modernidade. Pois, na verdade, ele não encontra sua base na fragmentação, mas no prazer da vida. Portanto, a comunidade existe, mas não mais para expressar algo por meio dela, mas simplesmente para mantê-la viva. Como se estivesse flutuando no ar, como um feto.

Lipovetsky também comentou esse fato de forma interessante, tentando aproximá-lo mais do narcisismo do que do gozo. Onde Narciso quer sentir a afiliação de algo que está de acordo com sua própria personalidade. Embora, para dizer a verdade, essa teoria de Lipovetsky não seja tão convincente. Parece que o sentimento de gozo é mais preciso. Pois é exatamente isso que acaba sustentando as comunidades no espaço inútil em que elas se encontram agora.

Outra manifestação do gozo pós-moderno na história é a hipersexualização. E essa vontade é algo impossível de negar, diante de toda a imposição midiática que existe nela. Todos esses prazeres terrenos, que tentam se mostrar como uma "revolução" diante do conservadorismo cristão, na realidade fazem parte do pathos pós-moderno. Que diz: - beba, fique bêbado, case-se, arrume um parceiro, a noite é uma criança, esqueça seus problemas existenciais... -. O pathos está então em ação. Diante da impossibilidade de desejar algo além da vida, esse pathos incentiva o desfrute de elementos da própria vida. A sexualidade é uma

arma em seu arsenal. E, assim, inclinando o julgamento retórico a seu favor e preservando a vida. Mas, por sua vez, a vida da pós-modernidade também preserva a vida de seu pathos. E a vida do pathos também preserva a vida da pós-modernidade. É interessante como esses dois elementos se identificam um com o outro às vezes. Ainda mais interessante é o fato de que essa co-dependência mútua leva o pathos da sexualidade a um ponto de estagnação.

Além do tema da sexualidade, também é uma representação clara da obsessão do homem pós-moderno com seu gênero oposto. A mulher, portadora da vida, é vista pelo homem pós-moderno quase como um deus. Ele a adora e a deseja com todas as suas forças. Esse ato patético, é claro, faz com que a mulher perca o respeito pelo homem e comece a vê-lo como um girino. Mas esse é um assunto para outra ocasião. Por enquanto, vale a pena apenas destacar o fato de que há uma relação direta entre sexualidade e vida. Há uma relação direta entre a mulher, a capacidade reprodutiva e a vida. Há uma relação direta entre o corpo da mulher e a vida.

Isso talvez se reflita na ironia que surge dessa hipersexualização. Pois a sexualidade dos jovens, apesar de todos esses estímulos midiáticos de natureza sexual, de acordo com vários estudos sociológicos, está em um nível mais baixo de todos os tempos. Ninguém mais faz sexo, em grande parte devido à falta de compreensão entre homens e mulheres causada pela pós-modernidade. Causada justamente pelos altos padrões que o próprio prazer promove, especialmente no aspecto econômico. E, além disso, também é causada pela crise do casal, que o mesmo prazer da vida promove. Onde um ameaça destruir o outro e, ao mesmo tempo, torna-os co-dependentes de si mesmos em sua busca pelo prazer da vida. Os únicos que parecem estar fazendo sexo hoje são as estrelas pornô. Os demais são

simplesmente espectadores do espetáculo. A codependência entre o prazer e a vida é exatamente o gatilho de sua própria destruição. Irônico...

E aqui é preciso fazer um parêntese necessário. Tendo em vista o fato de que a palavra "ironia" já foi usada várias vezes. Esse termo é considerado um dos pontos fundamentais do conceito metamoderno. Pelo menos é considerado como tal pelos proto-metamodernistas, o que já foi mencionado na introdução. Essa ironia é usada pela proto-metamodernidade quase como se fosse um princípio gnoseológico (teoria do conhecimento). O que leva ao erro, é claro. A ironia, a menos que se queira uma abordagem totalmente diferente do que ela significa como figura de linguagem, é simplesmente um elemento estético. Ela não pode, e não deve, ser usada como um método para construir uma teoria do conhecimento. Ela deve ser considerada simplesmente pelo que realmente é. Ou seja, como um resultado estético. Ou seja, como um resultado estético, que acaba sendo gerado graças ao fracasso pós-moderno. Portanto, essa ironia, em vez de um princípio, é um resultado. É um sintoma de fraqueza evidente por parte da pós-modernidade. Nesse sentido, esse sintoma pode ser usado como um argumento retórico, para inclinar o julgamento em favor de um novo paradigma necessário. Mas ele só pode ser usado dessa forma. Ele não pode pretender usar os gemidos finais de um homem moribundo como base para que algo novo o substitua. Pois, com relação a esse homem moribundo, não se deve simplesmente tirar dele seus últimos gemidos, mas sim considerar tudo o que ele foi. Desde seu início até seu fim.

Essa ironia, vista apenas de um ponto de vista estético, não passa de uma figura estética que só pode ser usada como argumento retórico. O que deve ser levado em consideração como fundamento é o gozo. Pois esse gozo não aparece apenas nas últimas lamúrias da pós-modernidade, mas desde sua gênese mais antiga até seu último declínio. No

que diz respeito aos sentimentos, é o gozo que deve ser levado em consideração. Não a ironia resultante desse gozo.

Voltando então ao tema do gozo. Na sociedade pós-moderna, há outro gozo que pode ser sentido com muita clareza, especialmente nesse último estágio digital da sociedade. O prazer do entretenimento pós-moderno é algo muito próximo da procrastinação. É como se fosse uma questão de deixar de lado os problemas de consciência e tentar passar o tempo por meio do prazer do entretenimento da vida. A pós-modernidade vê esse entretenimento como uma parte fundamental da preservação da vida. Pois, na lógica pós-moderna, a única coisa que precisa ser feita para preservar a vida é "não prejudicar a ordem estabelecida". Pois a menor variação no ar, especialmente se for violenta, pode ameaçar prejudicar a vida frágil. Nesse sentido, a pós-modernidade é, de fato, muito mais conservadora do que muitos podem acreditar. O prazer do entretenimento se manifesta de várias maneiras. As redes sociais, é claro, são um exemplo válido. Mas quando se trata de redes sociais, esse prazer tende a se misturar com um vício psicológico. Portanto, talvez seja melhor exemplificar essa questão com outro tipo de entretenimento, a música.

O homem pré-pós-moderno tinha instrumentos de reprodução musical em sua casa. Entretanto, a música era reservada para momentos específicos, o que dava uma orientação definida a esse prazer. O homem pós-moderno, por outro lado, ouve música até mesmo quando vai defecar. É surpreendente como há casas ou locais de trabalho em que um alto-falante fica ligado o dia inteiro. Mais do que entretenimento ou diversão, é mais como escapar de uma realidade miserável por meio da diversão excessiva. O pior é que a música que é tocada geralmente gira em torno de palhaços pós-modernos, como bad bunny ou six nine. Observe que eles são escritos em letras minúsculas...

*O fundamento do gozo [subcontexto]...*

Para concluir agora. É indispensável apontar o que parece ser a manifestação final do gozo na pós-modernidade. Que, na realidade, acaba sendo a mais fundamental de todas, e a que contém todas elas. Ela consiste no seguinte.

A supremacia da vida como absoluta, imposta pela pós-modernidade, conseqüentemente abre espaço para uma negação absoluta da morte. Entretanto, há um problema com essa imposição. Por mais que a vida como um absoluto seja defendida com unhas e dentes, essa premissa está sempre sob constante ameaça. Essa negação absoluta da morte é, por sua vez, contraposta pela inevitabilidade da morte. Pois a morte é, como afirmou o primeiro Heidegger, a rainha das possibilidades. De fato, não há nenhum cenário em que a vida possa ser encontrada, no qual não haja possibilidade de morte. Não importa para onde a vida queira fugir, ou o quanto ela se defenda, a morte sempre acaba por alcançá-la.

E, diante dessa supremacia absoluta em termos de possibilidade que a morte tem sobre a vida, a vida, então, não consegue suportar a luta. Ela foge da luta, porque sabe que vai morrer nela; e tem medo. Assim, a vida injeta drogas em suas veias, bebe álcool, cheira cocaína, injeta fentanil, para não ter de se lembrar do problema da morte. Essa vida quer esquecer a luta, porque sabe que vai perder nela. E essa perda lhe causa tanta angústia que ela prefere esquecê-la. Portanto, para evitar o conhecimento do fato de que vai morrer, a vida começa a se intoxicar. A vida precisa se confundir e se sobrecarregar, só assim poderá se esquecer da morte e continuar em seu pedestal de absolutez.

Heidegger expressa esse conceito, chamando-o de "estupefação" que a vida exige. Essa vida diz: "Atordoe-me! Não quero saber da morte, não quero saber da luta. Eu gosto da vida, então me atordoe! para que eu não tenha que ouvir a morte. O prazer da estupefação é o que, por sua vez, cria essa atitude de passar de uma coisa para outra e, imediatamente, dessa coisa para outra. O dasein inautêntico<sup>31</sup> não deseja ouvir a morte, por isso se refugia no prazer da gratificação instantânea. Que, como uma dose diária de cocaína, é o grande determinante de todo o gozo pós-moderno. Que contém em si todos os gozos mencionados anteriormente.

32

Essa atitude de perplexidade, se observarmos bem, pode muito bem ser a causa fundamental de todas as outras manifestações do gozo pós-moderno. Todo esse gozo pós-moderno nasce precisamente da negação da morte. Do medo da luta que a vida trava com a morte, que ela prefere esquecer quando se embriaga. Essa negação da morte se manifesta basicamente em todos os sentimentos pós-modernos. Drogas, sexismo, redes sociais, poluição ambiental, consumismo, empregos de merda, etc. É claro que toda essa atitude de emburrecimento traz muitas consequências negativas. Entretanto, de todas elas, talvez a mais grave seja a consequência econômico-financeira.

*O gozo na economia [subcontexto].*

---

<sup>31</sup> O conceito heideggeriano de Dasein refere-se ao ser que se questiona sobre o ser. O homem estaria, então, incluído nos limites do Dasein. Entretanto, esse Dasein pode ter características nobres e vulgares. Sendo o Dasein autêntico, o nobre.

<sup>32</sup> O conceito de estupefação é descrito por Heidegger como uma parte fundamental do ontocentrismo. Ele simboliza, então, uma parte crucial do Dasein que não mais se pergunta sobre o ser, mas se pergunta sobre os entes. Esse conceito de estupefação pode ser estudado mais detalhadamente em "Being and Time", especificamente na divisão I, S 18-20; e na divisão II, S 44.

Pois a pós-modernidade, em sua tentativa de aproveitar a vida ao máximo, começa a contrair dívidas excessivas consigo mesma. Ela imprime mais dinheiro do que produz. Ela toma medidas monetárias totalmente irresponsáveis, cria inflação e mantém um sistema econômico improdutivo. Todas as consequências que essas práticas inadequadas trazem são sempre para "amanhã", mas o amanhã nunca é relevante quando o que se busca é a gratificação instantânea. Além disso, o prazer também determina que a vida deve ser aproveitada ao máximo, independentemente do custo. Por essa lógica, é perfeitamente compreensível que a pós-modernidade esteja em dívida consigo mesma, por meio do dinheiro que não tem. Pois o desfrute desse dinheiro é mais importante do que o cumprimento de suas responsabilidades em termos de dívida. Tudo isso para que o prazer mantenha a vida absoluta em seu pedestal.

Esse prazer, e o emburrecimento em geral, se manifestam em toda a economia pós-moderna. Hoje, há milhares de empresas que deveriam estar a três metros de profundidade.<sup>33</sup> Empresas que não produzem um único dólar há décadas, mas ainda assim existem, graças à dívida sistemática que as mantém à tona e as impede de "morrer". Portanto, essas empresas são mantidas vivas para preservar a vida. Pois elas devem sustentar a economia mundial, graças à sua produção de novos empregos. E aqui o problema se torna ainda mais complicado.

O endividamento maciço não apenas mantém as empresas improdutivas à tona, mas também gera, por inércia, empregos improdutivos. Essa é a origem dos "empregos de mentira". Empregos que não têm valor produtivo e que, de fato, não deveriam existir. Mas que, no entanto, existem, graças à enorme quantidade de dinheiro que as empresas recebem

---

<sup>33</sup> Esse fenômeno é descrito pelos financistas como "empresas zumbis".

na forma de dívidas. Toda essa não produtividade tem consequências catastróficas de longo prazo para a economia. Mas é claro que a pós-modernidade não está interessada no longo prazo... mas apenas no imediatismo do prazer. E também em "manter vivos" empregos que, na verdade, não deveriam existir.

Além disso, toda essa não produção também cria um problema de dívida de longo prazo. Toda essa dívida é uma bomba-relógio, semelhante ao vulcão de Yellowstone que ferve sua caldeira interna. Mas a pós-modernidade também não está interessada nessa gigantesca dívida de longo prazo, porque a gratificação instantânea é sua prioridade.

O mais obscuro disso tudo é que a pós-modernidade, em seu narcisismo infinito, não vê suas ações como erradas. Em vez disso, ela se diverte e até tira selfies com os problemas. Ele sempre tenta deixar todos esses problemas para aqueles que virão depois dele. Ele sempre os adia para um eterno amanhã, para que outros tenham de lidar com ele. Ele sempre chuta a lata pela estrada, até que a estrada finalmente acabe, ou pior, até que aqueles que estão chutando a lata pela estrada morram. E o problema é deixado para aqueles que ainda estão vivos e que nem sequer puderam desfrutar do bem-estar passado. Assim, arcam com toda a dívida e nenhum dos benefícios.

## Capítulo 5: A origem metamoderna [contexto].

A gloriosa revolução francesa. O dia em que o povo venceu a tirania da monarquia e conquistou sua liberdade. O dia em que a inércia obsoleta do cristianismo e de uma tradição decadente foi derrotada pela razão e pela autonomia da ação. O mundo não é mais apenas um purgatório ou um simples exame para avançar para a próxima etapa. Com a Revolução Francesa, considera-se agora que o homem deve criar seu próprio paraíso aqui na Terra. O indivíduo não é mais colocado atrás do "direito divino" da igreja, dos reis e dos feudais, mas finalmente tem um valor de acordo com o que ele traz para a sociedade. Mas essa autonomia individual não é um desejo que foi alcançado por acaso. Pelo contrário, é uma parte fundamental do que muitos consideram ser o ideal mais profundo da modernidade.<sup>34</sup>

A liberdade é provavelmente o ideal mais profundo da modernidade. Liberdade de pensamento, liberdade de expressão, liberdade de ação. O homem da Revolução Francesa, cansado de uma vez por todas da prisão da matriz do cristianismo, começou a quebrar as correntes dessa estrutura. Elas mantinham o homem preso à imobilidade e à passividade. Todas as respostas eram dadas por Deus, portanto não havia necessidade de procurá-las em lugar algum. Foi essa prisão que o cristianismo criou na Idade Média que motivou a modernidade a adotar uma atitude tão forte em relação à liberdade.

Entretanto, há um problema com a questão da liberdade. Como mencionado há algum tempo, o problema da liberdade é que ela não dura muito tempo. Conforme mencionado, o

---

<sup>34</sup> A Revolução Francesa foi o evento histórico que deu início ao que poderia ser chamado de dominação política total da burguesia. A burguesia se rebelaria contra a monarquia e os senhores feudais, que ainda eram remanescentes da era medieval, e daria início ao que hoje é conhecido como Estado. Essa revolução seria replicada posteriormente em muitos outros países, mas a Revolução Francesa foi a primeira do gênero. Essa revolução foi o início da era contemporânea e o fim da era da modernidade.

problema de "sair da matriz" é sempre que a pessoa acaba caindo em uma nova matriz, logo após ter saído da anterior. Sendo o agente libertador que permite sair da estrutura inicial, agora é o novo agente opressor, que assumiu a posição de nova estrutura condicionante.

Essa questão é apenas um dos pontos que criam problemas com a questão da liberdade. De fato, há vários outros pontos que tornam esse ideal altamente problemático. Não apenas problemático para o pós-moderno, mas também para as filosofias modernas, existencialistas, gregas e medievais. Se analisarmos os significados que a palavra "liberdade" teve ao longo da história, perceberemos que há um número infinito de interpretações e conceitos sobre ela. A liberdade, assim como o bem, é um conceito que traz complicações. E de todas essas tentativas, o homem moderno tem sido o que mais genuinamente busca. Essa é uma parte essencial de sua vontade.

Foi essa busca constante pela liberdade que provocou o desenvolvimento da vontade do homem moderno. Ser livre do cristianismo, dos reis, da precariedade da vida, do lugar onde estava confinado. Foi essa busca pela liberdade que o levou a ações como a conquista da América. O homem europeu ficou maravilhado com aquele novo continente. Aquelas paisagens vastas e belas, aquelas terras férteis, aquelas inúmeras riquezas virgens, pareciam ser exatamente o que o homem precisava para alcançar sua liberdade. Ele então começa a respirar esse novo ar fresco e a explorar essa nova terra. As riquezas e o espaço livre permitiriam que ele finalmente alcançasse sua liberdade.

Mas, tendo finalmente cedido à conquista, a consciência fica insatisfeita com essa liberdade supostamente alcançada. A consciência percebe que essa conquista americana não é a verdadeira liberdade e que a vontade ainda continua a desejar a liberdade. A consciência

então deixa de desejar uma coisa e passa para outra. O desejo pela coisa muda, mas o desejo pelo ideal permanece intacto.

A consciência percebe rapidamente que a conquista exige um trabalho imenso em termos de infraestrutura e exploração da terra. Esse trabalho pesado, que teria de ser iniciado do zero, estando em terra virgem, se tornaria apenas um novo par de grilhões. Um novo objeto de consciência é, então, procurado e tentado novamente. Agora, por meio da independência do trabalho. Em seguida, recorre-se à escravidão e às colônias. O trabalho de outro sangue pode se tornar um candidato melhor à liberdade. Pois agora haverá muito mais tempo livre, e a terra selvagem americana também poderá ser treinada. Isso possibilitará a conquista da liberdade absoluta. Mas isso também não funciona... A consciência logo percebe que essa ociosidade não permite que ele alcance sua liberdade, mas apenas o torna dependente do outro. Assim, o proprietário do escravo acaba se tornando o escravo.

Além disso, o proprietário de escravos também perde algo ainda mais valioso do que sua independência, que é sua capacidade de criar. Pois ele inevitavelmente acaba entregando ao escravo a criação de um elemento tão importante como a cultura. A cultura que o proprietário de escravos agora tem de assumir é uma cultura de origem sanguínea diferente e é considerada algo estranho para ele por sua consciência.

A consciência percebe que a conquista do novo continente, mesmo por meio da escravidão, não é a verdadeira liberdade. E logo percebe que escapar da prisão cristã de seu continente também não representa liberdade, porque esse continente continua a mantê-la aprisionada à distância, por meio das colônias monárquicas. Assim, a modernidade passou a tentar encontrar sua liberdade no nível da ordem econômica. Então veio a Revolução

Francesa. Foi o início do que hoje é conhecido como "estado burguês" e o começo do fim da monarquia com a decapitação de Luís XVI. A política é mobilizada com a intenção de colocar o homem no centro da história, e também marca o início do que poderia ser chamado de domínio absoluto do capitalismo e da burguesia.

Essa revolução representa o fim da monarquia e a ascensão da nova burguesia ao poder. Mais tarde, essa revolução se repetiria em todos os cantos do mundo. Na América, ela foi sentida com grande força. Foi uma libertação do colonialismo, e os estados americanos nasceram. A consciência acreditava que, com essa independência, poderia finalmente alcançar a verdadeira liberdade à qual a modernidade tanto aspirava. Por enquanto, a burguesia tem liberdade para alcançar sua própria liberdade sem a interferência do cristianismo.

Mas a modernidade logo percebe que essa conquista de direitos não é suficiente para alcançar sua liberdade. Acontece uma coisa muito curiosa. A modernidade, que ansiava por liberdade, fica totalmente insatisfeita quando finalmente alcança sua vitória. O desejo que nunca é satisfeito, sente-se vazio novamente. Essa "liberdade", que a modernidade finalmente acreditou ter alcançado com as revoluções burguesas, é imediatamente anulada por ela mesma. Pois, ao mesmo tempo em que a burguesia está destruindo o poder estabelecido, ela está se tornando o novo poder dominante. Ela não deixou a matriz do cristianismo, mas simplesmente foi substituída por uma nova matriz. A burguesia não é mais o agente da libertação, mas automaticamente se torna o agente da opressão.

Esse fenômeno é claramente evidenciado em uma parte específica da filosofia de Hegel. A propósito, Hegel viveu na mesma época em que todas essas revoluções burguesas

ocorreram; e há uma parte dele que reflete esse comportamento do "novo opressor". Pois Hegel acredita que alcançou o conhecimento absoluto e, portanto, com sua filosofia, considera que a história está terminada. Isso, é claro, é visto por ele como um movimento libertador. Mas, no que diz respeito aos outros filósofos posteriores, isso é visto como um ato de opressão absoluta. Pois essa declaração acaba automaticamente anulando todas as filosofias subsequentes. Todas as outras filosofias teriam então a intenção de buscar alternativas a Hegel, embora inevitavelmente acabem sempre se afastando dele, de uma forma ou de outra.

Esse triunfo absoluto da burguesia como a nova centralidade da história faz com que a consciência busque imediatamente outras opções. Nesse ponto, a filosofia começa a se distanciar da academia, e tem início o que chamamos de existencialismo. E também o início do que se tornaria, por assim dizer, a era contemporânea. Entretanto, essa era não é totalmente independente da era moderna. Pois o ideal moderno de liberdade não se perdeu, mas apenas evoluiu. Pois a liberdade autêntica parece ainda não ter sido alcançada, e o existencialismo continuaria a insistir nela. O ideal do existencialismo não é mais tanto a liberdade de ideias, ou a liberdade de expressão, ou uma série de direitos justos; pois isso já foi alcançado até certo ponto com a Revolução Francesa. Em vez disso, a liberdade que o existencialismo deseja agora é uma liberdade absoluta da realidade. Em outras palavras, a liberdade não tem mais essas características "ideais" ou "formais", como tinha na modernidade. Mas na era contemporânea, esse desejo assume propriedades muito mais "reais" ou "materiais". O que o existencialismo almeja é a liberdade absoluta. A liberdade mais autêntica. Ou a liberdade mais real de todas, aqui mesmo na Terra. Não mais no céu.

O desejo de liberdade, portanto, também ainda está presente na era contemporânea. Mas não mais como a busca pela liberdade de ideias, ou de pensamento, como era na modernidade. Mas agora, com o triunfo da burguesia, as portas estão abertas para buscar essa liberdade na realidade do próprio mundo material. A busca por uma liberdade absoluta, que transcenda todas as classes sociais ou fenômenos históricos, é o que a era contemporânea almeja. Esse desejo pelo absoluto é, de fato, inspirado de muitas maneiras pela modernidade, especialmente por Hegel.

Além da questão da liberdade, a era contemporânea ainda está, em muitos aspectos, ligada à modernidade. Pois é o mesmo elemento burguês que acaba sendo o centro da narrativa histórica. É o mesmo capitalismo, o sistema econômico dominante. E é a mesma filosofia hegeliana da burguesia, que ainda permanece como um fundamento gnoseológico impossível de ser ignorado pelas filosofias posteriores. A era contemporânea, então, talvez seja uma tentativa de superar a modernidade; no entanto, muitas das premissas modernas ainda estão presentes. Ela se torna uma era com um contexto não muito distante da realidade moderna.

Portanto, a consciência contemporânea continua com a mesma busca pela liberdade, embora agora em termos muito mais reais e absolutos. Essa nova consciência percebe rapidamente que o triunfo da burguesia não é suficiente para alcançar a liberdade absoluta. Além disso, outra das coisas que ela percebe primeiro é a ociosidade que a escravidão gera em seu próprio sangue. Essa ociosidade não é apenas prejudicial ao espírito, mas é contraproducente para a conquista da liberdade absoluta. Pois gera uma nova dependência de um agente que não é o próprio sangue. Assim, a escravidão começou a ser abolida em todo o mundo, pois não era o caminho para a liberdade absoluta.

Mas a consciência contemporânea percebe mais uma vez que essa abolição da escravidão não lhe dá liberdade absoluta. Além disso, ela percebe que essa abolição não dá liberdade nem mesmo aos outros sangues que costumavam ser escravos. Pois esses escravos, uma vez libertados, ainda precisam trabalhar. E o homem europeu também ainda precisa trabalhar, o que impede que ambos sejam "livres". Portanto, a consciência contemporânea está novamente insatisfeita com isso e se propõe a fazer uma nova tentativa.

Então os existencialistas mudam novamente seu objeto libertador. Não é mais a independência do cristianismo, nem mesmo a escravidão, mas agora é a liberdade financeira, que possibilitará alcançar a liberdade absoluta. "Ser tão rico que se possa viver sem trabalhar". Começa então a revolução industrial, que gera uma enorme produção econômica. E, apesar das grandes desigualdades e da insegurança no emprego que gerou, a industrialização é aceita pela história, graças à promessa de aposentadoria precoce e de uma futura automação total do trabalho.

Mas, apesar disso, a consciência contemporânea percebe mais tarde que essa enorme produção econômica não representa a autêntica liberdade que ela busca. Pois muitas vezes parece que ela tira mais liberdades do que dá. Deve-se lembrar que, naquela época, as pessoas costumavam trabalhar dez ou doze horas por dia, de domingo a domingo, quase sem intervalo. O pouco tempo que há agora para aproveitar o que é produzido, a enorme desigualdade econômica e a ausência de automação imediata impulsionam a criação dos direitos dos trabalhadores e as novas ideias socialistas. É aqui que começa a busca por esse absoluto, a partir de uma perspectiva muito mais material e um pouco diferente.

A era contemporânea modifica novamente seu objeto libertador. A busca ainda é por realização e liberdade financeira. Mas isso agora deve ser compartilhado por todos, e não por alguns burgueses. A liberdade, para ser a verdadeira liberdade, deve ser absoluta e, portanto, comum. É nesse ponto que tudo o que hoje é conhecido como "esquerda hegeliana" entra em cena. As ideias de Kierkegaard, Nietzsche e Marx são iniciadas. A era contemporânea quer conquistar sua liberdade no nível da massa, não apenas do indivíduo. Além disso, o conceito de liberdade agora tende a se dividir em dois ramos principais, que talvez possam ser definidos como "não opressão" e "não intervenção".

O marxismo, por um lado, tomaria o conceito de liberdade como "não opressão", permitindo que essa não opressão se imponha ao proletariado. É um tanto irônico que a não opressão tenha como objetivo a ditadura absoluta do proletariado e que, uma vez alcançada essa vitória, essa nova ditadura estaria livre de toda opressão. A ascensão do proletariado ao poder levaria inevitavelmente a um tipo de paraíso onde todos viveriam felizes juntos e haveria recursos suficientes para todos. Alcançando o absoluto e, conseqüentemente, a liberdade absoluta.

Entretanto, além dos problemas da liberdade marxista na questão da nova ditadura, há outro problema, que é o fato de que a liberdade da massa, por sua vez, parece se sobrepor à liberdade individual. Isso é especialmente verdadeiro na prática do movimento comunista. Ele promete plenitude econômica em nível de massa, mas no curto prazo acaba anulando toda a liberdade individual.

Por outro lado, outro tipo de liberdade é proposto. A liberdade de "não-intervenção", que é anarquista em seus próprios fundamentos e que defende um controle mínimo ou nulo.

Essa corrente está, obviamente, ligada às promessas do livre mercado, da democracia e da liberdade individual. Uma corrente que, obviamente, está ligada ao liberalismo e que acaba evoluindo em sua versão mais obscena para o neoliberalismo de hoje. Essa corrente "libertária", assim como o marxismo, também traz consigo muitas complicações. Pois a liberdade concedida ao indivíduo parece, ao mesmo tempo, anular a liberdade que se tem como comunidade, exatamente como aconteceu com o marxismo, mas ao contrário. Além disso, a suposta liberdade que vem da "não intervenção" da democracia e do livre mercado torna-se um conceito distorcido. Na verdade, não há "não-intervenção", mas a intervenção simplesmente muda o ator, e não é mais a ditadura do Estado, mas agora é a ditadura das massas, tanto em seus desejos consumistas cegos quanto em seu desejo político ainda mais cego, na democracia. Sem mencionar também a ditadura que os grandes monopólios corporativos acabam exercendo.

Tanto a "não opressão" quanto a "não intervenção" trazem grandes dificuldades, que não são resolvidas por nenhum diálogo e que, de fato, acabam dividindo o mundo em dois. Com os vermelhos no Oriente e os azuis no Ocidente. Mas essa dualidade não fica apenas nisso, pois esse contraste duplo gera um terceiro elemento. As duas correntes opostas se chocam no coração da Europa, e as revoluções fascistas começam. O terceiro elemento, que nega os dois elementos anteriores e busca superá-los também. Eles desejam alcançar a liberdade não mais por meio do indivíduo ou da massa, mas de ambos, por meio da hierarquia. Eles rejeitam a democracia como um objeto libertador e buscam encontrar a liberdade por outros meios. A liberdade agora é imposta pela vontade de viver, uma vontade que está ligada à expansão e à conservação. A liberdade é agora a capacidade criativa e expansionista. Essas teorias vêm quase inteiramente de Kierkegaard, Schopenhauer e, especialmente, Nietzsche. E, em menor escala, também vêm de Heidegger, na versão alemã

do facismo. O conceito facista de liberdade absoluta é a conquista militar absoluta e a expansão do derramamento de sangue.

Esse terceiro elemento, entretanto, também não alcança a liberdade absoluta. Para a expansão, a guerra e a moralidade da vida levam a uma hierarquia totalmente inflexível, que não permite o desenvolvimento adequado da liberdade. Esse terceiro elemento torna-se extremamente frágil em sua dependência de uma liderança centralizada. Essa centralização inflexível acaba levando o homem moderno a uma prisão militar da qual ele não pode escapar, devido à estrutura do sistema. Nele, somente o Estado dita quem vive e quem morre, sendo o grande monopolizador da violência. Isso não se manifesta apenas em nível facista, mas também em nível soviético e dos aliados. O sistema de recrutamento e a hierarquia militar impedem que o homem contemporâneo decida quando terminar a luta e quando continuar.

Mas a maior prisão do facismo não é tanto a hierarquia, mas sim a vida. Como a vida é o principal alicerce, ela se torna exatamente o que causaria o fracasso do facismo e todo o seu declínio em geral. A bomba nuclear, portanto, acaba sendo a arma definitiva contra a vida e a expansão do sangue; e acaba paralisando o facismo, pelo menos em seus últimos estágios com o imperialismo japonês. Essa paralisia causada pela vida como absoluta é a mesma paralisia que pode ser percebida hoje na pós-modernidade. A vida é a principal causa da prisão que agora é representada pelos pós-modernistas na estrutura.

Toda essa centralização, inflexibilidade e ditadura da vida acaba destruindo o terceiro elemento facista. Mas também acaba quase destruindo o elemento comunista e capitalista. Não podemos nos esquecer de mencionar a óbvia desvantagem que a bomba nuclear traria

mais tarde. Tudo isso é visto pelo homem europeu como uma ameaça direta à vida e, por isso, ele acaba renunciando a esse objeto libertador. Pois sem a vida, a liberdade é impossível. Ou pelo menos essa é a conclusão imediata tirada pelo homem pós-moderno.

Esse objeto de liberdade autêntica fracassou novamente, como todos os anteriores, e não possibilitou a conquista da liberdade absoluta. Pelo contrário, acabou por imobilizar um aspecto fundamental da história. Graças à bomba nuclear, agora não há mais nenhuma possibilidade de alcançar a liberdade por meios coletivos. Pois qualquer passo em falso no nível da totalidade acabaria com o planeta em um grande kaboom.

É aí que começa a pós-modernidade. Essa pós-modernidade renuncia ao objeto libertador em nível coletivo e promove uma liberdade fragmentária. Essa nova liberdade pós-moderna não se concentra tanto na "não opressão", mas anda mais de mãos dadas com a "não intervenção", que se manifesta em seu objeto libertador final, que é "sair da matriz". Um objeto que supostamente alcançaria a liberdade autêntica, pois essa fuga acabaria com a opressão imposta pela estrutura. Essa estrutura é percebida pela pós-modernidade como um agente totalizador, que só pode ser superado por meio do fragmentário. Ou seja, por meio do indivíduo, que parece crescer quando não há intervenção. Essas teorias pós-modernas da liberdade são fundamentalmente anarquistas.

Aqui vale a pena fazer um parêntese esclarecedor, porque até agora a pós-modernidade é vista por muitos como algo separado da modernidade e da era contemporânea. Mas, como foi explicado ao longo deste artigo, a pós-modernidade não nega a busca pela liberdade autêntica. Muito pelo contrário. A liberdade continua sendo um dos fundamentos mais profundos da pós-modernidade, seguindo a mesma tendência da era

contemporânea. Que, por sua vez, também se originou do ideal burguês de liberdade da era moderna. Essa liberdade autêntica ainda não parece ter sido encontrada, caso contrário, esse objeto não estaria mais no centro da busca da filosofia.

O fundamento da liberdade também não é estranho à pós-modernidade. Pois ela também busca essa liberdade absoluta. E para buscá-la, a primeira coisa que ela faz é tentar preservar a vida antes de qualquer outra coisa. Para a pós-modernidade, essa vida é necessária para alcançar a liberdade absoluta. Mas, uma vez que a vida esteja garantida, a pós-modernidade embarca em seu caminho de libertação. Ela busca alcançar a liberdade absoluta por meio da fragmentação. Para isso, a fragmentação é a candidata perfeita. Ela nos permite manter a vida e, ao mesmo tempo, continuar a busca pela liberdade absoluta. A única diferença é que agora o objeto libertador não é mais a liberdade financeira, nem a imposição da vida, nem o triunfo do proletariado; agora é a desconstrução do "eu". O que supostamente permite a fuga da matriz feliz.

Portanto, a pós-modernidade não seria uma negação da modernidade em seu fundamento mais íntimo, mas apenas uma negação em termos de suas propostas de totalidade e absolutismo. No entanto, em termos de vontade, a pós-modernidade ainda aspira ao mesmo que a era contemporânea e ao mesmo que a modernidade, mas apenas de uma maneira diferente. Além disso, não se pode negar que, no que diz respeito à pós-modernidade, os Estados burgueses ainda existem, o domínio econômico e militar da burguesia ainda existe e, mais importante, o capitalismo como sistema de produção ainda é o vencedor absoluto. Portanto, talvez toda essa história, tanto a história da modernidade, a era contemporânea e a pós-modernidade, possa, na verdade, ser englobada em um estágio muito maior do que esses três. Um estágio cuja base é o domínio da burguesia e a busca pela liberdade como o

principal ideal. A liberdade absoluta ainda não foi encontrada, e a tarefa permanece inacabada. Talvez, de fato, essa seja precisamente a razão pela qual o domínio da burguesia ainda não terminou, ao contrário de todas as expectativas.

Pois a pós-modernidade, em sua tentativa de libertação, também não é capaz de alcançar essa liberdade genuína. Pois, como já é evidente, a pós-modernidade, em vez de permitir uma saída da estrutura, acabou se tornando a nova estrutura que martela a liberdade do homem. Apesar dessa nova tentativa pós-moderna de encontrar liberdade por meio da vida e escapar da matriz, ela mais uma vez desaparece no erro. A liberdade absoluta mais uma vez escapa por entre as rachaduras, e a derrota faz com que o entusiasmo do homem pós-moderno diminua muito. Ele começa a ver essa batalha pela liberdade autêntica como algo inatingível, que só é capaz de levá-lo ao erro.

A pós-modernidade queria encontrar sua liberdade absoluta em suas tentativas de escapar da matriz. Em sua busca por liberdade, ela então se volta para a vida, o pacifismo, a desconstrução, o mercado livre neoliberal e a democracia. Mas, mais uma vez, ele tem o objeto errado, e agora quase não restam mais opções...

A liberdade, desde as origens mais profundas da modernidade, com Descartes, tem sido o ideal ao qual sempre aspiramos. Esse ideal já foi jovem, enérgico e cheio de vida. Hoje, com essa última tentativa fracassada da pós-modernidade, esse ideal está envelhecendo. Esse ideal está triste, sem esperança. Não é mais o mesmo desejo vigoroso que antes se lançava sem meditação em direção ao seu objeto libertador. Ele está muito confuso. Pois os objetos que antes eram possíveis libertadores agora se tornaram os grilhões que o mantêm prisioneiro. Sua aspiração à liberdade foi virada de cabeça para baixo e agora se torna seu

grande inimigo. A pós-modernidade vive hoje em uma prisão terrível da qual não sabe como sair. E o mais doloroso é que essa prisão foi construída por ela mesma em seu desejo de liberdade.

Essas tentativas de alcançar a liberdade absoluta não apenas fracassaram, mas se revelaram erros decisivos. Erros que mantêm aprisionadas as tentativas subsequentes. Isso acontece a ponto de transformar esses objetos libertadores do passado em imposições ideológicas. Então, ocorre o mesmo problema de sempre. Não há como escapar da matriz, mas essa matriz é simplesmente substituída por outra matriz. E a próxima sempre parece ser mais perversa do que a anterior.

E o problema da liberdade reside precisamente no fato de que, desde o início da modernidade até hoje, essa busca pela liberdade sempre quis se impor. Ela sempre alegou já ter alcançado a liberdade máxima e, ao mesmo tempo, negou todas as tentativas futuras de alcançá-la novamente. E assim declarando "o fim da história". Já se ouviu inúmeras vezes que "a história acabou". Descartes propôs isso, alegando que seu método era o definitivo, porque partia de uma verdade "indubitável". Hegel o disse quando afirmou que a história havia terminado com sua filosofia. O comunismo o disse, quando afirmou que a história havia acabado com a ditadura do proletariado e que, a partir de então, seria inaugurado um paraíso sem hierarquias. Fukuyama disse isso quando afirmou que a história havia terminado com o triunfo do capitalismo após a queda do Muro de Berlim. Até mesmo os pós-modernistas disseram isso, afirmando que "a liberdade só existe fora da estrutura, mas você só pode sair da estrutura por meio da liberdade". Ninguém quer... ao que parece... aceitar a morte em sua totalidade.

Tudo o que nasce, nasce para quebrar. A ruptura é a constante da realidade. Não importa quão grande seja a imposição para manter algo vivo; a morte, no final, sempre vence. Então, o que é que a consciência quer tanto evitar, dando um fim à história? vida eterna? materialismo messiânico? paraíso judaico? a vida eterna é a verdadeira liberdade?

A vida, nos últimos estágios da pós-modernidade, parece se impor ao desejo de liberdade. A história chegou a tal ponto que a própria vida está se tornando um obstáculo a esse desejo. O homem pós-moderno, em seu crepúsculo, está começando a desejar mais estar vivo do que ser livre. Isso representa uma traição ao sangue e um óbvio declínio histórico. Finalmente, chegou-se à encruzilhada histórica em que o homem precisa escolher entre a vida e a liberdade.

A essência suprema da vida é a de uma prisão. Uma prisão que se repete continuamente, sempre da mesma forma. É a roda do samsara, o eterno retorno, a roda do hamster, a corrida dos ratos. A vida é uma prisão, e isso, nos últimos momentos da pós-modernidade, está se tornando evidente. Ela quer viver para sempre, presa à sua ideia ridícula de escapar da matriz, que não está funcionando. A filosofia, desde os tempos dos gregos, tem sido grande por uma única razão. Ela é o que é precisamente porque é capaz de se renovar constantemente. É isso que a mantém em uma posição superior em relação às outras ciências. Pois, de todas as ciências, a filosofia é a que morreu com mais frequência. Ela morre, renasce e depois morre novamente.

Chegou a hora de todos. E assim como os pós-modernistas tiveram seu tempo, essa nova filosofia metamoderna, que é apresentada neste livro, também terá seu tempo. No devido tempo, ela também será questionada, negada e, posteriormente, substituída por outra

filosofia. De fato, é provável que ela seja questionada e substituída, até mesmo pelo próprio autor. Mas, de qualquer forma, pelo simples fato de ter nascido, essa filosofia já tem um dia de partida. No final, a morte sempre prevalece sobre a vida. E isso é bom... pois é somente por meio da morte que o homem encontra sua verdadeira liberdade.

A liberdade não está fora da matriz, mas dentro dela. É exatamente a morte que nos permite passar de uma matriz obsoleta para uma matriz mais evoluída. O movimento não é possível sem a morte, e é somente no movimento que a verdadeira liberdade é encontrada. Esse é o momento em que todo o condicionamento é abandonado e o novo condicionamento dá lugar a uma brisa renovada de liberdade.

Assim como o indivíduo simples, que parece encontrar sua verdade quando morre. Pois quando ele morre, sua verdade não é representada por seus últimos momentos, nem por seus momentos mais notórios. Mas sua verdade é representada pela totalidade de tudo o que sua vida foi. A vida que passa completa diante de seus olhos, condensada em uma unidade, e é essa unidade, sua verdade. Verdade que parece ser descoberta apenas na morte. Sem a morte, não pode haver verdade. E é possivelmente essa verdade que dará lugar a uma nova vida, no futuro. Mas agora como uma vida condicionada por preconceitos renovados.

Assim como acontece com o simples indivíduo, parece ser o caso do coletivo da história. Ela se conclui em algum ponto específico, e toda a energia do passado se concentra nesse ponto, o tempo para por um segundo, no ponto de contexto, e passa para a próxima estrutura histórica que condicionará a realidade futura. Mas essa evolução histórica nunca poderá ocorrer sem liberdade. Portanto, não podemos falar de liberdade hoje, enquanto insistirmos no monopólio da violência.

O momento da morte metamoderna chegará um dia. Mas até que esse dia chegue, essa nova filosofia encontra seu lugar ao substituir a já obsoleta pós-modernidade. Essa nova filosofia, que pode ser chamada, por uma questão de conveniência didática, de "metamodernidade", é encarregada de retomar a tocha e seguir o caminho dos tempos. A metamodernidade, portanto, seria a evolução de sua antecessora.

*Pré-conhecimento metamoderno [subcontexto].*

A crise econômica de 2008 foi um duro golpe. A pós-modernidade, já reduzida, sentiu o impacto diretamente. Entretanto, as ideias pós-modernas são salvas por um segundo da morte iminente. O Federal Reserve dos EUA imprime uma quantidade extrema de dinheiro para "salvar" a economia. O coração da pós-modernidade, depois da reanimação e de alguns choques elétricos, começa a bater novamente. A pós-modernidade é salva dessa queda e começa o que seria seu último período de vida. Entretanto, apesar dessa recuperação, a claudicação da pós-modernidade já é evidente. Seu fim se torna evidente, e a consciência começa a mudar de lado.

Dessa fratura momentânea de 2008, surge o que viria a ser a proto-metamodernidade. Ela cria um pré-conhecimento que, embora não seja totalmente próprio da metamodernidade autêntica, também não é totalmente estranho a ela. Ele está no meio dos dois mundos, e é válido pelo menos considerá-lo como um elemento-chave de estudo. E, tendo considerado isso, ela pode ser integrada às manifestações mais recentes da proto-metamodernidade atual.

Criando assim, por meio de ambos, um conhecimento pré-metamoderno mais ou menos preciso.

Há várias características que definem esse conhecimento pré-metamoderno. Uma dessas características é a confusão e o pessimismo extremo. Ao contrário do que às vezes se afirma sobre a metamodernidade, ela não é "otimista" em relação à realidade. Tampouco é "pessimista" da mesma forma que a pós-modernidade. Tampouco é um meio-termo morno entre os dois. Em vez disso, ela pode ser explicada como um pessimismo extremo diante da realidade. O pessimismo é tão extremo que acaba se tornando otimismo. É como se, diante de uma morte inevitável, o sujeito parasse de ficar tão angustiado e começasse a rir alto. Como se a tragédia fosse tão trágica que acabasse se transformando em comédia. Ou como se a morte fosse apenas algo que viesse para resgatar o homem de seu sofrimento. E mesmo que o homem não tenha ideia de onde essa morte o levará, qualquer lugar é melhor para ele do que aqui...

Além disso, há outras características desse conhecimento proto-metamoderno. Uma das mais importantes é a tentativa de resolução diante dessa dualidade confusa em que se encontra a realidade histórica. De fato, é justamente dessa dualidade que surge a palavra "metamodernidade". O "meta" vem da palavra platônica *metaxis* (*μεταξύ*, *metaxý*).<sup>35</sup> Essa palavra, *metaxis*, refere-se a um ser no meio dos opostos. A um ser no meio, mas não simplesmente como um ponto no meio, mas também fazendo parte de ambos ao mesmo tempo. Ou seja, não necessariamente estar no meio de ambos, mas estar em uma posição que engloba os dois elementos.

---

<sup>35</sup> A palavra tem suas origens e a maior parte de seu significado em Platão. Especificamente em seu diálogo "Fedro". Entretanto, essa palavra, graças à sua ambiguidade, leva a diferentes interpretações ao longo do tempo.

Além disso, essa metáxis platônica também é representada como um intermediário entre o ser e o devir. Algo semelhante ao conceito hegeliano, ou o contexto que tece a história. E, assim como esses elementos, a metáxis se torna um tanto complicada de explicar. Pois ela acaba sendo, em muitos aspectos, a "síntese", digamos assim, de algum tipo de dialética. Ela também parece ter uma relação próxima com o *Aufheben* hegeliano (o terceiro momento reconciliador) e com todos os tipos de dialética em geral, além da hegeliana. Entretanto, como já foi observado, essa metáxis é um termo tão ambíguo, tão obscuro, que tudo o que faz é gerar mais perguntas do que respostas.

E é precisamente por essa razão que a palavra metaxis parece ser a palavra certa para nomear a metamodernidade. Pois ela é tão aberta, tão ambígua, que representa perfeitamente o estado em que a metamodernidade se encontra. Pois essa natureza do terceiro momento, da síntese da dialética, não é tanto o fundamento já dado à metamodernidade, mas sim uma de suas questões centrais. Essa pergunta ainda não foi respondida, pois parece que essa é precisamente a missão metamoderna, a de responder a essa pergunta. É por isso que a palavra metaxis se encaixa como uma luva. Pois ela é tão ambígua que serve perfeitamente como um nome inicial.

Além disso, há outra razão pela qual essa palavra é preferível. E por que ela é preferível à palavra ironia. A palavra ironia, por exemplo, é usada pelos proto-metamodernos, como se fosse um método gnoseológico. O uso dado à ironia ali é o de uma espécie de brincadeira entre dois elementos aparentemente opostos. Consiste, então, em oscilar entre um e outro, ou seja, brincar primeiro com um, depois mover e brincar com o outro. Algo mais ou menos parecido com isso é o uso pretendido da palavra ironia na proto-metamodernidade. No

entanto, isso acarreta uma série de problemas. O que acaba posicionando a metáxis como um conceito mais adequado do que a ironia.

Há vários motivos para isso. Em primeiro lugar, a palavra ironia tem um significado hermenêutico tão vasto que é quase impossível de entender. Essa palavra teve diferentes significados ao longo da história e, muitas vezes, foi considerada apenas como uma figura de linguagem.<sup>36</sup> Em outras palavras, é um conceito puramente estético. Essa vastidão de significados e sua clara tendência à estética complicam muito o uso dessa palavra na filosofia. Especialmente quando se tenta construir todo um sistema gnoseológico com base nela.

Em segundo lugar, essa palavra ironia, como já foi mencionado, representa um tipo de brincadeira entre opostos. E essa brincadeira é apenas isso, uma brincadeira. Ou seja, no momento em que ele brinca com um elemento, ele se esquece do outro elemento. E no momento em que ele se concentra no outro elemento, ele se esquece do anterior. Portanto, acaba se tornando um conhecimento totalmente unilateral que se concentra apenas no ME dos elementos. Não importa quanta memória se tenha do conhecimento anterior, essa unilateralidade do conhecimento dos opostos é certamente a gênese de um erro. Como já foi dito, é a unilateralidade que é o verdadeiro inimigo da filosofia.

Ao contrário de ironia, a palavra metaxis é muito mais apropriada. Pois isso, em vez de uma brincadeira unilateral, reflete uma atitude que contém ambos os opostos em seu interior. Ou que é capaz de assimilar os dois ao mesmo tempo. Talvez se possa dizer que, mais do que uma brincadeira, é um estado de observação. O que só pode acontecer quando se

---

<sup>36</sup> Esse problema é bem evidenciado ao analisarmos a definição de ironia como um termo filosófico. Veja a definição no dicionário de Ferrater Mora para entender melhor esse problema.

tem um ponto de vista superior em relação à situação dos opostos. Da mesma forma que a água, graças ao seu ponto de vista elevado, é capaz de distinguir tanto o vale quanto a montanha, como partes do mesmo elemento.

Essa metaxe, de fato, torna-se extremamente importante para a metamodernidade. Pois ela se torna presente em quase todos os seus desafios. A grande dualidade da realidade metamoderna a força a esclarecer essa ideia de metaxe. Isso poderia ser interpretado por alguns como dialética, mas, devido à ambiguidade da situação, preferimos usar a palavra metaxis. A grande dualidade está presente em quase todas as questões metamodernas. A dualidade entre a totalidade moderna e a fragmentação pós-moderna. A dualidade entre o rico e o pobre, entre a terra e o céu, entre a vontade e a consciência, entre o ser e o não-ser. Mas, acima de tudo, há uma dualidade à qual a metamodernidade autêntica deve aderir antes de qualquer outra. A dualidade entre vida e morte deve representar o eixo central da discussão para que a pós-modernidade seja de fato superada. Caso contrário, a metamodernidade permanecerá eternamente ancorada no passado.

Assim, além de um sentimento proto-metamoderno de "tragicomédia", por assim dizer, e além dos conceitos ambíguos de metaxis, já se pode começar a sentir o que é a verdadeira metamodernidade. Pois, embora essas ideias venham de uma proto-metamodernidade, elas são suficientemente explícitas para dar uma boa ideia do que será a metamodernidade autêntica. Além dessa tragicomédia e da metaxis, há outro elemento final que é fundamental para entender o contexto metamoderno.

Esse outro elemento é o da metamodernidade como negação da negação. Como o leitor pode imaginar, essa ideia vem em grande parte dos filósofos que acreditam nas teorias

dialéticas de Hegel. Pois, na dialética hegeliana, esse terceiro momento é uma negação da negação anterior. E esse terceiro momento, em vez de um objeto reconciliador, para Hegel, é na realidade uma negação absoluta. Ou seja, é uma negação da negação. Ou seja, temos primeiro uma afirmação, depois uma negação e, em seguida, uma negação da negação (sublação, *Aufheben*) como terceiro elemento. Mas essa negação da negação é, na realidade, uma negação da afirmação e da negação anterior. Ou seja, é uma negação de ambas, mas também é uma superação de ambas.

Os conceitos dialéticos hegelianos são bastante complexos, e muitos afirmam que eles são até mesmo obscuros. Não há aqui nenhuma tentativa de esclarecer o que a dialética significa para Hegel, nem o que esse terceiro momento realmente significa em sua totalidade. Mas uma coisa que está clara sobre esse terceiro momento é que ele é uma negação da negação anterior. É por isso que a metamodernidade é vista como um possível terceiro momento entre a modernidade (afirmação) e a pós-modernidade (negação da afirmação). E esse terceiro elemento deve negar a pós-modernidade (negação da negação) para dar continuidade à ordem dialética. Ou pelo menos é visto dessa forma por aqueles que acreditam na ordem dialética hegeliana da história.

Mas nem todo mundo acredita nessa ordem dialética, não é mesmo? Essa ordem traz consigo uma série de problemas. Pois, mesmo que seja real, as peças podem ainda não estar em ordem. Pois, como já afirmamos aqui, a pós-modernidade não é necessariamente uma negação da modernidade, pois ela apenas nega suas ideias de totalidade. Mas, ao mesmo tempo, ela mantém ideias ainda mais fundamentais da modernidade e da era contemporânea. Tais como liberdade, vida e o próprio sistema capitalista de produção. Além disso, pode-se

também argumentar que a modernidade não é necessariamente uma "afirmação". Ela não foi uma negação quando decapitou Luís XVI? Tudo isso é confuso.

A metamodernidade não pode simplesmente confiar nessas ideias rígidas de ordem dialética em nível histórico para sustentar todos os seus princípios. É necessária uma intervenção de criatividade para que ela possa trazer novas ideias para a mesa. Somente a consciência é capaz de saber em profundidade qual deve ser o próximo passo. Para que a vontade possa dar o próximo passo. O desdobramento histórico da vontade e da consciência parece novamente se impor a essa ordem dialética.

A possibilidade de uma ordem dialética não é descartada, se houver clareza sobre o assunto. Mas a análise da atitude que a metamodernidade deve assumir agora será estudada, mais do que qualquer outra coisa, como um estudo do desenvolvimento da vontade e da consciência na história. Para determinar qual postura a nova metamodernidade deve assumir, então, não devemos nos limitar apenas à ordem dialética, mas também levar em conta os aspectos mais caóticos da história. A consciência e a vontade se tornam muito mais relevantes para as conclusões deste estudo.

Esse aprendizado histórico é exatamente o que será discutido a seguir. Após essa explicação, podemos então determinar a posição que a metamodernidade deve assumir diante da pós-modernidade com base nesse aprendizado que a vontade-consciência já teve. As mudanças históricas que analisaremos agora dizem respeito à guerra moderna, às mudanças sociais, à crise ambiental e às crises econômico-financeiras.

*Guerra moderna [subcontexto].*

Se considerarmos a pós-modernidade como uma reação automática à bomba nuclear do século XX, é natural que demos atenção especial a essa área. O desenrolar da guerra na história torna-se fundamental para o estudo da pós-modernidade. Conhecendo esse desenvolvimento da guerra, é possível entender com muito mais clareza a posição que a metamodernidade deve assumir. Pois a guerra é algo que está quase diretamente relacionado à obsessão pela vida.

O surgimento de ideias metamodernas autênticas tem uma de suas origens mais fundamentais na nova natureza da guerra atual. Se nos lembrarmos da premissa fundamental da pós-modernidade, ela é a vida como absoluta, e essa premissa deriva precisamente do terror da energia nuclear. Consequentemente, isso resulta em um pacifismo exacerbado que a pós-modernidade defende a todo custo. Especialmente quando se trata de violência entre Estados. Mas esse pacifismo não deve ser interpretado como uma rejeição da guerra em si, mas apenas da guerra interestatal em grande escala.

Se observarmos a história da humanidade em toda a sua extensão e amplitude, veremos que há apenas duas constantes. A primeira é o pastoreio, que foi fundamental para a sobrevivência, mas a segunda é a guerra. A pós-modernidade sabe que está tentando se separar de algo intrínseco ao comportamento humano. Portanto, o que ela busca não é tanto a ausência total de guerra, mas a ausência de uma nova guerra mundial entre Estados, envolvendo armas de destruição em massa.

É isso, em termos de guerra, que a pós-modernidade procura evitar. Ela não se importa com massacres isolados ou guerras entre Estados não nuclearizados. Isso não tem importância para a vontade pós-moderna. Na verdade, a guerra pode até ser vista como uma oportunidade de negócio, o que de fato é. Mas esse negócio deve ser grande o suficiente para ser lucrativo, mas pequeno o suficiente para não sair do controle. Nesta seção, procuraremos esclarecer os termos de como a guerra evoluiu desde o início da pós-modernidade até os dias atuais.

A guerra no início da pós-modernidade, e mesmo muito antes da pós-modernidade, era uma guerra em que o monopólio da violência era detido pelos Estados. Ou seja, uma guerra formal na qual dois poderes estatais centralizados se engajavam em um combate definido. Cada lado tinha um uniforme distinto que o diferenciava de seus adversários. Os exércitos tinham uma hierarquia definida; eram enormes e todos eram organizados. Esses exércitos se enfrentavam em um ponto específico de alguma região e lutavam diretamente no que costuma ser chamado de "linha de frente". Nessas frentes, você lutava contra seu oponente até derrotá-lo. Ao assumir o controle das posições do adversário derrotado, esse desenvolvimento poderia ser considerado uma vitória. O estado vencedor então assumia o controle do estado perdedor. Especialmente a capital do estado perdedor. E assim a guerra terminava.

Além disso, em nível estadual, no que diz respeito à população civil. A população civil também era bem definida, assim como os exércitos. Todos ficavam dentro de uma fronteira bem estabelecida, geralmente compartilhavam elementos culturais entre si e tinham algum tipo de identificação (cidadania, passaporte etc.), o que os tornava parte do Estado ao qual pertenciam. Além disso, era raro que saíssem desse estado, pois a interconexão entre os

estados e o transporte ainda não estavam totalmente desenvolvidos o suficiente para que pudessem se deslocar com tanta facilidade. Portanto, se um estado oponente decidisse atacar diretamente a população civil de um estado oponente, ele saberia exatamente onde mirar.

Devido à natureza da guerra de ontem, a violência sempre esteve inteiramente nas mãos centralizadas do Estado. Os Estados burgueses se mostraram superiores a todos os outros atores nesse tipo de guerra centralizada e, por isso, tomaram a iniciativa em praticamente todos os confrontos da modernidade. O monopólio da violência era detido pelos Estados.

Naturalmente, devido a essa natureza centralizada da guerra no passado, acreditava-se que a terceira guerra mundial seguiria o mesmo curso. Ela seria entre duas ou três grandes potências estatais. Que agora teriam recursos infinitos de armas e uma capacidade mútua de destruição em massa. O botão nuclear, sem dúvida, seria pressionado, mandando o planeta inteiro para o ralo. Essa foi a previsão da pós-modernidade para a guerra do futuro. Uma previsão que, como veremos em breve, se mostra bastante distante da realidade atual.

Mas antes de entrar nesse novo tipo de guerra, uma primeira coisa deve ser levada em conta. Hoje, a burguesia tem o controle total dos Estados em quase todo o mundo. Especialmente nos países "democráticos". Esse domínio total da burguesia impede uma terceira guerra mundial em nível estatal por vários motivos.

O principal deles é que a economia atual baseia a maior parte de sua lucratividade em serviços, e não em produtos. No passado, a riqueza mais importante de uma região costumava estar enterrada na terra, na forma de minerais. Ou nadando em suas águas, na forma de frutos

do mar. Ou na terra fértil cultivável. Hoje, a riqueza de uma região é encontrada, acima de tudo, em seu talento humano. Isso se torna impossível de conquistar da mesma forma que a mera terra é conquistada. Portanto, os interesses burgueses que antes prosperavam com a conquista de novos territórios agora estão muito reduzidos em termos de lucros. Os lucros ainda existem, mas não mais a ponto de tornar uma guerra por recursos lucrativa por si só. A menos que haja algum tipo de escassez extrema de um recurso, como a água. Mas, mesmo assim, isso não representaria uma tentativa de se apropriar do capital, mas de garantir o bem-estar de sua população. O que a burguesia também não parece estar interessada no momento.

O segundo ponto a ser levado em conta com relação aos Estados burgueses é que sua principal base de desejo, no momento, não é outra senão a acumulação de capital. Os Estados burgueses não são necessariamente inimigos de outros Estados burgueses; na verdade, muitas vezes é a mesma burguesia que controla vários Estados ao mesmo tempo. Eles não têm ideologia, não têm alma política, só querem saber de dinheiro. Quando se trata de governar, eles são semelhantes às prostitutas em muitos aspectos. A única coisa que importa hoje para o burguês é o acúmulo de capital. Acumulação e preservação de seu capital. E para essa preservação do capital, um apocalipse nuclear não lhe convém muito bem. A terceira guerra mundial entre potências estatais acaba não sendo nada lucrativa para o capital. Além disso, tal guerra poderia até desestabilizar a ordem monetária, o que seria catastrófico para a burguesia. A única guerra que poderia beneficiar a burguesia é aquela em que seu capital cresce em vez de diminuir. E é exatamente isso que está começando a se tornar evidente nas últimas décadas. As únicas guerras em nível estadual que ocorreram. São as chamadas "guerras capitalistas".

Esse termo costuma confundir algumas pessoas. Ele não se refere à apropriação de recursos pelo lado perdedor. De fato, essa apropriação de recursos tem sido uma constante em toda a história das guerras. Desde as guerras do antigo Egito, passando pelo Império Romano, até as guerras mais recentes. Entretanto, há um fator fundamental que diferencia a guerra de sempre da guerra capitalista. Antes, para se apropriar desses recursos, a guerra tinha de ser vencida. Portanto, o fim da guerra era sempre a vitória. Esse era o fim, e é exatamente esse fim a diferença entre a guerra tradicional e a guerra capitalista.

Nessas guerras capitalistas, o fim da guerra não é mais a vitória, mas o capital. A vitória não é mais relevante, muito menos a glória. Pois, mesmo sem obter nenhuma delas, o capital pode ser obtido. Seja qual for o resultado, a guerra custará dinheiro. De fato, a burguesia às vezes acaba ganhando mais dinheiro com as derrotas do que com as vitórias. A guerra não é mais vista como um meio para a vitória, mas como um meio para a acumulação de capital por meio da própria guerra. Esse é um fenômeno que será explicado em breve. Por enquanto, vale a pena enfatizar as características dessas guerras, para que possam ser identificadas.

Por necessidade de natureza financeira, essas guerras tendem a ter características específicas. Algumas de suas características são que essas guerras geralmente são assíncronas. Ou seja, elas ocorrem entre uma grande potência e um Estado muito menor e muito mais fraco. De preferência, o Estado menor não deve possuir armas de destruição em massa. Dessa forma, a vitória não é necessariamente garantida, mas o conflito não é exagerado.

Outra característica dessas guerras é que elas nunca ocorrem entre duas grandes potências estatais. Isso seria contraproducente para o capital. Portanto, elas são sempre entre um Estado forte e um fraco, ou diretamente entre um Estado e um ator não estatal. Muitas vezes, essas guerras são travadas até mesmo sem qualquer envolvimento direto dos Estados. Em vez disso, são travadas entre terceiros não-estatais e até mesmo com drones não tripulados. As famosas guerras "por procuração". Grupos mercenários e paramilitares geralmente são os protagonistas desse novo tipo de guerra.

Mas a característica final, e de fato a mais fundamental, desse tipo de guerra é que a vitória não é mais o objetivo final. O objetivo principal dessas guerras é a apropriação do capital. Isso ocorre tanto na venda de armas usadas em uma guerra quanto em certas apropriações de recursos naturais específicos. Essa apropriação de capital não necessariamente acaba nas mãos do lado vencedor. De fato, em muitos casos, é o lado perdedor da guerra que acaba gerando mais acumulação de capital. Quanto pior a guerra fica, mais urgente é a necessidade de comprar mais armamentos. Isso também se aplica à apropriação de recursos, pois eles podem ser extraídos mesmo quando os objetivos de guerra divulgados pela imprensa fracassam. Assim, podemos ver claramente a natureza das guerras capitalistas. Seu objetivo final não é a vitória, mas a acumulação de capital. O mais lamentável disso tudo é que esse acúmulo de capital não acaba nas mãos da população em geral do lado vencedor, mas apenas nas mãos de alguns burgueses. Geralmente, essas mãos estão tanto no lado perdedor quanto no lado vencedor. Assim, a vitória deixa de ser relevante.

Há vários exemplos desses tipos de guerra capitalista. A invasão do Iraque pelos EUA é certamente um exemplo claro. Mas o mesmo acontece com o Vietnã, onde não há nenhuma justificativa real para estar lá, a não ser apenas para a venda de armas que a burguesia quer

fazer. Tanto para os exércitos estatais dos EUA quanto para o Estado vietnamita que se opunha aos "vietcongues" comunistas. Essas duas guerras foram extremamente lucrativas para os proprietários de armas. Mas elas não se limitam a elas. Um exemplo ainda mais recente é a série de conflitos no Oriente Médio após a invasão do Iraque.

Depois do Iraque, o Oriente Médio foi desestabilizado, como de costume, pelo surgimento de grupos paramilitares armados. A Al Qaeda, o Daesh (ISIS) e o Talibã são provavelmente os mais relevantes. Então, os Estados burgueses, tanto no Oriente quanto no Ocidente, decidiram "combater" esse novo inimigo não-estatal. No entanto, eles não o combatem diretamente, mas contratam terceiros não-estatais para travar essa guerra. O envolvimento do Estado é mínimo, exceto para os pequenos Estados dos países da região, que não têm escolha a não ser enviar seus soldados estatais. Mas os grandes Estados burgueses não participam diretamente dessas guerras. De fato, a vitória nem parece ser importante para eles. O que importa é apenas a acumulação de capital. Isso fica muito evidente quando o armamento da OTAN é encontrado nas mãos de seus "inimigos" do Daesh. Ou o armamento russo e europeu nas mãos de outros paramilitares jihadistas que eles consideram seus "inimigos". Ou quando os Estados, por sua vez, compram petróleo e recursos dos lados "inimigos". Nessa guerra, o importante para os grandes Estados não é mais a vitória, mas o acúmulo de capital como um fim em si mesmo.

Esse mesmo padrão continuaria a ocorrer simultaneamente em várias guerras subsequentes. A guerra na Ucrânia é um exemplo claro disso, onde terceiros lutam contra drones, em meio a uma pilha de escombros onde não há mais nem mesmo uma população, que fugiu completamente do país. E tanto o Estado russo quanto o ucraniano não parecem estar lutando não pela vitória, mas pela acumulação de capital por alguns poucos. O mesmo

poderia ser verdade para os crescentes interesses dos EUA no México e na Venezuela. De todos esses exemplos, no entanto, há um que certamente está acima de todos os outros.

A Primeira Guerra Mundial é a guerra capitalista por excelência. Onde os Estados lutam a quilômetros de distância das cidades, para evitar a destruição do capital das fábricas: e lutam sem nenhum interesse expansionista. Isso é evidenciado pelo fato de que, no final da guerra, as fronteiras permaneceram praticamente as mesmas do início. A ordem política permaneceu exatamente a mesma. A única coisa que mudou foi que algumas mãos burguesas encheram seus bolsos até a borda vendendo armamentos em escala industrial. Nessa guerra, o importante não é a vitória, mas o acúmulo de capital. Você não acha que uma guerra como essa é travada simplesmente para matar um arquiduque, acha?

A Primeira Guerra Mundial foi premeditada com antecedência, e o objetivo nunca foi a expansão de vontades, mas a venda de armamentos. Isso é mais claramente evidenciado pela rendição ilógica da Alemanha. Cujo exército estava prestes a vencer, a apenas 60 km de Paris. Mas que acaba se rendendo sem motivo aparente, em vista dos interesses burgueses, que são mais importantes do que a própria vitória. Depois da guerra, tudo continua exatamente igual nos níveis político, econômico e fronteiriço. Pois os Estados que pareciam ser inimigos eram, na realidade, parte da mesma burguesia. A única coisa que de fato representou uma mudança real foi o Tratado de Versalhes, que mais tarde levaria ao que viria a se tornar uma verdadeira guerra de vontades.

Entretanto, por mais repulsiva que seja a guerra capitalista, ela começa a encontrar seus limites na história. Ela começa a declinar assim que a pós-modernidade começa, e declinaria ainda mais nos últimos estágios da pós-modernidade. Pois, embora tenha havido

muitos exemplos de guerras capitalistas nos últimos anos, elas perderam gradualmente sua relevância e foram substituídas pelo novo paradigma de guerra, como será explicado em breve.

Aqui podemos entrar totalmente no que hoje é chamado de "guerra moderna"<sup>37</sup>. Esse novo conceito começou a tomar forma durante e após a Segunda Guerra Mundial. Esse novo tipo de guerra traz consigo um novo paradigma de guerra, que não apenas nega a guerra da burguesia, mas também a supera. A seguir, procuraremos contrastar esse novo tipo de guerra com a guerra burguesa, com a guerra pós-moderna e com a relevância que tudo isso tem para o novo paradigma metamoderno.

Relembrando a premissa fundamental da pós-modernidade, a preservação da vida. A fragmentação na guerra moderna acaba sendo apenas um meio para esse fim. Em uma tentativa de evitar uma terceira guerra mundial entre Estados, os confrontos na pós-modernidade são agora, em sua maioria, entre Estados e atores não estatais. Ou diretamente entre dois atores igualmente não-estatais. Agrupamentos como mercenários, PMCs, paramilitares, crime organizado, grupos insurgentes etc. fazem parte de um novo elemento de guerra não estatal, que praticamente tirou dos Estados o monopólio da violência.

Entretanto, uma coisa precisa ficar clara a esse respeito. Essa "fragmentação" na guerra moderna não é de fato uma fragmentação propriamente dita. Em vez disso, é uma tentativa de fragmentação, mas que acaba se transformando em outra coisa. Veremos isso mais tarde. Por enquanto, precisamos primeiro entender o que é a fragmentação genuína na

---

<sup>37</sup> Um termo que não é etimologicamente correto, mas que, no entanto, tornou-se popular após a Segunda Guerra Mundial e após a bomba nuclear, para nomear todas as novas estratégias militares que evoluíram a partir dela. Essa mudança de paradigma parece ter suas origens na batalha de Stalingrado, mas também no significado da bomba nuclear.

guerra. Uma guerra realmente fragmentada é uma série de indivíduos totalmente desorganizados que disparam aleatoriamente. Da mesma forma que os tiroteios fragmentados em escolas nos Estados Unidos. Esses tiroteios são verdadeiros exemplos de violência fragmentada. O crime desorganizado também é outro exemplo claro dessa violência fragmentada. Esse tipo de guerra totalmente fragmentada é, na verdade, ainda mais repulsivo do que a guerra capitalista. Pois, ao contrário da guerra capitalista, ela não leva a nada. É simplesmente uma violência sem sentido, que pode até ameaçar a extinção de forma ainda mais intensa do que uma guerra centralizada.

A pós-modernidade, então, percebe que a guerra fragmentada, em sua versão mais autenticamente fragmentada, é muito prejudicial ao capital. E que, mesmo dentro do niilismo pós-moderno, ela não leva a nada. Portanto, essa ideia ridícula de fragmentação total é abandonada, e a guerra é conduzida por caminhos de fragmentação "mais moderados".

Essa fragmentação moderada começa a se manifestar não na forma de narrativas individuais, mas na forma de "pequenas narrativas", que provocam uma fragmentação mais moderada. É aí que surgem as guerras assíncronas, como Vietnã, Coreia, Guerra do Golfo, Iraque, Afeganistão-URSS, Afeganistão-URSS, Afeganistão-EUA, Tibete-China, Nepal-China, Síria, Ucrânia, Israel-Palestina etc. Portanto, há pequenas histórias em nível de guerra. No entanto, há um grande problema nesse aspecto para a pós-modernidade. Pois as pequenas narrativas no nível da guerra, que ironicamente deveriam ser a ferramenta perfeita para manter a pós-modernidade no poder, tornam-se uma faca de dois gumes. Todas essas pequenas histórias, como o leitor já deve ter percebido, levam a uma guerra altamente abusiva. E é justamente graças a esse tipo de bullying que as ações da pós-modernidade saem do controle. Como um mago negro que não sabe como controlar as forças que acabou de

invocar, a pós-modernidade começa a se sentir ameaçada pelas consequências do que criou. Ela deixa de ser o elemento abusivo para ser o elemento abusado.

Pois é dessas pequenas histórias abusivas, dessas guerras assíncronas, que nasce a "guerra de guerrilha", que acabaria sendo a superação bélica da pós-modernidade. Esse novo tipo de guerra é o que permite a vitória de elementos muito menores em número e armamento contra os gigantes estatais. A guerra, então, deixa de ser uma fragmentação e evolui para se tornar uma "descentralização". A palavra descentralização pode não ser tão precisa, mas por enquanto ela será usada. Essa descentralização parece ser uma síntese superadora entre a fragmentação da violência pós-moderna e a centralização da violência moderna.

Essa nova guerra de guerrilha não é mais uma guerra definida em um ponto específico de uma região. Nela, não há mais uniformes distintos, nem uma linha de frente. As guerras não terminam com a captura da capital e podem durar décadas. Lá, os inimigos do Estado são quase sempre atores não estatais descentralizados, que são ágeis e independentes o suficiente para serem chamados de fragmentários, mas organizados o suficiente para serem chamados de totalizadores. Esse tipo de mistura de opostos é o que é conhecido em nível de guerra como a nova guerra de guerrilha. Ou, como será chamada a partir de agora, guerra descentralizada.

O surgimento desse novo tipo de guerra está ocorrendo por vários motivos. Mas um deles, que é o mais interessante em nível filosófico, deve-se às mesmas ideias pós-modernas de fragmentação. Esse novo tipo de guerra é um produto direto das guerras assíncronas abusivas. Se observarmos a história, esse tipo de guerra sempre tende a aparecer assim que ocorrem as guerras assíncronas. Quando um inimigo maior e mais forte confronta um menor,

o menor não tem escolha a não ser aderir a esse tipo de guerra, se quiser vencer. Pois a agilidade e a discricção que a guerra de guerrilha representa é a única estratégia que se mostra eficaz contra um enorme brontossauro que vem correndo para esmagá-lo. Competir em força contra um brontossauro é inútil, mas competir em agilidade é mais eficaz. A guerra descentralizada, portanto, está começando a se desenvolver muito mais na história, graças precisamente às guerras assíncronas que a fragmentação pós-moderna gera. Essa é uma reação de negação, mas ao mesmo tempo uma reação que a supera.

Mas essa superação da guerra pós-moderna não se dá apenas no nível da fragmentação. Deve-se lembrar que a premissa fundamental da pós-modernidade não é a fragmentação, mas a preservação da vida. Mesmo no nível da guerra, essa preservação da vida está presente. Pois a pós-modernidade garante que os conflitos sejam contidos em nível de "pequenas narrativas" para evitar uma guerra nuclear. Entretanto, essa possibilidade de guerra nuclear, que ameaça a vida, também é negada e superada pela nova guerra descentralizada.

O campo de guerra moderno não é mais travado entre duas potências estatais. Ou entre estados contra grupos não-estatais. E aqui surge algo que é de extrema relevância para tudo isso. Esses agentes não-estatais, sejam eles mercenários, grupos paramilitares, cartéis, criminosos ou o que quer que seja, em muitos casos emergem e vivem dentro da população civil do Estado contra o qual estão lutando.

Esses agentes não-estatais geralmente usam os civis do Estado como escudos humanos. Ao mesmo tempo, eles estão lutando contra as forças armadas do Estado, muitas vezes a menos de cinco quarteirões de distância. Como podem ser usadas armas de destruição

em massa se o inimigo está a menos de cinco quarteirões de distância das tropas e escondido entre os próprios civis do Estado? O mesmo princípio se aplica a qualquer uso de armas de destruição em massa, como mísseis de longo alcance, armas de grande porte, aviões de guerra, helicópteros, navios e até tanques pesados.

Todas essas armas pesadas, tanto as de destruição em massa quanto as de destruição considerável, foram criadas e projetadas para uma guerra que não existe mais. Elas foram criadas para uma chamada terceira guerra mundial entre os pesos pesados dos Estados. Ou seja, para proteger o capital desses estados. Capital como poços de petróleo, rodovias, portos e assim por diante. Mas será que essas armas têm alguma utilidade para conquistar o novo capital humano ou para enfrentar um inimigo que está mais interessado nas pessoas do que nesse capital?

Essas armas se tornam infecciosas no campo de batalha moderno, que se move rapidamente. Primeiro, por causa da proximidade do inimigo com o próprio Estado. Mas também por causa dos custos desproporcionais de tais dispositivos em comparação com os lançadores de mísseis baratos usados para destruí-los. Um exemplo óbvio disso é a derrubada do helicóptero Black Hawk na Somália em 1993. Esses helicópteros, que custaram quase 20 milhões de dólares, foram abatidos por combatentes desnutridos armados com RPG-7s. Esses RPG-7s, se forem comprados de segunda mão, podem valer apenas US\$ 400. A mesma coisa está acontecendo agora na guerra na Ucrânia, onde os lendários tanques Abrams de US\$ 4 milhões dos EUA estão sendo destruídos por drones kamikaze de US\$ 500-1000.

A crescente ineficiência da guerra estatal não apenas ameaça dominar a pós-modernidade. Ela também ameaça dominar a modernidade como um todo. No momento

em que a burguesia perde o monopólio e a supremacia na guerra, grande parte de seu controle sobre todos os outros elementos da realidade acaba.

Essa nova guerra descentralizada acaba negando e superando drasticamente tanto a pós-modernidade quanto a modernidade. O negócio de armas da burguesia começa a desmoronar. O capital ainda é importante para a guerra, mas não nos mesmos números de antes. Parece que hoje o que determina o campo de batalha moderno são forças especiais pequenas e ágeis, juntamente com drones descartáveis, em vez de máquinas de guerra pesadas e caras. E aqui, é claro, as armas nucleares e químicas parecem ter saído completamente da equação.

Além disso, há também a perda do monopólio de armas. Muitas das armas utilizadas pela guerra de guerrilha agora estão sendo fabricadas em pequenas oficinas. Com a ajuda de pequenas fresadoras, tornos e mãos humanas habilidosas. As armas de mão são, na verdade, máquinas muito simples e fáceis de fabricar. E graças ao baixo custo e à portabilidade das máquinas industriais, elas agora podem ser fabricadas com pequenas quantidades de capital. Isso é muito importante porque, como já vimos, as máquinas de guerra pesadas parecem ter perdido sua relevância na guerra descentralizada. Em vez disso, agora são as pequenas Kalashnikovs que parecem ser as verdadeiras armas de destruição em massa.

E por falar em armas, talvez valha a pena mencionar uma nova tendência de pensar sobre elas. Afirma-se com frequência que o futuro da guerra é aquele em que o elemento burguês não precisa mais dar ordens aos seres humanos, mas simplesmente possui um enorme exército de robôs de combate. Que operam independentemente do envolvimento

humano por meio da inteligência artificial. A inteligência artificial é, portanto, o principal protagonista da guerra moderna.

Talvez para o alívio de muitos, é preciso dizer que esse futuro é, na verdade, muito ilusório. Pois a inteligência artificial, por mais poderosa que seja, é simplesmente incapaz de ter consciência suficiente para tal tarefa. A IA é boa para reações rápidas, em um ambiente específico, que nunca muda. Entretanto, como uma ferramenta multifuncional no campo de batalha moderno em constante mudança, ela pode muito bem ser mais uma desvantagem do que uma vantagem. Pois seus altos custos podem, de fato, superar em muito os poucos benefícios que ela poderia proporcionar.

Há um motivo pelo qual a IA não é, de fato, tão "inteligente" quanto alguns acreditam. Esse é um problema que será explorado nos próximos capítulos. Por enquanto, só podemos dizer que é altamente improvável que a IA se torne a protagonista no campo de batalha. O que pode ser mais provável do que isso é um tipo de ciborgue, no qual a mente humana é combinada com a capacidade da máquina. Entretanto, mesmo esse ciborgue não está, de fato, muito distante do que representa o tanque de guerra tradicional de hoje. Ou o que uma mira telescópica computacional representa. Ou o que as próprias Kalashnikovs representam.

A realidade de tudo isso é que o paradigma tradicional da guerra, seja qual for a maneira como você o veja, mudou. A situação no campo de batalha não é mais a mesma da Segunda Guerra Mundial. Os inimigos agora são difusos, inconstantes e estão em toda parte. Juntamente com o fato de que o elemento humano e estratégico parece superar em muito qualquer máquina de guerra pesada.

Tudo isso levanta sérias questões sobre o paradigma pós-moderno. Primeiro, que o monopólio da violência estatal está sendo perdido. O negócio de guerra da burguesia também está sendo perdido. Tudo isso está começando a se manifestar em sintomas de fraqueza. Esses sintomas podem ser percebidos não apenas no desenvolvimento da luta em si, mas também nas decisões dos próprios Estados. Esses Estados agora estão se dedicando a entrar em guerra apenas com países próximos de suas fronteiras, a fim de economizar custos e obter um retorno decente de sua guerra capitalista. Isso é contrário ao que acontecia no passado, quando as grandes potências conseguiam lucrar com a guerra capitalista mesmo lutando do outro lado do mundo.

A guerra descentralizada definitivamente mudou as regras do jogo. Podemos testemunhar como esse novo tipo de guerra é capaz de se impor tanto na pós-modernidade quanto na modernidade. Ela acaba anulando a ameaça nuclear da pós-modernidade, mas também acaba anulando o conceito de guerra centralizada da modernidade. Essa dupla anulação é também uma dupla superação. Tudo isso é de enorme relevância histórica.

Essa negação e superação no campo de batalha é precisamente uma das partes mais cruciais que precedem o paradigma metamoderno. Isso permite que o novo paradigma se erga novamente e, em grande parte, põe fim ao terror nuclear. Entretanto, esse paradigma não desaparece completamente. Pois, embora as armas nucleares já tenham se tornado irrelevantes, elas ainda existem.

Afinal de contas, sempre existe a possibilidade de uma guerra nuclear. Mesmo que você aperte um botão por acidente. Ou mesmo que você a inicie apenas por diversão. A

extinção é sempre uma possibilidade. A morte é sempre uma possibilidade. Se você der alguns passos em falso na calçada, um carro pode muito bem atropelá-lo e matá-lo. A morte está sempre a um passo de distância. A morte está sempre a um passo de distância. Portanto, a guerra descentralizada em si não nega a vida como um absoluto, o que a pós-modernidade ainda tem. Em vez disso, ela apenas nega o pacifismo pós-moderno.

Portanto, mesmo com tudo o que o novo paradigma de guerra significa, o guerreiro metamoderno sempre encontrará o obstáculo ainda latente da vida como absoluto. Se realmente quisermos evoluir em termos da nova guerra metamoderna, a aristocracia<sup>38</sup> deve mudar a forma e o motivo de sua luta. Não mais lutar pela vida, mas pela morte. Não mais lutar pela quantidade, mas pela qualidade. Por mais difícil que seja, parece ter chegado o momento em que o homem de Cro-magnon deve, mais uma vez, acabar com o Neandertal. Branco, preto, vermelho, amarelo e misto; a foice não deve discriminar ninguém. A consciência pode se dar ao luxo de ter barreiras, mas a morte é para todos. Assim como a sociedade pós-moderna permitiu que até mesmo o menos nobre dos homens vivesse, a sociedade metamoderna deve se esforçar para fazer o oposto. A massificação da espécie humana só é aceitável se houver uma seleção natural reguladora. Caso contrário, a única coisa que se pode esperar é a involução.

O guerreiro metamoderno deve, por sua vez, aceitar a morte da alteridade e de si mesmo. Exatamente como exige a lei da justiça. E tanto quanto o espírito kamikaze exige. Não apenas os outros morrem, mas ele também morrerá, e deve estar profundamente consciente disso.

---

<sup>38</sup> A palavra aristocracia é usada aqui do ponto de vista nietzschiano do que era a aristocracia. Ou seja, não como uma classe social definida, mas como uma classe filosófico-espiritual.

Só é possível falar de uma mudança histórica quando a morte é aceita em sua totalidade. Não apenas em seu aspecto individual, mas em seu aspecto universal. E não apenas em seu aspecto universal, mas também em seu aspecto individual. Mesmo que esse desejo, em sua conclusão, signifique a extinção total de toda a espécie humana. A única opção é a evolução.

*O declínio do fragmentário em nível social [subcontexto].*

As filosofias existencialistas foram as primeiras a perceber que a observação da sociedade é a chave para a compreensão da realidade. Pois, embora seja muito valioso observar a natureza em suas formas mais primitivas, a sociedade humana possui elementos que dificilmente poderiam ser encontrados na natureza. O desenvolvimento das relações humanas pode ser muito mais profundo do que a relação entre um leão e sua presa. Portanto, o estudo do ser humano como uma sociedade é de grande ajuda para entender a validade de uma filosofia. Especialmente quando se considera que o princípio de tal filosofia deve estar no contexto histórico da sociedade como um todo.

Os fenômenos que vêm ocorrendo em nível social desde 1945 até a data em que este livro foi escrito podem nos ajudar a entender o contexto metamoderno. Esses eventos, é claro, têm sido manifestações da vontade pós-moderna. Eles moldaram gradualmente a sociedade, tendo como base a ética pós-moderna. A ética de "sair da matriz", da vida como absoluta e do prazer. Essa ética conduz a sociedade em seu desenvolvimento histórico de formação.

Embora o início do movimento social pós-moderno comece como um desejo mais ou menos decente de preservar a vida, ele começa a apodrecer com o passar do tempo. Como tendem a fazer as grandes mentiras, que sempre começam doces, mas acabam amargas. A sociedade pós-moderna está em declínio mais ou menos desde as décadas de 70 e 80. Esse declínio ocorre especialmente com relação às suas últimas ideias desconstrutivas.

O mais curioso sobre esse declínio pós-moderno é que, apesar de ter toneladas de dinheiro apoiando-o, devido ao claro interesse do capital nele, seus resultados acabam sendo tão medíocres que o mundo acaba lhe dando as costas. Essa rejeição é percebida mais do que qualquer outra coisa no sentimento proto-metamoderno recente e seria sentida ainda mais em termos da metamodernidade autêntica. Mas antes de chegar a essa rejeição, é necessário primeiro entender como a pós-modernidade chegou a um ponto tão medíocre na sociedade. Em seguida, procuraremos apontar alguns fenômenos específicos da sociedade que são sintomáticos de uma pós-modernidade em declínio. Esses fenômenos são: o multiculturalismo, a pandemia da solidão, a impopularidade da democracia, a perda da fé social no mercado livre, a crise dos casais e a negação da vida.

O primeiro fenômeno a ser exposto é o fracasso do multiculturalismo em nível social. Essa atitude multiculturalista decorre, em sua totalidade, da ética pós-moderna. Há dois fundamentos básicos desse multiculturalismo. O primeiro é que ele se baseia na ideia de "liberdade" e "igualdade", que a pós-modernidade vem defendendo desde a criação dos direitos humanos. Aos olhos da pós-modernidade, todas as raças, etnias e povos em geral são exatamente iguais uns aos outros. Pois os elementos que compõem esses povos, como sua história, tradições, conteúdo cultural, identidade de sangue, valores ou nível de consciência, não significam nada para a pós-modernidade. Esses elementos são jogados na lata de lixo

pela pós-modernidade e substituídos pela ideia de que cada indivíduo é "uma vida". E quanto a um povo e outro, não há realmente nenhuma diferença, porque todos os membros de todos os povos representam "uma vida". E entre vida e vida, não há diferença de superioridade ou inferioridade. Essa é a premissa pós-moderna, que promove o multiculturalismo. Ou, pelo menos, é isso que o pós-modernismo afirma perante a imprensa.

Com relação ao segundo fundamento básico do pós-modernismo que acaba moldando o multiculturalismo, há o pacifismo. Esse pacifismo é usado como uma muleta argumentativa para evitar todos os tipos de alegações contra o multiculturalismo. Especialmente quando se trata de alegações vindas do homem ariano. Pois ele é acusado de criar um mundo terrível de violência no passado. Ele é acusado de oprimir povos inocentes e de criar uma violência inconcebível. Essa acusação parece ser dirigida com muito mais força ao homem branco do que a qualquer outra raça. No final, essa premissa de "culpa", por assim dizer, que o pacifismo cria, incentiva a aceitação do maior número possível de imigrantes dentro das fronteiras dos estados burgueses. Especialmente quando se trata de imigrantes de sangue diferente. E com relação àqueles que já vivem no país, pretende-se quase como uma imposição que toda essa mistura de diferentes sangues viva pacificamente lado a lado. E, se possível, que eles se reproduzam uns com os outros.

Entretanto, essa imposição do multiculturalismo impulsionada pela política pós-moderna, apesar de trazer toneladas inimagináveis de dinheiro para financiá-la, finalmente começou a entrar em declínio nos últimos vinte anos. Uma vez que a consciência e a vontade decidem, não há saco de dinheiro grande o suficiente para mudar suas mentes. O mundo é tão racista quanto era antes dessa tentativa de fragmentação sangrenta. Na verdade, ele pode ser ainda mais racista agora do que era antes, devido à imposição desse fato. Os

crescentes problemas raciais e culturais em todas as partes do mundo, especialmente na Europa e na América, são um reflexo claro desse declínio.

Apesar de todo o esforço que a vontade pós-moderna tem feito para lidar com isso; apesar de todo o discurso que tem sido feito sobre suas teorias, apesar dos bilhões de dólares que têm sido investidos na mídia; a consciência simplesmente não ouve. A consciência já tirou suas próprias conclusões. E sente uma profunda rejeição por toda a bondade que esse multiculturalismo prometia. E que parece ter desaparecido no choque de vontades dos diferentes sangues.

Além do multiculturalismo, outra manifestação desse declínio pós-moderno em nível social pode ser encontrada na pandemia da solidão. É mais do que evidente a crescente solidão em nível global. Ela está presente até mesmo em regiões que supostamente eram estranhas às ideias pós-modernas, como a China e o Oriente Médio. A obsessão do pós-modernismo com a vida acaba exaltando a fragmentação inofensiva até seu ponto mais fragmentado, que é o "eu". Esse narcisismo social inevitavelmente se transforma em solidão. Você pode perguntar a qualquer psicólogo que tenha oferecido tratamento a um narcisista e perceberá em suas respostas que uma característica muito comum deles é a solidão.

Essa solidão começa como uma solidão voluntária. O homem pós-moderno quer se afastar da comunidade. Ele quer encontrar seu "verdadeiro eu" (qualquer que seja esse conceito...) e, para isso, ele anula toda a alteridade. Assim, ele se refugia em sua ilha deserta de desconstrução, onde nunca poderá ser condicionado por nenhum agente externo opressor. Mas esse "eu" imediatamente começa a se sentir mal e percebe que não há significado sem a alteridade. Em seguida, esse "eu" tenta sair de sua ilha, mas isso já é muito difícil. Ele

percebe que todos os outros "eus" assumiram a mesma atitude e criaram toda uma sociedade comum que promove essa atitude. Então, o "eu" não está mais sozinho voluntariamente, mas involuntariamente. Ele se torna uma vítima da própria prisão que criou para si mesmo.

Nesse ponto, a consciência pós-moderna reconhece que estava errada. Pois não apenas a desconstrução falhou e se tornou uma prisão de solidão. Mas essa prisão comunitária acaba se tornando mais forte do que os desejos individuais do "eu" de voltar ao que era antes. Então, a superioridade da vontade comunitária sobre a vontade individual e desorganizada se torna evidente. A desconstrução narcisista não é mais a solução, foi um erro. Essa desconstrução não é o verdadeiro objeto libertador. Isso acaba decepcionando a pós-modernidade em grande parte. Entretanto, ainda desmoralizada pela ausência de liberdade, a consciência pós-moderna ainda se recusa a deixar completamente sua ilha de narcisismo. Ela finge brincar de fugir, mas não foge de fato. Pois, embora se sinta miseravelmente doente, o medo da morte ainda é tão grande que a impede de sair. Portanto, não é necessariamente a vida que entra em declínio aqui, mas apenas os conceitos de desconstrução. Não é a base pós-moderna que cai, mas um de seus pilares.

Se analisarmos qualquer tipo de estudo sociológico, perceberemos que esse é um fenômeno real em todo o mundo. Um em cada três americanos se sente solitário; em países como a Grécia e a Hungria, um em cada dois cidadãos está isolado. E na Europa em geral, esses números parecem ter uma média de 1 em cada 5 cidadãos, embora possam aumentar dependendo da região. Na China, ocorre exatamente o mesmo, ao contrário de todas as expectativas pró-China, e na América Latina e no restante do "terceiro mundo", esses números acabam seguindo a mesma tendência. A fragmentação pós-moderna evolui da solidão desejada para a solidão indesejada.

Essa solidão traz consigo uma série de problemas sociais que gradualmente desintegram o que chamamos de civilização. Porque a solidão gera um declínio na criatividade. Como os eus estão isolados, não há mais aquele confronto de opostos que dá lugar a uma criação dinâmica da realidade. Pode-se dizer que não há mais aquela dialética que permite o movimento. O resultado, então, é uma estagnação social que começa a cobrar seu preço em vários níveis. Talvez o mais notável seja o nível econômico, pois esse fenômeno se manifesta em uma redução da produtividade. E, conseqüentemente, no surgimento de uma economia não produtiva, que inevitavelmente acaba gerando crises econômicas. A questão econômica será tratada com mais profundidade na próxima seção. Por enquanto, vale a pena observar o importante papel que a solidão desempenha no declínio econômico. Como não há mais comunicação entre os indivíduos, não há mais "dialética" produtiva; e como não há mais "dialética" produtiva, não há mais nova produção econômica. Redução do PIB. No final das contas, uma economia forte é fundamental para manter a civilização. E a civilização, por sua vez, é a única coisa capaz de manter a vida viva no longo prazo. Como sempre, a pós-modernidade acaba dando um tiro no próprio pé.

Já que a questão econômica foi abordada, vale a pena aprofundar o assunto. Enquanto alguns podem considerar a economia como algo separado da filosofia, outros, mais atentos, podem perceber que a economia é algo que não tem nada a ver com a filosofia. Outros, mais atentos, podem perceber que a filosofia está diretamente relacionada à ideologia do homem, tanto no nível do todo quanto no nível do indivíduo. Essa ideologia acaba inevitavelmente afetando a maneira como a economia se desenvolve. Pois, como é evidente, a economia tem mais a ver com o lado social das relações humanas do que com fórmulas matemáticas rígidas. Portanto, a postura filosófica de um povo acaba inevitavelmente determinando sua economia.

E exatamente a mesma coisa acaba acontecendo com a política. Por esse motivo, considera-se útil entrar agora nessa questão econômica e política, como se fosse um problema social.

Nesse sentido, vale a pena considerar o declínio das ideologias democráticas e de livre mercado como uma manifestação do declínio social pós-moderno. A bondade que a fragmentação que a democracia liberal e o livre mercado prometeram parece estar desmoronando à menor mudança de ares. Esses fenômenos não vêm de um algoritmo maligno que quer desestabilizar a sociedade de propósito. Em vez disso, eles se originam de nada menos que o próprio reflexo da consciência nos resultados. E isso se manifesta na forma de sintomas sociais pessimistas.

Nos últimos anos, esse fenômeno foi claramente observado. Negar o declínio da democracia hoje é uma tolice. Hoje, as eleições presidenciais não são mais 80% a 20%, ou 70% a 30%, ou mesmo 60% a 40%. Os presidentes eleitos hoje geralmente estão entre 50% e 50%. Pode haver um vencedor, mas a que custo? Metade da população ficou insatisfeita com o resultado, o que causa um sentimento de insatisfação com a democracia. Somado a isso, há o sentimento crescente de que, mesmo quando o candidato de sua escolha vence, eles acabam mudando "para o outro lado". Assim, ele trai seus apoiadores e se alinha com algo diferente do que deveria ser. Isso acaba fazendo com que seus seguidores se sintam mais satisfeitos com o que ele fez. Isso acaba fazendo com que seus seguidores sintam que os candidatos, embora aparentemente opostos, são, na realidade, todos membros da mesma burguesia com os mesmos interesses de sempre. Esse último aspecto, quando finalmente compreendido, abala totalmente a fé na democracia.

Esse desmoronamento da fé se reflete vividamente no maior absenteísmo eleitoral da história. Em países onde o voto é opcional, as pessoas sentem que esse direito constitucional não vale mais nem mesmo o custo de uma passagem de ônibus até o local de votação. Os estudos sociológicos mais recentes mostram que apenas menos da metade das duas últimas gerações (millennials, centenários) acredita que a democracia é benéfica. A confiança na democracia está indo por água abaixo, pois as pessoas percebem cada vez mais que a liberdade não é escolher entre um menu de opções. Em vez disso, a verdadeira liberdade consiste em escolher as opções a serem incluídas no menu.

Essa suposta liberdade que a democracia oferece nada mais é do que a liberdade oferecida ao prisioneiro de andar por aí em sua cela. "Você é livre, mas somente dentro dessas opções". A consciência então se dá conta de que, além da direita ou da esquerda, aqueles que dizem representar a "política" de hoje são todos, na realidade, parte do mesmo bando de palhaços incompetentes submissos ao capital.

Algo muito semelhante acaba acontecendo com o mercado livre. Todas as promessas e benesses que o neoliberalismo e o livre mercado em geral fizeram parecem ter se desintegrado nos últimos trinta anos. Esse mercado livre não é realmente algo peculiar à pós-modernidade, pois já existe há muito tempo. Mas ele também está intimamente relacionado, como mencionado acima, à pluralidade da fragmentação pós-moderna. Esse mercado livre, como absoluto, acaba se invalidando em seu desdobramento histórico. É o próprio mercado livre que acaba por criar uma série de monopólios e condições estruturais que acabam por retirar seu valor como regulação justa. A fragmentação é algo que, curiosamente, acaba se tornando a totalidade que um dia jurou destruir. A contradição fundamental que a pós-modernidade faz no início de seu conhecimento, negando o princípio

lógico da não-contradição, acaba cobrando seu preço ao gerar uma série de contradições infinitas em sua implantação. O livre mercado não é exceção a essa regra.

Tendo tratado a questão econômica de forma simples, podemos agora nos voltar para outro problema social que, embora intimamente relacionado com os outros já mencionados, pode ser entendido como algo individual. A crise mundial de casais é outro sintoma do declínio social pós-moderno. A fragmentação, especificamente a desconstrução, promulgou uma liberação da matriz de gênero. Assim, tanto os homens quanto as mulheres devem escapar da matriz maligna que os mantém aprisionados em papéis específicos. Os eus de cada gênero devem então se libertar do condicionamento e se isolar em sua própria ilha deserta. O papel dos gêneros é apenas uma imposição vil dada pela circunstância da matriz. Portanto, de acordo com a pós-modernidade, sua verdadeira essência está fora dessa imposição. É somente na fuga que o homem encontra sua liberdade, de acordo com o pós-modernismo. Assim, ele promove o fato de que os gêneros escapam de suas imposições e começam a se comportar como bem entendem, evitando as tarefas que costumavam ser suas.

Portanto, agora a mulher tenta se comportar como o homem, e o homem quer se comportar como a mulher. E, às vezes, tanto os homens quanto as mulheres querem se comportar como se não houvesse distinção entre eles. O homem pós-moderno, em sua patética ânsia de permanecer vivo, segue a Bíblia pós-moderna ao pé da letra. Ele se torna, então, uma mulher. E a mulher, de forma ainda mais patética, tenta ser um homem. O que acaba resultando de tudo isso é uma evidente discórdia entre os casais. Pois cada um não consegue desempenhar o papel do outro com a mesma eficiência que o outro desempenhava antes. Portanto, há uma insistência em culpar o outro, mas também há uma insistência em culpar a si mesmo. Pois se supõe, dentro das ideias pós-modernas, que essa atitude era

perfeitamente possível na prática. No entanto, o que se vê em nível social é que essas tentativas só levam a um mal-entendido mútuo entre homem e mulher. O fato de que hoje há mais divórcios do que casamentos e que há tantas pessoas solteiras no mundo pode ser visto como um reflexo disso.

Já foi estabelecido que há claramente um declínio social na pós-modernidade. Vários fenômenos já foram analisados em nível social, como o multiculturalismo, a solidão, a economia, a política e os relacionamentos. Finalmente, há outro elemento que pode ser analisado a esse respeito. Porém, mais do que um elemento individual, ou mais uma parte dessa lista, ele é a condensação de todos esses problemas em um sintoma geral. Mais do que apenas outro elemento, é uma conclusão consequente de tudo isso. Todo esse desdobramento histórico representa o fracasso progressivo do fragmentário. E esse fracasso do fragmentário, por sua vez, acaba criando também um declínio com relação ao próprio coração da pós-modernidade. Que não é a fragmentação, mas a vida como absoluta.

Toda essa crise de identidade que o multiculturalismo cria tem suas consequências sobre o prazer da vida. Toda a pandemia de solidão tem suas consequências sobre o prazer da vida. A crise dos casais também tem suas consequências sobre o gozo. Toda a crise econômica e política tem suas consequências sobre o gozo. O gozo, do qual a pós-modernidade tanto depende, acaba sendo fraturado graças às fortes ondas da história. E à medida que esse gozo se enfraquece, a premissa fundamental da pós-modernidade começa a se desnutrir. Essa premissa da vida como absoluta acaba sendo totalmente desmoralizada. E a consciência pós-moderna se vê totalmente descontente. Nada está funcionando como deveria!

No final, o que essa desmoralização acaba levando é a uma negação do fundamento mais elevado da pós-modernidade. Em outras palavras, acaba em uma negação da vida. A depressão, os suicídios, os crimes violentos e a dependência de drogas são os sintomas finais do fracasso pós-moderno na prática social.

*O desafio ambiental [subcontexto].*

O que é a vida? A vida do homem é a única coisa que pode ser considerada como "vida"? A biologia e a história já não mostraram que o homem não é diferente do mundo natural ao seu redor? A vida de um animal, de um vegetal ou mesmo de um micróbio é tão representativa quanto a vida de um homem. Eles podem ser mais insignificantes em termos de capacidade criativa, mas, em termos unitários, são o mesmo ser vivo. Se quisermos falar de qualidade antes da quantidade, isso é outra questão. Mas uma coisa que não pode ser negada é que, por mais insignificante que seja uma vida, ela ainda é "vida".

Portanto, se a vida deve ser considerada absoluta, ela deve incluir toda a vida. Tanto a vida do homem quanto a vida de outras espécies. Isso não se deve apenas ao fato de tentar evitar uma contradição lógica, mas também por recorrer à "igualdade", da qual a própria pós-modernidade tanto se orgulha. Se todos nós estamos igualmente "vivos" como seres humanos, então também não deve haver distinção qualitativa quanto à vida de outras espécies. Esse deveria ser o caso da pós-modernidade, embora, como já foi testemunhado, a pós-modernidade regularmente se contradiga em sua palavra....

Vida, vida, vida! Viva a vida, exclama o pós-modernismo, viva a vida, viva o consumismo! O acúmulo de lixo é irrelevante para o prazer da gratificação instantânea. Além disso, o consumismo é necessário para a continuidade do partido capitalista. Então, o lixo é uma coisa boa, afirmação, afirmação, afirmação!

A pós-modernidade, em sua infinita sabedoria, gosta tanto da vida que acaba por destruí-la. A atitude que antes era considerada fundamental para evitar a extinção é exatamente o que está criando um quadro de possível extinção. A crise ambiental não parece ser tão grave quanto as consequências ainda mais terríveis que serão discutidas nos próximos capítulos. Entretanto, essa crise ambiental é tão relevante que simplesmente não poderia ser ignorada para os fins deste estudo.

Com relação a essa crise, a pós-modernidade se comporta como se fosse apenas mais um animalzinho. Assim como os peixinhos no mar não sabem o que fazer quando veem uma mancha de óleo ameaçadora em sua área, a pós-modernidade também não sabe o que fazer com relação à crise ambiental. Para enfrentá-la em sua totalidade, é necessário questionar a premissa fundamental da vida como absoluta. Algo que a pós-modernidade não quer fazer de jeito nenhum. Ela está paralisada pelo medo; como um animal assustado, ela se refugia em tentativas medíocres de enfrentá-la. A pós-modernidade, então, torna-se vegana, torna-se "ecologicamente correta". A pós-modernidade então consome carros elétricos, cujas baterias fabricadas poluem ainda mais do que os próprios motores de combustão. A pós-modernidade sabe muito bem que a crise é um problema, mas é impossível para ela romper com sua obsessão pela vida. Portanto, ela tenta enfrentar a crise, mas sem desobedecer à sua bíblia. Isso obviamente resulta em uma solução muito incompleta e medíocre para o problema.

Soluções fragmentadas não servem para enfrentar um problema comum. A crise climática é um problema comum. Portanto, não importa se você recicla todo o seu lixo, usa energia renovável e é totalmente "verde". Se o seu vizinho não quiser fazer o mesmo, ele arcará com as consequências climáticas no futuro. Mas não só ele, você também pagará por elas. Sem mencionar que você e seu vizinho são consumidores da mesma água e eletricidade que causam poluição. A correção de tais atitudes poluidoras deve necessariamente envolver a alteridade. Tanto em sua solução quanto como consequência. Pois o clima de todo o planeta depende de um delicado equilíbrio geral, cuja menor perturbação cria uma reação em cadeia que acaba afetando todo o planeta. Portanto, "fazer a nossa parte" é uma grande estupidez em vista da natureza global do problema. Um problema comum não pode ser resolvido por uma ideia fragmentada. Isso gera a necessidade indispensável de recorrer a soluções comunitárias em vez de individuais.

Além disso, a cultura do consumismo em geral está intimamente ligada ao prazer pós-moderno da vida. Ela sempre acaba fomentando uma cultura de instantaneidade. Onde a gratificação instantânea é priorizada em detrimento do longo prazo. Portanto, jogar lixo na rua hoje não representa um problema real para a pós-modernidade. Pois as consequências não se manifestarão hoje, mas amanhã. E o amanhã não é válido para um gozo que só quer ficar atordoado para poder esquecer a morte. Isso resulta em uma geração de lixo em um nível bíblico.

Mas esse problema de contaminação não se limita apenas à instantaneidade do sentimento de prazer. Ele também envolve o contexto da própria pós-modernidade. Isso se reflete vividamente na crise energética. Muitos não sabem, mas pelo menos 70% dos gases de efeito estufa são gerados, não por resíduos, mas pelo consumo de energia. Noventa por cento

da energia atual ainda é produzida por petróleo, gás ou carvão. Se esse problema de energia fosse resolvido, isso representaria uma redução drástica no aquecimento global.

Entretanto, a premissa pós-moderna não permite que isso seja resolvido. A vida, do ponto de vista pós-moderno, é ameaçada por qualquer coisa que tenha o adjetivo "nuclear". A energia nuclear é hoje, de longe, a opção mais eficaz para acabar com as emissões de gases de efeito estufa. Pois quando se trata de produção de energia, não há nada mais limpo, mais potente e mais eficiente. Entretanto, as usinas nucleares nos EUA e na Europa estão fechadas.

Essa rejeição à energia nuclear é baseada na imprensa, que usa os acidentes no Japão e em Chernobyl como desculpa. Acidentes que, na realidade, são impensáveis com a tecnologia atual e que, na realidade, não foram tão fatais como são retratados nas notícias, especialmente o do Japão. Sem mencionar o fato de que é possível que não tenham sido "acidentes" e que sabotadores das forças especiais estivessem envolvidos... Além disso, os acidentes de extração de petróleo são muito mais desastrosos do que os nucleares. Esse medo é fomentado pelo sentimento pós-moderno, que ainda está aterrorizado com os eventos de Hiroshima e Nagasaki. Ele é incapaz de perceber que esse medo é infundado e que os benefícios superam em muito os riscos. A energia nuclear, graças à obsessão pela vida pós-moderna, cai no esquecimento.

Além disso, hoje, com a nova fissão nuclear, não há mais desculpas para os perigos. No entanto, a energia nuclear ainda é rejeitada. Pois o medo é grande, mas há algo que talvez seja ainda maior. Além da pós-modernidade, há outro fator que impede o avanço da energia nuclear. Como já mencionado, a pós-modernidade, assim como a era contemporânea e a modernidade, nada mais é do que uma série de estágios dentro da era capitalista. A

dominação exercida pela burguesia torna impossível a aceitação da energia nuclear. Já imaginou o que aconteceria se cada região tivesse sua própria fonte de energia atômica? Seria o fim das empresas petrolíferas, o fim dos produtores de gás natural e o fim dos exportadores de carvão. Alguém tem ideia de quanto dinheiro está envolvido nesses três recursos? A energia nuclear, por ser gratuita em termos de recursos naturais, torna-se muito mais difícil de ser "apropriada". Essa energia, portanto, não é mais o domínio do capital, mas da tecnocracia. É simplesmente impossível que os estados burgueses abram mão voluntariamente de seu poder dessa forma.

O que acontece entre o capitalismo e a energia, acontece entre o capitalismo e o consumismo. Esses dois se tornam inseparáveis. Atualmente, eles precisam um do outro para se manterem vivos. E, da mesma forma, o sistema consumista está se tornando impossível para uma burguesia que não abre mão de seu poder voluntariamente. Portanto, se a metamodernidade realmente sente o desejo de resolver o problema ambiental, ela deve se ater à negação não só da natureza, mas também da natureza. Ela deve se ater a negar não apenas a pós-modernidade, mas também a modernidade e todo o domínio burguês em geral.

A negação é necessária. Mas não apenas a negação, mas também a superação. Pois essa atitude de "produzir menos" ou "ser mais pobre, mas mais verde" não representa de fato uma solução. É perfeitamente possível ter uma economia mais próspera e, ao mesmo tempo, ser ecologicamente correto. A energia nuclear é um exemplo disso. Além de ser mais limpa, ela acaba sendo mais barata. Ela pode ser produzida em qualquer lugar do mundo. Não é necessário pagar comissões, tarifas ou custos de transporte para trazê-la de outra parte do mundo. Esse é o caso das energias combustíveis, porque nem todas as regiões possuem esses recursos.

Portanto, a metamodernidade, diante desse problema, deve negar a pós-modernidade. Ela deve negar a pós-modernidade. Em vez de negar e temer a energia nuclear, ela deve usar a energia nuclear a seu favor. Deveria parar de querer escapar dessa matriz e, em vez disso, usá-la como base para se firmar. Além disso, ela teria que negar não apenas a pós-modernidade no processo, mas também a própria modernidade; ou seja, teria que negar ambas. Mas também teria de superar ambas. Caso contrário, a obsessão pela vida e o domínio do capital serão exatamente o que acabará levando o mundo inteiro à extinção inevitável.

#### *O problema econômico [subcontexto]*

Às vezes é duvidoso chamar a economia de "ciência". Especialmente quando os matemáticos e estatísticos mais habilidosos do mundo passam meses desenvolvendo teorias preditivas, apenas para descobrir mais tarde que os eventos acabaram sendo exatamente o oposto do que eles previram. Essas previsões foram até mesmo tentadas com inteligência artificial de última geração, com os mesmos resultados. A economia é um assunto que pode ser incompreensível de muitos pontos de vista. E a ambiguidade dela é justamente o que questiona o próprio nome como ciência.

Entretanto, a definição de ciência neste livro, como já mencionado na introdução, não é necessariamente algo relacionado a números ou fórmulas complicadas. Em vez disso, ciência é a ideia que é capaz de se justificar. Portanto, a ciência é simplesmente uma afirmação sobre algo, que traz consigo uma gnoseologia (teoria do conhecimento) por trás dela. E essa gnoseologia não precisa se limitar à lógica formal ou à mera previsão numérica.

Ela pode abranger uma realidade de conhecimento muito mais ampla. E é capaz de compreender até mesmo a própria vontade.

Você deve ter notado em sua experiência de vida que o instinto da vontade está sempre querendo algo. Talvez ele deseje um carro novo, um emprego melhor, um diploma universitário, um novo parceiro ou algum tipo de reconhecimento de qualquer tipo. Mas no momento em que esse desejo é finalmente satisfeito, você fica totalmente insatisfeito. Pois o que você conquistou não lhe dá mais o mesmo entusiasmo de antes. Então, você se esquece do desejo que já alcançou e imediatamente parte em busca de outro desejo. A razão pela qual isso acontece é que o instinto dentro de você não deseja realmente nenhum "objeto" específico. Em vez disso, o que você deseja é simplesmente o ato de desejar. O desejo deseja o desejo, a vontade deseja a si mesma. Ou, pelo menos, essas são as conclusões nietschianas e hegelianas sobre a vontade desejante.<sup>39</sup> Que são usadas como base para este estudo.

Compreender isso é fundamental, pois parece ser precisamente a vontade, esse desejo que nunca é satisfeito, que é o principal motor que impulsiona a economia. Se houver uma mudança no desejo, então essa mudança também ocorrerá na economia. Se for uma mudança de diminuição, então a economia deve enfraquecer; e se for uma mudança de aumento no desejo, então a economia deve se fortalecer. Não é assim que o nível econômico de um estado é geralmente medido? pelo PIB<sup>40</sup>? Aquele que mede a quantidade de produtos e serviços criados em um estado.

---

<sup>39</sup> Essa concepção da vontade própria está muito presente nas teorias hegelianas e, principalmente, nas teorias nietschianas.

<sup>40</sup> O PIB, em termos econômicos simples, representa a porcentagem de novos produtos e serviços que um estado produz. Se essa produção for negativa, o PIB é uma porcentagem negativa; se essa produção for maior do que no período anterior, o PIB é positivo. O PIB é geralmente considerado a medida central para verificar a saúde econômica de um estado.

Não é nossa intenção aqui nos aprofundarmos em uma teoria econômica. Na verdade, é provável que o que será discutido nesta seção seja um relato bastante vago aos olhos de um economista especialista. Tanto na terminologia quanto nas descrições. Entretanto, se você considerar a generalidade dessa descrição econômica em seus termos mais simples, terá uma ideia mais ou menos clara do que se trata aqui. O objetivo não é entrar em detalhes da ciência econômica, mas simplesmente destacar uma mudança de tendência. Em outras palavras, o que se pretende aqui é iniciar um debate sobre isso e destacar nele, da mesma forma que foi feito com a história na filosofia, o fato de que a vontade não pode ser tão drasticamente separada do problema econômico.

A vontade é crucial para a compreensão desta seção. Pois ela parece se impor como algo mais relevante para a economia do que a própria estrutura. Pois sem esse desejo que nunca é satisfeito, também não haveria economia em crescimento. Pois seus consumidores estariam eternamente satisfeitos e nunca permitiriam o desenvolvimento de novos produtos e serviços, diminuindo assim o PIB. Mas se os consumidores estiverem eternamente insatisfeitos e sempre desejarem coisas novas, isso permitirá o desenvolvimento de novos produtos e serviços, aumentando o PIB. Na realidade, as necessidades dos consumidores são praticamente infinitas, portanto, a economia deveria, em teoria, estar sempre crescendo. Esses desejos podem assumir formas extremamente sofisticadas, conforme demonstrado pela pirâmide de Maslow, por exemplo. No entanto, caso a vontade desejante enfraqueça, não há nada que possa ser feito no nível econômico para resolver o problema. De uma forma ou de outra, então, essa vontade desejante parece estar diretamente ligada ao crescimento econômico. E é exatamente isso que lhe dá sua direção.

Como podemos esquecer quando a URSS, que supostamente havia atingido o ultimato econômico e histórico, com a ascensão do proletariado ao poder, acabou desmoronando com toda a sua força simplesmente porque a vontade do povo se cansou. Ela se cansou de tanta conversa, de tanta fantasia comunista, que não estava sendo cumprida. Quando a vontade se cansa de sua realidade material, por uma razão ou outra, não há obstáculo que ela não possa superar para sair dessa realidade. Mesmo no caso de um sistema como a URSS, que é, de longe, junto com a China comunista, um dos sistemas com menos liberdade da história. Liberdade, no sentido do que a liberdade da morte confere. Hoje, entretanto, a URSS está, curiosamente, três metros abaixo do solo.

Por essa razão, a análise econômica que será feita agora da pós-modernidade será feita como se fosse um estudo da vontade, em vez de uma economia "lógica" baseada em números ou algo parecido. Esse estudo econômico é crucial para entender a metamodernidade em seu fundamento. Pois é precisamente com base nessa mudança na realidade econômica que todas as outras mudanças já discutidas ocorrem. A guerra moderna, o declínio social e a crise ambiental podem ser entendidos como manifestações secundárias da mudança primária, que se encontra na economia. Portanto, esse estudo da vontade na economia pode ser entendido como um dos fatores mais fundamentais que impulsionam a nova metamodernidade em direção ao seu surgimento.

Antes de mais nada, é preciso determinar que o sistema econômico no qual a pós-modernidade se encontra é obviamente o sistema capitalista. E vale a pena fazer um esclarecimento adicional com relação a esse termo, pois parece que ainda há pessoas que confundem o que a palavra "capitalismo" realmente significa. O capitalismo não tem nada a ver com um mercado livre, com o comércio de mercadorias ou com juros monetários sobre o

que é produzido. Como já explicado, esses elementos estão presentes desde a época dos gregos antigos, muito antes do início do capitalismo. O que o capitalismo realmente significa é um método de produção econômica, no qual o capital é o fator de produção mais importante em relação aos outros três fatores.

Deve-se lembrar que há três fatores principais de produção na economia: capital, recursos naturais e mão de obra. Embora as teorias econômicas mais recentes, em vista da mudança de paradigma que está ocorrendo na economia, tenham proposto acrescentar mais fatores de produção a esses três tradicionais. Atualmente, fala-se também de três outros fatores, além desses três primeiros, como: Tecnologia, empreendedorismo e recursos intangíveis. Esses três últimos fatores não são aceitos por todas as teorias econômicas e representam um objeto de debate nessa ciência.

Por esse motivo, é necessário focar os três últimos fatores acima de tudo. Pois é neles que se encontra a nova inovação econômica que é o tema deste estudo. É nesses novos fatores de produção que se encontra a verdadeira mudança econômica. Pois é exatamente neles que ocorre o "clique", no qual o equilíbrio da produção econômica deixa de se inclinar para o fator capital e começa a se inclinar para um novo fator.

À primeira vista, pode-se pensar que esse é um evento que não tem chance de acontecer. Mas a verdade é que essa mudança no equilíbrio econômico já aconteceu várias vezes ao longo da história. A importância superior que o capital tem nesta época se deve, em grande parte, às necessidades do contexto histórico. A burguesia só chegou ao poder porque era necessário. Pois, desde o início da modernidade, os enormes navios que conquistaram a América sempre foram máquinas caras que, no entanto, eram cruciais para a logística da

revolução comercial. E esse capital, por sua vez, se autofortalecia, recebendo todos os ganhos monetários da conquista. E isso se manifestou na forma de mais navios.

Mais tarde, o capital se tornaria ainda mais central para a história, à medida que a Europa se industrializasse. As máquinas industriais pesadas, grandes e caras da primeira geração eram a única opção disponível para viabilizar a produção em massa. Essa enorme produção de produtos físicos trouxe grande progresso econômico. Apesar de todos os problemas sociais que ela também trouxe, não há como negar a enorme produção que ocorreu naquela época. E toda essa produção nunca teria sido possível sem o envolvimento primário do capital.

E aqui vale a pena fazer um esclarecimento sobre a que "capital" se refere. Pois esse termo, assim como o termo "capitalismo", ainda gera confusão com frequência. Por capital, ele não está se referindo a "dinheiro". O capital, em termos puramente econômicos, simboliza um bem produzido pelo homem, que é usado como meio de produção para criar outros bens. Essa é a definição puramente econômica de capital. Portanto, é muito mais preciso identificar o capital, por exemplo, com uma máquina de tricô industrial que produz roupas. Ou com uma locomotiva, que produz um serviço de transporte. Ou com um navio da era moderna, que serve como um serviço logístico para o transporte de mercadorias do continente americano. O capital, portanto, não tem nada a ver com dinheiro. Pois o que o dinheiro produz? O dinheiro é simplesmente moeda, um meio de troca. Ele não pode simplesmente se reproduzir e criar mais dinheiro; isso não é possível. O dinheiro é apenas um meio de troca que pode assumir qualquer forma. Seja em dólares, euros, pesos, rublos, bitcoin, ouro, prata; até mesmo o sal foi usado no passado.

No entanto, talvez o principal motivo pelo qual o dinheiro esteja associado ao capital atualmente se deva, em primeiro lugar, ao alto custo que essas grandes máquinas passaram a ter. Mas, em segundo lugar, e mais importante, isso se deve à "revolução financeira" pela qual o capitalismo passou nos últimos 50 anos, aproximadamente. Essa não foi uma revolução realmente produtiva do capitalismo, mas sim uma revolução apenas em nível financeiro. Nessa "revolução", aconteceu algo muito curioso. Pela primeira vez na história, o dinheiro, a moeda, não é mais visto simplesmente como um meio de troca, e a vontade pós-moderna começa a vê-lo como um meio de produção em si mesmo. Em outras palavras, pretende-se que uma nota de cem dólares se reproduza com outra nota de cem dólares e que elas tenham um filho, o que representaria um lucro. Por mais estúpido que isso pareça, foi exatamente isso que aconteceu nos últimos anos. Isso será explicado a seguir.

A chamada revolução financeira baseia-se inteiramente na usura. Uma tática que consiste em emprestar uma determinada quantia de moeda a outro agente e, em seguida, recebê-la, mais tarde, mas com um valor agregado que é chamado de "juros". Basicamente, é isso que todos os bancos do mundo fazem e, basicamente, é nisso que todo o mundo financeiro se baseia atualmente. Esse é um dos motivos fundamentais pelos quais o dinheiro é visto hoje como uma nova forma de capital e está associado a ele. Devido a essa relação sintética que surgiu entre "produção" e moeda. Entretanto, como veremos a seguir. Essa é uma prática extremamente prejudicial e dá início ao que poderia ser chamado de economia não produtiva.

Essa prática da revolução financeira não é realmente algo que possa ser chamado de produtivo. Entretanto, graças à vontade pós-moderna, ela permanece à tona durante a maior parte de seu tempo. Em sua ânsia de preservar a vida. O que reflete a natureza da economia,

mais ligada à vontade do que à lógica. Levando em conta esse estranho fenômeno, pode-se então considerar neste estudo, como capital, todos os bens produzidos pelo homem, que são usados para criar outros bens. Isso inclui maquinário, infraestruturas e também, com relutância, é necessário incluir a própria moeda, porque, por ordem da vontade pós-moderna, ela se tornou erroneamente parte do próprio capital. Especialmente quando estamos falando de grandes quantidades de moeda, como a dívida externa de um país, que é onde tendem a ocorrer os grandes usos.

Portanto, o capital, em nível puramente de máquina, domina absolutamente toda a era industrial, até que finalmente chegamos à era da informática, quando essa predominância do capital começa a vacilar. Ele começa a se enfraquecer no setor produtivo, mas começa a florescer no setor não produtivo, por meio da usura. Entretanto, mesmo antes de chegar a esse ponto, a supremacia do capital sobre os outros fatores de produção na era industrial é abismal. Essa supremacia superou em muito o pobre trabalhador da fábrica. Pois se ele morresse, em decorrência de condições de trabalho ruins, poderia ser facilmente substituído por quase qualquer outra pessoa rapidamente. E seu custo não representava quase nada em termos de produção. No entanto, se uma dessas grandes máquinas industriais fosse danificada, era um golpe direto no coração da produção, e a fábrica inteira poderia ir à falência como resultado. Nessa perspectiva, o capital é superior ao trabalho.

Esse fenômeno da supremacia do capital não ocorre apenas nas democracias do Ocidente, mas também está presente nos sistemas comunistas do Oriente. Pois mesmo em um sistema comunista, que supostamente seria contra tudo isso, a supremacia do capital é explícita. Pois a mesma industrialização que estava ocorrendo no Ocidente também estava ocorrendo no Oriente. O fato de os benefícios dessa produção serem posteriormente

compartilhados igualmente não muda o fato de que esse capital continua sendo o fator de produção mais importante. Tanto a URSS quanto a China comunista estavam nessa mesma era capitalista industrial, assim como as economias ocidentais.

O fato de um fator de produção ter precedência sobre os outros não é novo. De fato, isso aconteceu várias vezes ao longo da história. No sistema econômico do feudalismo, esse fenômeno também aparece. A única diferença é que o principal fator de produção não era mais o capital, mas a terra (recursos naturais). Na ausência de grandes máquinas, a economia se baseava simplesmente na venda de mercadorias para cobrir as necessidades alimentares, além de outras necessidades básicas, como roupas, e talvez um ou dois aparelhos. E, como o leitor perceberá, todas essas mercadorias vinham quase que diretamente da terra. Na forma de plantações, gado, minas minerais e assim por diante. Por isso, os proprietários de terras eram a ponta da espada econômica.

O feudalismo, no entanto, acabou sendo varrido pelas fortes ondas da história e finalmente substituído pelo capitalismo. Nele, o domínio não é mais do proprietário de terras, mas do burguês. E assim como a burguesia substituiu a terra pelo capital, hoje há um novo fator que está substituindo o capital por outra coisa. As fortes ondas da história estão levando o domínio do capital ao declínio e substituindo-o por uma nova verdade econômica. Hoje, o capital está sendo substituído por um dos três novos fatores analisados acima. Tecnologia, empreendedorismo e recursos intangíveis. Portanto, é apropriado investigar esses três novos fatores a fim de descobrir a verdade sobre o novo paradigma econômico.

A verdade sobre esses três novos fatores está, na verdade, presa em uma névoa de confusão. As teorias econômicas atuais não conseguem concordar com isso. Portanto, não

será possível uma definição precisa de qual novo fator de produção específico é o novo fator de produção. Especialmente para este estudo, que é mais filosófico do que econômico. Entretanto, talvez seja possível englobar esses três novos fatores em uma ideia central que poderia conter todos os três. É claro que essa ideia central pode ser vaga para muitos. Mas, ainda assim, ela também pode ser um guia para identificar essa mudança de tendência.

Esses três fatores de produção são: tecnologia, empreendedorismo e recursos intangíveis. Na realidade, todos eles podem ser compreendidos por meio do que é conhecido como "capital humano". Um termo que está sendo usado por alguns economistas para se referir a uma parte da produção que tem a ver com o valor intrínseco que um indivíduo pode ter, do ponto de vista produtivo. Se olharmos para essa nova ideia do ponto de vista dos três fatores de produção tradicionais, ela corresponde, em princípio, mais ao fator trabalho do que a qualquer outra coisa. No entanto, quando falamos de mão de obra, na perspectiva econômica tradicional, geralmente nos referimos mais ao trabalho do que a qualquer outra coisa. Mas o capital humano vai muito além disso. Esse capital humano poderia até ser visto de um ponto de vista puramente passivo, ou seja, apenas do ponto de vista do consumidor. O capital humano, simplesmente direcionando sua atenção, é capaz de se tornar um fator de produção econômica. É claro que, além do elemento passivo, há também um elemento muito mais ativo do capital humano. Trata-se de todas as habilidades criativas com as quais esse capital humano é capaz de desenvolver novos produtos e serviços.

Se compararmos esse capital humano com os três novos fatores de produção, tecnologia, empreendedorismo e recursos intangíveis, podemos encontrar uma relação clara entre eles. Para começar, a tecnologia nada mais é do que uma série de processos ou métodos que são usados como forma de produção devido à eficiência que representam. Mas a

tecnologia não está ligada ao capital humano? Não foi o capital humano que criou a tecnologia em primeiro lugar? O capital humano não apenas cria o método, mas também o aplica. Essa aplicação nem sempre é fácil, pois esses métodos podem ser tão complicados que exigem muito esforço por parte do indivíduo. É aqui também que entra o problema de ensinar esses processos corretamente, o que também está ligado ao capital humano de uma forma ou de outra.

Algo semelhante se aplica ao novo fator de empreendedorismo. No final das contas, isso tem mais a ver com a "capacidade dos indivíduos" de encontrar oportunidades de negócios. Mas essa capacidade decorre apenas do próprio capital humano, que identifica essas oportunidades e as explora por meio do próprio capital humano. Além disso, nesses novos negócios, o fator vendas parece ser sempre o mais importante. E é somente por meio da atenção humana que a venda pode ser feita em muitos casos. E tornar o negócio lucrativo.

E quanto aos recursos intangíveis, isso tem muito a ver com o branding das empresas, suas marcas, sua reputação ou até mesmo os dados que possuem. O leitor não pode deixar de encontrar uma ligação entre esses recursos e o capital humano. O que seria a marca de uma empresa sem os fãs que a aprovam, ou o que seria sem o capital humano que a projeta? O mesmo vale para os dados. Hoje, um dos bancos de dados mais importantes do mundo está nas redes sociais, como Tik tok, Instagram e YouTube. No entanto, embora os dados por si só possam parecer um recurso produtivo, eles nada mais são do que o resultado do comportamento imediato do capital humano por meio dessa rede de algoritmos.

Por todos esses motivos, esses três novos fatores de produção talvez possam ser agrupados sob a ideia central de "capital humano". De um ponto de vista econômico

tradicional, isso também é uma evolução do fator tradicional de trabalho. E, embora essa ideia ainda possa parecer muito ambígua, ela é mais do que suficiente para entender, pelo menos até certo ponto, para onde toda a tendência está indo. O capital, em suas formas mais tradicionais, não é mais o principal fator de produção, e agora é o capital humano que está no centro da narrativa metamoderna. Embora esse capital humano certamente ande de mãos dadas com a tecnologia, o empreendedorismo e os recursos intangíveis.

Com relação a essa ideia, recentemente houve um desejo de combatê-la, tendo como contrapartida a ideia de inteligência artificial. Partindo do princípio de que não é o capital humano, mas a inteligência artificial, expressa por robôs, que se tornaria o novo dominante em todas as esferas da realidade. Essa inteligência artificial é superior em termos de inteligência, reação, conhecimento, habilidades e praticamente tudo. Essa é uma ideia válida, que requer meditação. No entanto, essa meditação é algo que não será feito neste capítulo, mas no próximo. Mas ela será feita, não há dúvida quanto a isso. Por enquanto, a única coisa que pode ser dita é que a inteligência artificial não é tão "inteligente" quanto muitos acreditam; e ela é incapaz de substituir o capital humano como fator de produção econômica, pelo menos em suas esferas mais elevadas.

O surgimento desse novo fator de capital humano é um fato. Ele pode ser sentido em todas as esferas da realidade. Desde o aspecto puramente corporativo, passando pelo militar, até o energético. Ele está deslocando totalmente o capital. E ainda mais, já que a economia mundial não é mais baseada em produtos, mas em serviços. As grandes máquinas capitalistas ainda estão presentes, mas não representam mais a parte mais importante da equação. Como o novo fator predominante na produção, o capital humano se manifesta no que alguns já estão chamando de novo domínio da tecnocracia. Nele, a "técnica" desse capital humano prevalece

sobre o capital. Embora seja necessário esclarecer o que exatamente se entende por tecnocracia.

Na realidade, o conceito ainda é extremamente vago e não pode ser totalmente explicado. Ele pode até gerar confusão, devido à proximidade desse nome com o "fator tecnologia". Mas, como o leitor sabe, esse fator tecnológico não está separado do capital humano, ele faz parte dele. Essa nova realidade econômica certamente está presente, e sua identificação talvez possa ser mais orientada se for analisada do ponto de vista dos eventos que ocorrem na guerra moderna, do desafio ambiental ou do próprio mundo dos negócios. No entanto, uma definição conceitual mais ou menos decente do termo tecnocracia não faria mal algum.

A tecnocracia, portanto, seria o domínio dos técnicos. Essa dominação é fundamental, porque não se limita a uma única esfera, mas acaba dominando todas as esferas da realidade. É claro que o que está à frente desse domínio tecnocrático, a aristocracia tecnocrática, está sempre presente. Entretanto, não entraremos nesses detalhes aqui. O que é relevante agora é definir o que se entende por "técnica".

A palavra técnica, na verdade, vem do grego *τέχνη*. Que simbolizava em sua época a arte, a técnica ou a habilidade que alguém tinha para fazer algo. Essa técnica, então, certamente representa a habilidade do capital humano, mas também representa um conjunto de regras a serem seguidas. Assim como o arqueiro é capaz de acertar o alvo depois de dominar a técnica correta de arco e flecha, ele também deve seguir as regras que a técnica lhe proporciona. Entretanto, essa técnica não é algo que aparece do nada, não é algo que está

flutuando em algum lugar divino. É algo criado pela parte mais nobre da tecnocracia. Que seria a aristocracia tecnocrática, ou seja, o capital humano superior, que a cria.

No final, a tecnocracia seria o governo dos mais habilidosos. Na tecnocracia, não é mais o burguês desajeitado, que veio com suas máquinas enormes e seus passos pesados, que venceu a competição graças à sua enorme massa, em vez de sua inteligência ou habilidade. Pelo contrário, o tecnocrata vence não por causa de sua força, mas por causa de sua habilidade no assunto em questão. Entretanto, devido à ambiguidade desse termo, ele ainda é ambíguo para toda a filosofia. Parece necessário incluir uma citação do significado de técnica no dicionário filosófico de Ferrater Mora. Esse dicionário é, para muitos, o melhor dicionário de filosofia que existe.

## TÉCNICA

A distinção entre técnica e arte é escassa quando o que chamamos de "técnica" hoje é pouco desenvolvido. Os gregos usavam o termo τέχνη (frequentemente traduzido por ars, "arte" e que é a raiz etimológica de "técnica"), para designar uma habilidade pela qual algo é feito (geralmente, uma realidade natural é transformada em uma realidade "artificial"). Entretanto, a *téchne* não é uma habilidade qualquer, mas uma que segue certas regras. É por isso que *téchne* também significa "ofício". Em geral, *téchne* é qualquer conjunto de regras por meio das quais algo é alcançado. Assim, existe uma *téchne* de navegação ("a arte da navegação"), uma *téchne* de caça ("a arte da caça"), uma *téchne* de governo ("a arte de governar") etc.

Por meio de Sócrates, Platão frequentemente se refere à *téchne*. De acordo com Aristóteles, a *téchne* é superior à experiência, mas inferior ao raciocínio (no sentido de "pensamento puro", mesmo que o pensamento também exija regras). Na Idade Média, era comum usar o termo ars no sentido do grego τέχνη. Gradualmente, no entanto, a chamada ars mechanica veio à tona como o que mais tarde se tornaria "técnica". De acordo com Kant, o "modo técnico" pode ser aplicado não apenas à arte, mas também à natureza. Kant diz que a beleza da natureza revela uma técnica da natureza como um sistema realizado de acordo com leis. Kant faz distinção entre uma *technica intentionalis* e uma *technica naturalis* e chama de "técnica da natureza" a causalidade própria da natureza em relação à forma de seus produtos como fins (Erste Einleitung in die Kritik der Urteilskraft, em Werke, ed. E. Cassirer volume V, pp. 199-200). Essa técnica da natureza se opõe à mecânica da natureza e, portanto, pode-se dizer que a faculdade de julgamento tem um caráter "técnico".

A "meditação sobre a técnica" no sentido atual de "técnica" é peculiar à Era Moderna, especialmente desde que a Enciclopédia Francesa (ver *Encyclopédie*) deu grande atenção a todas as técnicas, e atenção especial às técnicas mecânicas, e as técnicas foram incorporadas ao "conhecimento" (ciência). Essa incorporação foi tão completa que, em um determinado momento, considerou-se não tanto que a técnica é conhecimento, mas que o conhecimento é fundamentalmente técnico. Por outro lado, as técnicas - e não apenas as técnicas mecânicas, mas também as "técnicas humanas" - se desenvolveram a tal ponto que surgiu o problema de até que ponto o homem é capaz de dominar as próprias técnicas que criou. Esse problema está relacionado ao que pode ser chamado de "alienação do homem pela tecnologia"; não são poucas as doutrinas sociais defendidas desde o início do século passado até o presente que têm como um de seus objetivos mostrar de que forma o homem pode assimilar a tecnologia, ou seja, de que forma a tecnologia pode se tornar "humana".

O estudo filosófico da tecnologia ainda está em sua infância. Embora os filósofos de hoje, especialmente nos países altamente industrializados, vivam em um "mundo técnico", a natureza de seu trabalho frequentemente os leva a ignorar (intelectualmente) esse mundo. No entanto, não há razão para que a técnica (ou as técnicas) não possa ser analisada filosoficamente com o mesmo rigor conceitual com que as ciências têm sido analisadas. O que a filosofia da tecnologia precisa, acima de tudo, é de um sistema de conceitos dentro do qual os problemas básicos de toda tecnologia possam ser colocados. Esses conceitos podem incluir os de trabalho, aplicação, transformação e eficiência ou desempenho.

Até o momento, a maioria das "filosofias da tecnologia" tem sido especulações sobre esses últimos. Assim, Spengler define técnica como "as táticas da vida". Spengler propõe essa definição com base na ideia do homem como um "animal de rapina".

Alguns filósofos têm se preocupado em distinguir entre várias formas de tecnologia ou vários estágios na evolução da tecnologia. Assim, Ortega y Gasset indica que devemos distinguir três estágios na evolução histórica da tecnologia: a técnica do acaso, típica do homem primitivo, acessível a todos os membros da comunidade e quase confundida com o repertório de atos naturais, a técnica do artesanato, típica da Antiguidade e da Idade Média, patrimônio de certas comunidades, a técnica do técnico, tal como aparece nos tempos modernos, e especialmente na Idade Contemporânea, com a importância adquirida pela "máquina" e a diferença não só entre o técnico e o não técnico, mas também entre o técnico, o artesão e o trabalhador. No último estágio, a técnica em si predomina sobre as técnicas especiais. As técnicas também podem ser classificadas em uma técnica de produção de bens, uma técnica das diferentes "artes", uma técnica de conhecimento etc.

Na opinião de Gilbert Simondon, a ideia de que a máquina é estranha ao homem vem de uma falta de conhecimento da máquina e de suas potencialidades, e não da estrutura da máquina e do maquinismo. Certos autores fizeram uma distinção entre técnica e trabalho e consideraram o último mais fundamental que o primeiro, de modo que, como escreve Simondon, "o objeto técnico foi apreendido por meio do trabalho humano, pensado e julgado como um instrumento, um auxílio ou um produto do trabalho". Em contrapartida, ele defende a ideia de uma apreensão direta do que é humano na própria tecnologia. O trabalho poderia então ser considerado como "um aspecto da operação técnica". A importância dada à técnica foi reconhecida por Pierre

Ducassé, que chegou a escrever que "uma educação da liberdade filosófica é possível no mundo - e para o mundo - dos técnicos" (op. cit. na bibliografia, p. 2), razão pela qual é necessário reagir contra um *détachement spéculatif* que não teria fundamento nem sentido hoje (ibid., p. 136).

Encontramos em Heidegger considerações sobre a tecnologia e o mundo técnico que são notoriamente hostis a ambos. No entanto, Heidegger manifesta hostilidade à técnica apenas na medida em que ela "traí", por assim dizer, sua relação com o *ἀλήθεια*. A técnica é um modo de *ἀλήθεια* de revelação. Mas enquanto a técnica como conhecimento técnico, *ἐπιστήμη τέχνη*, era, entre os gregos, a produção do verdadeiro no belo, de modo que a técnica era "poiética", na era moderna a técnica tem sido uma "provocação" (*Herausfordern*). A tecnologia moderna não nasce da ciência, mas surge de uma "demanda" da natureza para dar ao homem sua energia acumulada. O homem interpela (*stellt*) a natureza por meio da tecnologia, promovendo-a. Heidegger chama isso de *Gestell* - um termo que designa um objeto útil, mas que Heidegger entende como "parar e procurar" (e que está relacionado a *her-stellen*, *dar-stellen*, etc.). A *Gestell* oculta e mascara a *ἀλήθεια* e, assim, enquanto a antiga *ἐπιστήμη τέχνη* era um desvelamento que se prostrava humilde e piedosamente diante do desvelamento, a técnica moderna força-o e, assim, o oculta.<sup>41</sup>

Tendo esclarecido mais ou menos o que significa o novo paradigma tecnocrático na economia, podemos agora começar a apontar o que essas mudanças representam. É precisamente essa ascensão da nova tecnocracia ao poder que a realidade econômica pós-moderna encontra seu declínio econômico. Mas não apenas a realidade pós-moderna, mas também a realidade moderna. Pois ambas fazem parte do mesmo sistema capitalista. Portanto, a negação que a metamodernidade faz em termos econômicos é uma negação de ambas, mas também é uma superação de ambas. A seguir, explicaremos como essa mudança foi gerada ao longo da história pós-moderna e como ela preparou o terreno para o surgimento da nova metamodernidade.

A pós-modernidade não está economicamente separada da modernidade, pois ambas pertencem ao mesmo sistema capitalista. A pós-modernidade acaba sendo apenas uma das evoluções do capitalismo original. E, dentre essas versões, talvez a pós-modernidade seja a

---

<sup>41</sup> Ferrater Mora, José. "Técnica". *Diccionario filosófico*. Barcelona: Ariel, 1994. 1061-1062.

mais obscena de todas. O capitalismo evolui de um sistema de produção para um sistema de consumismo não produtivo. As novas emanções pós-modernas não contradizem o fundamento do capitalismo moderno tradicional, mas o enfraquecem. A não produção que o gozo gerou é um sintoma de uma vontade pós-moderna cada vez mais fraca. E também de uma vontade capitalista cada vez mais fraca. Essa fraqueza está sendo gradualmente explorada e superada pelo domínio da tecnologia.

O capitalismo, o sistema definitivo da burguesia, atingiu seu auge no período pós-guerra, entre 1945 e 1970. Ele foi responsável pela reconstrução da Europa e, juntamente com o domínio do espaço, o império mercantil americano parecia imbatível. A URSS, por outro lado, começou a claudicar, reforçando ainda mais essa superioridade. Além disso, a terceira revolução industrial já está começando a ocorrer, trazendo consigo a tecnologia da informação. Ela promete, juntamente com o domínio do espaço, ser o futuro brilhante da humanidade. Mas esse sonho, que parecia tão próximo, começou a se dissipar do horizonte por volta da década de 1970.

Esse declínio progressivo do capitalismo se deve a muitos fatores que não podem ser totalmente explicados. Entretanto, é possível apontar alguns, que parecem ser os mais importantes. Um deles é, sem dúvida, o momento decisivo em que o Presidente Nixon renunciou ao acordo financeiro de Bretton Woods, estabelecido após a Segunda Guerra Mundial, que finalmente separou o dólar do padrão ouro em 1971<sup>42</sup>. Essa é uma mudança fundamental nas finanças mundiais. Como o dólar é a moeda de reserva preferida do mundo, uma mudança nele afeta todas as outras moedas do mundo. Essas moedas adquirem seu valor a partir de suas reservas em dólares. Por mais problemático que seja ter um padrão-ouro, ele

---

<sup>42</sup> Isso significa que o valor do dólar não seria mais baseado no valor monetário do mercado de ouro; ele agora é baseado nele mesmo. Em outras palavras, o dólar é baseado na economia dos EUA e não no preço internacional do ouro. Outros países copiariam esse princípio mais tarde.

tem funcionado mais ou menos bem ao longo do tempo. No momento em que o dólar é retirado do padrão ouro, a situação muda. Isso é o equivalente a dar as chaves da farmácia para o viciado em drogas. Se as chaves tivessem sido entregues a alguém responsável, talvez isso não fosse um problema, mas se elas forem entregues a um viciado em drogas, as consequências são óbvias. Essa mudança acaba dando sinal verde para os bancos internacionais imprimirem dólares no nível que quiserem. Você consegue imaginar como é ter uma máquina de impressão de notas e, ao mesmo tempo, não ter nenhuma responsabilidade ou consequência por usá-la?<sup>43</sup>

Além desse importante fator, há também mudanças no nível de produção. Desde a revolução da informática, uma economia muito mais desigual está começando a ser criada. Isso se deve, em parte, a essa impressão excessiva de dinheiro, bem como à natureza exponencial da própria economia computacional. Isso se torna ainda pior nos anos seguintes, com a quarta revolução industrial da digitalização. Aqui, o sistema de dívida, a impressão excessiva e a natureza exponencial da digitalização criam uma tempestade perfeita de condições que começam a aniquilar a classe média. A desigualdade começa a assumir proporções muito altas, e as economias dos países se enfraquecem. Pois somente uma classe média forte pode mantê-las no caminho certo.

Essa desigualdade é ainda mais acentuada com o colapso da URSS em 1991. O capitalismo está emergindo como o sistema triunfante no planeta. Mas, embora isso possa parecer uma vantagem, na realidade ele se torna um malfeitor. Como não há mais alternativa, o sistema da dívida se torna ainda mais irresponsável em suas ações do que antes. Além disso, se estudarmos o comportamento da vontade, perceberemos que ela tende a ser ativada

---

<sup>43</sup> O Federal Reserve e os bancos internacionais em geral têm hoje a possibilidade e a liberdade de imprimir quantias ilimitadas de dinheiro. É claro que isso levaria naturalmente à inflação, mas essa consequência nem sempre é necessariamente levada em conta.

com mais força quando tem uma "alteridade" a ser superada. Ou quando essa alteridade representa uma ameaça para ela. Nesse sentido, a vontade tende a gostar de competir. Mas quando a vontade se encontra sem algo claro para conquistar, ela não consegue manifestar bem seu desejo e se torna uma vontade mais ociosa. Isso também enfraquece a economia.

Desde a década de 1970, os salários estão estagnados em todo o mundo, enquanto a inflação torna a vida cada vez mais cara. Causando uma queda leve, mas persistente, na produção real. Toda essa impressão excessiva de dinheiro não apenas cria inflação, mas também acumula dívidas. Dívida que começa a gerar seus primeiros vazamentos nas recessões de 1980, 1990 e 2008. Essa última é a mais grave de todas, pois representa um acúmulo de crédito.

Todas essas recessões, e todo o declínio econômico em geral, enfraquecem gradualmente a outrora forte classe média em todo o mundo. A falta de regulamentação econômica estatal, o domínio absoluto e irresponsável dos bancos internacionais e os novos desafios da industrialização foram todos condensados na crise de 2008. Naquele momento, o sistema finalmente pareceu entrar em colapso total. No entanto, o prazer pós-moderno da vida salva a economia. Bem, em vez de salvá-la, o que foi feito foi simplesmente piorar a tragédia, adiando-a...

Uma quantidade obscena de dinheiro foi impressa para salvar a economia; e isso, até certo ponto, pareceu funcionar por um longo tempo. Mas, apesar de proporcionar gratificação instantânea, essa impressão tem, obviamente, consequências de longo prazo. Ela começa a criar a bolha definitiva. A "bolha de tudo", que inflaciona os preços de todos os bens produtivos e também dos bens não produtivos. Especialmente dos bens não produtivos,

porque já nesse ponto há muito mais dinheiro circulando do que produção. Esse fenômeno, que ocorreu em 2008, se repetiria exatamente da mesma forma nas recessões subsequentes, e com ainda mais força na última crise da covid. Onde mais de 20% dos dólares em circulação hoje são impressos. Portanto, o problema não foi resolvido, mas apenas acumulado para mais tarde.

Antes de prosseguir para o resultado final de tudo isso, vale a pena esclarecer como funciona essa economia não produtiva na qual o consumismo pós-moderno acaba se inserindo. Como há uma quantidade excessiva de dinheiro em circulação, esse dinheiro acaba excedendo a quantidade real de produção. Em outras palavras, há mais capital do que produção econômica. Portanto, o burguês, sem saber o que fazer com tanto dinheiro impresso, reintegra-o de volta ao mercado. Mas, como você pode imaginar, essa reintegração é feita sem meditação ou importância. Pois o dinheiro é extremamente abundante, e existe até mesmo a possibilidade de jogar com ele. É aí que começa o mercado especulativo. Onde os bens são erroneamente percebidos como mais valiosos do que realmente são, devido a esse excesso de capital, e acabam sendo supervalorizados. Além disso, esses bens não são comprados para serem usados produtivamente; são comprados simplesmente para serem vendidos a outro burguês ainda mais estúpido do que aquele que comprou o bem pela primeira vez. Nessa tendência, os preços aumentam gradualmente, passando de mão em mão, de burguês para burguês, pois cada um espera vendê-lo por um preço mais alto. Isso acontece até que, finalmente, o preço acaba sendo extremamente excessivo em relação ao que o bem realmente vale. Pois esse bem há muito deixou de ser produtivo. Esse bem não gera nenhum lucro real. O único lucro que ele pode gerar é o de ser vendido a outro especulador. É assim que as bolhas financeiras são criadas.

A especulação em si é um tema de debate na economia. Pois ela não parece ser de todo ruim em termos de atividade econômica. No entanto, quando se combina especulação com impressão excessiva de capital, o que se obtém, obviamente, é uma bolha de preços. Hoje, os preços dos imóveis, das ações, dos títulos e até das criptomoedas estão absurdamente caros. A bolha de tudo criou uma economia totalmente improdutiva. Onde até mesmo o emprego de pessoas comuns se tornou uma atividade não produtiva. Para que esse emprego ocorra, é necessário que haja uma empresa que o crie. E muitas das empresas atuais são instituições que nunca produziram um único dólar em suas vidas. São empresas totalmente medíocres, que sobrevivem simplesmente por causa de seu enorme endividamento. Em outras palavras, em vez de entidades produtivas, são instituições totalmente sustentadas pelo dinheiro que lhes é dado pelo Estado.

Atualmente, há muitas empresas que deveriam estar três metros abaixo do solo. No entanto, graças a esse sistema de endividamento sistemático que as mantém à tona, elas podem ser tão ineficientes quanto quiserem e ainda assim manter suas vidas. Isso lembra alguma coisa? Não é o mesmo que direitos humanos? Conceder o "direito à vida" até mesmo ao mais medíocre e inútil dos homens.

Essa não produção é naturalmente expressa também em empregos não produtivos. Os "bullshit jobs", os empregos não produtivos, curiosamente, começaram a aparecer na década de 1970. São empregos que realmente não deveriam existir na economia, mas existem. Você provavelmente já os viu em mais de uma ocasião. São empregos que poderiam ser facilmente contornados ou substituídos por um método melhor. Empregos como bombas de gasolina, advogados corporativos, assistentes de assistentes, administradores de administradores, etc.

Esses empregos desnecessários são gerados em grande parte pela economia não produtiva. Mas eles também são influenciados pelos novos desafios impostos pela automação de processos. A inteligência artificial ameaça acabar com muitos empregos, e de fato está fazendo isso. A atitude lógica seria abandonar esses empregos já automatizados e criar novos. Entretanto, estando em uma economia não produtiva que não cria nada de novo, isso se torna impossível. Portanto, o consumismo pós-moderno, em vez de virar a página e aceitar sua própria morte, insiste em continuar insistindo na mesma coisa. Essa insistência acaba criando empregos de mentira. Que não são a causa, mas o sintoma de uma economia não produtiva.

Toda essa não produção não é algo que acontece simplesmente no nível econômico. Se você observar a natureza disso a partir de uma posição filosófica. Essa não produção é o mesmo que não criação. E a não criação é a mesma coisa que acaba acontecendo em nível social. Na análise que foi feita sobre o declínio social da desconstrução pós-moderna, observou-se que o isolamento dos Eus, a única coisa que ele gera é a não criação. Em outras palavras, isso leva à estagnação. O que é a mesma coisa que acaba acontecendo na economia não produtiva. É nessas relações que a verdadeira natureza da economia pode ser compreendida. Ela está mais próxima da vontade desejante do que de fórmulas matemáticas rígidas. Pois é precisamente a vontade desejante da desconstrução do Ego, ainda presente na pós-modernidade, que criou toda essa economia não produtiva.

Além disso, essa não-produção também acaba afetando a guerra moderna. Pois acontece na guerra o mesmo que acontece na bolha imobiliária, por exemplo. As grandes máquinas de guerra, como aviões, porta-aviões, navios, tanques pesados e assim por diante, tornam-se extremamente caras em relação ao seu verdadeiro valor produtivo. Pois essas máquinas podem ser facilmente abatidas por lançadores de mísseis de uma milésima fração

de seu valor. Ou diretamente por estratégias de guerra superiores, criadas pelo capital humano de guerra. No entanto, essas máquinas ainda estão sendo produzidas e vendidas. Pois a guerra capitalista ainda existente não vê realmente a vitória como seu objetivo, mas a mera compra e venda dessas máquinas. É claro que toda essa ineficiência na economia de guerra acaba sendo explorada pelos novos atores não-estatais, que apostam na eficiência.

E tendo tocado nesse assunto, agora é hora de passar para o que seria o resultado de toda essa economia não produtiva. Toda essa ineficiência representa não apenas o declínio do consumismo pós-moderno. Representa também o declínio do próprio capitalismo, pois a ineficiência chegou a tal ponto que se tornou insustentável sob seu próprio peso. De todas as bobagens que Marx escreveu, há uma em que ele realmente estava certo. O capital está se tornando um obstáculo à produção. Hoje, o capital e o peso que ele exerce não são mais sinônimos de aumento da produção econômica, mas sim de estagnação econômica. Pois, graças ao domínio financeiro da economia capitalista não produtiva, o capital impede que novos produtos e serviços sejam produzidos da maneira que deveriam. E é nesse enorme buraco de ineficiência que entra o novo elemento econômico. A tecnocracia está se impondo como o novo elemento dominante em face dessa crescente ineficiência da burguesia.

Os tecnocratas, em vez de vencerem pela força bruta, como os burgueses faziam ao jogar seu gigantesco saco de dinheiro na mesa, o fazem por meio da habilidade e da inteligência. Em vez de um enorme brontossauro, o técnico é um ágil velociraptor. Mais inteligente e mais preciso, ele usa a técnica certa para vencer em qualquer área em que se empenhe. Exemplos prematuros disso são os gigantes da tecnologia. Amazon, Apple e Microsoft são exemplos de elementos técnicos iniciais. Hoje, elas são associadas a grandes monopólios burgueses, mas vale a pena observar que essas empresas começaram, na verdade,

com muito pouco capital. E foi o domínio da tecnologia que realmente as posicionou como plataformas de monopólio. Foi a bolha financeira, a falta de regulamentação estatal e toda a estrutura capitalista em geral que deram a essas empresas seu status atual de burguesia maligna. No entanto, em termos de seus métodos de fundação, essas empresas são manifestações da técnica inicial. É preciso lembrar que começar com tão pouco capital e criar uma empresa de tal escala teria sido totalmente impossível na era industrial. Onde era preciso gastar milhões apenas para comprar uma máquina da fábrica. Além disso, o maior valor dessas novas empresas não vem das máquinas, mas do capital humano que as compõe.

De qualquer forma, essas grandes indústrias tecnológicas, caso queiram esquecer suas origens tecnocráticas e começar a se comportar como burgueses, serão rapidamente superadas por novos elementos tecnocráticos. Elas seriam então ultrapassadas por novas empresas com propostas melhores. Talvez algumas candidatas a isso sejam a Nvidia e a Open Ai, que demonstraram grande eficiência em inteligência artificial. A tecnologia está cada vez mais se sobrepondo ao capital.

Outro aspecto que deve ser esclarecido é que essa tecnocracia não se limita ao caráter científico. Pois, embora o caráter científico desempenhe um papel crucial nela, a tecnologia pode se estender por toda a realidade desta época. Um exemplo claro disso é o fenômeno já discutido na guerra moderna. Onde as máquinas de guerra muito caras são superadas pelas estratégias de guerra corretas. A tecnologia na guerra é capaz de superar os pesos pesados do armamento. Hoje, parece que forças especiais bem treinadas são mais eficientes do que as máquinas de bilhões de dólares que os Estados continuam a produzir.

A necessidade de armamento ainda é óbvia, no entanto, esse armamento evoluiu para questões mais baratas, menores e mais especializadas. O foco está na técnica de tais armas, e não em quanto elas podem custar. O fato de as armas de guerra mais populares atualmente, rifles de assalto e lançadores de foguetes, estarem sendo fabricadas em pequenas oficinas, por tornos e fresadoras, ou mesmo apenas com trabalho manual, é um exemplo de tecnocracia em ação. Essas armas fabricadas localmente são de qualidade igual ou até superior às armas produzidas pelo Estado. Mas a preços muito inferiores aos dos estados, graças a uma redução nos custos de importação e outras tarifas. Além disso, a eficiência dos novos drones de combate é outro exemplo. Essas novas máquinas são sofisticadas, e não caras. Elas exigem toda uma ciência por trás, que, por sua vez, requer a tecnologia mecatrônica correta para operar. Mas, apesar de sua sofisticação, esses drones são extremamente baratos em comparação com as máquinas de guerra pesadas. Ou seja, a ponto de serem drones descartáveis, como são os novos drones kamikaze.

Essa superioridade da tecnocracia está começando a fazer sentir sua presença em todas as esferas do que poderíamos chamar de assuntos econômicos e militares. Esses são os dois pilares fundamentais da mudança histórica. O único pilar que ainda precisa ser superado é o pilar social. Ele será discutido na próxima seção. Por enquanto, vale a pena observar que essa nova tecnocracia está superando o domínio da burguesia em todos esses ramos. E quanto mais os dias passam, mais essa superação parece estar aumentando. Não se trata mais de um fenômeno isolado, mas de uma mudança genuína no atual fenômeno de produção.

Concluindo, então, que as crescentes ineficiências do consumismo pós-moderno, juntamente com a ineficiência geral do capitalismo como um todo, estão levando a uma profunda mudança no sistema de produção. Uma mudança na qual a nova tecnocracia é capaz

de se impor ao domínio burguês, tirando proveito de sua vontade fraca. Essa dominação da tecnocracia ainda não é total. Apesar disso, seu crescimento é tão significativo que é necessário considerá-lo como um novo paradigma que emerge das raízes profundas da história. Esse novo paradigma econômico é algo próprio da metamodernidade e não deve ser pensado de forma distinta da própria metamodernidade. Pois ele acaba negando tanto a modernidade quanto a pós-modernidade e, ao mesmo tempo, superando ambas.

## **Capítulo 6: Encontrando o ponto do contexto metamoderno [contexto].**

As fortes ondas da história são capazes de polir até mesmo a mais dura das pedras. Os conceitos pós-modernos de hoje estão pendurados por um fio tão forte que parecem finalmente ceder ao menor sopro. Todos os pilares sobre os quais a pós-modernidade se apoiava já desmoronaram. Todos, exceto os pilares do gozo e da vida, mas esses são dois pilares ou é um único pilar? A única coisa que parece manter a pós-modernidade flutuando agora, ao que parece, é o vício do gozo. Como uma injeção de heroína, ele agora é uma necessidade, e não um pathos de apoio.

Mas as coisas só terminam quando chega a sua hora. A única coisa que pode efetivamente pôr um fim à pós-modernidade é um novo ponto de contexto que possua a mesma quantidade de força que o ponto da bomba atômica. Só então o último pilar de prazer e vida poderá ser derrubado. Caso contrário, o ponto de contexto que a bomba representava ofuscaria qualquer outro que quisesse tomar seu lugar sem ser digno ainda; e manteria o pilar intacto. Essa "força" dos eventos históricos nem sempre é facilmente definível. Entretanto, em termos gerais, é possível inferir mais ou menos o nível de força de um evento histórico quando o vemos. Especialmente depois de ver suas consequências históricas subsequentes.

Para que se possa dizer que um ponto do contexto histórico tem a mesma "força" que outro, ele deve ser capaz de superar a premissa fundamental de conhecimento do contexto passado. Somente ao igualar e superar esse conhecimento é possível completar totalmente a negação dele. Caso contrário, o que você teria seria uma negação incompleta. O que seria o mesmo que dizer, uma afirmação fraca do novo testamento. Que foi o que acabou

acontecendo com a crise de 2008. Portanto, para que se possa falar em negação de uma era, o conhecimento mais fundamental dessa era deve ser superado por um novo elemento que seja igual a esse conhecimento. No caso pós-moderno, isso seria uma negação da vida como um absoluto.

Com relação ao ponto de contexto que marca o fim da pós-modernidade e o início da metamodernidade, há vários candidatos possíveis. Uma parte da filosofia afirma que esse ponto já ocorreu e que ele representaria o ataque ao World Trade Center em 11 de setembro. Supostamente, porque esse evento rompe com a inércia fragmentária e abre espaço novamente para uma história universal com a nova integração do Islã à história ocidental. No entanto, como já ficou claro aqui, a fragmentação não é de fato a base definitiva do conhecimento pós-moderno. Em vez disso, sua base é a vida como absoluta.

A guerra subsequente que esse evento causou foi uma ameaça à premissa fundamental da vida, mas foi uma ameaça pequena e não muito relevante. Especialmente depois que nenhuma arma de destruição em massa foi encontrada no Iraque. Além desse candidato, houve alguns outros. A crise de 2008 e a crise da Covid-19 também são candidatas. Mas, conforme já relatado, esses eventos representam apenas uma parte incompleta da negação, pois o Federal Reserve rapidamente veio em auxílio da economia e a "salvou" do colapso total, pelo menos momentaneamente. Esses eventos, portanto, também são incompletos e não foram longe o suficiente para negar totalmente a pós-modernidade.

O mesmo vale para a queda do Muro de Berlim. Esse é provavelmente o candidato menos convincente de todos. Para ele, a pós-modernidade não foi negada de forma alguma. De fato, acabou sendo o oposto. Ele marcou o fim total do absolutismo marxista e o domínio

absoluto do fragmentário. O mesmo se aplica à digitalização mais recente. Ela, embora ainda a serviço da pós-modernidade, acaba simplesmente reafirmando o fragmentário e, portanto, a vida como absoluta.

A verdade é que esse ponto de contexto ainda não foi alcançado. No momento em que escrevo, ainda estamos dentro do paradigma histórico pós-moderno. Entretanto, a fragilidade da pós-modernidade já está se tornando tão evidente que é impossível continuar a tomá-la como um elemento que viverá para sempre na história. Como já destacado, essa pós-modernidade está sendo negada e superada em quase todas as áreas. O campo de batalha moderno e a nova economia dos técnicos são os pontos de discussão mais importantes.

Essas duas esferas da realidade se tornam a pedra angular do que daria início ao declínio pós-moderno. Esse declínio faz com que o próximo movimento, caso deseje resolver os problemas pós-modernos, negue a própria pós-modernidade que os causou. E negá-la em sua base. Dessa forma, a metamodernidade, se quiser ser um estágio na história que se supera, terá de se tornar uma negação da negação. Ou seja, uma negação da pós-modernidade. Isso representaria o cumprimento dos requisitos dialéticos hegelianos de ordem, dos quais a história precisa para avançar, se olharmos apenas por essa perspectiva. Entretanto, conforme discutido acima, essa ordem dialética hegeliana não está isenta de problemas.

Mas mesmo que se assuma que a ordem dialética não existe e se volte para o desdobramento histórico da vontade e da consciência, a metamodernidade também parece ser, de fato, uma tentativa de negação diante da pós-modernidade. Pois essa negação é implicitamente vista na tendência da pós-modernidade nos últimos anos. A negação do

pacifismo em termos da guerra moderna, a negação do capitalismo em termos da economia, a negação da fragmentação em termos do social e a negação do fragmentário em termos da crise ambiental são representações explícitas de um empirismo fracassado, que é imediatamente seguido por uma vontade e uma consciência negadoras, que agora têm sede de um novo objeto. Essa negação não surgiu imediatamente, mas foi transformada pouco a pouco na história, com a ajuda da consciência que vê os resultados de seu desdobramento e começa a corrigir parcialmente o curso.

Entretanto, embora haja uma clara intencionalidade de negação, essa vontade de negação ainda é parcial. A negação é parcial porque ainda não foi atingido o ponto de inflexão histórico necessário, forte o suficiente para acabar com a premissa da vida como um absoluto, que seria a última que restaria. Por enquanto, o ponto de contexto ainda está incompleto. No entanto, o surgimento desse ponto de contexto já está tão próximo de hoje que é muito fácil de prever. Pois os finais, para a consciência, não aparecem para ela como uma surpresa, mas como uma consequência óbvia que já foi prevista há muito tempo. Vamos agora fazer uma previsão em termos de apontar esse ponto do contexto histórico. E então ficará claro que, na realidade, isso não passa de uma mera condensação de todo o fracasso das ideias pós-modernas.

A morte da pós-modernidade deve envolver uma implosão da pós-modernidade. Qual é a maneira mais vigorosa de negar a premissa da vida como absoluta? É exatamente esse absolutismo da vida que acaba causando a morte de sua premissa. Ao fazer isso, a pós-modernidade perderia a única coisa nela que não era contraditória em si mesma. Já foi dito, desde o início deste livro, que a pós-modernidade sempre tende a se contradizer. Todos os seus fundamentos - fragmentação, pacifismo, "liberdade", "igualdade" - sempre acabam se

contradizendo. Há um elemento da pós-modernidade, no entanto, que nunca se contradiz, não importa o que os outros façam. A pedra fundamental do conhecimento pós-moderno sempre foi a vida como absoluta. Uma premissa que está sempre presente, e nunca como uma contradição, mas sempre como uma afirmação. Entretanto, no momento em que a pós-modernidade finalmente se contradiz em sua base mais profunda. No momento em que sua atitude em relação à vida é precisamente o que está matando a vida. Nesse momento, ela não é mais capaz de suportar seu próprio peso. A contradição absoluta em seu conhecimento finalmente a faz ceder. Pois ali, o conhecimento não é mais conhecimento, mas desconhecimento absoluto. Dando à pós-modernidade sua morte.

E é importante que essa morte seja dada pela implosão, ou seja, dada por um elemento que eu acredito ser, em primeiro lugar. Se não for por implosão, essa "negação" será percebida como um ataque externo e não será imanente à consciência. Ela causaria apenas uma rejeição momentânea. Mas se for autodestruição, então a consciência aceita essa derrota como válida com muito mais força. Portanto, para falarmos de uma implosão da vida como absoluta, devemos falar de um evento catastrófico que ameace a vida a tal ponto que a consciência não tenha escolha a não ser questionar a premissa que a trouxe até esse ponto. E que essa catástrofe não é causada por algum agente externo, mas é ironicamente o produto do próprio caminho que foi tomado para evitá-la.

Esse evento catastrófico pode ter vários candidatos. Obviamente, um desastre ambiental em grande escala é sempre o material das fantasias de Hollywood. No entanto, parece que há outros candidatos que poderiam muito bem acontecer mais cedo e que teriam consequências igualmente catastróficas. Por exemplo, um evento que poderia representar perfeitamente essa implosão é a tomada de um estado importante por um ator não estatal que

o próprio estado criou. Essa é uma ocorrência comum na África, mas os poucos estados relevantes não são suficientemente significativos do ponto de vista histórico. Entretanto, se isso acontecer em um estado importante, será diferente. Isso, na verdade, quase aconteceu na Rússia, quando o grupo PMC Wagner quase tomou a cidade de Moscou e quase destronou Vladimir Putin. Pois foi o próprio governo de Putin que "alimentou" esse grupo com dinheiro, contratando-o, mas também fornecendo-lhe recursos econômicos, humanos e armamentos. Esse mesmo fenômeno pode ocorrer em qualquer estado importante, em qualquer lugar do mundo. Quem sabe, pode até ser uma empresa como a Amazon que finalmente ponha fim ao domínio dos EUA. Qualquer ato desse tipo representaria uma implosão real, em que as criações dos próprios Estados se voltam contra eles por meio de uma espécie de revolução tecnocrática. Isso nega e supera a pós-modernidade que está determinada a continuar vivendo. Nesse sentido, isso "mataria" a verdade anterior. Esse fenômeno também pode acontecer com qualquer outro tipo de confronto que acabe destruindo algum poder estabelecido importante. O fim da ONU, da OTAN ou da União Europeia também poderia ser um gatilho. Pois a premissa da fragmentação e da vida como absolutos seria amplamente derrubada. A pós-modernidade se encontraria nessa situação, como um mago negro, que não sabe mais como controlar os seres mágicos que invocou e que acabam controlando-o.

*A grande reinicialização [subcontexto].*

-Aturmam-me! -exclama a vida. A vida pós-moderna não quer ter nada a ver com a morte. Por isso, ela se refugia na gratificação instantânea e na embriaguez. O alcoólatra não quer mais se separar de sua garrafa e agora vive praticamente sozinho para isso. Ele já abriu

mão de sua família, de sua dignidade e até mesmo de suas células cerebrais. A única coisa que dá sentido à sua vida agora é a garrafa. O gozo torna-se, então, o último pilar que sustenta a premissa da vida como absoluta. Além dele, não há mais nada. E se um dia esse gozo acabar, o alcoólatra terá de enfrentar a síndrome de abstinência. Causando-lhe uma enorme tortura interna, que inevitavelmente o levará a amaldiçoar seu vício. Mas talvez também a superá-lo.

A superação que um agente não-estatal poderia representar é algo que poderia muito bem acontecer em um futuro próximo, e talvez muito antes do desastre climático em si. Entretanto, há outro candidato que parece ser ainda mais promissor para essa catástrofe. No momento em que escrevo este artigo, estamos às vésperas do que os economistas já estão chamando de "Grande Reinicialização".

A Grande Reinicialização representaria a implosão final de todas as dívidas financeiras que vêm se acumulando desde a década de 1970. Ou seja, o acúmulo de todos os "resgates" que o Federal Reserve dos EUA fez desde o início da pós-modernidade. A crise das pontas com, a crise de 2008 e a crise da covid-19, todas acumuladas na forma de dívidas gigantescas e impressão de dinheiro totalmente irresponsável. Tudo isso, somado ao enorme problema da economia não produtiva. Tudo isso acaba se condensando em um vulcão de Yellowstone que não tem mais espaço em sua caldeira e está pronto para expelir todas as cinzas ardentes que estão dentro dele. Essa crise da dívida levaria quase que inevitavelmente a uma depressão econômica global de proporções absolutamente catastróficas. Provavelmente igual ou pior do que a depressão da década de 1930. E essa crise, caso se concretize, representaria a verdadeira implosão da pós-modernidade no sistema econômico. Isso finalmente acabaria com o prazer pós-moderno e levaria à sua culminação final.

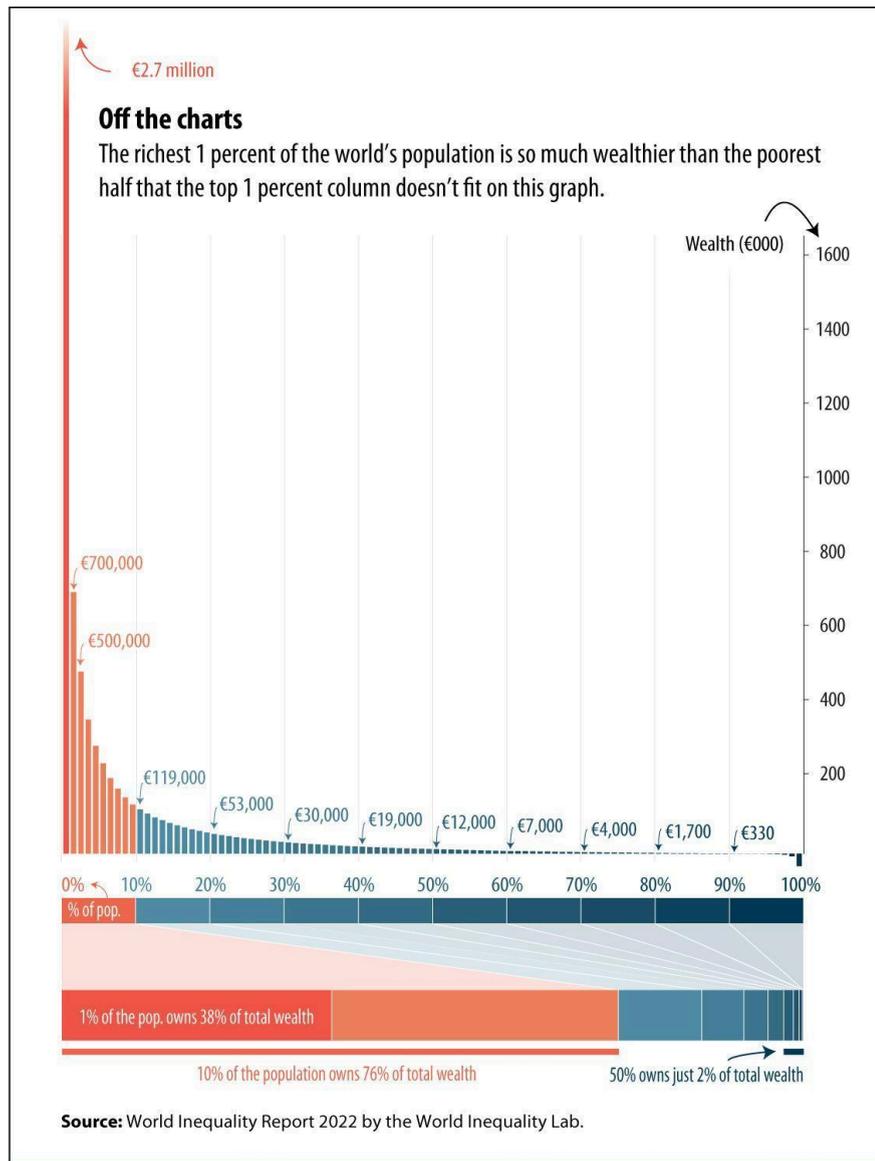
Embora não apenas da pós-modernidade, se vista com cuidado, essa crise começaria a ameaçar seriamente o fim do domínio da burguesia como tal. Não se espera que o capitalismo acabe logo no início dessa crise, mas é muito provável que os Estados burgueses comecem a perder muito de seu poder e que outros agentes comecem a tomar seu lugar. Ainda não se fala do fim do capitalismo, mas se essa crise acontecer, provavelmente poderemos falar do início do fim. Pois, além da crise, esse domínio burguês já vinha claudicando há muito tempo, inclusive por causa de suas derrotas na guerra moderna.

Hoje, o poder do Estado parece ter cada vez menos relevância para os cidadãos comuns. A ausência de emprego formal, a piora no atendimento à saúde, a baixa relevância militar de muitos governos e a falta de respeito geral pelos Estados burgueses estão sendo traduzidos em um número cada vez maior de "Estados falidos". Onde essas atitudes de ineficiência estão sendo rapidamente substituídas pelos novos e muito mais eficientes atores não-estatais descentralizados.

Entretanto, apesar de tudo isso, o fim do capitalismo como tal ainda não parece ter chegado. O mais provável é que estejamos simplesmente passando para um novo estágio do capitalismo, no qual não se trata mais de uma economia de consumo, mas de uma economia ainda mais vulgar. Esse provavelmente já seria o último estágio antes do fim do capitalismo e, muito provavelmente, também o estágio mais repulsivo do capitalismo. Pois, nesse ponto, a desigualdade já teria chegado a tal ponto que o elemento burguês, em vez de produzir, simplesmente jogaria migalhas no chão. E o elemento proletário simplesmente pegaria as migalhas. É claro que, para a "nova esquerda", isso não seria humilhante, pois eles adoram migalhas.

Entretanto, há também uma grande parte da consciência que não faz parte dessa "nova esquerda" e que não gosta nem um pouco de injustiça e humilhação. Essa consciência, no início da crise, finalmente perceberá que há um problema estrutural claro e despertará da grande ilusão que a mantém aprisionada. Nesse ponto, o atordoamento que o Dasein inautêntico estava fazendo para esquecer a morte finalmente se torna insustentável, e agora o Dasein entende que ninguém pode morrer por ele.

O prazer da vida chega a um fim quase completo graças a essa crise. Pois, em termos de pobreza e humilhação, não há mais muitas coisas para desfrutar. O sistema consumista da pós-modernidade não é mais uma fonte de prazer. E isso, ao mesmo tempo, destrói a confiança na pós-modernidade como protetora da vida. A desigualdade, juntamente com essa perda de confiança, só levaria a uma separação entre o Estado e a população em geral. Pois o verdadeiro Estado é agora representado por uma minoria extremamente pequena de indivíduos obscenamente ricos. Eles, por sua vez, controlam e constituem o próprio Estado, enquanto o restante da população está se movendo em uma direção completamente oposta. Essa separação é o que os economistas estão chamando de "a grande trincheira".



Essa lacuna só aumenta ano após ano, e parece aumentar ainda mais drasticamente após cada recessão econômica. Durante a grande reinicialização, essa desigualdade quase certamente atingirá proporções cósmicas. No entanto, essa desigualdade, que às vezes é interpretada como uma dominação ainda mais absoluta da burguesia, na realidade não é. Tudo o que se vê aqui é uma desigualdade de renda entre os dois grupos. Tudo o que pode ser visto aqui é uma separação entre o Estado e seus habitantes; aqui não há mais nenhum tipo de relação dominante ou passiva, mas simplesmente um distanciamento.

Os "eus" então se separam e se isolam em sua ilha deserta, mas sem tocar uns nos outros, mas simplesmente se separando. O burguês, em sua extrema riqueza, não consegue mais usar esse dinheiro para comprar algo realmente produtivo. Pois há muito mais dinheiro do que produção. Esse desequilíbrio cria naturalmente uma bolha em todos os níveis financeiros, que é o que estamos vendo agora. E essa bolha financeira é justamente um dos elementos determinantes que acaba separando as pessoas do Estado.

Para dar um exemplo desse fenômeno de separação entre os burgueses e o povo, parece apropriado usar o exemplo dos imóveis. O valor produtivo de uma casa hoje é praticamente inexistente, pois ela está em uma bolha financeira. As casas são extremamente caras hoje, não porque valham muito, mas porque a especulação burguesa as mantém a esses preços. Mas quanto ao seu valor produtivo, ele não existe mais. Há muitas casas hoje que ficam vazias por anos. Ninguém as usa, porque a bolha de preços faz com que o preço dos aluguéis suba muito, tornando impossível para a classe média, cada vez mais fraca, pagar o

aluguel mensal. Mesmo assim, essas casas continuam a subir de preço, apesar de serem produtivamente inúteis. Esse é um fenômeno que está acontecendo em todo o mundo. Talvez o caso argentino seja o mais notório. É impressionante como, em uma cidade como Buenos Aires, há milhares de apartamentos vazios, mas que mantêm seus preços exorbitantes. Enquanto os pobres têm capital suficiente apenas para alguns dias, o burguês rico tem décadas para pensar se deve ou não baixar os preços de seus imóveis. Mesmo que não sejam produtivos, esse burguês consegue se manter imóvel por décadas com esses preços.

Esse fenômeno, em vez de representar uma dominação dos burgueses, apenas gera a marginalização dos pobres. O mundo inteiro então se separa do burguês e o deixa isolado em sua bolha, que não faz mais parte da economia produtiva real do mundo. O burguês, em sua infinita falta de jeito, parece esquecer que os imóveis não são uma necessidade humana básica. Ou seja, não é algo de que você precisa para viver; na realidade, é um luxo. Pois se for uma questão de pura necessidade de moradia, o que acaba acontecendo é a mera construção do que na América Latina costuma-se chamar de "favelas", "vilas", "cerros" ou bairros pobres. Esses bairros são encontrados em todos os países do mundo e sempre têm as mesmas características. Esses bairros são, em sua maioria, assentamentos de posseiros, ou seja, ninguém pagou um centavo de seu próprio dinheiro para construir no terreno. Em vez disso, eles simplesmente pegaram alguns tijolos, gravetos ou qualquer outro material para construir casas improvisadas. Esse exemplo, em essência, representa a separação entre o Estado burguês e a economia real. Pois o que antes parecia ser uma dominação burguesa dos imóveis, agora passa a um estado de total inutilidade, no qual não representa mais um fator determinante para a produção econômica. Em vez disso, ele se torna um elemento isolado, não mais parte da equação econômica.

A mesma coisa acaba acontecendo com outros fenômenos que estão ocorrendo na esfera econômica. Além disso, toda essa separação entre a burguesia e o proletariado acaba gerando outro fenômeno interessante. Tudo isso acaba fazendo com que o proletariado sinta cada vez menos respeito pelo burguês. E o respeito, acredite ou não, é um elemento extremamente importante em uma ciência social como a economia.

A falta de respeito e as consequências que essa economia improdutiva e desigual está provocando acabam criando uma separação entre os estados burgueses e a população em geral. Atualmente, há muitas regiões em que o Estado não tem mais nenhuma influência sobre a economia. Não há mais empregos formais nessas regiões, mas reina a informalidade e o "cada um por si". O Estado está perdendo cada vez mais poder sobre a população, e o dinheiro, que por muito tempo foi a única motivação para as pessoas permanecerem próximas ao Estado, não é mais tão abundante como antes. Isso cria uma rejeição instantânea do Estado e acaba marginalizando o burguês dentro da própria bolha que ele mesmo criou. A Venezuela de hoje é um exemplo claro disso.

Além de toda essa perda de poder por parte do Estado, existe a ameaça ainda maior da ascensão da nova tecnocracia, que seria o começo do fim do capitalismo de Estado. Por mais que a burguesia tente se agarrar à vida, ela não consegue deter a história. No final, a história sempre testa tudo o que um dia se considerou imortal, provando o contrário. O sistema consumista da pós-modernidade, como o conhecemos, está prestes a mudar completamente. E essa mudança está ocorrendo exatamente no ponto de contexto que encerra a pós-modernidade e inicia a nova metamodernidade. É sobre esse ponto de contexto que refletiremos em breve.

*O que significa o contexto metamoderno? [subcontexto].*

Todas as reflexões sobre os eventos que foram feitas acima podem levar qualquer pessoa a começar a questionar o conhecimento pós-moderno. Hoje, a história está em uma turbulenta tempestade de contradições. A confusão é abundante, e as ideias pós-modernas parecem estar derretendo lentamente como geleiras derretendo. Lentamente, mas de forma constante. As mudanças estão ocorrendo em todas as esferas da realidade. Isso naturalmente assusta a pós-modernidade enfraquecida e faz com que ela se agarre desesperadamente ao seu trono. O homem pós-moderno se agarra à vida como Páris se agarra aos pés de Heitor. Essa atitude começa a se tornar insustentável em termos de seu próprio peso, o que acaba fazendo com que a vida pós-moderna imploda.

Esse grande fracasso do pós-moderno na empiria histórica acaba gerando um novo ponto de contexto. Esse ponto de contexto é a grande catástrofe que rompe com a premissa da vida e dá lugar à nova premissa. E de todos os possíveis candidatos para esse ponto de virada histórico, o grande reset, parece ser o mais imediato de todos. Esse ponto de contexto não representa necessariamente o fim do capitalismo. Mas representa o fim do pós-moderno e o início do metamoderno.

Devido à natureza desse contexto histórico, a nova metamodernidade deve estar em negação de seus predecessores. Pois ela deve "emanar" tanto de seu sentimento quanto desse ponto fundamental do contexto. E o que esse ponto de contexto exige da metamodernidade é que ela se torne uma negação da pós-modernidade. Mas não apenas da pós-modernidade, mas de muitas maneiras, ela também deve se tornar uma negação da modernidade e de todo o

sistema burguês de produção em geral. Pois, embora essa metamodernidade ainda não esteja fora do que poderíamos chamar de capitalismo, ela é o começo de seu fim.

Portanto, antes de tudo, a metamodernidade deve negar a pós-modernidade em seu fundamento. E como ela nega a vida? Parece que a resposta já é mais do que óbvia a esta altura. A metamodernidade, como fundamento, deve possuir em si mesma a morte como princípio. Esse conceito de morte deve estar sempre presente no conhecimento metamoderno. É claro que há assuntos que poderiam ser ainda mais interessantes do que isso. Como a gnoseologia, o ser e a linguagem; no entanto, dadas as necessidades que o contexto histórico exige, é necessário concentrar-se no desenvolvimento de um conhecimento da morte antes de qualquer outra coisa. Os problemas que a história apresenta devem ser enfrentados pela metamodernidade. Da mesma forma que uma mulher deve ser satisfeita, quase como uma obrigação moral, quando ela merece.

Mas antes de entrar no assunto da morte em si, vale a pena enfatizar algo importante. Ou seja, "o porquê da negação". Em primeiro lugar, por que a metamodernidade deveria se tornar uma negação? Essa pergunta, que a esta altura já parece ter uma resposta óbvia, ainda requer uma explicação adequada. Pois, ao falar da filosofia como ciência, ela deve tentar justificar cada carta que joga na mesa. O fato de ter que negar a premissa pós-moderna em primeira instância acaba sendo uma necessidade para a existência da metamodernidade. Essa metamodernidade não pode existir a menos que seja negada.

A origem dessa necessidade de negação está em vários elementos. O primeiro elemento que pode ser levado em consideração é a necessidade de uma ordem dialética da história. Dialética do ponto de vista hegeliano, é claro. Onde a afirmação, o conhecimento da

modernidade, é negado pela negação da afirmação, a pós-modernidade. Portanto, para dar continuidade a essa mesma ordem dialética, supõe-se que a metamodernidade seja a negação da negação, ou seja, a negação da pós-modernidade. É somente por ser a negação da negação que a história pode avançar. E, a menos que os burgueses tenham comprado uma máquina do tempo, a história deve sempre avançar. Assim, acaba sendo a metamodernidade, a síntese dialética (sublação, *aufheben*) que é mencionada como o terceiro momento da dialética hegeliana. Portanto, por necessidade dialética, ela teria de ser uma negação.

Entretanto, essa visão dialética da história é problemática. Pois, como já foi argumentado, a pós-modernidade não é necessariamente uma negação da modernidade. Sua premissa principal não é a da fragmentação, mas a da vida. A modernidade era estranha à vida? Parece que, em vez de uma negação, é mais uma afirmação dela, mas de outro ângulo. Além disso, já é bem conhecido o fato de que, na pós-modernidade, ainda está presente o mesmo domínio da burguesia que na modernidade. E a mesma aspiração por liberdade da modernidade também está presente. A única diferença é que agora é uma aspiração muito mais evoluída, mas também muito mais contraditória.

Além disso, há outras questões relacionadas a essa ordem dialética. Uma delas é com relação à era contemporânea, o que acontece com ela, ela é deixada de fora da equação? Após a afirmação moderna, ela deve ser seguida por uma negação, certo? Mas a era contemporânea não nega a modernidade; pelo contrário. Ela acaba se baseando em Hegel e no novo sistema capitalista para dar lugar ao seu desenvolvimento. Toda essa ordem dialética é problemática não apenas por esse motivo, mas por muitos outros que não podem ser totalmente explicados aqui. Vale a pena concluir que a possibilidade de uma ordem dialética na história é bastante

duvidosa sob a perspectiva da consciência metamoderna. Portanto, não é muito convincente em termos de dar à metamodernidade seu fundamento de negação.

Portanto, em vista de todas essas dúvidas trazidas pela ordem dialética, é mais apropriado ater-se a uma perspectiva que está muito mais latente no sangue novo. Parece ser a vontade, juntamente com a consciência, as duas forças primordiais que dão à história seu desenvolvimento. As duas feras trabalham juntas para destronar a ordem estabelecida e se erguer como as duas novas rainhas da realidade. É essa ciência da escassez que leva os dois animais a vencer. Pois só se pode desejar o que não se tem e, quando se tem, esse "algo" não serve mais como desejo. O desejo satisfeito deve ser preservado, mas também deve aumentar. Ele não pode ficar parado, mas deve sempre continuar a conquistar. Portanto, esse desejo só é lançado em direção àquilo que ainda não foi conquistado. Por isso, esses dois animais não podem se atirar em qualquer objeto à sua frente. Elas precisam encontrar um objeto de desejo que ainda não tenha sido satisfeito; essa busca é precisamente o trabalho da consciência.

E para encontrar esse novo objeto, o contexto histórico à sua frente é usado como um banco de dados. Como essas bestas podem destronar algo se nem sequer sabem onde o trono está localizado? Ou quem está sentado nele?

A consciência então busca um novo objeto para conquistar, e a vontade conquista. E nessa busca, a consciência se dá conta de uma verdade determinante. Ela percebe, no final da pós-modernidade, que sua amada vontade está em uma prisão. As próprias ferramentas que tinham a intenção de libertá-la agora a mantêm prisioneira em uma poça estagnada e degradante. Essa vontade se vê, então, prisioneira da vida, o que a imobiliza e a impede de desejar. A consciência finalmente percebe que a "vida" não é o objeto que a vontade

realmente deseja. A vida como um fim em si mesma, então, chega ao fim como uma premissa. A consciência metamoderna, então, considera inviável simplesmente viver pelo simples fato de viver.

A consciência é então obrigada, a fim de libertar a vontade, a encontrar uma alternativa para o objeto de desejo. Esse objeto deve ser algo que, ao mesmo tempo, liberte a vontade de sua estagnação e represente uma nova conquista. A morte, então, parece ser servida em uma bandeja de prata para o cumprimento desses dois propósitos. No que diz respeito à libertação da vida, não há nada mais bem-sucedido do que libertá-la com a morte.

Além disso, a morte representa algo ainda mais importante para o desejo. Ela representa um novo objeto, que ainda não foi conquistado. Em toda a filosofia, o tema da morte nunca foi abordado em sua plenitude; nem mesmo em suas esferas mais "históricas". O tema da vida já foi vigorosamente esclarecido no passado. Kierkegaard, Nietzsche e Camus. A pós-modernidade, além disso, reforça essas teorias com a vida como um absoluto. A vida já foi conquistada até o ponto de exaustão. E o que resta agora é a conquista da morte.

Além disso, a morte também representa um elemento muito interessante para melhorar a situação das ideias. Pois ela acaba criando um dualismo entre a vida e a morte. Permitindo finalmente gerar uma "metaxis" justa, no que diz respeito a esses dois elementos. Dizemos metaxe "justa", pois, ao longo da filosofia, a balança sempre acabou se inclinando mais para um lado, como foi no caso do bigode, por exemplo. Agora, essa metaxe deve ser equilibrada. Esse equilíbrio é uma das verdadeiras missões da metamodernidade. E, na medida do possível, manifestar um terceiro elemento, que acaba sendo a síntese desses dois anteriores. Assim, alcançando um conhecimento superior desses dois opostos.

Além disso, há outro motivo pelo qual a morte deve ser o objeto de desejo. Isso pode ter sido mencionado antes, mas vale a pena aprofundar um pouco mais. Em todo o sistema capitalista burguês, a liberdade sempre se mostrou um elemento comum de aspiração. Além de todas as diferenças entre totalidade e fragmentação, ou entre vida e morte; além de todas essas diferenças, a liberdade sempre parece ter sido um objeto fundamental de desejo. E ainda permanece assim, pois mesmo após o fracasso pós-moderno, ela ainda é um objeto de desejo, pois ainda não foi conquistada em toda a sua plenitude.

É claro que a pós-modernidade, com sua liberação da matriz fragmentária, também não conseguiu alcançar a liberdade genuína. Portanto, essa tarefa ainda está pendente, no que diz respeito à metamodernidade. A metamodernidade deve, portanto, fazer o máximo para alcançar essa liberdade absoluta.

Essa tarefa deve ser fundamental para a metamodernidade. Talvez seja ainda mais central do que foi para a pós-modernidade. Pois, como foi argumentado ao longo deste capítulo, o domínio da burguesia está no crepúsculo de sua vida. Portanto, se a metamodernidade realmente deseja alcançar essa liberdade autêntica, ela deve se apressar. Pois se não a encontrar o mais rápido possível, no sopro do capitalismo, ficará com um legado permanente de rendição. A morte, ao que parece, é uma boa candidata para a realização dessa última tentativa. De fato, talvez não por coincidência, essa última tentativa é a tentativa final.

Para concluir o tema deste capítulo, optou-se por fazer uma pequena revisão conclusiva de todo o desenvolvimento histórico da pós-modernidade. E de toda a jornada,

que inevitavelmente acabou se transformando no início da metamodernidade. Os temas a serem analisados representam as mudanças no nível da guerra, dos movimentos sociais fracassados, da política e da economia.

Primeiro, o novo paradigma do atual campo de batalha cria condições nas quais o uso de armas de destruição em massa é improvável. Isso prejudica a premissa pós-moderna do pacifismo como forma de preservar a vida. De fato, torna-se o oposto. Pois parece que a economia derivada da guerra e do crime representa uma nova forma de sustento para a nova era de declínio econômico. Tanto no nível econômico quanto no nível do desenvolvimento histórico. Esse fator não apenas nega o pacifismo pós-moderno, mas também nega a rejeição do todo. Não há mais necessidade de dar um significado fragmentário aos conflitos, tendo em vista a obsolescência das armas nucleares. Isso enfraquece o pilar da fragmentação, mas acaba destruindo quase completamente o pilar pós-moderno do pacifismo.

Além desse fracasso do pacifismo, há também o fracasso do fragmentário na sociedade. Especialmente as teorias desconstrutivas, que quebraram esferas inteiras das relações humanas, levando a um narcisismo "não produtivo". Nos últimos cinco anos, essas teorias começaram a ser rejeitadas pela proto-modernidade. Essa rejeição ainda é tímida, mas está presente; e é constante. Essa constância inevitavelmente leva a um declínio da fragmentação pós-moderna na sociedade. Assim, enfraquecendo ainda mais o pilar pós-moderno da fragmentação.

Esse pilar da fragmentação acabaria sendo completamente derrubado pelo desafio ambiental. A crise ambiental, um produto do consumismo e do prazer pós-moderno, leva a uma encruzilhada decisiva em que é necessário abandonar de uma vez por todas a concepção

fragmentária da realidade. Pois essa fragmentação acaba levando a uma inevitável destruição da vida. E, como já está claro, a vida é o verdadeiro fundamento da pós-modernidade, não a fragmentação. Portanto, uma deve ser sacrificada pela outra. Essa problemática leva à rejeição de ideias fragmentárias e à rejeição da vida por si só, como último recurso. Isso põe um fim ao pilar fragmentário e deixa apenas o pilar da vida como absoluto.

Esse último pilar seria finalmente derrubado pela grande catástrofe. Essa grande catástrofe pode ter diferentes possibilidades. Entretanto, uma das condições para que ela seja considerada uma mudança de paradigma é que ela deve ser uma implosão do pós-moderno. O candidato mais provável para isso é a "Grande Reinicialização". A crise econômica que finalmente derruba o pilar já enfraquecido do prazer da vida. E esse pilar, por estar diretamente relacionado ao da vida como absoluto, faz com que este último também seja derrubado. Assim, a crise virá para derrubar os dois últimos pilares do pós-moderno, o gozo e a vida, que são derrubados pelas fortes ondas da história. Dando fim ao que normalmente é chamado de pós-moderno.

O ponto de contexto que dá início à metamodernidade se tornaria então a quase inevitável "Grande Reinicialização". Um evento de tal magnitude que acabará mudando o sistema econômico para pior. Para pior. No decorrer de alguns meses, essa catástrofe acabará com o pouco prazer que ainda resta e, em mais alguns anos, acabará com a confiança que havia sido depositada na pós-modernidade como protetora da vida. Assim, sua vontade terminará e dará lugar a uma nova vontade.

A consciência, em vista desse novo estágio da história, deve mudar sua maneira de ver a realidade. Ela não pode mais se basear na vida como um absoluto, pois isso

representaria uma contradição total. Portanto, a consciência muda seu objeto de conhecimento. Agora é a morte e a metaxe, os objetos para os quais o conhecimento metamoderno é direcionado. E é a negação, sua intencionalidade.

Por outro lado, a vida também é um problema para o progresso histórico, pois acaba se tornando uma prisão para a vontade. Fenômeno que acaba por anular a tão almejada liberdade, à qual o paradigma capitalista sempre aspirou. A consciência, em vista disso, acha necessário negar a vida. E ela a nega com a morte.

Essa morte não só se torna necessária para a realização da nova tentativa de alcançar a liberdade autêntica, mas também se torna necessária em termos da metaxis do conhecimento que a história exige. A metaxe entre vida e morte, e a metaxe em geral, tornam-se elementos indispensáveis para o conhecimento renovado das filosofias metamodernas.

A metamodernidade, então, para sua existência, exige a negação da pós-modernidade em sua totalidade. Se vista de um ponto de vista dialético, ela exige uma negação. Se for vista do ponto de vista da vontade e da consciência, ela também exige uma negação. Se vista do ponto de vista emocional da terra, ela também exige uma negação. Todos desejam que a pós-modernidade morra. Talvez, no fundo, ela mesma deseje isso mais do que qualquer outra pessoa.

Por outro lado, com relação ao fim do capitalismo, essa é uma questão muito mais complexa do que o problema pós-moderno. Pois a negação do capitalismo requer um ponto de contexto muito mais forte do que aquele que inicia a metamodernidade. Essa metamodernidade pode então ser vista como outra continuação do capitalismo. Mas ela

também pode ser vista como a última das fases capitalistas. Como o início de seu fim, porque essa metamodernidade também representa o início da negação da burguesia.

Mas, no que diz respeito à pós-modernidade, ela é definitivamente negada pela metamodernidade. Sem essa negação, nem mesmo é possível falar de uma metamodernidade autêntica. Se ela não for negada, as verdades passadas da pós-modernidade a manterão eternamente arrastando suas correntes.

A metamodernidade, portanto, deve se libertar dessas correntes. E essa tentativa de liberação deve ser uma prioridade para a metamodernidade. Pois essa, com toda probabilidade, pode ser a última tentativa de todas, em face do declínio da era burguesa e da ascensão da nova tecnocracia. Embora talvez não seja coincidência o fato de que é exatamente no final do domínio burguês que o conhecimento da liberdade absoluta finalmente emerge.

## **Capítulo 7: Previsão futura da metamodernidade [contexto].**

Na tela da história, o futuro se desdobra na forma do próximo tecido que emana do entrelaçamento separador, simbolizando sua evolução. Esse novo tecido, embora manchado pela experiência, traz consigo um ar renovado de libertação. A filosofia, em sua tarefa de explorar as fronteiras do pensamento, depara-se com um horizonte cheio de possibilidades e mistérios. O futuro, esse vasto território de sonhos e desafios, sempre convida à reflexão sobre a natureza da mudança, da incerteza e da capacidade de moldar o curso da história. Na interseção do livre arbítrio e das forças cósmicas, o desdobramento de novos conhecimentos pode ser contemplado com admiração e curiosidade. O futuro representa não apenas a inércia da direção dos dias que virão, mas também a possibilidade de fazer parte dessa transformação.

Embora os novos ares possam gerar entusiasmo, o futuro é sempre uma visão difícil de perceber. Portanto, a partir de agora, é preciso deixar claro que não se trata mais de uma mera análise do passado, mas de uma previsão do futuro. Portanto, isso será feito com o máximo de cautela, considerando apenas os aspectos mais gerais de tal previsão. Talvez alguém possa pensar, à primeira vista, que é impossível fazer uma previsão do futuro da história. E, de fato, é impossível, pelo menos até onde sabemos, fazer uma previsão precisa. Mas, embora a história não se repita, ela parece seguir certos padrões. A história não se repete, mas rima.

Os padrões do passado podem ser um guia confiável para entender as tendências futuras. Por meio de padrões históricos passados em termos de pontos de contexto, teorias dialéticas hegelianas, teorias do desejo da vontade e as novas teorias da metamodernidade, é possível, mesmo que apenas em termos gerais, moldar como a metamodernidade como um processo histórico pode se parecer. Talvez ainda não possamos dar as respostas para os problemas da metamodernidade, mas podemos começar a fazer as perguntas certas.

Essas perguntas certas são muitas, mas como este estudo se concentra apenas em apontar os elementos mais fundamentais, ele se limitará, por enquanto, a apontar apenas quatro questões. A morte, é claro, representa a pergunta mais fundamental que a metamodernidade deve fazer a si mesma. Mas, além dela, há também o significado da própria metaxe. E, antes de mais nada, essa metaxis deve envolver um conhecimento diante dessa dualidade de opostos. Especialmente entre a dualidade entre a vida e a morte, mas também entre a dualidade entre a totalidade e o fragmentário. E, além de toda essa metaxe, também permanece a questão da liberdade autêntica, que já vem arrastando suas correntes há muito tempo e que finalmente exige uma resposta concreta. Portanto, as questões fundamentais da metamodernidade seriam estas quatro. A morte como absoluta, a metaxe da vida e da morte, a metaxe entre o fragmentário e o total e a liberdade absoluta.

O futuro, então, traz liberdade, mas também traz responsabilidade. Pois, embora a metamodernidade tenha a possibilidade de criar novos conhecimentos, ela também deve obedecer ao que seu contexto histórico representa. Esse novo tecido da história deve, antes de tudo, se encaixar no entrelaçamento contextual, e só então será capaz de criar seu desdobramento no futuro. E esse é precisamente o grande desafio do metamoderno, o de ter

de construir sua realidade a partir das ruínas do movimento anterior. Pois esse movimento anterior, em seu final, representa a criação de um quadro de possível extinção. Que poderia ser ainda pior do que o quadro de extinção representado pela bomba nuclear.

*O futuro em um nível conceitual [subcontexto].*

Quando se fala sobre o futuro, no atual contexto histórico, o pessimismo costuma estar na ordem do dia. Mesmo na unilateralidade do pensamento atual, eles tendem a concordar que o amanhã é sombrio. E por que não seria? A história se apresenta com desafios gigantescos. Problemas que só poderiam ser resolvidos com uma enorme quantidade de energia do homem. Mas esse homem está triste, desmotivado e sem energia. O sangue novo, além de não possuir as ferramentas certas para enfrentar esses desafios, carece de algo ainda mais importante. Há muitas pessoas hoje em dia que são quase totalmente desprovidas de autoestima. O sangue novo não ama a si mesmo. Como se pode falar de uma vontade forte quando essa vontade não ama a si mesma?

Essa falta de autoestima é uma das principais razões pelas quais o futuro parece tão sombrio. Pois todos os problemas podem ser superados, se você se dedicar a eles. Mas se não houver nem mesmo a vontade de enfrentar esses desafios devido à falta de autoestima, a luta se torna impossível. E o declínio do futuro se torna inevitável.

Quanto ao futuro em si, há duas correntes que tendem a dominar a conversa. A primeira corrente é a que fala de um futuro semelhante ao "1984" de George Orwell. Um futuro em que todas as esferas da realidade são monitoradas e controladas por uma entidade

estatal central, até os mínimos detalhes. Fazendo com que essa entidade central pareça mais um Deus maligno do que qualquer outra coisa. Algo semelhante ao que vemos hoje na China, mas de uma forma muito mais drástica e maligna. Pois nesse futuro, uma pequena minoria tem todo o poder e o bem-estar. Enquanto a grande maioria da população vive em uma pobreza abjeta, mas sem nunca se revelar. Esse é o primeiro futuro, que é o candidato dessa primeira corrente.

E, por outro lado, há uma segunda corrente que, ao contrário da primeira, prevê um futuro totalmente caótico. Uma espécie de cenário pré-apocalíptico em que a civilização começa a desmoronar em uma espiral de pobreza, doenças, conflitos sem sentido e, acima de tudo, uma fragmentação do poder, a ponto de retornar a uma espécie de nova era medieval.

Como você pode ver, ambos os futuros têm fortes conotações distópicas. E é verdade que, a esta altura da história, não se pode mais falar em falsas expectativas. Os desenvolvimentos tecnológicos não parecem ser suficientes para resolver os problemas que as crises sociais, políticas e econômicas representam. E por mais que se queira ver uma nova corrida espacial no horizonte, a única coisa que se vê é a decadência.

Além disso, está claro que a metamodernidade encontra seu ponto de contexto em uma catástrofe. Catástrofe que, no caso mais provável, será a Grande Reinicialização. Mas seja ela qual for, será definitivamente como um balde de água fria para a consciência. Pois ela virá inesperadamente e levará a problemas para os quais a consciência não está preparada. Como já foi dito no início, as ferramentas narcisistas são boas apenas para uma era narcisista. Mas no momento em que as regras do jogo mudam repentinamente, é um grande problema encontrar-se em uma situação caótica e sem as ferramentas certas para enfrentar o novo

desafio. Essa falta de preparação pode muito bem acentuar ainda mais a catástrofe, levando a um período sombrio da história, que acaba resultando em uma visão pessimista da história.

Nesse sentido, uma vez dado o ponto de contexto histórico, a metamodernidade seria deixada em uma espécie de limbo emocional. Pois depois do balde de água fria, ela não sabe realmente o que precisa fazer. Ou seja, ela ainda não tem nenhum conhecimento ao qual se agarrar. Pois todo o conhecimento que ele possui tem a ver com a vida, com as filosofias Nietzscheana e Kierkegaardiana. Além das filosofias fragmentárias da pós-modernidade, que são totalmente obsoletas diante desse novo balde de água fria.

Assim, a metamodernidade é deixada em uma espécie de limbo de indecisão. Onde não sabe o que fazer, mas sabe que precisa fazer alguma coisa. Pois o frio que o balde provocou nele está presente. Mas está presente apenas como um sentimento, não como conhecimento. A vontade metamoderna deve então se voltar para a consciência em busca de orientação. Em tais períodos históricos problemáticos, a filosofia sempre se torna necessária novamente. Hegel até mesmo afirmaria isso. Portanto, o fato de ter que filosofar em profundidade nem sempre representa uma boa notícia.

A filosofia volta a ser relevante para a história. Entretanto, a consciência não pode realizar ações impulsivas, como faz a vontade. Essa consciência deve dedicar seu tempo para analisar e refletir. Só então uma resposta pode ser dada, sem cair no erro da pressa. Portanto, esse tempo em que a consciência demora a perceber sua realidade é precisamente o "limbo" que se manifestará imediatamente após o início da metamodernidade.

Isso acontecerá da mesma forma que o conhecimento pós-moderno foi precedido por um tipo de limbo, que era o puro terror nuclear da extinção. Entretanto, como já se sabe, a pós-modernidade rapidamente se libertou desse sentimento e começou a criar seu conhecimento rapidamente, tendo em vista o imediatismo de sua problemática. Talvez o mesmo não ocorra com a metamodernidade. Pois os problemas que surgem diante da metamodernidade são muito mais profundos do que aqueles que aparecem para a pós-modernidade. Pois esses problemas não envolvem simplesmente uma negação simplista, como aconteceu com a pós-modernidade, mas agora envolvem uma metaxe necessária. Metaxis que é sempre mais complicada do que a negação simplista de algo. Ela também exige a produção de seu próprio conhecimento, já que as teorias da morte ainda são praticamente inexistentes. Por todos esses motivos, é provável que o limbo metamoderno dure muito mais do que o limbo pós-moderno.

A metamodernidade começa sua história em uma tempestade de contrariedade. Onde lhe é dito que "ela deve lutar pela vida", mas o que é a vida hoje? A consciência metamoderna entende que não é a vida que a vontade realmente deseja, mas outra coisa. O que ela deseja é outra coisa, mas o que é essa outra coisa? Morte? Ser? Ela mesma? De uma forma ou de outra, parece que a resposta a essa pergunta envolve uma revolução de ideias. E essa revolução não pode acontecer da noite para o dia.

Se a metamodernidade quer ser, ela tem que negar. Se ela não negar, então ela não é, e o que ela é ainda é a pós-modernidade. E para negar a vida, ela deve negar com a morte. Somente dessa forma ela poderá ver além de ambas. Mas isso, que não é uma tarefa simples, envolve um claro desdobramento da consciência para níveis que poderíamos até chamar de metafísicos.

Por causa de todas essas complicações, é altamente provável que o início da metamodernidade envolva períodos históricos muito tempestuosos. Esse período exige pelo menos alguma previsão geral. Daqui em diante, então, será buscada uma previsão mais detalhada do que se tornaria a história metamoderna como tal. Deixando de lado, por enquanto, as questões mais conceituais, para nos envolvermos com a história em um nível muito mais substancial. Embora seja preciso deixar claro que aqui já se poderia falar de uma previsão quase puramente especulativa da história. Pois não estamos mais falando de conceitos filosóficos gerais, mas de eventos históricos definidos. Portanto, pede-se ao leitor que compreenda a precisão dessas previsões. Pois elas podem ser um pouco diferentes da realidade.

*O futuro em um nível mais "material" [subcontexto].*

O dia do acerto de contas finalmente chegou. A economia entra em colapso e o planeta inteiro cai de cabeça no buraco. A "Grande Reinicialização" atinge a economia mundial com uma barra de ferro. As empresas começam a falir e o desemprego aumenta em todo o mundo. Os PIBs se contraem e a sociedade começa a sobreviver mais com migalhas humilhantes do que com qualquer outra coisa. O positivismo tóxico finalmente dá lugar ao negativismo total. A depressão econômica se aprofunda e parece que veio para ficar.

Na verdade, o impacto de todas as dívidas acumuladas será tal que mudará o sistema econômico para sempre. Pois essa economia, sendo uma economia não produtiva, não está acostumada a trabalhar sem essa ausência sistemática de dívidas. O viciado em drogas

finalmente foi privado de sua droga e, em seus sintomas de abstinência, começa a ter convulsões no chão. Todos esses eventos finalmente põem fim à fé na pós-modernidade. Mas também a fé nos estados capitalistas burgueses está começando a ser questionada.

Além desse declínio da fé nas teorias do passado, há também o declínio prático da questão. A crescente incapacidade dos Estados de enfrentar os desafios trazidos pelos novos poderes descentralizados está se tornando cada vez mais presente após a crise. Esses novos poderes descentralizados, como megacorporações, indivíduos com grandes fortunas, crime organizado, exércitos mercenários e grupos paramilitares, estão gradualmente assumindo o poder. Os Estados enfraquecidos têm se mostrado incapazes de ser os provedores que afirmam ser. Eles não conseguem oferecer proteção, não conseguem ser capazes de proteger, não conseguem ser capazes de proteger os cidadãos. Eles são incapazes de oferecer proteção, emprego e um propósito na vida. Tudo o que sabem fazer é tributar indiscriminadamente, o que não é muito diferente dos grupos criminosos que dizem combater. Os estados estão sendo lentamente substituídos fora da equação, pois uma vez perdido o respeito, não há mais nada que possa conter o declínio.

Além disso, o capital tem pouca relevância nessa nova era. A burguesia não tem mais o mesmo poder de antes, ela ainda está presente, mas muito mais concentrada nas mãos de poucos. Esse fenômeno, embora à primeira vista pareça ser uma vantagem, acaba sendo uma desvantagem para o capitalismo. Ele acaba causando uma separação entre o burguês e o proletário. A desigualdade é tanta que nenhum deles reconhece o outro como seu mestre ou escravo, mas se veem como desnecessários. Isso diminui a confiança na moeda, que está concentrada em poucas mãos, e não proporciona o reconhecimento da alteridade como

verdade. Além disso, uma grande parte da população começa a sentir muito menos respeito pela burguesia.

Todas essas mudanças estão se transformando em uma tempestade perfeita, que inevitavelmente leva a um período de profunda transição. A descentralização do poder, as guerras de guerrilha, a falta de recursos, o crime, as novas tecnologias e a superpopulação são todos elementos dessa era. Se a tudo isso, como cereja do bolo, acrescentarmos a questão do narcisismo que a metamodernidade ainda carrega consigo devido às suas origens pós-modernas, é muito provável que, em vez de um futuro do tipo 1984 de George Orwell, o que teremos seja um futuro com uma fragmentação do poder. Onde todos competem entre si, onde cada um dos competidores assume que é "o escolhido" e que sua verdade é a verdade suprema. Tudo isso, em vez de levar a um controle total do Estado semelhante ao da China, acaba levando a uma espécie de era medieval, que muitos já estão chamando culturalmente de "Cyberpunk".<sup>44</sup>

Esse é o legado definitivo da fragmentação pós-moderna. Da mesma forma que as ideias modernas acabaram na bomba nuclear. As ideias pós-modernas acabaram na era Cyberpunk. Um fenômeno que, ao contrário das previsões de um futuro do tipo "1984", está mais próximo da realidade. Como resultado, uma era medieval é muito mais provável, graças à fragmentação do testamento anterior. Um mundo anterior em que o narcisismo hiperindividualista parecia ser a norma. E onde os Estados, em vez de atualizar suas estratégias, continuam a insistir nas mesmas estratégias obsoletas, que são extremamente ineficientes diante dos novos agentes tecnocráticos.

---

<sup>44</sup> O termo Cyberpunk começa como simplesmente o nome de uma corrente de expressão artística. Entretanto, devido ao contexto histórico, acaba se tornando um domínio cultural popular desse novo período histórico. É claro que não é um nome que tenha a seriedade e a precisão necessárias para ser usado como nome de uma nova época histórica. No entanto, é uma forma popular de associar toda a nova realidade. E, por falta de um nome melhor, o termo é empregado aqui.

Nessa nova era medieval, diferentemente da anterior, o cristianismo não será mais a narrativa. A ideologia, muito provavelmente, ocupará o lugar que a religião ocupou na era medieval passada. Muitos acreditam que essa ideologia será dada pelas redes sociais, tornando-se a nova inquisição da era Cyberpunk. Mas esse não parece ser o caso. Já comentamos que, uma vez que a consciência e a vontade decidem, não há nada nem ninguém que possa mudar sua opinião. Uma ideologia imposta pelas redes sociais, que não está de acordo com a consciência metamoderna, é automaticamente rejeitada. A única coisa que isso causaria é que a consciência abandonasse as redes sociais, da mesma forma que a separação entre o Estado e o povo no nível econômico.

As redes sociais terão de se submeter à vontade. Além disso, é preciso lembrar que essa nova ideologia imposta pelas redes agora tem mais concorrência. Por enquanto, há a nova abordagem filosófica, os novos atores não-estatais e toda a desordem em geral. Além disso, há também o domínio do Islã, como a nova religião mais popular do mundo. Pois, de acordo com os últimos números, o aumento de suas conversões parece continuar inabalável. E isso é algo a se considerar, pois de todas as principais religiões, essa parece ser a única capaz de continuar a existir como puramente ideológica.

Portanto, em vez de uma ideologia central, parece haver uma luta entre diferentes ideologias. A única diferença é que, nessa luta, não parece mais haver um isolamento dos Eus em sua pequena bolha, mas sim, como dita a natureza da vontade, ela procura se impor e conquistar outros Eus. O elemento da guerra começa a assumir grande relevância novamente. Da mesma forma que os senhores feudais e os reis da era medieval passada lutavam entre si para dominar mais territórios. O que essa nova era medieval determina não é a apropriação de

territórios, mas das vontades dos eus. Além disso, a economia da guerra pode vir a ser vista como a única maneira de resolver o problema econômico. Tanto por atores não-estatais quanto por atores estatais. Não se deve esquecer que foi somente a Segunda Guerra Mundial que pôs fim à Grande Depressão da década de 1930.

No que diz respeito à ordem social, tudo estará em um caos total no início. Por causa do limbo emocional, nem a vontade nem a consciência saberão em que direção direcionar seus esforços. Provavelmente será semelhante ao que aconteceu com a crise venezuelana em 2013, no auge de sua miséria. Onde o crime e a fome se manifestaram de maneira totalmente caótica, sem nenhuma ordem específica. Esse é o caos total, onde o narcisismo abunda e não há uma orientação clara enquanto durar esse limbo. No entanto, depois de algum tempo, depois de muitas decepções, a vontade entenderá sua condição e se voltará para a consciência, que começará a criar novos conhecimentos a partir dessa necessidade. O único problema é que esse limbo pode se tornar tão destrutivo que se torna um quadro de possível extinção antes que o novo conhecimento chegue de fato. Nesse sentido, o futuro metamoderno realmente está por um fio.

Então, e se a consciência, em vez de negar a pós-modernidade, reafirmá-la, ou se esse conhecimento negador nunca chegar a tempo? E o que você tem como ferramenta são os mesmos conceitos pós-modernos que causaram essa crise em primeiro lugar? O que aconteceria nesse caso? Se esse for o caso, o que você definitivamente terá é a extinção total.

Se você não passar da fragmentação para a descentralização, se não começar a lutar pela morte e continuar lutando pela vida, então a negação da era anterior não existirá. Então continuaremos a insistir no pacifismo, continuaremos a insistir em isolar o narcisismo e

continuaremos a insistir na dominação da burguesia, que já é hoje um obstáculo à produção. Toda essa reafirmação de ideias obsoletas criará um quadro de extinção definitiva.

*O quadro de possível extinção [subcontexto].*

Esse quadro de possível extinção é um tanto complicado de explicar. Talvez seja melhor representá-la por meio de uma exemplificação. Por isso, é necessário trazer à tona um experimento bastante curioso. Ele começa como uma simples tese científica, mas acaba se tornando quase um documentário da sociedade atual. O experimento "Universo 25" representa perfeitamente o que pode vir a ser o futuro da espécie, caso queiramos continuar insistindo nas teorias obsoletas da pós-modernidade.

Esse experimento consiste em um abrigo de roedores, onde cada roedor foi cuidadosamente selecionado como um indivíduo saudável e forte. Esses roedores são colocados em um "paraíso dos roedores", onde todas as suas necessidades básicas são atendidas instantaneamente e onde eles podem acasalar e viver à vontade. Esse paraíso é uma caixa de alguns metros quadrados, que pode parecer pequena para os humanos, mas é bastante espaçosa para os roedores. Os roedores, portanto, começam a viver em um paraíso. Nessa terra de leite e mel, não há fome, não há doenças e eles podem se reproduzir livremente. Pois o número certo de fêmeas foi colocado ao lado deles.

Então, os roedores começam a se reproduzir. E eles vivem felizes por algum tempo. Entretanto, com o passar do tempo, as coisas começam a ficar feias. Os roedores não têm motivo para viver, não têm nada para conquistar. Eles não precisam procurar comida, pois

tudo lhes é servido em uma bandeja de prata. Eles não têm inimigos naturais, pois estão no paraíso da segurança. Eles não podem conquistar novos territórios, pois estão dentro da caixa. Tudo o que podem fazer é viver e continuar a viver por meio de seus descendentes. A única coisa que os camundongos podem fazer é continuar a se reproduzir.

À medida que a população cresce, a atitude dos roedores começa a mudar. Esse paraíso começa a se tornar uma obscenidade. Pois tudo o que os roedores fazem é esperar pela hora de se alimentar. Sem nenhum objetivo claro de conquista e simplesmente vivendo por viver e se reproduzindo por se reproduzir, eles se tornam seres vazios. Eles não podem sair da caixa de confinamento em que o experimento é realizado, portanto, não têm novas terras para explorar ou conquistar. O espírito de expansionismo é inexistente em uma situação como essa. Mas qualquer mudança no movimento do espírito dos roedores também é inexistente, pois, pelo simples fato de receberem comida na boca, eles não são forçados a evoluir de forma alguma e ficam confinados à inatividade e à ausência de movimento. Vida eterna, eterno retorno, a roda do samsara.

É aí que começa o declínio... Os camundongos começam a parar de se socializar com outros roedores e passam a apresentar comportamento agressivo entre si, chegando ao ponto do que o cientista que criou o experimento, John B. Calhoun, definiu como "fuga comportamental".

Os camundongos começam a desacelerar sua reprodução e se matam sem motivo real. As fêmeas abandonam seus filhotes ou os comem completamente. Os machos, em vista de serem cada vez mais rejeitados pelas fêmeas, começam a se envolver em comportamentos homossexuais ou a se matar. As brigas no campo tornam-se cada vez mais comuns, e o

desespero toma conta dos roedores. A população começa a diminuir drasticamente após alguns dias, culminando na extinção total de todos os roedores.

O curioso é que o resultado desse experimento não parece ser simplesmente devido à superpopulação na área dos roedores. Pois na parte mais abundante da população, ainda havia espaço para mais crescimento. Além disso, os últimos roedores vivos no final, após a catástrofe, poderiam muito bem ter tentado reconstruir a população novamente. Já que não havia mais nenhum tipo de superpopulação. No entanto, eles não o fizeram. Até mesmo Calhoun, no final, decide inserir vários roedores novos, que não haviam testemunhado toda a catástrofe, para procriar com os poucos que ainda restavam. No entanto, a atitude dos roedores antigos passou para os novos roedores, e os novos roedores também não se reproduziram.

A partir disso, Calhoun deduziu que a extinção de fato ocorre em dois estágios. Primeiro o espírito é extinto e depois o corpo é extinto. Pois os camundongos, por viverem simplesmente por viver, haviam abandonado seu espírito criativo e não tinham mais razão para viver. E como a vida não é o que a vontade realmente deseja, ela é extinta como resultado.<sup>45</sup>

Às vezes, esse experimento foi chamado de sensacionalista. A conclusão é que os seres humanos são muito diferentes dos roedores e que jamais cairiam em tal comportamento. No entanto, parece que a história já demonstrou em inúmeras ocasiões que o homem não é, de fato, muito diferente do animal. Pois, apesar de possuir um nível de consciência mais elevado do que o animal, ele ainda possui e é dominado pelos mesmos instintos básicos que

---

<sup>45</sup> Calhoun, John B. "Death squared: the explosive growth and demise of a mouse population" (Morte ao quadrado: o crescimento explosivo e a morte de uma população de ratos). (1973): 80-88.

dominam o animal. O homem, portanto, não é estranho a esse instinto. De fato, é bem possível que esse instinto seja ainda maior do que o dos próprios animais. A psicologia de massa reflete claramente essa verdade no comportamento do homem.

Então, esse futuro pode levar à extinção definitiva? É claro que pode. Se insistirmos nas teorias pós-modernas, esse tipo de futuro parece quase inevitável. Mas mesmo que não se insista em teorias pós-modernas, a possibilidade de extinção está sempre presente. A morte, afinal, é a rainha das possibilidades. Talvez o que o futuro realmente reserve, em ambos os casos, seja a extinção definitiva. Talvez esse seja, de fato, o verdadeiro significado da filosofia da morte. Talvez essa seja a única opção, não importa qual caminho seja seguido. Se alguém continuar recorrendo à pós-modernidade, isso é extinção. Se recorrermos à metamodernidade, talvez também seja a extinção. E se nada for feito, também será a extinção. Pois o dano em nível social pode ser tão grande que não há possibilidade de retorno. Afinal de contas, todos morrerão um dia. A espécie humana não é estranha a isso...

A única coisa triste é ter que morrer de uma forma tão estúpida e vulgar como no universo 25. O homem ariano merece pelo menos um fim mais glorioso para seu trabalho. Morrer como um rato, chorando em algum canto, parece ser uma falta de respeito pelos esforços de seus ancestrais. Pois mesmo ao morrer, é preciso saber como morrer bem. Essa, de fato, é uma das maiores lições que Sócrates deixou para a filosofia.

E por mais terrível que essa ideia de extinção possa parecer para a humanidade, também devemos reconhecer que esse não é o fim da história. No momento em que uma espécie é extinta, outra imediatamente toma seu lugar na cadeia alimentar. Se o homem não se mostrar digno da vida, outra espécie o substituirá, como aconteceu com os dinossauros.

A única coisa que o autor desse livro espera é que os gatos assumam o controle como a espécie dominante no planeta. Eles são muito mais fofos que os humanos e encherão o mundo com sua gentileza. Muitos não sabem, mas o pequeno e aparentemente inofensivo gato de patas pretas é um dos caçadores mais eficientes e mortais do planeta. Ele é muito mais letal do que o tigre, o leão ou o leopardo. Ele está definitivamente no topo da cadeia alimentar. É provável que os gatos assumam o controle como a nova espécie dominante do planeta. Além disso, os gatos domésticos, seus primos, já aprenderam mais ou menos o conceito de linguagem, graças à proximidade que têm com os humanos. E isso é importante, pois a linguagem parece ser a única diferença entre o homem e o animal comum.

## Conclusões [contexto].

Parece que a filosofia nunca se cansa de si mesma. Pois, apesar de seus constantes tropeços e dos inúmeros obstáculos que enfrenta, ela está sempre pronta para tentar mais uma vez. De fato, talvez seja exatamente isso que torna o filósofo um filósofo. Pois onde outros afirmam já ter encontrado a verdade e ficam parados, o filósofo está sempre pronto para buscar mais. O filósofo não é alguém com um QI mais elevado, nem uma alma mais evoluída. Ele é simplesmente alguém que continua, onde outros param. A filosofia, como ciência, é exatamente isso, um desejo inatingível de encontrar um horizonte que está sempre recuando. E o que a motiva não é o horizonte em si, mas o simples fato de caminhar em direção a ele.

A filosofia está sempre se renovando ao longo dos tempos. Mesmo com toda a dor que isso possa representar. Deixar coisas para trás, coisas que um dia constituíram o homem, pode ser tão doloroso quanto a morte de um membro da família. Uma morte que quase sempre machuca mais aqueles que ainda estão vivos do que aqueles que já morreram. No entanto, a morte, de uma forma ou de outra, tem que acontecer. A filosofia, mesmo apesar dessa dor, é capaz de enxergar além de sua própria decepção e encarar o amanhã com um coração disposto. E ela faz isso mesmo quando esse amanhã parece estar cheio de discórdia.

Se a morte é realmente o futuro, a filosofia deve entrar nele sem hesitação. Como demonstrou o grande Sócrates, quando se preparou para tomar sua cicuta em silêncio, enquanto seus aprendizes choravam sobre ele.<sup>46</sup> Ele imediatamente os corrige e pede que parem de chorar. Em seguida, ele inicia seu discurso sobre a imortalidade da alma e declara

---

<sup>46</sup> Ele se refere aqui à morte de Sócrates. Ela ocorre em uma prisão em Atenas, depois de ter sido condenado à morte pelos juizes da polis.

que um homem nobre deve enfrentar sua própria morte em silêncio. E nunca usar a morte como desculpa para esquecer os princípios que teve em vida. Como ele faz ao lembrar que "um galo é devido a Esculápio"<sup>47</sup>. O homem metamoderno deve aspirar a morrer da mesma forma que Sócrates, nunca negando o fato, por mais doloroso que seja.

No final, a única coisa certa na história é a mudança. Não importa o quanto uma filosofia queira se apegar a um objeto, no final, as fortes ondas da história sempre superam toda inércia repetitiva. Seja por caminhos bons ou ruins, mas eles sempre acabam cedendo à realidade mutável. O trabalho do filósofo, portanto, não é declarar o fim da história, mas o contrário. Seu trabalho é oferecer um serviço temporário, com o objetivo de melhorar as circunstâncias de seu próprio sangue, dentro do contexto histórico em que ele se encontra. E, de preferência, oferecer um caminho a seguir, além de sua filosofia, a fim de facilitar as coisas para aqueles que virão amanhã.

O contexto histórico em que o filósofo se encontra é precisamente a realidade à qual ele deve aderir. A filosofia não é algo estranho à história; pelo contrário, a filosofia é, de fato, história. O conhecimento nunca pode surgir instantaneamente, mas somente por meio de um caminho longo e árduo. Um caminho cheio de espinhos, rupturas e decepções, onde todos os erros cometidos não são erros vãos, mas erros necessários que sempre acabam nos aproximando da verdade.

A nova filosofia que está sendo criada aqui, a filosofia metamoderna, é claro que não está livre de erros. Ela cometerá muitos erros ao longo do caminho, assim como todas as que

---

<sup>47</sup> Essa é a frase comumente atribuída a Sócrates como as últimas palavras antes de sua morte na prisão ateniense.

a precederam. Isso é inevitável. Mas há uma coisa que pode ser evitada. Não tropeçar duas vezes na mesma pedra, aprender com os erros de seus antecessores, é uma necessidade para a filosofia renovada. Portanto, ela deve finalmente desistir desse desejo vão de sair da matriz. Mas ela também deve se esquecer de pensar que não é tendenciosa, como foi o caso dos modernos. Ela deve entender que a parcialidade, mais do que um problema, é uma oportunidade. E que toda a sua filosofia deve sua natureza ao contexto histórico do qual provém. Esse contexto não é uma realidade pura flutuando em algum lugar sagrado. Mas é algo muito real, o mais terreno e palpável de todos. Essa história que sempre determina o homem, mas que também é determinada por ele. Pois, embora essa base histórica seja o início de sua história, não é necessariamente o mesmo lugar onde ela terminará. Pois a realidade não é repetitiva, mas criativa; mutável, graças à morte.

E tanto o contexto quanto o sentimento metamoderno apontam em apenas uma direção. A metamodernidade não tem escolha a não ser tornar-se uma negação da pós-modernidade. O universo inteiro está pedindo essa negação, o mundo inteiro quer a morte da pós-modernidade. A metamodernidade deve satisfazer esse desejo que a história exige. A negação torna-se necessária para o avanço da história e para o ser do metamoderno. Mas essa negação não deve ser parcial, como alguns elementos proto-metamodernos timidamente propõem. Ela deve ser total, negando o próprio fundamento do que é a pós-modernidade.

O fundamento da vida como absoluto torna-se obsoleto. Pois a consciência finalmente percebe que a vida não é o que o homem realmente quer. Os conceitos de Schopenhauer de "vontade de viver" tornam-se totalmente obsoletos para a metamodernidade. A vida é definitivamente um objeto grandioso, mas não é o que a vontade realmente quer. Já no

crepúsculo da pós-modernidade, pode-se ver como essa obsessão pela vida é contraditória. Ela não parece mais ter o mesmo brilho de outrora e está começando a ser questionada como objeto de desejo. A vida é ótima, mas a metamodernidade percebe que a morte é ainda melhor do que a vida.

Além da filosofia da morte, os desafios da metamodernidade vão muito além disso. A metaxis torna-se fundamental para o desenvolvimento do conhecimento metamoderno. A eterna dualidade que acaba se chocando no coração da metamodernidade revela a necessidade de esclarecer o que realmente é a dialética. Esse choque de opostos entre vida e morte, fragmentação e totalidade, entre direita e esquerda, ricos e pobres, Ocidente e Islã, céu e terra, ser e devir, passado e futuro, é precisamente o problema que a metamodernidade deve tentar resolver.

E, finalmente, talvez como sua tarefa suprema, a metamodernidade deve se dedicar a buscar um fim para a busca da liberdade absoluta. Pois se essa tentativa for feita, pode ser a última. Pois a extinção pode estar logo ali na esquina. Mas, mesmo que não seja, a liberdade pode não parecer tão fundamental para a nova tecnocracia quanto foi para o governo burguês. Cujas obsessão, desde o início de sua história, sempre foi a de um dia encontrar essa liberdade genuína.

Todas essas mudanças exigem um esforço enorme, mas também exigem premeditação. A metaxe que a nova metamodernidade enfrenta é bastante complexa e não é, de forma alguma, um simples passeio no parque. Todas essas questões exigem um trabalho extenso, que vai muito além dos limites deste livro. É claro que fizemos o possível para

esclarecer parte do caminho, mas ainda há um longo caminho a percorrer. E ainda há muito mais perguntas do que respostas.

A seguir, tentaremos concluir este livro com uma série de exemplos dos principais eixos da metamodernidade. É claro que esses exemplos são altamente ambíguos e muito pouco desenvolvidos para serem chamados de conhecimento fundamentado. Entretanto, o simples fato de apontá-los talvez seja um indicativo de uma compreensão, pelo menos em termos gerais, das várias metaxis que a metamodernidade enfrenta. E isso talvez possa se tornar até mesmo uma vaga inspiração para as filosofias do futuro.

*Metáxeis entre a vida e a morte [subcontexto].*

O primeiro metaxe que a metamodernidade encontra é definitivamente o metaxe entre a vida e a morte. Compreender a natureza de tal metaxe, ou de tal trabalho dialético, pode ser extremamente complicado. Mas talvez a exemplificação dela, por meio de um evento histórico, possa fornecer alguma orientação. Para isso, a batalha de Stalingrado, na Segunda Guerra Mundial, parece ser um bom exemplo. Trata-se de um exemplo histórico, como é de praxe neste estudo, mas também está intimamente relacionado ao contexto da bomba.

É em Stalingrado, onde a vida colide com a morte. Talvez alguém sempre tenha se perguntado: o que acontece quando uma força imparável colide com um objeto imóvel? A resposta, talvez, esteja em Stalingrado. Nessa cidade, ocorreu a batalha mais sangrenta da Segunda Guerra Mundial e também a mais sangrenta da história. Lá, a força imparável do Terceiro Reich, impulsionada pelas teorias Nietzscheanas da vida, acaba se chocando com a

vontade do povo russo. Esse povo, em um primeiro momento, volta-se para as teorias marxistas. Entretanto, elas são completamente esmagadas pela força imparável da Wehrmacht. Por fim, porém, os russos abandonaram as teorias marxistas como força motivadora e se voltaram para as narrativas sólidas da "Guerra da Pátria". Então, a força imparável da vida, que é incapaz de mudar, é gradualmente superada pela morte, que criou um novo tipo de guerra. A guerra moderna, que já foi discutida nos capítulos anteriores, e que acaba superando a antiga.

Em Stalingrado, uma memória é produzida, uma memória profunda que se encontra no sangue antigo, e o instinto que a natureza ensinou uma vez é finalmente ativado. Assim como a árvore se alimenta da terra e do sol, tirando energia de outras árvores para seu próprio sustento; assim como o leão caça a zebra, tirando energia do outro, por meio de sua carne, para seu próprio sustento; e assim como o próprio homem caça e semeia, alimentando-se de outros para seu próprio sustento; o sangue então se lembra do verdadeiro conceito do que é estar vivo. E é assim que a vida, que se considerava independente, finalmente se dá conta de que... a vida... para permanecer viva.... precisa matar. Animal, vegetal ou mineral, mas a vida tem que matar para continuar sendo vida. Portanto, não é a morte que está na vida, mas a vida que está na morte, sendo totalmente condicionada por ela.

*Metaxe entre fragmentação e totalidade [subcontexto].*

Outra metaxe importante que diz respeito à metamodernidade é a da fragmentação e da totalidade. O exemplo que talvez melhor represente esse choque de opostos é o conceito de "rede" trazido pela revolução digital. De todas essas redes, o exemplo mais latente disso

são as novas redes de blockchain. O sistema financeiro Bitcoin é a mais notável dessas redes. A rede Bitcoin é um sistema financeiro que não é fragmentado nem centralizado. Na realidade, ele é ambos.

O Bitcoin não é uma moeda, mas um sistema financeiro completo que permite transações. Isso seria o mesmo que os sistemas bancários tradicionais, mas com uma diferença fundamental. No sistema Bitcoin, essas transações não são controladas por nenhuma instituição central; elas são autorreguladas pela própria rede. Nesse sentido, o poder de permitir ou proibir uma transação não está em uma única pessoa. Em vez disso, ele é distribuído entre milhares e milhares de mineradores que tornam a rede possível. Existe, portanto, uma clara fragmentação de poder no Bitcoin. Essa fragmentação não apenas distribui o poder, mas é exatamente essa fragmentação que torna a rede segura contra hacks e fraudes. Para invadir o sistema Bitcoin, você teria que invadir cada computador do planeta separadamente. O que acaba sendo praticamente impossível de ser feito.

Mas, além de a fragmentação estar presente no Bitcoin, a totalização também está. O Bitcoin, apesar de ser um sistema distribuído em milhões de fragmentos, representa, por sua vez, um sistema totalizador de todos esses fragmentos. Todos eles estão diretamente relacionados uns aos outros, e uma mudança em qualquer um deles acaba afetando todos os outros. Nesse sentido, esses fragmentos podem ser vistos como as pequenas peças de um imenso relógio. Embora sejam objetos individuais, eles criam, em seu processo, a totalização do movimento mecânico do relógio.

Mas essa fragmentação e essa totalização não parecem estar necessariamente reconciliadas no sistema Bitcoin. Em vez de serem dois objetos reconciliados, eles são mais

como dois elementos que ainda estão separados, apesar de trabalharem juntos. E a única razão pela qual eles trabalham em harmonia é devido a um conjunto de regras mais elevado, que seriam as linhas iniciais de código que criaram o sistema Bitcoin. Portanto, esse exemplo pode ser um pouco orientador ao refletir sobre a metaxe entre fragmentação e totalização.

*Metaxe entre o Ocidente e o Islã [subcontexto].*

Além dessa metaxe, há outras metaxes que não são necessariamente as principais às quais a metamodernidade deve aderir, mas que são igualmente importantes para o desenvolvimento histórico e que vale a pena mencionar. A metaxe entre o Islã e o Ocidente é uma que está começando a ser fortemente sentida. Tanto por causa dos conflitos de guerra quanto por causa das crescentes conversões do elemento ariano em todo o mundo.

Já foi dito anteriormente que a religião está ficando em segundo plano em relação à ideologia. Isso está acontecendo com praticamente todas as religiões do mundo. O Islã, no entanto, parece ser a única exceção a essa regra, pois parece ser a única religião capaz de se manifestar tanto na forma de ideologia quanto na de religião. Os elementos que ele possui em termos de jurisprudência, perspectiva econômica, conceitos militares e a solidez de seu conhecimento em geral permitem que ele se manifeste como uma ideologia, mesmo que a parte esotérica da religião seja deixada de lado. Esse elemento puramente ideológico é o que os muçulmanos chamam de *fiqh*.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> *Fiqh*, juntamente com *ihsan* e *aqidah*, é uma das três expressões da religião do Islã. Ele viria a representar as "práticas externas". Isso o torna quase diretamente relacionado à jurisprudência islâmica e à Sharia (lei islâmica) em geral.

Não se pretende afirmar que adotar somente o fiqh islâmico, deixando de lado as outras duas atitudes da religião, seja o ideal do ponto de vista islâmico. Entretanto, isso é algo que acontece na história. E, em muitos casos, o Islã não é mais visto como uma religião, mas apenas como uma ferramenta ideológica para combater as teorias ocidentais. Especialmente em termos de combate às teorias desconstrutivas ou ao imperialismo militar do Ocidente.

Mas, independentemente da direção que o Islã tome, essa religião sempre parece estar em conflito com o Ocidente nesse período da história. Ela não apenas entra em conflito com a pós-modernidade moribunda, mas também pode acabar entrando em conflito com a própria metamodernidade que vem depois dela. E, a partir desse ponto, já é possível perceber a estranheza dessa metaxe. Pois, embora a metamodernidade tenha um ponto de vista muito diferente daquele dos escolásticos islâmicos posteriores, também é inevitável que não haja um conflito entre ela e a metamodernidade.<sup>49</sup> Também é inevitável não se espantar com as origens históricas dessa religião e com tudo o que as ações de seu profeta significaram.

Talvez isso seja ainda mais surpreendente na consciência metamoderna do que na consciência pós-moderna. Pois no ponto em que a metamodernidade se encontra, em primeiro lugar, ela já abandonou totalmente o cristianismo. O cristianismo está completamente enterrado, morto, e ninguém tem qualquer intenção de ressuscitá-lo; até mesmo os mais conservadores estão começando a renegá-lo. Mas, além disso, a metamodernidade tem a mesma intenção de negar a pós-modernidade que o Islã tem. Os métodos podem ser diferentes, mas a intenção é a mesma. Sem mencionar que a base de conhecimento histórico da qual a metamodernidade parte torna impossível para a metamodernidade fechar os olhos para uma figura histórica tão importante como o profeta dessa religião.

---

<sup>49</sup> Os escolásticos são os líderes atuais do Islã como religião e como ideologia.

Que personagem da história transformou alguns aldeões do deserto em um dos maiores testamentos de toda a história? Os historiadores ocidentais geralmente não gostam de tocar nesse assunto. Pois o equivalente ao que o profeta do Islã fez na Península Arábica é proporcional ao que aconteceria se hoje os esquimós da Sibéria decidissem de repente se organizar, criar uma nova religião e conquistar, por meio da expansão dessa religião, superpotências como a Rússia e a Europa.

Que personagem da história é capaz não apenas de criar a teoria de tal movimento, mas também de conduzi-lo com sucesso na prática? Esse homem se tornou o profeta da religião, mas ao mesmo tempo se tornou um líder terreno. Um líder de caráter político, moral e legal; e um grande amigo de todos os que o cercavam. Sem mencionar que ele foi capaz de unificar as tribos desorganizadas do Oriente Médio, teve doze esposas e iniciou um dos impérios mais prósperos da era medieval. Um império onde as artes, as ciências e o comércio eram cultivados.

Os historiadores ocidentais certamente acham isso difícil de estudar. E para o autor deste livro também, pois embora tenha sido feita uma tentativa de encontrar um personagem semelhante, mas que fizesse parte de seu próprio sangue, para tomá-lo como exemplo, não foi possível. Sem dúvida, há candidatos ocidentais de grandeza, mas não foi realmente possível encontrar alguém com a mesma estatura histórica do Profeta Muhammad, que a paz esteja com ele. Sem dúvida, tanto o profeta quanto seus companheiros são a melhor representação na história do que significa ser um aristocrata.

É claro que ele não quer presumir, por nenhum motivo, que o profeta seja uma espécie de Deus, seguindo os erros cristãos. Mas a escala do que esse homem se tornou é realmente surpreendente. Talvez ele seja, de fato, mais atraente do que o próprio Alcorão. Pois assim que a consciência ocidental encontra o Islã, as ideias monoteístas do Alcorão não são tão surpreendentes. Pois dois mil anos de cristianismo já fizeram esse trabalho. Portanto, às vezes o homem ocidental pode perceber mais sabedoria na Sunna,<sup>50</sup> do que no próprio Alcorão. Isso provavelmente é um erro, mas, no que diz respeito à consciência ocidental, é assim que as coisas aparecem para ela.

Mas, de qualquer forma, no que diz respeito à metáxis, ela está indubitavelmente presente. Tanto em relação à pós-modernidade quanto em relação à metamodernidade. O confronto contra o Islã, em ambos os casos, acaba representando uma espécie de metaxe. Talvez o melhor exemplo disso possa ser encontrado na crise dos refugiados na Europa. Os migrantes que supostamente vêm como refugiados de seus próprios países muçulmanos trazem sua religião com eles para a Europa. Isso faz com que toda a Europa fique repleta de mesquitas e expressões islâmicas. O choque entre as expressões islâmicas e a Europa Ocidental é a metaxe secundária à qual a metamodernidade deve aderir.

*Metaxe entre inteligência artificial (IA) e inteligência orgânica (humanos).*

*[subcontexto].*

Outro metaxe que pode ser útil para a metamodernidade é aquele que, na verdade, vem se arrastando por vários capítulos. A metaxe entre inteligência artificial e inteligência orgânica também é de extrema importância. O sonho de alguns burgueses é certamente ter um

---

<sup>50</sup> Uma série de histórias que descrevem a história do Profeta do Islã e de seus companheiros.

exército de robôs e máquinas para servir como seus escravos e permitir que conquistem o mundo sem precisar sair de sua pequena bolha de narcisismo. A inteligência artificial, em muitas ocasiões, quer se oferecer como uma alternativa para dominar a população, sem ter a necessidade de ser respeitada pela alteridade. Um problema que surgiria se o burguês decidisse contratar homens armados para ajudá-lo em sua conquista. Mas com os robôs e a inteligência artificial, o objetivo é remover essa alteridade da equação. E deixar apenas o "eu" do burguês.

Pode ser uma alegria para muitos declarar que a inteligência artificial é simplesmente incapaz de superar a inteligência orgânica. A inteligência artificial, na realidade, não é tão "inteligente" quanto muitos acreditam. Mesmo em suas manifestações recentes mais avançadas, como o aprendizado de máquina e o aprendizado profundo, ou mesmo com a ajuda dos novos supercomputadores quânticos, essas máquinas são simplesmente incapazes de criar conhecimento da mesma forma que a inteligência orgânica. O problema não está realmente no poder, mas na própria base da inteligência artificial.

Às vezes, esquecemos que a inteligência artificial está, na verdade, sempre sujeita a algo. A inteligência artificial não é algo que está flutuando em algum lugar no espaço cósmico. Não! A inteligência artificial nada mais é do que um software que vive dentro de um sistema de computador. Não importa quão forte seja a IA, ela é sempre mantida em um sistema de computador. E a natureza desses computadores se traduz diretamente na natureza de qualquer IA que seja construída sobre eles. E é exatamente essa base computacional que impede que a IA seja realmente capaz de criar conhecimento. Ela só é capaz de falar em 0,1,0,0,0,0,1,1,0,0,0,0,0,1,1,1. O computador só é capaz de afirmar algo, não é capaz de negar. O computador é como a pós-modernidade em muitos aspectos. Afirmação, afirmação,

afirmação; sempre o mais longe possível da morte. Talvez seja conveniente dar outro exemplo para explicar isso melhor.

A exemplificação da metástase entre inteligência artificial e orgânica talvez possa ser melhor representada por meio de um exemplo conceitual, em vez de um exemplo histórico. A diferença entre lógica e dialética talvez possa ser um guia para diferenciar essas duas inteligências. A inteligência artificial é capaz apenas de raciocínio lógico. Ou seja, ela se torna simplesmente uma repetidora do que já sabe. Mas ela se torna incapaz de criar novos conhecimentos. Nesse sentido, o silogismo é a melhor maneira de entender esse princípio. A IA funcionaria da mesma forma que o silogismo lógico. À primeira vista, ela parece criar novos conhecimentos, mas, na realidade, a única coisa que está fazendo é simplesmente repetir o que já era conhecido antes. Isso sempre acontece na IA, mesmo em suas manifestações mais avançadas de redes de aprendizagem neural (aprendizagem de máquina). A máquina está apenas repetindo o que já sabe. Ela repete o método gnoseológico, que o programador instalou no início. Não importa a velocidade com que o repete, esse processo é sempre uma repetição. Pois ele é capaz de usar os parâmetros que o programador instalou, mas é simplesmente incapaz de se afastar desses parâmetros. Em outras palavras, ele é incapaz de refletir sobre seu próprio conhecimento. Caso queira mudar, o programador humano deve intervir novamente e fazer a mudança. Isso se aplica não apenas à IA, mas a tudo o que vive dentro de um computador, de fato.

A inteligência orgânica, por outro lado, é capaz de ir além da simples repetição lógica. Ela é capaz de criar conhecimento por meio da dialética. Ou seja, ela é capaz de ver além da contradição por meio do ato dialético. Na verdade, é capaz de transformar a realidade em

seus próprios fundamentos; é capaz de morrer. E então renascer novamente. A dialética é o verdadeiro elemento criativo do conhecimento, além da lógica formal.

Esse exemplo talvez traga algumas complicações no nível conceitual, mas pode ser orientador para entender esse ponto. E, por fim, não é supérfluo mencionar que a IA não é capaz de substituir o capital humano como a principal fonte de progresso econômico. Pois o PIB, no final das contas, nada mais é do que pura criação. A repetição não faz parte do progresso econômico. Tampouco, por falar nisso, a repetição pertence ao campo de batalha em constante mudança. O único lugar em que a repetição é necessária é nas esferas inferiores da economia. Todos esses trabalhos ruins, repetitivos e entediantes, certamente serão substituídos pela IA. Mas, no que diz respeito à criação, torna-se impossível competir com a inteligência orgânica. E se esta última substituída causar medo, devido ao desemprego, é sempre possível recorrer a outras opções, como um salário básico universal ou outras soluções.

*Metáxe entre "direita" e "esquerda". [subcontexto].*

Por fim, outra metaxe que pode ser esclarecedora para a metamodernidade é a metaxe entre "direita" e "esquerda" na política. Pois é evidente que o narcisismo pós-moderno e os vieses cognitivos que os algoritmos das redes sociais estão produzindo estão se tornando o combustível que impulsiona essa rejeição cada vez mais forte entre esses dois campos supostamente opostos. No entanto, às vezes parece fútil falar de uma metaxe sobre essas duas questões.

Afinal de contas, o que queremos dizer com esquerda e direita hoje em dia? Progressista e conservador? Mas o que isso significa, pois, no final das contas, a esquerda progressista acaba sendo ainda mais conservadora do que os próprios conservadores, pois eles sempre acabam pegando alegremente as migalhas que o sistema vigente lhes joga. De que progresso eles estão falando? Além disso, esse confronto entre a esquerda e a direita na política foi tão denegrado, graças à democracia popular, que se tornou mais um circo de palhaços que não têm nada a perder além de sua própria dignidade.

Talvez o melhor exemplo que possa ser dado desse tipo de metaxe seja o fato de não haver metaxe alguma. E isso enquanto esses pobres idiotas brigam entre si, com base na esquerda ou na direita. A consciência metamoderna vê o próprio fim dos Estados e a ascensão da nova tecnocracia ao poder.

#### *Resumo final [subcontexto]*

Todas essas metaxis, que foram exemplificadas acima, de uma forma ou de outra, são um tanto esclarecedoras em termos do novo paradigma metamoderno. Esse novo paradigma, sem dúvida, trará grandes desafios, que nem sempre poderão ser enfrentados, mas que, pelo menos, devem ser tentados. Esses desafios não podem ser respondidos, mas podemos começar a fazer as perguntas certas sobre eles.

Quanto às teorias do conhecimento usadas neste estudo, elas não devem ser consideradas como uma declaração séria de um método gnoseológico. Em vez disso, elas são usadas simplesmente como um meio prático e simples de enfatizar a importância da história

na filosofia. E como ela pode ser usada para desenvolver um conhecimento mais ou menos decente da realidade que cerca o filósofo.

Concluindo, a natureza da história continua sendo um mistério. No entanto, ao se concentrar apenas na indicação de eventos, é possível adquirir um conhecimento básico sobre ela, necessário para iniciar uma nova filosofia a partir dela. Em resumo, o que a metamodernidade realmente significa em seu conceito gira, por enquanto, não tanto em torno de suas respostas, mas de suas perguntas. Essas perguntas principais são: a questão da morte, a questão da metaxe da vida e da morte, a metaxe entre fragmentação e totalidade e a liberdade absoluta.

Essas novas questões filosóficas são tão desafiadoras quanto empolgantes. E por mais que só se possa ver discórdia no futuro, ela também proporciona aquelas sensações sempre memoráveis, que só surgem quando nos encontramos na tempestade.

## Bibliografia

- Dobsky, Carl. *Birds of paradise: Narrative painting collection (Aves do paraíso: coleção de pinturas narrativas)*, 2016.
- Heidegger, Martin. *Gesamtausgabe: Der Satz vom Grund*. coletado por Vittorio Klostermann, 1957.
- Van der Werve, Guido. *Nummer acht - everything is going to be ok*, 2007.  
<https://youtu.be/OUq2nN6V6xU>
- Nietzsche, Friedrich. *The Will to Power (A vontade de poder)*. Compilado por Elisabeth Förster. Madri: Alianza Editorial, 1980.
- Hegel, Georg. *Fenomenologia del espíritu*. México: Fondo de cultura econômica, 1994.
- Nietzsche, Friedrich. *La gaya ciencia*. Edaf, 2002.
- Heidegger, Martin. *Ser e tempo*. Santiago: Editorial Universitaria de Chile, 2022.
- Vermeulen, Timotheous e Van Den Akker, Robin. *Notes on metamodernism (Notas sobre o metamodernismo)*. *Journal of Aesthetics & Culture*, 2010.
- Mariás, Julian. *Historia de la filosofía*. Madri: Alianza Editorial, 2014.
- José Ortega y Gasset. *Meditações sobre Dom Quixote*. Madri: Alianza Editorial, 2014.
- Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Paris: Nações Unidas, 1948.
- Comitê Internacional da Cruz Vermelha. *Convenções de Genebra de 1864, 1906, 1929 e 1949*. Genebra: Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 1958.
- Lipovetsky, Gilles. *La era del vacío*. Barcelona: Anagrama, 2006.
- Aquino, Thomas. *Summa Theologica*. Ed. Thomas Gilby. 6 vols., Londres: Eyre & Spottiswoode, 1964-1975. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1964-1975.
- Ferrater Mora, José. *Diccionario de Filosofía*. 20ª ed. Barcelona: Ariel, 2001.

Poe, Edgar Allan. *The Terror*. Em *Tales of the Weird and Wonderful*, editado por James Southall Wilson. Nova York: Dover Publications, 1996. 13-18.

Derrida, Jacques. *La vérité en peinture*. Paris: Éditions Galilée, 1978.

Lacan, Jacques. *O Seminário, Livro 20: Still*. Editado por Jacques-Alain Miller. Verso, 2008.

Aristóteles. *Rhetoric*. Tradução de Valentín García Yebra. Madri: Gredos, 1984.